# BRASIL AÇUCAREIRO

Instituto do Açúcar e do Álcool ANO XXXVI - Vol. LXXII - AGÔSTO - 1968 Nº 2

# Instituto do Açúcar e do Álcool

CRIADO PELO DECRETO Nº 22-789, DE 1º DE JUNHO DE 1933

ÓRGÃO VINCULADO AO MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMERCIO

**Sede: PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 42**

RIO DE JANEIRO — Caixa Postal 420 — Endereço Telegráfico: "Comdecar"



TELEFONES:

**Presidência**

| | |
|---|---|
| Presidente | 31-2741 |
| Chefe de Gabinete *Jarbas Gomes de Barros* | 31-2583 |
| Assesssoria de Imprensa | 31-2689 |
| Assessor Econômico | 31-3055 |
| Portaria da Presidência | 31-2852 |

**Conselho Deliberativo**

| | |
|---|---|
| Secretária *Marina de Abreu e Lima* | 31-2653 |

**Divisão Administrativa**

*Francisco Franklin da Fonseca Passos*

| | |
|---|---|
| Gabinete do Diretor | 31-2679 |
| Serviço de Comunicações | 31-2543 |
| Serviço de Documentação | 31-2469 |
| Biblioteca | 31-2696 |
| Serviço de Mecanização | 31-2571 |
| Serviço Multigráfico | 31-2842 |
| Serviço do Material | 31-2657 |
| Serviço do Pessoal | 31-2542 |
| (Chamada Médica) | 31-3058 |
| Seção de Assistência Social | 31-2696 |
| Portaria Geral | 31-2733 |
| Restaurante | 31-3080 |
| Zeladoria | 31-3080 |

| | |
|---|---|
| Armazém de Açúcar / Garagem / Arquivo Geral | Av. Brasil 34-0919 |

**Divisão de Arrecadação e Fiscalização**

*Elson Braga*

| | |
|---|---|
| Gabinete do Diretor | 31-2775 |
| Serviço de Fiscalização | 31-3084 |
| Serviço de Arrecadação | 31-3084 |

**Divisão de Assistência à Produção**

| | |
|---|---|
| Gabinete do Diretor | 31-3091 |
| Serviço Social e Financeiro | 31-2758 |
| Serviço Técnico Agronômico | 31-2769 |
| Serviço Técnico Industrial | 31-3041 |
| Setor de Engenharia | 31-3098 |

**Divisão de Contrôle e Finanças**

*Lauro de Souza Lopes*

| | |
|---|---|
| Gabinete do Diretor | 31-3690 / 31-3046 |
| Subcontador | 31-3051 |
| Serviço de Aplicação Financeira | 31-2737 |
| Serviço de Contabilidade | 31-2577 |
| Tesouraria | 31 2733 |
| Serviço de Contrôle Geral | 31-2527 |

**Divisão de Estudo e Planejamento**

*Antônio Rodrigues da Costa e Silva*

| | |
|---|---|
| Gabinete do Diretor | 31-2582 |
| Serviço de Estudos Econômicos | 31-3720 |
| Serviço de Estatística e Cadastro | 31-0503 |

**Divisão Jurídica**

*Hélio Cavalcanti Pina*

| | |
|---|---|
| Gabinete Procurador Geral | 31-3097 / 31-2732 |
| Subprocurador | 32-7931 |
| Seção Administrativa | 32-7931 |
| Serviço Forense | 31-2538 |

**Divisão de Exportação**

*Francisco Watson*

| | |
|---|---|
| Gabinete do Diretor | 31-3370 |
| Serviço de Operações e Contrôle | 31-2839 |
| Serviço de Contrôle de Armazéns e Embarques | 31-2839 |

**Serviço de Álcool (SEAAI)**

*Joaquim de Menezes Leal*

| | |
|---|---|
| Superintendente | 31-3082 |
| Seção Administrativa | 31-2656 |

| | |
|---|---|
| **Federação dos Plantadores de Cana do Brasil** | 31-2720 |

**Escritório do I.A.A. em Brasília:**

| | |
|---|---|
| Edifício JK Conjunto 701-704 | 2-3761 |

**BRASIL ACUCAREIRO**

[illegible]


# Sumário

## AGÔSTO DE 1968



Capa de **H. LOBIANCO**, focalizando um dos aspectos **mais representativos do Folclore brasileiro: O BUMBA-MEU-BOI.**

# APRESENTAÇÃO

EXEMPLO do que ocorreu em agôsto do ano passado, a presente edição de BRASIL AÇUCAREIRO é dedicada ao Folclore brasileiro, numa homenagem que o Instituto do Açúcar e do Álcool pretende prestar à cultura, por entenderem seus dirigentes, importante o estudo e o conhecimento das tradições do povo, através de suas crenças, contos e lendas.

Inegàvelmente, o I.A.A., desde sua criação, tem-se destacado pela efetiva contribuição à cultura nacional, prova-o a imensa obra que representa o MUSEU DO AÇÚCAR, do Recife, instituição internacionalmente conhecida e apreciada.

Em sua política editorial a autarquia sempre promoveu a publicação de trabalhos do mais alto valor, em forma de artigos nesta Revista, ou mesmo através de livros, a exemplo do recente PRELÚDIO DA CACHAÇA, do mestre Luís da Câmara Cascudo.

Com o presente número procuramos, ao mesmo tempo, homenagear o Folclore e veicular fatos e coisas dos costumes de nosso povo, especialmente aquêles ligados à cana-de-açúcar.

Onze meses, três centenas de dias, levamos para recolher o material que agora temos a satisfação de apresentar aos leitores. São trabalhos que encerram aspectos sociológicos e históricos, cada qual com sua característica, seu estilo próprio, mas todos, sem exceção, valiosas peças para o estudo e a pesquisa do folclore.

Pela relação que ora apresentamos, é fácil avaliar e julgar o valor de nossos colaboradores na presente edição. São nomes conhecidos, representantes da primeira linha de nossas letras.

*Vicente Salles,* Redator-Chefe da REVISTA BRASILEIRA DO FOLCLORE; *Manuel Diégues Júnior,* Membro do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais; *Renato Almeida,* Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro; *Gilberto Freyre,* Sociólogo, autor da obra CASA GRANDE & SENZALA; *Fernando da Cruz Gouvêa,* ex-Diretor do Museu do Açúcar, do Recife; *Mauro Mota,* Diretor-Executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; *Luís de Miranda Jardim,* escritor, autor de CONFISSÕES DE MEU TIO GONZAGA; *Sylvio Rabello,* Professor Universitário no Recife; *Raymundo Souza Dantas,* ex-Embaixador do Brasil em Gana; *Guilherme Santos Neves,* Presidente da Comissão Espírito-Santense de Folclore;

*Maurício Rabello,* Pesquisador, colaborador do Museu do Açúcar; *Tobias Pinheiro,* Poeta, Redator do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, do Rio de Janeiro; *Jayme Griz,* Poeta e Folclorista; *Renato Carneiro Campos,* Sociólogo e Pesquisador; *J. Figueiredo Filho,* Membro da Academia Cearense de Letras; *Baptista Siqueira,* Professor da Escola Nacional de Música; *Mário Ypiranga Monteiro,* Membro da Comissão Amazonense de Folclore; *Dulce Martins Lamas,* Catedrática da Cadeira de Folclore da ENM; *Mário Souto Maior,* Escritor, do IJNPS do Recife; *João Clímaco Bezerra,* Escritor e Jornalista; *Nertan Macêdo,* Jornalista e Escritor; *Theo Brandão,* Membro da Comissão Alagoana de Folclore; *Maria de Lourdes Borges Ribeiro,* Professôra de Folclore; *Angela Delouche,* Jornalista e Escritora; *Domingos Vieira Filho,* Membro da Academia Maranhense de Letras; *Ruy Duarte,* Cronista e Jornalista; *Fernando José Wanderley,* Musicólogo, colaborador do Museu do Açúcar; *Evandro Rabello,* Folclorista e Pesquisador; *Getúlio César,* Escritor e Folclorista; *Luiz Luna,* Escritor e Jornalista; *Jota Efegê,* Cronista e Jornalista.

Acreditamos que sòmente a reunião, em um só volume, de articulistas da estatura intelectual dêsses colaboradores, já é o bastante para garantir o sucesso desta revista, o que para nós do I.A.A. constitui o coroamento de um trabalho.

Talvez para alguém possa parecer pretensão o excesso de confiança que depositamos no pleno êxito dêste número. A pretensão não existe e sim a confiança, acompanhada de grande dose de entusiasmo, que contaminou todos quantos participaram, direta ou indiretamente, da concretização e a realização de BRASIL AÇUCAREIRO dedicado ao Folclore brasileiro.

Vale ressaltar, ainda, a colaboração da excelente equipe do Serviço Multigráfico do I.A.A., que tornou possível a publicação de dois artigos: *A Vingança da Cachaça* e *Caninha Doce*.

Finalmente, tornamos público o agradecimento da equipe do Serviço de Documentação à Administração do I.A.A., especialmente ao Presidente Sr. Francisco Elias da Rosa Oiticica, e ao Diretor da Divisão Administrativa, Sr. Francisco Franklin da Fonseca Passos, que apoiaram irrestritamente o lançamento da presente edição.

*SYLVIO PÉLICO FILHO*

# MAURITSSTAD: O COMÊÇO DA HISTÓRIA DO AÇÚCAR

CLARIBALTE PASSOS

A SEGUNDA edição especial desta Revista — inteiramente dedicada ao FOLCLORE — enseja breve análise cingida à importância do *palavrório* da gente simples radicada na *Mauritsstad* (cidade Maurícia) e no interior de Pernambuco. Sugeriu-nos o tema, deveras apaixonante, êsse repositório de tradições o VOCABULÁRIO PERNAMBUCANO, de *F. A. Pereira da Costa,* oriundo da Separata do vol. XXXIV da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano", editado pela Imprensa Oficial daquêle Estado, Recife, 1937.

Partindo de uma louvável iniciativa, em 1916 (o autor tão-sòmente atingira no seu trabalho até a letra *B*), o Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco realizou emprêsa meritória capaz de exigir o interêsse total dos estudiosos. Obra rara e certamente pouco difundida, reúne no entanto manancial folclórico, histórico e sociológico dos mais significativos com íntimas ligações às origens da fundação do Recife.

À época, particularmente, do Príncipe *Maurício de Nassau* (chegado ao Brasil em 1637), o Recife seduzia à primeira vista com a sua paisagem bravia e a topografia pontilhada por numerosos *Engenhos* — e sôbre êstes há referência de DUARTE COELHO DE ALBUQUERQUE ("Memórias Diárias da Guerra do Brasil"), quando escrevia no ano de 1630 da invasão holandêsa afirmando que existia prosperidade na várzea do Capibaribe —, "assim chamada por ser torneada pela torrente do mesmo rio... 16 moinhos ou engenhos de açúcar como lá se diz".

Uma cidade plantada em terras tropicais — tão apropriada à cultura da cana-de-açúcar — exige-nos para conhecê-la o recurso indispensável das pesquisas bibliográficas. A documentação existente é por demais valiosa e abundante. E sòmente o amor à pesquisa determinou, que à frente de *Brasil Açucareiro,* propugnássemos por um empreendimento cultural digno das tradições do Instituto do Açúcar e do Álcool, qual seja êste do lançamento da edição em homenagem ao "Mês do Folclore."

O linguajar pernambucano teve entre outros, na figura do escritor tradicionalista MÁRIO SETTE, um dos seus mais dedicados cultores e também inimitável cronista social da vida recifense. É na trama dêsse torvelinho histórico-sociológico que calcamos o presente estudo, realçando a influência decisiva da *Saccharum officinarum* desde os primórdios da história do Nordeste.

O professor HILTON SETTE, no livro "Regiões Naturais do Estado de Pernambuco," Recife, 1946, já oferecia subsídios em tôrno da chamada região da Mata, tão propícia à cultura da cana-de-açúcar. E outro eminente estudioso, *Josué de Castro,* na sua obra A CIDADE DO

*A Vila de Olinda e o Pôrto do Recife — Reprodução do Códice dos Roteiros da Biblioteca da Ajuda, de Lisboa. — Reprodução do livro "A Cidade do Recife", de Josué de Castro.*

RECIFE, Rio, 1954, página 55, capítulo intitulado *Fundamentos Fisiográficos,* acentua: "A mata primitiva e depois os canaviais intermináveis recobriam em sua maior parte um solo espêsso e poroso, de argilas vermelhas, amarelas ou mescladas, produto da decomposição das rochas pela ação continuada do clima tropical, quente e úmido. Solo profundo de massapê — terra escura, gôrda e pegajosa que recobre em espêssa camada porosa os xistos argilosos e os calcáreos do cretáceo — que se mostrou mais tarde de uma espetacular aptidão para o cultivo da cana, para se deixar cobrir dòcilmente pelos intermináveis canaviais que se estenderam da várzea e o dominaram inteiramente durante todo o ciclo da cana-de-açúcar."

Por outro lado, ainda *José Honório Rodrigues* e *Joaquim Ribeiro,* no notável estudo "Civilização Holandesa no Brasil" (1940) escreveram: "E foi o açúcar que atraiu a cobiça holandesa e determinou a escolha de Pernambuco. Essa tese da escolha de Pernambuco, querem alguns atribuí-la a escritores modernos, porém ela parece esboçada em vários dos velhos historiadores das lutas holandesas no Brasil. Naturalmente, não contando êles com os métodos de investigação e de estudo que possuímos hoje, não afirmavam com precisão ter sido o açúcar a causa determinante."

Data assim, de tempos ídos ao curso de longa caminhada histórica, o aparecimento dessa curiosa terminologia popularesca pernambucana. F. A. PEREIRA DA COSTA, — no livro ora focalizado nêste estudo — oferece-nos vocábulos ligados ao comêço da agroindústria canavieira no Brasil.

Eis alguns dêles: *Caninha* — Aguardente de cana. *Canista* — Beberrão de aguardente de cana. *Canha* — Aguardente de cana, cachaça. Com os nomes de *canha* há um engenho e um riacho no Município de Vitória. *Cana* — Aguardente, cachaça. *Canavial* — Partido de plantação de cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*). *Caneado* — Tonto, embriagado com aguardente de cana.

E prossegue o autor do VOCABULÁRIO PERNAMBUCANO, mencionando ainda o têrmo *Canavial*: "O vocábulo apareceu entre nós com a introdução da cultura da cana-de-açúcar na colônia, na segunda metade do século XVI, à construção dos nossos primeiros engenhos, ao princípio, sem extensões gerais, uma vez que os índios chamavam UBATUBA ao canavial, têrmo que já possuiam, derivado de *ybá-tyba,* com que chamavam ao *canavial bravo,* frechal, tabocal, bamburral, ou com a variante CANDYBA, como escreve *Gonçalves Dias,* até que depois surgiu dentre êles mesmos o vocábulo híbrido de CANA-TYBA, com a expressão de abundância de canas, pròpriamente *canavial*. Vem daí a origem do nome UBATUBA, de um velho engenho situado no Município de Água Preta (F. A. Pereira da Costa, op. cit., págs. 176-177)."

No capítulo "Localização e Crescimento da Cidade", o Prof. *Josué de Castro* na sua A CIDADE DO RECIFE, diz-nos o seguinte: "O grande estudioso da história pernambucana, *Pereira da Costa,* através de uma fatigante busca, pôde localizar e rotular os primeiros 16 engenhos referidos nas Memórias do Marquês de Bastos: "com algum trabalho, podemos conseguir enumerar êsses 16 engenhos que então campeavam na extensa zona chamada Várzea do Capibaribe, os quais são os seguintes: o São João, Santo Antônio e o do Meio, que depois pertenceram ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que os comprara de fôgo morto e abandonados e os levantou de nôvo; o São Francisco, que foi depois comprado pelo general André Vidal de Negreiros por 42 mil cruzados (Cr$ 16.000,00) para dar de dote a sua filha

natural, Dona Catarina Vidal de Negreiros, casada com Diogo Cavalcanti de Vasconcelos, os quais venderam, em 1689, ao capitão Gonçalo Ferreira da Costa; São Braz e São Sebastião, que tomou depois o nome de Curado, do apelido de um dos seus proprietários, o capitão Salvador Curado Vidal; Tôrres ou Marcos André, do nome do seu proprietário; São Paulo, Madalena ou Mendonça, pertencente a João Mendonça; Apipucos, Monteiro, Santos Cosme e Damião, Casa Forte, então chamado Dona Ana Paz, Beberibe, Jiquiá e o de Ambrósio Machado, que estava situado entre o engenho Madalena e o atual do Cordeiro, levantado muito tempo depois da época em questão." (F. A. Pereira da Costa, in "Conferência açucareira do Recife" — citação de Olímpio Costa Filho).

Desta forma, através do VOCABULÁRIO PERNAMBUCANO e de outras obras de capital relevância sócio-histórica, fizemos desfilar um pouco da trajetória da cana-de-açúcar no Brasil desde os seus primórdios e com esta despretensiosa apreciação homenageamos os folcloristas e a todos os dedicados pesquisadores das nossas tradições populares.

# FOLCLORE DA REGIÃO CANAVIEIRA DO PARÁ

VICENTE SALLES

É sabido que a produção, lavoura e industrialização da cana-de-açúcar no Pará se concentra sobretudo em dois municípios: Igarapé-Miri e Abaetetuba, localizados, ambos, na chamada zona fisiográfica guajarina. São municípios vizinhos, tendo as mesmas características ecológicas, sociais e econômicas. Por conseguinte, não há delimitação entre os valôres culturais que possuem, nem êstes oferecem o aspecto de excusividade ou de tipismo local. Ao contrário, êles se estendem numa faixa territorial muito ampla, abrangendo áreas em que, apesar de haver mudança de atividades econômicas, não há, pròpriamente, mudança nos valôres constitutivos de sua etnia e de sua cultura.

Històricamente, a vasta região em que êsses dois municípios estão encastados foi, tôda ela, dedicada a um certo tipo de lavoura de exportação, além da cana-de-açúcar, como o arroz, o cacau e o tabaco.

Nas bacias de certos rios, como o Acará, o Moju, o Capim, e mesmo o Guamá, predominaram, em tempos antigos, as lavouras da cana, tendo havido, em todos êles, numerosos engenhos reais — engenhos completos, que se distiguiam dos rústicos molinetes para o fabrico do mel-de-cana, da garapa ou mesmo da cachaça mais inferior.

Esta área, como vimos em trabalho publicado anteriormente nesta Revista, estendia-se além dos limites fisiográficos da Guajarina: abarcava, pràticamente, todo o círculo do golfão marajoara.

A lavoura, bastante significativa para a zona em destaque, decaiu através dos tempos, pelas vicissitudes por que passou, até se limitar, hoje, quase exclusivamente, aos dois municípios citados.

Há nêles atualmente uma tendência para o abandono da lavoura canavieira em troca de certas atividades industriais, como a cerâmica de tijolos e telhas ou o beneficiamento de madeiras. Quanto à lavoura, o fenômeno da pimenta-do-reino, que os japoneses desenvolveram num municípios muito próximo, dentro da mesma zona fisiográfica guajarina distrito de Tomé-Açu, (município de Bujuru, hoje autônomo) já está tendo reflexos sobretudo em Abaetetuba e Barcarena, onde vemos atualmente extensos pimentais.

Os canaviais de Igarapé-Miri e Abaetetuba estão localizados sobretudo nas terras baixas, de várzea, parcialmente inundados na estação das cheias. Êste solo é relativamente fértil, mas não muito apropriado ao gênero desta lavoura, já que a cana, embora produzido líquido abundante, tem baixo teor de sacarina, o que a torna imprópria para a extração do açúcar. A "terra firma", em grande parte coberta de floresta, é que está sendo utilizada para as plantações da pimenta-do-reino, sobretudo nas margens das rodovias. O sistema rodoviário está se desenvolvendo ràpidamente e as principais estradas começam a ser asfaltadas, como a que liga o pôrto da Senhora do Bom Tempo a Abaetetuba.

A cachaça continua sendo a principal produção derivada da cana. Mas, entre os plantadores e os industriais, há certo desânimo e o desvio de capitais empregados nessas atividades para outras que estão se desenvolvendo permite antever uma rápida modificação do quadro econômico da região.

*A Imagem de Nossa Senhora do Bom Tempo protege as terras de um antigo engenho e guia, à noite, as embarcações que atravessam o canal de Carnapijó.*

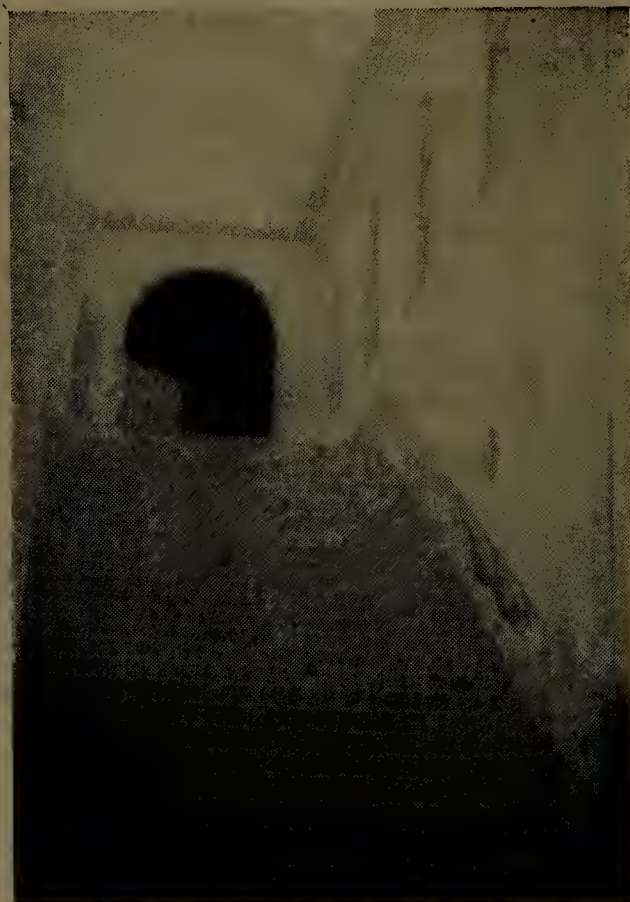
A população aí localizada é extremamente heterogênea. A lavoura da cana-de-açúcar exigiu, como em tôda parte, mão-de-obra escrava e nela se concentrou o maior contingente de negros importados pelo Pará para os trabalhos do campo. Os engenhos guardam ainda tradições do antigo regime servil.

Precisamente nessa região da lavoura da cana-de-açúcar vamos surpreender um rico folclore. Não se trata, no contexto amazônico, de uma zona típica (deve ter sido no passado, não sabemos, em virtude do regime social aí implantado pelo engenho e pela casa grande), já que o antigo regime, restos do feudalismo instalado no latifúndio e que gerou entre nós o sistema patriarcal, está em pleno processo de desintegração. Apesar da bastante significativa, esta região jamais foi estudada em seus aspectos econômicos, sociais e antropológicos, mas ainda pode oferecer ao estudioso materiais abundantes.

A resistência à mudança dos valôres tradicionais é, naturalmente, tenaz. A análise dêsse processo, de natureza sociológica, não poderá ser feita aqui neste ligeiro estudo. Nem poderemos hoje compreendê-lo submetendo-o simplesmente aos esquemas da pesquisa sociológica, desconhecendo, e aprofundando, o processo histórico do seu desenvolvimento.

Em janeiro último visitamos a região da lavoura canavieira do Pará. Visita rápida e sem propósito deliberado de fazer pesquisa folclórica. Contudo, dêsse contacto com a população local, sobretudo de Abaetetuba, resultou uma soma de anotações que aqui vão traçadas. Imperfeitamente.

ABAETETUBA

*Área*: 1.083 km2; *Localização*: Margem direita do Tocantins, em frente à baia de Marapatá, limitando-se com os municípios de Igarapé-Miri, Barcarena e Moju; *Meios de transporte e comunicação*: tem campo de pouso para pequenos aviões (táxi aéreo), rodovias ligando aos municípios vizinhos (parte asfaltada), escala de navios da frota fluvial para o Tocantins, sendo o transporte mais comum feito em pequenas embarcações a motor (navegação fluvial de 73 km ou 6 horas de viagem nestas pequenas embarcações) ou à vela, nos barcos típicos da região; *Composição étnica da população*: 8 207 brancos; 25 413 pardos; 2 859 prêtos; 36 estrangeiros (5 naturalizados),

*A escadaria de acesso à Casa Grande, separa em dois blocos distintos as sólidas edificações do Engenho e da Residência dos antigos proprietários.*

de acôrdo com o censo de 1950, num total de 36 515 habitantes; *Religião*: 35 763 católicos romanos; *Base econômica*: agricultura de subsistência e lavoura de gêneros exportáveis, cana-de-açúcar e mandioca; produção de aguardente e farinha; produção extrativa vegetal; pequena indústria de cerâmica (telhas e tijolos) e embarcações; óleos vegetais; peixes. *FOLCLORE* — Festa de Nossa Senhora da Conceição (Padroeira do município), na sede, com duração de 11 dias (28 de novembro a 8 de dezembro), com música e brincadeiras de arraial; Festa de São Miguel, na vila de Beja, de 19 a 29 de setembro, com música e brincadeiras de arraial; celebrações de Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal, com fogueiras, adivinhações, comidas e bebidas típicas (canjica, munguzá, sarapatel, aluá, etc.), representações populares (boi-bumbá) e arrasta-pé. *Carnaval* — com mascaradas, sem maior atrativo; *Quaresma* — Malhação de Judas no sábado da Aleluia; *Natal* — Pastorinhas. *Danças típicas da região*: samba, lundum, banguê; *Pajelança*: prática intensiva e crença generalizada nos podêres mágicos dos pajés; *Batuques*: há notícias, porém não foram observados.

*Nota*: Há duas bandas de músicas na sede do município e quatro conjuntos de bailes denominados "jazz"; o rádio e a televisão chegam com bastante nitidez em Abaetetuba, em conseqüência valôres culturais "cosmopolitas" estão agindo intensamente sôbre a população urbana, pois as duas estações de televisão de Belém têm nos "tapes" e nos "enlatados" a base de sua programação; na sede do município é servida, permanentemente, de eletricidade; nos bailes populares urbanos predominam as músicas e danças "importadas"; está em voga em quase todo o município o "merengue", dança antilhana, importada para Belém, onde se difundiu nos subúrbios e, um tanto sincretizada com o samba urbano, "aclimatou-se" no Pará. Como em Belém, o "merengue" é dança da "ralé". Nos meios rurais, ainda se dança nos chamados "pagodes" o lundum e o samba, e, com seu instrumental típico, o bangüê.

*Frasqueiras amontoadas, contendo cachaça, e prontas para serem despachadas aos centros consumidores*

*Vista das amplas edificações do antigo Engenho Cafèzal, no município de Barcarena/Pará. Hoje pertence aos frades xavierianos que aí mantém uma serraria e a antiga residência serve de casa de repouso para êstes sacerdotes*

## ALGUNS FATOS FOLCLÓRICOS

BANGÜÊ — Pequeno conjunto musical e, por extensão, a dança. A dança pode ser ligada, quanto à coreografia, ao samba tradicional que, no Pará, tem diferentes denominações: lundum, samba matuto, carimbó, retumbão. Em Abaetetuba, também se chama ao grupo que toca bangüê de "mamona lisa" (não conseguimos explicação para esta denominação que parece ter caráter pejorativo) e se compõe de tambor, requexeque, onça (espécie de cuíca), banjo e eventualmente qualquer outro instrumento de cordas ou de sôpro. Na ilha de Marajó, a palavra banguê tem outro significado: tira de couro, distendida por dois paus, onde se carrega areia para os atêrros (Miranda Neto, *A Foz do Rio Mar*, 1968:105).

*BOI-BUMBÁ* — Registra-se a presença do boi-bumbá nos seguintes municípios da zona canavieira: Abaetetuba, Cametá, Igarapé-Miri, Moju e São Caetano de Odivelas. O auto tem as mesmas características do bumbá amazônico.

CACHAÇA — É o nome comum da aguardente de cana-de-açúcar. Coletamos os seguintes sinônimos, têrmos e expressões:

*Água* — "água que passarinho não bebe";

*Alegre* — triscado, tocado pela cachaça: "Num grupo de feirantes, que se achavam "alegres", alguém se lembrou de fazer uma "folia" em honra do "santo da praia" (B. Menezes, *São Benedito da Praia,* 1959:31);

*Alteração* — Estultície, bulha de bêbado; também usada a locução "fazer alteração", isto é, brigar, discutir, incomodar;

*Azul, azuladinha* — Cachaça;

*Batida* — Qualquer mistura de cachaça com frutas; há numerosas combinações: "Jorge Amado, Eneida e outros escritores, recentemente, apreciando aperitivos regionais, ficaram surpreendidos com a variedade de "batidas" guardadas em grandes boiões de vidro. Anotamos algumas: carambola, laranja, caju, marapuama, jucá, maracujá, bacuri, tamarindo e outras" (P. Tupinambá, "São Benedito da Praia", *in Fôlha do Norte,* Belém, 4 janeiro. 1959, repr. por B. Menezes, *São Benedito da Praia,* 1959:65-66);

*Bebedeira* — Pileque, camoeca, cachaçada, porre;

*Branquinha* — Cachaça;

*Cachaçada* — Bebedeira;

*Cachorro de engenho* — Cachaça, têrmo anotado por Mário Couto no artigo "Remédio pra deixar de beber cachaça (*O Liberal,* Belém, 10 jun. 1968, 1. cad. 4);

*Cajuína* — Batida de cachaça e caju; acredita-se nas propriedades medicinais desta mistura.

*Camoeca* — Bebedeira.

*Cana, caninha* — Cachaça;

*Caxiri* — Cachaça;

*Chico* — Cachaça;

*Chumbado* — Bêbado;

*Coçado* — Bêbado;

*Curtindo a mona* — Locução usada freqüentemente pelos bebedores; sono da embriaguês;

*Dengosa* — Cachaça;

*Desmancha-samba* — Cachaça;

*Encachaçado* — No porre, no gole, na pinga;

*Esquenta por dentro* — Cachaça; eufemismo usado pelos bebedores;

*Gerebita* — Cachaça;

*Girgolina* — Cachaça;

*Mamãe de luana* — Cachaça;

*Mamãe sacode* — Cachaça (estas duas últimas locuções também foram citadas por Mário Couto, no artigo acima aludido);

*Marapuama* — Certa qualidade de "batida" em que se usa a planta medicinal do mesmo nome; há crença nas propriedades eróticas dessa bebida.

*Marca do seguro* — Locução usada freqüentemente pelos bebedores inveterados; bêbado, aquêle que excedeu a "marca do seguro" e tombou, "curtindo a mona";

*Mata-bicho* — Em especial, é cachaça com limão; trançado.

*Meladinha* — Cachaça;

*Minduba* — Cachaça;

*Morretiana* — Cachaça (têrmo anotado por Mário Couto);

*Parati* — Cachaça;

*Pau-dágua* — Bebedor inveterado;

*Pileque* — Bebedeira;

*Pinga* — Cachaça; *pingado* — Encachaçado, no porre;

*Pinicilina* — Cachaça;

*Pitiú-de-cana* — Cheiro, bafo de bebedor.

*Porre* — Bebedeira, pileque;

*Pura* — Eufemismo muito usado na Amazônia; cachaça.

*Suor de alambique* — Cachaça (têrmo anotado por Mário Couto);

*Supupara* — Cachaça;

*Tafiá* — Cachaça;

*Tira-gôsto* — Cachaça com laranja, ananaz, tangerina, caju, taperebá, camarão sêco ou peixe frito;

*Traçado* ou *trançado* — Cachaça "pingada" com vermute;

*Três dedos da puríssima* — Locução usada pelos bebedores;

*Triscado* — Bêbedo, meio embriagado;

*Uca* — Cachaça.

*FÓFÓI* — Prática muito usada antigamente, e hoje quase desaparecida, consiste em um acompanhamento: quando de um batizado, de um casamento, ou de um entêrro, costumava-se seguir, numa ou em várias "montarias", o "cristão", o nôvo casal ou o defunto, até determinado local (residência ou cemitério, conforme o caso). O *fófoi* era um canto interminável, pronunciando-se apenas o som numa sucessão melismática, a quantas vozes se ajuntassem. Durante todo o trajeto êsse canto era pronunciado, sem cessar. A prática deve estar ligada, talvez remotamente, aos ritos de passagem, tendo o informante (Osório Solano Maciel, Abaetetuba) esclarecido que o canto de "defunto" era "diferente" do canto dos "noivos" ou do "cristão". Antigamente, era prática corrente na zona canavieira de Abaetetuba, Igarapá-Miri e no Moju; hoje, segundo o mesmo informante, só existe no Guajá e pras bandas de São Caetano (município de São Caetano de Odivelas). Ao que sabemos, o *fófói* nunca foi pesquisado, na Amazônia.

*FOLIA* — Grupo de músicos organizados para angariar esmolas e donativos para os santos. Na zona canavieira, as mais comuns são as "folias do Divino".

*FRASQUEIRA* — Garrafão de vidro, medida e acondicionamento de cachaça, com capacidade para 24 litros, forrado exteriormente com palhas de caranã. Há frasqueiras, meias frasqueiras e quartos de frasqueiras. A frasqueira é exclusivamente destinada a conduzir cachaça, principalmente dos engenhos do Pará para os locais de consumo. Raimundo Morais, dá outras medidas: cada frasqueiras mede doze frascos; cada frasco cinco quartilhos. Sabemos que o quartilho, a *quarta* parte da canada e equivalente a 0,6655 litro, é denominação da unidade de capacidade *pint* do sistema inglês, equivalente a 0,568 litro.

*GARAPA* — Caldo-de-cana, sumo extraído, por meio de moendas, da cana-de-açúcar. Garapa azeda, diz Raimundo Morais (*O Meu dicionário de cousas da Amazônia,* 1931, II:16), posta no sereno e bebida em jejum, é tida como tonificante, ferruginosa.

*GARRAFÃO* — É a mesma frasqueira. Há, no folclore da região, a seguinte quadra:

*Garrafão tem fundo chato*
*Botija não tem pescoço*
*Caranguejo anda pra trás*
*Banana não tem caroço.*

*ILHA ENCANTADA* — A ilha da Pacoca, pertencente ao município de Abaetetuba, diz-se que era encantada e que todos os seus proprietários, por isso, acabaram loucos. Dom Santinho Coelho, benzendo-a, quebrou o encanto. Também se conta a estória do (furo encantado": é o chamado "furo" do Pajé, situado acima de Abaetetuba: ninguém pode passar por êle, à meia-noite, sob pena de ser açoitado.

*LUNDUM* — Dança, espécie de samba de roda, muito praticada pelos roceiros mas desaparecida das cidades (Igarapé-Miri e Abaetetuba), inclusive dos subúrbios. A área do lundum é muito extensa no Pará e a dança, pròpriamente, ainda não foi pesquisada. Há documentos musicais coligidos por Mário de Andrade (*Melodias registradas por meios não-mecânicos,* org. Oneyda Alvarenga, 1946:37). Coletamos, do músico Marcos Quintino Drago, o seguinte lundum proveniente da zona canaveira e que apresenta um curioso aspecto da vida do caboclo:

*A MARESIA*

*MERENGUE* — Dança antilhana, caracterizada por sua forma binária e seu movimento moderado. O centro de irradiação parece ter sido a República de São Domingos, onde é considerada dança nacional, mas também é tradicional no Haiti, Venezuela e Colômbia. Na década de 50, houve bastante difusão do merengue, seguindo a trilha dos ritmos antilhanos, mexicanos e centro-americanos. A popularidade no Pará parece ser anterior a esta década, e ignora-se como chegou e se aclimatou em Belém, tornando-se uma das danças mais apreciadas nos bailes suburbanos. Uma hipótese, talvez fantástica, mas não impossível, indica ter sido introduzida no Pará pela "rota do contrabando", isto é, via Paramaribo. O merengue suburbano de Belém se fundiu pouco a pouco com os ritmos brasileiros, especialmente o samba, mas conservou algumas de suas características inconfundíveis, como dança de ritmo binário e andamento moderado. No Pará, surgiram também compositores populares de "merengue". Uma das fórmulas rítmicas freqüentes que modela a melodia e aparece no acompanhamento é a seguinte:

Depois de ganhar a capital paraense, especialmente os subúrbios, o merengue se irradiou, alcançando inclusive os meios rurais, como ocorre atualmente em Abaetetuba, Igarapé-Miri, Barcarena etc.

NORATO — Em Abaetetuba, *Noratinho*. Estória muito difundida no Baixo Tocantins e zona fisiográfica guajarina, onde se inclui a região canavieira do Pará. Seu centro de irradiação parece ter sido Cametá. Ouvimos, em Abaetetuba, a mesma versão dada por Inácio Moura: "Era o caso de uma rapariga mestiça ter dado à luz duas cobrinhas, uma das quais cresceu tão prodigiosamente que foi vista no Tocantins, em todo o distrito de Cametá. A fábula impressionara o fetichismo da gente ignorante, garantindo que o Honorato se transformava em um guapo rapaz, para dançar nos folguedos e pagodes, guardando o incógnito da sua condição" (*De Belém a S. João do Araguaya valle do Tocantins,* 1910: 136). Há numerosas fontes de consulta e algumas são indicadas por Cascudo (*Geografia dos mitos brasileiros* e no *Dicionário do Folclore Brasileiro.*) Em Abaetetuba, há informantes que apontam testemunhas oculares.

PAGODE — É têrmo genérico para designar os bailes (arrasta-pé) populares. Há comes-e-bebes, como no Nordeste; nunca porém o pagode exclui o baile. Êste é, na Amazônia, o próprio significado do têrmo, mais comum, aliás, na zona do Tocantins e rios tributários ou próximos, ilha de Marajó e Baixo Amazonas. Uma boa descrição do pagode desta região, encontra-se no volume citado de Ignácio Moura, às pp. 90/92.

SENHORA DO BOM TEMPO — No canal Carnapijó, nas terras de propriedade do sr. Maramaldo, vizinhas do antigo engenho Cafesal, há pequena imagem de N. S. do Bom Tempo, em tôrno

da qual conta-se a seguinte lenda: antigamente, o canal era muito perigoso, havendo constantes naufrágios na região. Havia também o fenômeno da terra caída, que ameaçava tragar o engenho localizado numa ponta de terra, cujo tombamento chegou a cêrca de 100 metros. Para aplacar a fúria das águas, ali foi erguida a coluna e colocada no seu topo a pequena imagem de N. S., protegida das intempéries por uma redoma de vidro. Desde então, ela é sempre iluminada à noite, como aviso aos navegantes. O engenho está em ruínas e hoje o local é pôrto de acesso mais rápido para Barcarena e Abaetetuba, através de uma estrada que está sendo asfaltada.

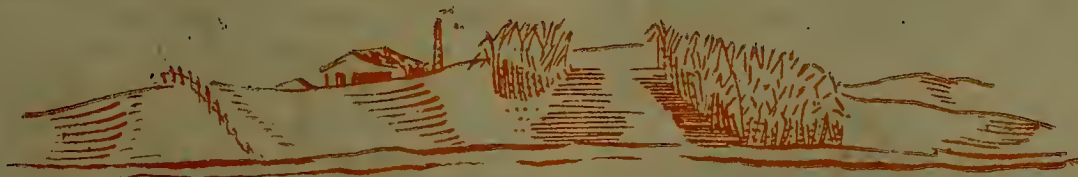
SUMIDOURO — Há diferentes lugares com a característica de "sumidouro": o pôrto de Abaetetuba é um dêles; quem cai lá é "puxado" para o fundo e não aparece mais. No igarapé Cafezal, há a antiga fazenda e engenho, em perfeito estado de conservação, e que possui também um "sumidouro": era o local onde se jogavam os escravos insubmissos. Ouvimos a mesma estória na Vigia: ali, o sumidouro encontra-se debaixo de uma das tôrres da Matriz, e também servia para castigar com a morte os escravos.

•

Aí estão alguns apontamentos sôbre fatos falclóricos da região canavieira do Pará. Há muitos outros aspectos dignos de registro e que escapam à crônica ligeira, como a cestaria de Abaetetuba, talvez uma das mais importantes do Pará, contos e lendas, os batuques dos negros, a pajelança dos caboclos, enfim uma série de fatos não pesquisados. A região é uma das mais características e ricas de elementos culturais, mas ali, em virtude da dinâmica cultural, acelerada hoje pelos processos de difusão tão conhecidos, modificações estão se manifestando intensamente. Dispondo de energia elétrica permanente, estradas, campo de pouso para pequenos aviões, e outros meios de transporte e comunicação, Abaetetuba está se transformando ràpidamente. As imagens das duas estações de televisão de Belém chegam ali com plena nitidez. A população é atraída pelos televisores, permanecendo amontoada diante das residências mais abastadas que os possuem. Antigamente, uma geração era suficiente para haver troca de valôres culturais profundos. Hoje, essas mudanças estão se acelerando. É comum, na região, encontrarmos "coisas" que só os velhos recordam; que não se praticam mais. Nem mesmo na zona rural, até onde chega o rádio de pilha (que o contrabando vulgarizou) a música popular urbana, que se sucede em novidades, e não sòmente a música como as notícias do mundo, a linguagem, os modismos, o saber.

O folclorista, para agir nesse contexto, não pode mais valer-se do "fim de semana". Tem que buscar uma "participação" demorada, longa, tão longa como faziam os antropólogos e etnógrafos antigos, e talvez ainda com mais radical decisão: tem que se instalar, definitivamente, no seu "modêlo", antes de "criá-lo", se, na realidade, fôr possível criá-lo, como propõe o estruturalismo; mas inversamente deve ser por êle criado.

Evidentemente, êste não é o nosso caso. Ainda, muito a contragosto, pesquisamos no "fim de semana', ou melhor, no fim da jornada de trabalho rotineiro, anual, durante o breve período de férias.

O que fica registrado é, pois, uma simples coleção de registros apressados, extraídos de um caderno de notas.

# LEMBRANÇAS DO FOLCLORE CANAVIEIRO

MANUEL DIÉGUES JÚNIOR

A adivinha é simples, mas expressiva:

> Verde foi meu nascimento
> Por ferros duros passei.
> Entrei de mar a dentro
> Fui à presença do Rei.

Resposta: CANA.

Esta adivinha sintetiza a economia canavieira do Nordeste. A cana é verde, assim nasce, e cresce. Crescida, é levada aos "ferros duros" da moenda, a fim de transformar-se em açúcar. Produzido o açúcar, é êle ensacado e enviado para a antiga metrópole ou para outros pontos do Brasil, pelo mar a dentro. E chega então ao consumo do Rei, primeiro o de Portugal, país que, tendo o controle econômico do Brasil, lhe consome diretamente os produtos; e mais tarde, o do Rei do Brasil. Esta é, sem dúvida, uma exegese simples, sintétizada, que, entretanto, estava a exigir maior aprofundamento. De fato, como síntese de um sistema econômico, mereceria uma exégese mais profunda, que procurasse interpretar-lhe mais analìticamente a razão de ser da idéia que nela se contém.

Como esta, outras adivinhas se encontram espalhadas pelo Nordeste a respeito da cana de açúcar ou do açúcar. Do fabrico, por exemplo, é esta outra adivinha, que encontramos recolhida por José Maria de Melo:

> Eu fui preso e ajojado
> Por ordem de seu tenente;
> Vi meu sangue derramado
> No meio de tanta gente.

Uma rápida exégese dêsse texto permite lhe dar a interpretação de tratar-se do esmagamento da cana, ordenado pelo proprietário (seu Tenente), e dêsses esmagamento resulta o aparecimento do caldo, que é o sangue da cana. Outras mais seriam as adivinhas que poderiam ser recolhidas, algumas, aliás, já reunidas em livros, outras ainda espalhadas na bôca da população, citadas nas reuniões ou nos encontros sociais, os modestos e simples encontros da gente do povo na região açucareira do Nordeste.

Como nas adivinhas, em outras várias manifestações folclóricas do Nordeste está presente a cana de açúcar ou o açúcar. Não é de estranhar que assim seja. Foi a cana a base da formação econômica da sociedade regional; nela se baseou todo o processo de estruturação nordestina, não apenas do ponto de vista econômico, mas ainda do ponto de vista social ou político. A sociedade se fundou em tôrno dos engenhos de açúcar, que se constituiram os centros de vida demográfica, social, econômica, política do Nordeste; mais tarde, as usinas. Muito embora ainda hoje procure o Nordeste criar novas fontes de riqueza, tanto na agricultura como na indústria, para uma certa parte dessa região, a cana de açúcar ainda é o esteio. E esteio difícil de ser removido.

De modo que não é de estranhar a presença da cana de açúcar ou do açúcar, em particular, nas manifestações folclóricas do Nordeste. A começar que as grandes festas da região eram as botadas de engenho. Famílias se locomoviam de uns a outros engenhos para a botada. Do que eram as botadas, pro-

curei dar uma descrição, embora algo sumária, em meu estudo **O Banguê nas Alagoas**; da mesma forma, aliás. em outros autores se encontram também referências ou descrições. Mas a respeito de botadas famosas, festas que enchiam época, as melhores descrições ainda não foram exploradas: as que se encontram em jornais do tempo. Do século XIX ou de começos dêste século. A partir dos inícios da centúria que vivemos, a influência da usina torna decadentes as botadas de engenho. Contudo, é de notar que essa tradição — a da botada — algumas usinas, nos seus inícios de vida, procuraram conservar. Hoje ninguém fala mais em botada. Nem em pêja.

Pêja é o encerramento da moagem; com ela terminam os trabalhos da safra. Quando o engenho encerrava suas atividades, havia o festejo em regozijo pela boa safra obtida. Festa na casa grande; festa nos mucambos dos trabalhadores que, aliás, de certo modo, festejavam mais alegremente que os senhores a pêja. Colocavam a última cana na moenda, e cantavam em ritmo de côco:

> Acabou-se a cana
> Acabou-se o mé.
> — Até para o ano
> Se Deus quizé.

E nos mucambos cantava-se e dançava-se o côco, dança tradicional das Alagoas, que tudo indica ter nascido em ambiente de engenho. O côco alagoano é diferente de outros tipos de côco que aparecem pelo Nordeste: o de zambé, no Rio Grande do Norte, ou o côco da praia, da Paraiba. O côco alagoano, de suas origens humildes, ascendeu na escala social; e entrou nas casas da melhor sociedade de Maceió, como centro de reunião de famílias e amigos. Osório Duque-Estrada, em sua viagem pelo Nordeste, nos começos dêste século, conheceu o côco alagoano. Também o saudoso psicanalista Júlio Pôrto Carrero. Êste, quando estudante, passou por Maceió e teve ocasião de ver o côco dançado no arrabalde de Bebedouro, que, na época (começos do século), reunia a melhor nata da sociedade local. E deu dêle uma descrição, em suas memórias de viagem, impressionado com o que vira e assistira.

Como o côco, em ambiente de engenho foi que nasceram outras manifestações folclóricas. Danças dramáticas, por exemplo; sambas, como o do matuto; folguedos ou autos; cantos individuais; tanta coisa mais. Seria um tema a merecer mais amplo estudo, aprofundando se uma pesquisa a respeito, êsse: o das ligações com o engenho, em suas diferentes atividades econômicas ou sociais, das manifestações folclóricas surgidas no Nordeste, sobretudo o Nordeste canavieiro. Em relação às Alagoas, procuramos dar uma idéia do assunto, embora não aprofundada, em nosso livro já citado; em relação a outras áreas, há trabalhos esparsos, que poderiam ser reunidos em livros ou desenvolvidos.

Com a usina essas manifestações folclóricas começam a morrer. São várias as causas para que isso aconteça. O distanciamento social se alarga entre o proprietário e o trabalhador; a comunicação se faz por meio de intermediários. Distinguem-se entre os trabalhadores os da fábrica e os do canavial. É certo que, em uma ou outra usina, ainda se podem encontrar certas manifestações folclóricas, que, entretanto, vão escasseando. Um samba, talvez um reisado, ou um guerreiro, ainda se podem encontrar. Mas não em tôdas as usinas.

Foi realmente o engenho que teve êsse poder de criação folclórica, e isto pelas próprias condições de vivência aí havida. Eram em geral propriedades médias, e quando grandes não raro se subdividiam; daí muito engenho do "meio", ou engenho "de baixo", ou engenho "novo". Sendo propriedade média, tinha o poder de aglutinação, aproximava todo o pessoal, unia as relações entre os trabalhadores. Além do mais, não esqueçamos que a escravidão se acabou nas vésperas de surgir a usina. Ou seja, o negro africano levou para o trabalho da cana de açúcar a sua alegria, comunicabilidade, o que foi transmitido a seus descendentes. Daí também os cantos de trabalho. A origem comum dessas manifestações — os cantos de trabalho — se pode observar, embora variadas, nos "spiritual", nos "calipso", em tantas outras apresentações de dança e de canto.

Vale lembrar também que célebres cantadores de côco eram conhecidos pelos engenhos de onde procediam. Jacu de Barro Branco, Zé Veneranda do São Benedito, Catuaba do Flecheiras, Zépretinho do Tucum, Manuel Bastiana do Boasorte são alguns que me ocorre lembrar neste momento. Do Jacu do Barro Branco, a voz mais poderosa que já ouvi em minha vida, o maior cantador de côco de seu tempo, dizia, ao cantar num desafio com Catuaba do Flecheiras:

Agora trincou-se o jôgo,
Pego no primeiro arranco,
As pedras faisca fogo
Êste é Jacu do Barro Branco.

Em versos igualmente faziam os cantadores descrições dos engenhos que conheciam, em geral os que conheciam em sua região. Recolhi, em **O Banguê nas Alagoas**, versos indicando engenhos de São Miguel dos Campos, outros sôbre engenhos do vale do Mundau, e outros, bem longos aliás, referentes às propriedades de Viçosa. Êste ultimo município alagoano talvez seja ainda hoje o mais forte reduto do folclore alagoano, com cantadores de côco, reisados, guerreiros, e outras manifestações da criação popular.

Na verdade, em tôrno da cana de açúcar se formou todo um ciclo folclórico no Brasil. Mestre Joaquim Ribeiro, em sua classificação historico-cultural da etnografia brasileira, incluiu o que êle chama de "área agrícola" que abrangeu primitivamente tôda a faixa de engenhos, pelo que denomina de "ciclo dos engenhos"; e isto, acrescenta, "porque o engenho de açúcar, nos tempos coloniais, era um símbolo bem expressivo dêsse momento de nossa civilização agrícola".

Subdividiu-se depois em três ciclos, um dêles "ciclo agrícola do norte", caracterizado pela presença da cana de açúcar, do algodão, do fumo, etc., enfim tôda a atividade agrária do Nordeste. A cana de açúcar é ainda a mais importante destas atividades, no campo do folclore, pelo que produziu através dos séculos. Sua presença continuada assegura a permanência de seus motivos, como base para a vida popular, estimulando a conservação de tradições, cantos, danças, festas ,etc. Por isto mesmo, o que ainda hoje se conserva de mais essencialmnete folclórico no Nordeste vem, de modo particular, da área da cana de açúcar.

Nela se originaram, sobretudo nos engenhos, as diferentes manifestações ainda hoje preservadas na memória popular, sem prejuízo — é claro — de transformações verificadas no correr dos tempos. Os Reisados, por exemplo. No Reisado tudo indica ter se originado em engenho, o que se pode comprovar com sua quadra inicial, primeiros versos cantados quando o folguedo se apresenta:

Deus te salve casa grande
E a gente que nela mora
Venho dar as boas noites
Meus senhores e senhoras.

Uma outra marca de sua origem penso encontrar-se no fato de que, antes de o folguedo sair, o Mateus vem pedir licença ao senhor de engenho ou da propriedade para dançar na casa grande. Se o senhor de engenho é chegado ao folclore, gosta de receber o folguedo e vê-lo dançar, como o velho Olegário Vilela do Boasorte, ou o meu amigo José Aloísio do Mata Verde, a dança é na sala de visita; não o sendo, o folguedo dança no terreiro.

Como o Reisado, são vários outros folguedos. O Guerreiro, igualmente, de aparecimento mais recente, veio dos engenhos; ainda hoje sua presença se faz sentir nas áreas de cana de açúcar.

Aquêle apêgo ao massapé, que vem produzindo há quatrocentos anos a cana de açúcar, primeiro nos engenhos, hoje na amplitude das usinas, continua marcando o homem do Nordeste, quando se manifesta em suas expansões populares, traduzidas no folclore. Nem a atração sedutora do café, impondo-se como base econômica nacional, o distrai das terras de massapé. Nos engenhos, nas usinas, nos canaviais, se fixa; ai planta suas raízes como a própria cana de açúcar. O trabalhador não se deixa seduzir por outras culturas. Continua

fiel à cana de açúcar, ao melado, à cachaça. E é isso que traduz seu sentimento nesta pequena quadra, bem definidora de seu apêgo à cana:

Morro na palha da cana,
Até quando Deus quizé;
Mas não vou para São Paulo
No eito alimpá café.

# DA CANA CAIANA AO CAFÉ AMARGO

RENATO ALMEIDA

EU nasci na cidade mais bonita do Brasil, Santo Antônio de Jesus, no sudoeste baiano, naquelas *matas do sertão de baixo*, nome que Isaías Alves deu à região, no seu livro assim intitulado, onde delineia a sua formação sócio-econômica, e evoca a gente rude que a criou, lavrou os campos, construiu as cidades, abriu os caminhos e fêz depois a transformação de uma sociedade rural de fazendeiros, tabaréus, numa outra de bacharéis, doutores, coronéis, políticos, com nomes ilustres luzindo hoje na vida nacional. A minha cidade tem, como certidão de idade, a doação que fêz o Padre Mateus Vieira de Azevedo de terras de uma roça que possuía na freguesia de Nazaré, para nela se erguer a Capela de Santo Antônio de Jesus, isso nos idos de 13 de julho de 1779, tendo sido um século mais tarde transformada em vila e depois município, no começo da República.

Tôda minha gente, pelo lado paterno, vem dessa zona. Em Santo Antônio vivi minha infância e guardo muito marcados os seus traços, tantos dos quais me foram normativos. Um mundo de recordações trago bem vivas, sobretudo da sua paisagem, o que viam meus olhos de garôto, quando de minha casa contemplava lá longe a ondulação da serra de Gibóia, que tapava o horizonte. A essa paisagem ligo um dos meus primeiros prazeres da vida. Quando findas as aulas, num curso que minha mãe, grande mestra e mãe, lecionava aos meninos da família, e depois do jantar, sempre às 5 horas, eu saía a correr pelo quintal imenso, pedia sempre dois vinténs. Era uma moeda de cobre, grandona, em geral machucada, onde mal se lia o cunho — 40 réis, com a qual ia ou mandava, não me lembro, comprar uma cana caiana. Eu mesmo descascava, não raro cortando os dedos, e fazia os roletes e chupava com uma delícia, que ainda agora me enche a bôca d'água. Foi a primeira impressão de doçura que me deu a vida. Era o paladar, era a gostosura da cana, que se tornou assim um dos prazeres do comêço da minha meninice.

Claro que, guloso, embora de pouco comer, vi-me logo no mundo encantado do açúcar e tinha minha geografia saborosa. Indo à Bahia, nesse tempo não se falava em Salvador ainda, quando o trem passava em Taitinga, havia os famosos manauês e, na capital, era festa de guloseimas, sobretudo das balas, que se chamavam queimados, e havia uma de chocolate, formato de moeda, que nunca encontrei coisa melhor, e desapareceu também. E, quando ia a Santo Amaro, terra de minha família materna, achava um deslumbramento ver minha tia diante dos panelões mexendo a geléia de araçá, que se devia olhar a certa distância, porque saltavam pingos e queimavam atròzmente.

Hoje, tão de longe, é que vejo como é grande o sortilégio do açúcar na vida da gente O doce é um prazer da vida, mas eu tenho que, para menino, a coisa é muito mais relevante, por permitir momentos deliciosos, que não está só nas papilas, está no prazer da degustação, está nos olhos, está na gulodice. Os pratos de comida, naquela época não tinham a apresentação sofisticada de hoje, não tinham via de regra o colorido nem eram enfeitados que nem os doces. Podiam ser excelentes, mas faltava-lhes sugestão. Os doces sim, eram bonitos.

Revejo muito minha meninice no que comia, sobretudo nas gulodices. Talvez não os lembre suficientemente, mas não tinha maior diversão do que ver como se fazia um pão-de-ló. Desde quebrar os ovos e bater as claras, que lembravam nuvens, que se douram e se açucaram, e ver aquela pasta crescer, engrossar com farinha de trigo ou fécula de batata, e depois encher as fôrmas. Então alargava a emoção do que assistia, tirando as sobras do recipiente em que era feito, com os dedos para me deliciar, lambendo a panela, como se dizia impròpriamente. Muitas vêzes, quando era de noite, pois de dia contar estória cria rabo, ouvia muitas delas, e as de bichos eram os que mais me animavam, e ia assim tomando minhas primeiras lições da sabedoria popular, que mais tarde tanto me absorveria. Engraçado que das estórias, esqueci muito, mas a lembrança do pão-de-ló, está viva nas minhas velhas retinas. Hoje mesmo me surpreendo. como o açúcar marcou tanto minha infância.

Tive o encanto da doçaria e noto que as suas impressões se mantiveram muito nítidas. Uma vez, no primeiro ano dêste século,

assisti a um casamento e, ao centro da mesa, lá estava uma Tôrre Eifel, coisa de grande voga no tempo, tôda de doce. Havia uma armação e não me recordo se a tôrre, que tinha pelo menos um metro de altura, era de sequilhos ou mesmo de pasta de bolos. Sei que achei um deslumbramento e tôda vez que olho para a torre Eifel, em Paris, me parece uma cópia monstruosa daquele doce que admirei aos seis anos de idade. Também havia umas curiosas composições, esculturas com doces, e, com um chamado pingos d'ovos, compunham um abacaxi dourado. A arte me emocionava mais do que o gôsto, mas nem por isso vim depois a admirar naturezas mortas...

Foi por êsse tempo que tive meu primeiro contato direto com o açúcar. Fui passar alguns dias no engenho do Macaco, perto de Santo Amaro. Era um deslumbramento; do alto da casa de residência, outrora teria sido casa-grande, a maravilha era ver os carros-de-boi chiando pela estrada, trazendo os carregamentos de canas, que entravam nas moendas. Era muito garôto, não podia ir ao engenho, só ver de longe. Então admirava aquêle mar de bagaços que iam sendo atirados em redor do engenho, que fumegava lá embaixo, noite e dia, pela sua grande chaminé. E era uma paisagem estranha, mas o que mais me interessava era ver os carros de bois e também o pasto, que ficava defronte da casa com o gado, sossegado e paciente, pastando por ali a fora.

Mais tarde estive no Engenho da Passagem, já agora mecanizado. Lembro-me de que falavam que entrava a cana na moenda e do outro lado saía o açúcar. Pouco se me dava, minha paisagem eram os carros de bois, era a pastagem, eram os pretos trabalhando. Nem o ramal de estrada de ferro que ia levando os sacos, me interessava, estava positivamente no elemento *folk*, o mais... nem sabia o que fôsse.

Viver num engenho ou numa usina é muito diferente do que viver na cidade do interior. Senti claramente, era garôto não podia explicar, mas hoje sei demarcar. Tudo era diferente, diferente a alimentação, que não se comprava nos armazéns e quitandas, mas se recebia direto do campo, diferente a criadagem, não era a que tínhamos na cidade, mas agregadas, antigas escravas ou suas filhas, que serviam; os pratos não eram como em nossas casas, mas feitos para muita gente, para quem chegasse à hora do almôço ou do jantar, onde a mesa estava sempre aberta. A vida se fazia no campo. De noite, a meninada ouvia estórias da carochinha e havia uma ceia (o jantar tinha sido às 4 horas) onde se comia aipim, milho cozido, bolos, cuscuz, pamonhas, bolachas e bolachões, em suma o que fôsse da época, com mingaus ou amplas xícaras de café com leite. O melado — como gostava de fazer desenhos no prato com seus fios — era minha sobremesa constante, comido quase sempre com farinha, outras vêzes com cará, inhame ou batata doce.

E depois dormir, que, no outro dia de manhã, tinha que se tomar leite ordenhado à nossa vista, o que evidentemente não era um prodígio de higiene, mas a crença é que assim era mais substancial, sobretudo para as crianças...

Mas diversão grande mesmo era o São João, a fogueira, os balões, os fogos, as sortes e tudo mais. Mas, para mim, era sobretudo a festa do milho. Não saía da cozinha, por mais que de lá me enxotassem, enquanto se fazia a canjica. Gostava de ver tudo, desde ralar o milho, até mexer o panelão, botar o leite de côco, a boneca (boneca é um saquinho com erva-doce, canela, cravo e não sei que mais) e mexer. Achava estranho que se pusesse também sal. E mexe que mexe e o caldo ficava saltando e então a pessoa entendida dava o ponto, que é essencial para que a canjica não fique nem mole nem dura, mas macia. E se enchiam os pratos e eu, rente, com um pires, para provar logo a canjica bem quentinha. Depois assistia colocarem, quando esfriava, os papéis recortados com figuras ou dísticos — Viva São João! sôbre os quais se pulverizava canela, para ficar impresso e enfeite. Maravilhoso! Era um dos grandes momentos do São João. Havia outros naturalmente, acender a fogueira, soltar rojões às Ave-Marias, queimar fogos e, por fim, comer a canjica. Era hábito, não sei se continua vivo, presentear nesse dia com um prato de canjica, de sorte que se recebiam vários e então todos eram provados, para saber qual a melhor. Na Bahia, era, ou ainda é, comum servir licor de genipapo, pelo São João. Dêle não falo porque detesto.

Mas não era só o São João que estava no ciclo folclórico da doçaria. No Carnaval faziam-se sonhos e sopa dourada. Não havia por lá no meu tempo o hábito das rabanadas, que na Bahia se chamam fatias-de-parida, pelo Natal, do que só conheci ao vir morar no Rio de Janeiro. De doces específicos em outras épocas não me recordo, mas os devia haver.

Outro doce que fascinou minha infância foi a cocada, e na Bahia são muitas e fabulosas. Desde a cocada-puxa, feita com açúcar mascavinho, com pedacinhos de côco soltos, até a cocada branca, a cocada d'ovos, além dos doces de côco de compoteira, cada qual mais gostoso. E as variantes, como pé-de-moleque e outros com rapadura.

Uma das coisas que mais adorava em garôto eram os mingaus, que se comia antes do café. Não eram feitos em casa, mas vendidos pelas pretas, o de milho, com um azedinho especial, o munguzá, o de tapioca e sei mais que outros. O munguzá, que é de milho branco, se faz também em forma sólida e, em certas regiões, ouvi chamar de pindunça.

Não estou falando dos doces eruditos, por assim chamar, separando dos folclóricos, e eram igualmente excelentes, os bolos, os bem-casados, os papos de anjo, as babas-de-mô-

ças, as ambrosias, que minha mãe fazia por uma receita que, por certo, recebeu do olimpo, numa das formas preferidas pelos deuses, as siricaias (creme de ovos) com canela por cima, os bolos maravilhosos de aipim, carimã, milho e tapioca, os famosos sequilhos, que as freiras faziam maravilhosamente, os pães-de-ló torrados, os bolos inglêses (uma vez me contaram que, na Inglaterra há um bôlo que dura um ano, o que me encheu de imensa admiração, mas nunca pude verificar se é verdadeira ou fantasiosa a informação), os bons-bocados, as mães-bentas, em suma, êsse mundo que o açúcar e o gênio humano realizam numa infindável fantasia.

Quando aos onze anos vim para o Rio de Janeiro, mudou o panorama da minha doçaria, pelo menos de um certo modo, porque em casa continuei a comer os velhos doces da minha infância. Desde logo, apareceram as compotas enlatadas, que começavam a tirar a naturalidade das coisas, pois como disse, sempre comi doce, até então, com a bôca e com os olhos. O espetáculo das confeitarias me pareceu lindo, mas nunca tão saboroso. Apareceram coisas novas, muitas deliciosas, as tortas do morango e de ameixa, os rocamboles, as goiabadas, bananadas, pessegadas, não falo de marmeladas, porque tenho horror, os pudins, os quidins, os *pavés*, os ovos nevados, as *charlottes*, em suma, variava inteiramente minha ecologia doceira. Já então, a idade não me consentia que tivesse nos doces, como acontecia em menino, um centro de interêsse.

O que no Rio me maravilhou foi o sorvete. Quando cheguei a esta terra, vindo no navio inglês *Aragon*, descendo de lanchinha no cais Faroux, para ter o impacto da grande capital, o primeiro lugar a que me levaram foi à Confeitaria Cavé, à Rua Uruguaiana, esquina de Sete de Setembro, que existe até hoje, e lá tomei um sorvete. No interior, onde vivia, sorvete era coisa rara, tomava vez por outra, quando vinha à Bahia, mas não se parecia sequer como aquêle que me deram na Cavé. Nem sei do que era, mas foi um sonho. E fiquei grande freguês de sorvete, não só nas confeitarias, e quantas havia então no Rio? como do sorveteiro com o seu pregão, *Sorvete, iaiá!*, que também desapareceu, com a industrialização, embora os modernos não sejam inferiores aos antigos. E as combinações de sorvete com doces, os Pêche-Melba e as *coupes*.

Aqui no Rio, encontrei o doceiro ambulante; dos de caixa, nem me aproximava, porque estava proibido, não eram considerados suficientemente asseados e depois havia nêles festival de môscas, mas também apareciam os que trepavam nos estribos de bondes, com o pregão: "balas, bombons, chocolates, biscoitos sinhá", e traziam o material em cestas, dependuradas no pescoço. E era freguês das rosquinhas com açúcar por cima, que comprava numa padaria da Rua Marques de Olinda, quando voltava para casa depois das aulas no Santo Inácio. Mas essas eram comidas clandestinamente, o que aumentava o prazer, pois prejudicavam o jantar.

Foi por êsse tempo, que entrei em contato com os doces folheados e de todos, talvez mais pela aparência, os pastéis de Santa Clara tiveram minha preferência mas, volto ainda à Cavé, onde serviam chocolate com brioches e palmiers.

Por êsse tempo, meu período de colegial, ocorreu um fato importante para a minha vida e para meus prazeres doceiros. Conheci a família de um velho amigo de meu pai, de tradicional nome baiano, os Lopes Rodrigues, casado com uma senhora catarinense e que tinham vivido por muitos anos no Rio Grande, e acabei me casando com uma das filhas. Então, a doçaria gaúcha, das mais ricas do Brasil, muito diferente da baiana, me deliciou. Havia sobretudo um creme de chocolate, que cheguei a aprender como se fazia e foi a minha única excursão no mundo da cozinha. Era molhado com uma calda de ovos, e marcou essa época de tão doces recordações. E as tortas de nozes e de amêndoas, os rocamboles, as broinhas de côco, os fios d'ovos, os olhos-de-sogra, as tâmaras recheadas, os bolos de camada, as queijadinhas sei lá mais o que... Tôda essa doçaria no Rio Grande me maravilhou por êsse tempo. No II Semana de Folclore, em Pôrto Alegre, houve uma exposição de doces, muito bonita, mas só para ver... Falando dos doces gaúchos como esquecer as passas de pêssego?

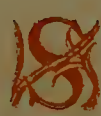
Depois, veio um período em que os doces perderam para mim um pouco do sortilégio, mas se vingaram mais tarde, quando entrei em outras atividades e, deixando as formas populares e caseiras, passei a conhecer a obra dos confeiteiros e entrei na cozinha internacional, aqui e no estrangeiro.

Dessa doçaria minha maior impressão foi a francesa, não só com os *croissants*, os *brioches*, os *profiteroles*, os *petits babás au rhum*, os *soufflés au cointreau*, os *amandises*, os *nougats*, os *beignets*, os *choux*, como ainda tortas e os doces com sorvetes e os flamejantes com conhaque, onde tem lugar de destaque, no meu paladar, o *crêpe Suzette*.

E os *marrons glacés*, da Marquise de Sevigné, muito mais admiráveis do que as cartas da famosa escritora dêsse nome, e as amêndoas cobertas e tôda a teoria dos chocolates e dos confeitos? Por mais que tudo isso seja magnífico, devo confessar que não lhe fui muito fiel, porque caí na sedução dos queijos. Sem embargo adorei os *éclairs* e as bombas, de creme ou chocolate, embora já conhecidas entre nós, os *Saint-Honorés*, as *madelaines*, e os *soufflés*, sem falar no mundo dos bombons. Presunto com fios de ovos, vim a conhecer na década de trinta, na Casa Rosada, em Buenos Aires, na recepção do General Justo a Getúlio Vargas. Aliás o acompanhamento de doces e compotas com os pratos salgados foi das grandes coisas que devemos aos alemães.

Os vinhos doces nunca foram meu forte nem meu fraco. Em jovem, seguindo um velho hábito familiar, tomava Moscatel com doces, outras vêzes Pôrto, mas acabei casando mal, vinho com doces. À mesa, os vinhos doces nunca tiveram minha preferência, nem o francês Sauternes, nem o português Grandjó, nem nenhum outro dessa linha. Minha preferência foi sempre para os vinhos secos, Champagne inclusive.

De bebidas doces, só abro exceção para os licores, em cuja listra os francêses estão lá em cima. Claro que falo de bebidas alcoólicas, porque refrigerantes não tomo, mas adoro os sucos de laranja, de maracujá, de limas, não dizendo o mesmo de outros como umbu, cupuaçu ,açaí, mangaba, genipapo, murici, bacuri, tamarindo e outros muitos, com os quais não fui nunca.

Dos Estados Unidos a minha mais grata lembrança é dos sorvetes, com aquelas caldas magníficas, que os transformam em doces saborosíssimos, *sundaes*, *milk-shake*, banana real, aparecidos aqui por volta de 1922, com as sorveterias americanas.

Minhas recordações são pequenas e raras de doces de outros países, de Portugal o maravilhoso pão-de-ló de Alfazeirao, os ovos moles do Aveiro e as queijadinhas de Sintra; o *apfelstrudel* e os *cakes* alemães, os *torrones* espanhóis, as *cassatas* e *panetones* italianos, mas em nada disso meu paladar se fixou. Com os pratos já não aconteceu o mesmo, a varias cozinhas que provei e comi me deixaram sempre impressões mais vivas. Quanto aos doces, salvo aquelas exceções, fiquei mesmo com as que me adoçaram a bôca de menino. Nunca comi nada melhor do que um toucinho do céu, um bem-casado, uma cocada-puxa, um pão-de-ló, uma canjica, um bôlo de aipim, uma torta de nozes. Dêstes é que guardo saudade enorme, quando já não os posso mais saborear.

Muitos outros açúcares, inclusive os de beterraba, me adoçaram a bôca, nas minhas andanças pelo mundo a fora. Afinal, tanto açúcar assim haveria de acabar me engordando. Então aí, tristeza! vieram os regimes alimentares. Era preciso excluir o açúcar da alimentação. Recusei todos os dietis, tôdas as suitas, tôdas essas drogas. E na velhice, não como mais doce e só bebo café amargo... mas que saudade do açúcar...

# FOLCLORE E ESPORTE

GILBERTO FREYRE

SERÁ possível falar-se de uma associação de esporte com folclore? Parece que sim, definido folclore em têrmos sociológicos que incluam o que Fairchild chama "the so called wirdom o a folk."

Estamos, entretanto, tão habituados a supor o esporte atividade essencialmente civilizada e burguesa, nos esquecemos desta sua outra ligação: com as sub-culturas primitivas; com as sub-culturas iletradas; com as sub-culturas populares opostas às sub-culturas burguesas ou aristocráticas, dentro de um complexo nacional ou transnacional de cultura. Dai haver até uma sociologia especializada no estudo da chamada "folk society".

O esporte, por vêzes parente de danças primitivas ou populares, faz parte, no segundo caso, do folclore ou das "folkways" característicos de uma cultura nacional. A capoeira afrobrasileira, por exemplo, é como poderia ser sociològicamente classificada dentro da cultura nacional do Brasil como um esporte folclórico. E é pena que não se valorize mais, no nosso país, êsse esporte folclórico de origem primitiva, dando-lhe a categoria de um esporte castiçamente nacional que fôsse adotado — inclusive — pelas Fôrças Armadas.

É aliás, o que parece ter acontecido a outros esportes folclóricos que, de folclóricos, têm passado a nacionais e a modernos e, nessa categoria, a expressões mais amplas do *ethos* de um povo ou de uma nação.

Discutiu-se recentemente, em reunião do Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, o tema ESPORTE E TRÓPICO. O conferencista foi o Professor João Lyra Filho, Reitor da Universidade da Guanabara e conhecida autoridade em assuntos de Sociologia do Esporte. Trabalho ricamente sugestivo, o seu. E interessantíssimas as discussões que provocou, os problemas que pôs em foco, as interrogações que suscitou. Inclusive as que, como participante do mesmo Seminário, eu próprio me animei a fazer ao conferencista — mestre na matéria — procurando atrair a atenção dos demais participantes da reunião para os aspectos mais sociológicos do tema, ao lado dos mais telúricos: no caso, tropicais.

Isto depois de ter lamentado duas ausências na importante reunião: a de Mário Rodrigues Filho, autor do excelente O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO e a de Nelson Rodrigues. Nelson Rodrigues vem escrevendo, ùltimamente, crônicas esportivas — sôbre futebol brasileiro — com um vigor literário que lembra o de Hemingway com relação às touradas espanholas; e com igual sensibilidade aos aspectos folclóricos do já abrasileirado esporte "inglês."

Será o trópico — perguntei naquela reunião — um conjunto de regiões como que por natureza ou por ecologia hostil ao esporte, de modo a só terem suas modernas populações esportes importados? Serão seus jogos nativos — os primitivos e os folclóricos — de tal modo inferiores aos importados que devemos nos envergonhar dêles e substituí-los todos pelos esportes burgueses ou aristocráticos, vindos das regiões temperadas ou frias e por vêzes, talvez, anti-ecológicos, se se admitirem, no homem tropical, um sistema de sudação ou de transpiração — com o chamado por Schmaedel "poder químico da luz" a afetá-lo — uma relação de pigemento com clima ou com luz, um metabolismo, até, que não seriam precisamente idênticos aos do homem das regiões temperadas e das regiões frias? Serão a capoeira afrobrasileira, o como que "jôgo de bola" a cabeçadas com bola de borracha — e a borracha tropical tem desempenhado papel saliente no desenvolvimento dos *sports* civilizados — de indígenas da América tropical, a pesca submarina com uns como óculos de feitio primitivo, tradicional entre nativos do Timor, esportes indignos de atenção, de valorização, de recuperação?

Estarão frutas, alimentos e refrescos tropicais — e lembro o caju, a pitanga, o mate, o guaraná — sendo cientìficamente estudados com o fim especial de serem utilizados — ou não — na alimentação ou na dieta de jogadores dêstes ou daqueles esportes praticados nos trópicos? Não devem merecer nossa consideração sugestões como a que me fêz John Dos Passos, quando estêve no Recife, no sentido de ser aproveitada a folclórica e tropicalíssima jangada do Nordeste do Brasil para um *sport*?

Note-se da natação como esporte moderno — data, como tal, de 1837: ano do seu comêço oficial na Inglaterra — que muito deve a inspirações ou sugestões além de tropicais, primitivas ou folclóricas. Os estilos esportivos de natação adotados pelos inglêses desde aquêle ano foram em 1893 modificados notàvelmente pela aplicação, aos mesmos estilos, de observações com os nativos da América do Sul, feitas por Mr. Arthur Trudgen, tendo resultado, dessa tropicalização, o *double overarm*, com os braços do nadador sendo levados para a frente alternativamente. Nova tropicalização ocorreria algum tempo depois com a substituição do chamado "golpe de tesoura" das pernas pela agitação, das mesmas pernas, em plano vertical: cópia do estilo de natação dos indígenas da Austrália tropical. Acredita-se que êste estilo — o de natação mais rápida e, por conseguinte, mais esportivo — fôsse praticado também pelos indígenas de algumas das ilhas dos Mares do Sul; e é possível que estilo semelhante de nadar se encontrasse entre ameríndios, inclusive brasileiros.

Entretanto, o Brasil, que poderia vir se inspirando em modelos tropicais — nativos, folclóricos, — de natação dos seus próprios indígenas para o desenvolvimento do esporte de natação, quer entre nós, quer em escala internacional, vem sendo, no assunto, apenas, ou principalmente, imitativo; e segundo um especialista na matéria, aplicando métodos de treinamento de seus nadadores "depois de muito uso noutros países", isto é, depois de já arcáicos nesses países. Países frios e temperados que se têm inspirado, para o perfeiçoamento dêsses métodos, em técnicas de indígenas de regiões tropicais: inclusive do próprio Brasil. São técnicas que constituem, nesse setor, a chamada "folk wisdom", a "folk" compreendendo tribu ou grupo primitivo ou a massa iletrada ou menos letrada de uma população.

# O AÇÚCAR NA VIDA E NA OBRA DE OLIVEIRA LIMA

FERNANDO DA CRUZ GOUVÊA

*Oliveira Lima, em Pernambuco, por volta de* 1919. *Segundo Aníbal Fernandes, o autor de* D. João VI no Brasil, *trajando roupas de brim, costumava aparecer, à tarde, no* Diário de Pernambuco *para levar seus artigos e conversar com os redatores do jornal — Reprodução de original existente na "Coleção Francisco Rodrigues", do Museu do Açúcar, do Recife.*

"Nasci no Recife a 25 de dezembro de 1867", escreve Oliveira Lima nas suas "Memórias", (1) livro póstumo aparecido há 30 anos atrás em meio a manifestações de protestos, contra o que, para muitos, parecia uma vingança além-túmulo do autor. Na verdade, com uma franqueza muito próxima da intolerância, Oliveira Lima juntara às reminiscências do seu jornadeio diplomático e de sua vida intelectual, páginas cheias de revelações sôbre fatos adormecidos ou pouco conhecidos ligados a figuras e acontecimentos nacionais e estrangeiros do final do século passado e princípios do atual.

Dono de um temperamento que jamais recusou as lutas ditadas pelos seus extremados brios, Oliveira Lima muitas vêzes envolveu-se, sobretudo pela imprensa, em polêmicas, não raro revestidas de agressividade, "defendendo as boas causas", como costumava dizer. Conserva-se-ia nessa linha de coerência ao redigir suas "Memórias", utilizando a mesma "pena acerada", que reconhecia possuir, para retratar, com arte literária, a visão mundana e intelectual do seu tempo, sem esconder as palavras ou fugir aos seus julgamentos.

Passadas três décadas de sua publicação, parece evidente que as "Memórias" perderam a feição contundente com que foram recebidas pelos contemporâneos submetidos ao enfoque de Oliveira Lima. Já não provocam mais a edição irada de um suplemento literário, acolhendo as réplicas dos que se sentiram atingidos pelos traços às vêzes caricaturais que os despiam das roupagens olímpicas que gostariam de seguir ostentando, como diria o Sr. Gilberto Freyre.

Daí afirmarem alguns que a leitura das "Memórias" não desperta a mesma impressão de surprêsa causada há 30 anos atrás quanto a conceitos exagerados ou contundentes expedidos por Oliveira Lima. Em artigo recente (2) o Sr. Barbosa Lima Sobrinho admitiu não ter sido o autor de "D. João VI no Brasil" tão excessivo nas referências aos seus contemporâneos, limitando-se apenas a repetir o que em vida escrevera a respeito de todos êles, e em suas palavras ou em seus julgamentos, de homem também nunca poupado, há uma linha de rigorosa coerência entre os dois Oliveira Lima, o vivo e o morto. Nota-se até que se atenuaram muitos libelos, muitos inimigos foram omitidos ou anistiados e os louvores superaram as restrições.

Todavia, mais do que aos próprios adversários, o gôsto de Oliveira Lima pelas polêmicas a que se entregava, por vêzes profundamente ressentido, mas deixando, segundo o Sr. Luís Delgado, (3) a impressão "de levar tudo conformadamente e com bom humor", terminaria fazendo do "D. Quixote Gordo de Parnamirim", no dizer do Sr. Gilberto Freyre, que privou de sua intimidade, um personagem quase incômodo para os oportunistas que se diziam seus amigos, mas eram por êle colocados no devido lugar.

Embora expressiva essa atividade jornalística de Oliveira Lima tem um interêsse secundário para estas notas que se propõem assinalar, em rápido bosquejo, as referências feitas ao tema "açúcar" nas obras históricas que escreveu após intensas pesquisas. Quem se entregar à leitura dos estudos e das reminiscências póstumas de Oliveira Lima, encontrará, pelas sistemáticas referências, um historiador conhecedor da influência dêsse produto na formação brasileira, e ao mesmo tempo um escritor que não obstante a formação européia e as longas permanências no estrangeiro, desempenhando missões diplomáticas, conservou-se fiel a sua província e sensível aos valôres criados pela chamada civilização açucareira, em cujo seio viveu intimamente.

Nascido no Recife, numa época em que a calma provinciana apenas era quebrada de tempo em tempo pelo alegre repicar dos sinos festejando as vitórias alcançadas na guerra paraguaia, Oliveira Lima teve como cenário de sua infância o velho burgo, "capital do açúcar", que continuava entregue à mesma atividade já descrita pelo autor de "Tratado Descriptivo do Brasil em 1587"

Decerto habituou-se êle a ver passar as ruidosas carroças de tração animal levando açúcar dos "passos" então existentes nas cercanias do Recife, para ser embarcado no pôrto, aonde também chegavam as barcaças com a produção dos velhos engenhos litorâneos. Por outro lado, a presença, sempre freqüente dos parentes maternos, senhores de engenho, no sobrado patriarcal de seu pai, abastado comerciante português na praça recifense, proporcionar-lhe-ia uma visualização dos "personalia" e problemas do clã canavieiro que, no dizer de um estudioso da formação sócio-econômica brasileira, forneceu a primeira equipe de homens de estado do Império, desde que o Brasil encetou sua caminhada de país livre.

Informa Oliveira Lima em suas "Memórias" que sua mãe "era de Rio Formoso, nascida no Engenho Antas, de propriedade do Marquês de Olinda e arrendado a meu avô Miranda, transmontano de Chaves que no Brasil casara na família Castro Araújo". Acrescenta, mais adiante, que, ao se mudar com seus pais em 1873, para Lisboa, "de Pernambuco eu trazia recordações que em breve se fizeram vagas: um dia passado no engenho de meu cunhado Araújo Beltrão. onde eu passeara pela primeira vez a cavalo, montado na maçaneta e seguro por um escravo, porque até então a minha montaria fôra um carneiro por nome Cadete".

Nessa passagem Oliveira Lima deixa ver os momentos de menino de engenho, vividos naquele mundo cheio de encantos que o motivaria ao ponto das recordações acompanharem-no quando, aos 6 anos de idade, foi levado com a família, para Lisboa onde faria sua formação. Sua vivência nos canaviais seria na infância muito mais curta do que a desfrutada por Joaquim Nabuco, de quem já se disse ter encontrado no engenho "o pano de fundo" de sua vida; mas, assim como o menino de "Massangana", Oliveira Lima também teve, é êle quem diz, o seu moleque e o seu carneiro, bens que não faltavam aos meninos de engenho, conforme lembrou Anibal Fernandes em feliz achado ao tracar o perfil do autor de "Minha Formação" (4).

O fato de ter Oliveira Lima nascido no seio de uma família ligada aos canaviais, circunstância que lhe permitiu, certamente, conhecer ainda criança o mundo de atrações de um menino de engenho e que seus sentidos recebessem como primeiras emoções as cenas ligadas ao açúcar, os rumores dos canaviais, as estórias, a poesia dos velhos bangües, não significa que as repetidas alusões ao tema "açúcar" em sua obra histórica tenham sido influenciadas pelo seu deslumbramento diante do painel da mata pernambucana. Tais ligações ou recordações são válidas como elemento biográfico, ou melhor, como explicação de sua circunstância, no sentido empregado por Ortega y Gasset. As referências sôbre a presença da indústria do açucar no passado brasileiro, porém, decorrem do conhecimento histórico de Oliveira Lima de certo modo antecipado em relação aos estudiosos da epoca e lastreado pelas pesquisas e domínio das fontes documentais de maior importância.

"O meu gôsto pelos assuntos históricos foi temporão", esclarece Oliveira Lima nas "Memórias". Êsse interêsse pela História, cedo manifestado, teria no seu tio, o Juiz Quintino, um grande incentivador, sempre lembrado em lhe enviar as coleções da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" e obras sôbre Pernamuco, como as "Memórias Pernambucanas", de Fernandes Gama e a "História da Revolução de Pernambuco

*Casa-grande do Engenho Antas, que pertenceu ao Marquês de Olinda, e aonde nasceu a mãe de Oliveira Lima — Reproduzido do livro de Luís da Câmara Cascudo,* O Marquês de Olinda e seu Tempo (1793-1870), *Coleção Brasiliana, São Paulo,* 1938.

em 1817" de Muniz Tavares, que mais tarde Oliveira Lima comentaria com tanta autoridade, passando suas notas a constituirem, talvez, a parte mais valiosa dêsse trabalho. Às publicações, juntava o tio, cartas, animando, o que chamava, o pendor filo-bibliográfico do sobrinho distante, no que andava certo, pois confessa Oliveira Lima, tais incentivos provocaram seu entusiasmo pela "História do Brasil" de Robert Southey e o levaram a optar pela Faculdade de Letras de Lisboa, onde, "para ensaiar a pena", promoveu a edição do jornal "Correio do Brasil".

Formado, veio ao Brasil em 1890. Recordando essa volta ao cenário da infância, diz nas "Memórias" que "fui passar o Natal — a festa, como se chama no Norte — em Pernambuco, antes de seguir para o meu pôsto de 2.º Secretário em Lisboa... Mês delicioso... Parte em casa de um irmão em Sant'Ana... Parte nos engenhos da família do Barão de Suassuna, com cuja irmã mais velha era casado meu irmão, Da. Paula, senhora em que se conjugaram dotes singulares de disposição, energia e caridade, verdadeira dona de casa pernambucana, das que criaram êsse tipo lendário. Saboreei com apetite dos vinte e poucos anos — prossegue — os petiscos excelentes da nossa cozinha luso-brasileira que Gilberto Freyre está tratando de valorizar e n'alguns casos reviver; os banhos de rio à sombra dos ingazeiros em cujos ramos adejavam bandos de beija-flores; os passeios a cavalo pelas estradas entre os verdes canaviais ou abertas nas matas frondosas em que árvores linheiras buscam as carícias do sol acima da vegetação nodosa e escura em cujas fôlhas trinavam pássaros, em cujos troncos se acoutam em tocas, pacas e tatus difíceis de supreender".

Essa descrição, com tintas impressionistas, marcaria o reencontro de Oliveira Lima com o mundo de sua infância, idealizado em têrmos deslumbrados. No ano seguinte, 1891, casaria êle com a mulher que completaria admiràvelmente sua vida, uma sinhá autêntica, dona Flora de Albuquerque Cavalcanti, de antiga família de senhores de engenho, que contava com diversos titulares do Império.

O segundo pôsto diplomático de Oliveira Lima seria Berlim, onde encontraria, como chefe da missão, o Barão de Itajubá, "o equilíbrio intelectual e moral em pessoa", um mestre amigo. Segundo escreveu nas "Memórias", "tínhamos mesmo alguns pontos de contato: o espírito de ordem juntamente com o trabalho, eram-nos comuns e Itajubá folgou ter-me por secretário como eu de tê-lo por chefe. Só queria que eu fôsse mais mundano e menos literato, isto é, que gostasse mais da vida de sociedade e menos da vida de biblioteca... uma questão de proporção para o seu senso rítmico".

Reunindo, dessa forma, tôdas as condições para iniciar a construção de sua obra histórica, depois de pesquisas em bibliotecas e arquivos europeus, publicava Oliveira Lima em 1893, na Alemanha, seu primeiro livro,

"Pernambuco — Seu Desenvolvimento Histórico", (5) a que se seguiria "Aspectos da Literatura Colonial Brasileira" (6). Na apresentação de sua primeira obra, afirmava que o título dêsse trabalho indicava a sua índole: "Não constitui êle uma história de Pernambuco, pacientemente investigada... Pretende ser, singelamente, o quadro da nossa evolução política e social, nos quatro séculos de história que contamos... Em todos, procurei os fatos pernambucanos, dos quais tentei explicar a significação relacionando-os com a marcha da civilização brasileira e prendendo-os com os acontecimentos do Velho Mundo, de que êles foram efeitos ou reflexos. Em todo êste trabalho, animou-nos sobretudo e seja esta sua recomendação, o amor à Terra Natal".

Ainda hoje considerada a melhor síntese da história pernambucana, seu livro de estréia foi bem recebido pelos estudiosos. Barbosa Lima, então Governador de Pernambuco, elogiou-lhe a obra e o Barão de Lucena manifestou-lhe uma amizade que Oliveira Lima atribuia à circunstância de ter escrito sôbre a história de Pernambuco, culto permanente nas conversas da residência carioca do Barão.

"Pernambuco — Seu Desenvolvimento Histórico", marcaria o início de uma obra histórica, que, no julgamento do Sr. José Honório Rodrigues (7), viria a representar "um dos mais poderosos conjuntos de interpretação da vida brasileira, especialmente do período pré-independência e independência". Lembra o autor da "Teoria da História do Brasil" que Oliveira Lima não se limitou ao figurino histórico brasileiro, isto é, "aos aspectos puramente políticos... mas também às relações profundas entre os fundamentos econômicos e ideais". As alusões a temas de natureza sociológica e antropológica deram à sua obra, uma dimensão nova, antecipada em relação ao que faziam os historiadores brasileiros, e o levaram a mencionar, embora sem acrescentar documentação nova, a incidência do açúcar no nosso processo histórico, deixando ver a influência profunda que êsse produto exerceu nos séculos da existência do País.

A primeira menção ao açúcar encontrada nesse livro diz respeito ao interêsse de D. Manoel, rei de Portugal, em que se introduzisse no Brasil o fabrico do açúcar, deixando, assim, a terra descoberta de ser apenas uma exportadora de pau-brasil e outros produtos secundários para os que buscavam as riquezas orientais. Acrescenta Oliveira Lima que a recomendação real surtiu efeito, pois, segundo citação de Varnhagen (8), já em 1526 "pagava direitos na Casa da Índia... açúcar vindo de Pernambuco".

As preocupações do monarca português tomaram corpo em dois alvarás datados de

*Casa-grande do Engenho Matapiruma, edificada em 1840 pelo Visconde de Utinga, avô de dona Flora, mulher de Oliveira Lima.*

1516, não citados por Oliveira Lima em sua dissertação.

No primeiro dêsses documentos mandava o rei fornecer "machados e enxadas e tôda mais ferramenta às pessoas que fôssem povoar o Brasil" e, através do segundo, ordenava ao feitor e oficiais da Casa da Índia que "procurassem e elegessem um homem prático e capaz de ir ao Brasil dar princípio a um engenho de açúcar, e que se lhe desse uma ajuda de custo, e também todo o cobre e ferro e mais coisas necessárias"; os têrmos dêsse diploma levaria o Sr. Gil Maranhão a afirmar, em trabalho definitivo sôbre a implantação da indústria açucareira no Brasil (9), que "tal medida pressupõe a anterioridade na cultura da cana, sem a qual não se determinaria a montagem do engenho".

A entrada de açúcar "vindo de Pernambuco" em Lisboa, em 1526, ainda segundo o Sr. Gil Maranhão, estava relacionada com a pública-forma de uma certidão, datada de 1755, do alvará de 5 de julho de 1526, encontrado por Varnhagen, ordenando a Cristóvão Jacques permitir o regresso a Portugal de "Pero Capico, capitão de uma das capitanias do dito Brasil" — que estaria localizada em terras de Olinda — "autorizado a conduzir tôdas as suas peças de escravos e mais fazendas: contanto que virão direitamente à Casa da Índia, para pagarem os direitos de quarto e vintena..." Após outras considerações quanto à data provável da chegada de Capico a Lisboa, conclui o Sr. Gil Maranhão: "A relevância dêsses pormenores para o nosso trabalho patenteia-se em face do registro de pagamento de direitos, na Casa da Índia, em 1526, de algum açúcar de (Pernambuco e Tamaracá), justamente o quarto de vintena (30%) a que estavam sujeitas as mercadorias de Pero Capico, transportadas pelo seu proprietário até Lisboa, talvez naquele ano. Pertencer-lhe-ia o açúcar? Como o adquirira?".

A partilha do Brasil em capitanias e a entrega subseqüente de Pernambuco a seu donatário Duarte Coelho, é estudada por Oliveira Lima, tanto em "Pernambuco — Seu Desenvolvimento Histórico", como em "Formation Historique de la Nationalité Brésilienne" (10), livro em que reuniu as conferências pronunciadas na Sorbonne, em 1911. Conta, resumidamente nesse trabalho que "au nord Pernambuco agissait comme un centre actif de civilization", e a situação geográfica favorável seria um fator ponderável para seu desenvolvimento, mas, na verdade, sua fortuna seria devida a seu donatário Duarte Coelho, que executou, com energia e austeridade, um plano de colonização e estabeleceu em bases firmes, a fabricação do açúcar na região. Surgiu a partir daí, diz Oliveira Lima, "le caractère aristocratique de Pernambuco, qui s'est maintenu très accusé, du moins pendant que subsista l'esclavage sur lequel se basait son exploitation agricole, et l'industrie du sucre très considérable qui en constitue encore aujourd'hui la principale ressource, sont les résultats vivants de la réussite de ce cas particulier d'une tentative générale, mais dépaysée et surannée, de gouvernement féodal". Sem as limitações de uma palestra dirigida a estrangeiros, a administração de Duarte Coelho foi melhor interpretada por Oliveira Lima em seu primeiro livro, assim como, anos mais tarde, no trabalho que escreveu sob o título "A Nova Lusitânia" (11). Aparecem aí, estudados mais extensamente, a figura e os triunfos de Duarte Coelho na aventura que em carta ao soberano diria "tivera de conquistar a palmos a terra que lhe fôra dada às léguas", e, mais tarde, noutra missiva encaminhada a el-rei, em 1549, afirmaria que "indo a terra para bem como louvores a deos vay", o que para Oliveira Lima significava ter a capitania prosperado econômica e sociològicamente. Também há referências ao cultivo da cana e ao fabrico do açúcar nos engenhos levantados pelo donatário que, para tanto, "tomara a precaução de trazer consigo capatazes proficientes já adestrados na Madeira e em São Tomé, e obreiros industriosos, pela mór parte judeus, que eram o melhor elemento econômico do tempo e que lucravam com fugir à fúria religiosa que grassava na Península". A descrição feita do funcionamento e produção de um engenho de açúcar é baseada nos "Diálogos das Grandezas do Brasil", cuja autoria, nos livros citados, atribuía a Bento Teixeira Pinto, a exemplo de historiadores de seu tempo, inclusive Varnhagen, que a isso alude nos posfácio da edição dos "Diálogos", datada de 1877, acrescentando, porém, Oliveira Lima no seu estudo sôbre a literatura colonial brasileira, com uma prudência de bom historiador, ser a *Prosopopéia* a "única obra que sem contestação lhe pertence". Como se sabe, pesquisas recentes levadas a cabo pelo Prof. José Antônio Gonsalves de Mello esclareceram ter sido Ambrósio Fernandes Brandão, um dos primeiros senhores de engenho que em Pernambuco se dedicaram às letras, o verdadeiro autor dos "Diálogos", agora publicado já em 2.ª edição pela Universidade Federal de Pernambuco, segundo o apógrafo de Leiden (12). Nos livros não limitados apenas às questões ligadas à independência brasileira, Oliveira Lima cita cronistas quinhentistas, como Gabriel Soares de Souza, destacando a defesa que êste senhor de engenho do recôncavo baiano fazia da variedade da cultura da terra, e o Pe. Fernão Cardim, com suas ricas informações acêrca da atividade açucareira do Nordeste do Brasil, e, também, sôbre o luxo em que viviam os senhores de engenho ou traficantes de escravos em suas casas de cidades como Olinda, malgrado as restrições à suntuosidade contidas no regimento de Tomé de Souza.

Foi pelo testemunho do "chistoso" Cardim, como diz Oliveira Lima em seu estudo sôbre a literatura colonial, que chegaram até os nossos dias muitas notícias dos faustosos banquetes, dos adornos nos cavalos, da grandeza

das vivendas rurais pernambucanas, segundo êle, mais ricas que as da Bahia, e onde "o agasalharam e aos seus companheiros, não em rêdes indígenas, mas em leitos de damasco carmezim franjado de ouro, e ricas colchas da Índia". Baseado nessas fontes, assinala Oliveira Lima que os pernambucanos "gastavam com prodigalidade, porque com facilidade ganhavam", e que nessa província estavam localizados 66 dos 120 engenhos existentes no Brasil, com uma produção de duzentas mil arrobas de açúcar e não podiam dar vencimento à cana. Quarenta e cinco navios fundeavam em média, no correr do ano, diante do Recife, suprimindo a importação e transportando para Portugal o açúcar e o pau-brasil. Em "Aspectos da Literatura Colonial Brasileira", não esqueceu de citar as cartas de Felipe Sassetti, um comerciante florentino que tratando do tráfico português com o Oriente, fala rápido sôbre Pernambuco, baseado em notícias trazidas por marítimos de volta do Brasil. Ressalvando a influência da imaginação popular quase fabulosa em tôrno da matéria, escreve Oliveira Lima que "outras coisas contudo se citou de plausível realidade: por exemplo, o que nos interessa como documento, a fortuna de Filipe Cavalcanti, compatriota de Sassetti, estabelecido no Brasil com engenhos de açúcar, dispondo lá de extensos territórios e gozando de tão dilatada autoridade que até contrastava a do governador". E acrescenta que a despesa anual dêsse senhor de engenho orçava em mais de 5.000 escudos.

Não poderia Oliveira Lima deixar de citar as cartas jesuítas igualmente cheias de informações "de grande utilidade para a reconstrução da pristina vida brasileira", e, sôbre a região açucareira do Nordeste, na segunda metade do seculo XVI. Nelas os padres aparecem como elementos moderadores nas rixas entre donatários e governados, e defensores do gentio, notando Oliveira Lima, porém, que nessas cartas há menos côr sôbre o espírito local dos colonos do que nos escritos de cronistas como Bento Teixeira Pinto (sic) e Gabriel Soares de Souza "que lidaram pelo desenvolvimento da riqueza do país".

Os escritos dos jesuítas, no seu entender, careciam também de entusiasmo pelo Brasil, que os padres substituiam pelo cuidado nas vantagens obtidas pela Ordem e ainda pela glória da introdução do catolicismo no seio duma população profusamente mesclada. Essa caracteristica, observa Oliveira Lima, no mencionado trabalho literário, seria alterada sòmente no século XVIII, "quando a Congregação saciada de poder e mando, deu-se ao luxo de ter emoções pessoais, é preciso ir buscar em um estrangeiro, o Pe. Andreoni, que sob o pseudônimo de Antonil escreveu um belo livro descritivo merecedor das honras do confisco, aquela vibração de sentimento local".

Segundo diz, a Companhia de Jesus por ser "altamente recomendada pelos reis, recebia atenções dos governadores e seu poderio crescia constantemente na direção de um ideal aparentemente desinteressado". A propósito de um auto levado à cena pelos padres, em 1575, tão sugestivo que fêz muitos homens abastados se despojarem de seus bens — segundo Pereira da Costa —, acrescenta Oliveira Lima que "os jesuítas e os senhores de engenho davam fixidez àquela sociedade heterogênia a qual laboriosamente embolsava seus ganhos sem outros pensamentos além das chimeras provocadas por notícias do ouro, vindas do sul".

Nos seus escritos há referência à "ação despótica" que o solo exercia sôbre os proprietários de engenhos, uma mistura de tipos humanos, alguns dos quais, acredita, mereceriam a atenção de Lombroso. Um engenho pronto, naquela época, custava cêrca de dez mil cruzados, e descrevendo a fabricação do açúcar, diz Oliveira Lima que "grandes escravarias colocavam as canas recoltadas entre os eixos que movia a roda, batida pela corrente ou girada por animais; limpavam o sumo das caldeiras de cocção; faziam-no coalhar e criar corpo, e finalmente purgavam e branqueavam o açúcar em fôrmas de barro".

De como viviam os primeiros senhores, o processo de adaptação ao meio a que eram submetidos, a substituição de hábitos inclusive culinários trazidos de além-mar, pelos valôres novos decorrentes do contato com a gente e a natureza tropicais, fala ràpidamente dizendo que "fora do trabalho, regalavam-se os fazendeiros com banquetes, nos quais a cozinha pátria já não podia blasonar de genuína pela infiltração de temperos indígenas e a introdução de novos e magníficos legumes, caças e pescados que faziam esquecer no gôsto os da metrópole".

"Com o contínuo aumento da produção e constante estimação do açúcar — escreveu Oliveira Lima em sua primeira obra — a riqueza de Pernambuco cresceu palpàvelmente nos começos do século XVII, e com ela o luxo dos moradores e a distensão da moralidade". Referia-se, êle, ao abandono dos princípios de autoridade deixados por Duarte Coelho, resvalando a administração para os descaminhos do pau-brasil, o qual tornar-se-ia tão impotente a ponto de não conter o aumento da criminalidade e levaria a Relação, instalada na Bahia, em 1609, para cercear as atribuições do ouvidor-geral, a se tornar inócua. Mencionando mais uma vez os "Diálogos das Grandezas do Brasil", Oliveira Lima enumera em sua primeira obra alguns dos motivos que levavam os moradores a preferir que suas causas, em lugar de serem encaminhadas à Bahia para apelação, seguissem para o Reino onde as partes podiam cobrir os gastos de seu processos "com um caixão de açúcar consignado a um parente ou amigo", coisa que nem todos dispunham na Bahia. Fala também do aumento da produção açucareira nas províncias anexas de Itamaracá e Paraíba, esta última rendendo, em 1618, nos dízimos, doze mil cruzados de açúcar *fino e apurado,* vendido em Pernambuco. Quanto ao "morgadio de Ita-

maracá" — adianta Oliveira Lima — "com gente rica nos seus engenhos e cinco grandes missões jesuíticas, uma das quais de cinco mil frecheiros, segundo a estatística do sargento-mór Diogo de Campos, autor da *Razão do Estado do Brasil,* era dobrada fonte de receita para o soberano e para o donatário". Aproximava-se, todavia, o momento em que essa região, maior produtora de açúcar no mundo de então, despertaria, por êsse motivo, a cobiça dos comerciantes holandeses, levando-os a armar as expedições que lhes daria, afinal, a posse de Pernambuco, de 1630 a 1654. Dedicou 142 páginas da sua história de Pernambuco ao domínio holandês no Brasil, o que deve ter aumentado em Capistrano de Abreu a opinião de que os historiadores concediam excessiva importância a um episódio litorâneo passageiro, desprezando o que a êle parecia mais significativo: o povoamento do sertão. Na maior parte descreve os acontecimentos militares, excetuando-se a apreciação feita do Govêrno de Maurício de Nassau, que "embora sendo um homem de guerra, sentia, todavia, especial vocação para a tranqüilidade de um govêrno pacífico e esclarecido". Tôdas as iniciativas devidas a êsse Príncipe no sentido de restaurar a conquista, particularmente a produção açucareira devastada pelas campanhas, são mencionadas por Oliveira Lima, baseado em fontes já conhecidas. A propósito, assinalou o Prof. José Honório Rodrigues, (13) "Oliveira Lima (1867-1928), foi um dos nossos maiores historiadores pela formação, pelo preparo crítico e método lógico, pelo estilo fluente e claro, contribuindo bastante para a história do período que estamos estudando. *Pernambuco e seu desenvolvimento histórico* é realmente uma admirável síntese. Bem escrito, bem pensado, bem exposto, o livro conseguiu o objetivo de apresentar uma excelente visão de conjunto da história de Pernambuco. Não é, como queria o próprio José Higino, numa crítica da época, superior a Netscher e Varnhagen, pois não possui a mesma riqueza de informação e o mesmo conhecimento das fontes."

Suas notas sintéticas, mas ricas do que de essencial ocorreu na administração nassoviana, representam também um sugestivo subsídio para o perfil dêsse príncipe alemão a serviço da Holanda, tomado de encantos pela terra pernambucana.

A descrição que faz Oliveira Lima, em seu livro sôbre a história pernambucana, da partida melancólica do incompreendido Nassau de volta para a Holanda, sua caminhada pela praia até a Paraíba, tem o valor, a fôrça e o colorido de um tela a óleo. Sua leitura permite que se acompanhe o Conde e seu séquito naquele "maio florido e perfumado", passando os olhos "pela vez derradeira pelos campos cobertos de vegetação, a vegetação que êle amava, impetuosa, esplêndida, selvagem"... que os artistas por êle trazidos ao Brasil apreenderam em múltiplas telas, hoje um magnífico documentário sôbre o Nordeste brasileiro no século XVII. As despedidas cheias de ternura que os habitantes corriam a apresentar, supõe Oliveira Lima que muito aumentaram a saudade de Maurício, o Brasileiro, "na paz o antagonista de tôda a tirania", pela terra pernambucana, cuja imagem "os anos e as aventuras nunca puderam apagar". Um pouco daquilo que se passaria com êle próprio, no exílio voluntário de Washington.

"La liberté dont les seigneurs d'engenho, grands planteurs de Pernambuco — de vrais seigneurs par les origines, les manières et le faste — affichaient l'amour n'était autre, que celle d'en agir à leur guise, de dominer depuis les bourgeois commerçants jusqu'aux capitaines généraux", afirmou Oliveira Lima, nas suas conferências na Sorbonne, evocando o sentimento nacionalista que se apossou da nobreza da terra, após a expulsão dos holandeses, pouco disposta, desde então, a suportar o jugo dos capitães generais violentos e sórdidos, "mais atentos aos seus interêsses que às suas obrigações", conforme citação de Rocha Pita. Era o prenúncio da guerra contra os mascates que nasceria da ojeriza votada pelos fazendeiros aos negociantes, "além da razão da nacionalidade, um motivo especial na execração acalentada por todo o devedor contra o seu credor". Fala Oliveira Lima dos mascates desembarcados sem vintém e que, a trôco de trabalhos e rigorosa economia, obtinham uma fortuna que a agricultura não favorecia. "Vendiam-lhe os senhores de engenho os açúcares que fabricavam, mas com os antigos hábitos de vida faustosa, e elevado valor das escravarias, e com os preços descendentes do gênero, podiam raramente saldar, por meio daquelas remessas, os débitos contraídos nas casas dos correspondentes, os quais, de resto, geralmente abusavam da situação penosa dos seus comitentes". Sucederam-se as hostilidades entre pernambucanos liderados pelos senhores de engenho de Olinda contra os portuguêses do Recife chamados de mascates, refletindo-se nessa luta o extremado choque de interêsses econômicos das duas partes, ou como registraria Oliveira Lima "era um dos motivos da rebelião contra os holandêses que reaparecia chocando a vaidade dos enricados com o despeito dos empobrecidos". O resultado não seria favorável aos pernambucanos, que ainda teriam de repetir seus protestos até alcançar a emancipação do jugo colonial. Salienta Oliveira Lima no seu primeiro livro, repetindo-se depois nas anotações feitas ao trabalho de Muniz Tavares sôbre a revolução de 1817, (14) que "a decadência de Pernambuco continuou, ininterruptamente, durante todo o século XVIII. A produção do açúcar, principal, senão única riqueza da capitania, e gênero do qual, segundo estatísticas em cuja fidelidade não se pode inteiramente confiar, eram exportados do Brasil, logo em seguida à expulsão dos holandeses, mais de cem milhões de libras aos preços de 960 e 1.120 reis a arroba, baixara nos meados dêsse século a oitenta milhões de libras, e a pouco mais da metade dezesseis

*Engenho Cachoeirinha, que pertenceu a Manuel Cavalcanti, "Minô", sogro de Oliveira Lima — Reprodução de um quadro de Telles Júnior, do acêrvo do Museu de Arte, de Olinda.*

anos depois, descendo ao mesmo tempo os preços a tal ponto que no fim do século dava-se a arroba por 120 a 100 réis. As conseqüências da produção antilhana e da corrida do ouro devida à descoberta das minas, concorriam para a má situação econômica de Pernambuco, quando no comêço do século XIX" — continua Oliveira Lima nos trabalhos acima citados — "deu-se o levantamento da província, proporcionado pelas guerras napeleônicas, o aniquilamento de São Domingos, presa de revoltas, e o declínio das colônias espanholas e inglêsas." Lucraria a província, com a melhoria dos preços de seus artigos de exportação, sensìvelmente o açúcar, cuja produção, segundo o autor, chegaria em 1802, à de um século atrás. Citando relatos de viajantes inglêses, refere-se aos senhores de engenho de Pernambuco, dizendo que "viviam com regalo e mesmo com magnificência, adaptando-se sem dificuldade às transformações que no antigo viver iam provocando o contato dos estrangeiros e a importação das manufaturas européis". Mas, acrescenta, "a agricultura, condição da existência pernambucana, continuava servida por velhos processos", enquanto aproximava-se nova fase de ebulição política, que levaria a 1822, isto é, os episodios da conspiração dos Suassunas, senhores de engenho, e algum tempo depois a revolução 1817, que teria em Oliveira Lima um grande estudioso e conhecedor de sua história. Lê-se em *Pernambuco — Seu desenvolvimento histórico*, que naquele tempo "o sentimento independente transpirava até pùblicamente em banquetes d'onde eram banidos, como protestos, o pão e o vinho de Portugal, substituídos pela mandioca e a aguardente indígenas". Movimento nativista, de inconformação diante da exploração econômica levada a cabo pela metrópole, que não se limitava apenas ao do-

mínio político, seria por Oliveira Lima considerado "a única revolução brasileira digna dêsse nome, simpática pelos caracteres e tocante pelo desenlace. Foi um movimento demolidor e construtor como nenhum outro entre nós, e como nenhuma outra, em grau superior, na América Espanhola". Também escreveria êle que "a revolução de 1817. pode quase dizer-se que foi uma revolução de padres: pelo menos constituiram o seu melhor elemento".

Quanto à situação econômica, era instável em 1817, com o algodão sobrepujando, como melhor negócio, o açúcar, que continuava fabricado, como se sabe, "pelos processos mais antiquados, e a área plantada de cana em cada engenho era muito limitada comparada com a extensão da propriedade, podendo calcular-se a proporção das terras baldias para as cultivadas em 30 ou 25 para 1". Repete Oliveira Lima, aqui, os dados apresentados por Tollenare sôbre os preços dos escravos, do açucar e do mel, admitindo que o rendimento dos engenhos poderia ser aumentado de 20%, mas salientava "faltava capitais para a exploração, a qual requeria largas despesas, abrangendo lavoura e fabrico". Nessa paisagem, que serviria de argumento. anos depois, às críticas de Antônio Pedro de Figueiredo à grande propriedade territorial em "O Progresso", viviam 600.000 habitantes (incluindo as províncias vizinhas), sendo Pernambuco aquela que possuía uma população mais mesclada e mais pobre de gente branca, enquanto o número de escravos crescia através do tráfico e "constituia todo o elemento de trabalho rural e doméstico". Não contava essa população com o amparo da justiça, considerada por Oliveira Lima de fraca e venal, pois permitia os senhores de engenho homiziar mercenários nas suas propriedades, impunes, contribuindo para isso também a falta de ouvidores. Acompanhando Tollenare, cujas "Notas Dominiciais" (15) prefaciou, esclarece que "nos campos a população livre era representada, na zona da mata, pelos senhores de engenho, pelos lavradores meeiros na produção e pelos moradores. foreiros ou não"... "Os lavradores personificavam uma tendência para a burguesia; os moradores formavam o povo". Nas anotações ao trabalho do Pe. Muniz Tavares, salienta que "a revolução carecia de apoiar-se no povo. mas tinha receio da plebe". Via com receio a sociedade escravocrata a palavra república ser pronunciada, embora discretamente, pois, como frisa Oliveira Lima, "no intuito de aumentar seu pessoal combativo. a revolução desceu até a camada escrava"... "e os senhores não podiam ver contudo, com bons olhos, êste emprêgo dos negros em defenderem a liberdade..." Em tudo havia a lembrança do levante dos negros em São Domingos.

Quanto à participação revolucionária de senhores de engenho, cita Oliveira Lima o Suassuna do Engenho Utinga. que Francisco de Paula Cavalcanti encontrou improvisado de general e designado para sustentar a república nas Alagoas, centro realista. Refere-se a Moraes Silva, tornado senhor de engenho em Muribeca, onde nesse remanso revelou-se bom agricultor e filólogo. Embora maçom, sabe-se que o dicionarista alegaria mau estado de saúde para esquivar-se dos apelos que lhe dirigiram os revolucionários. A zona sul de Pernambuco e os engenhos ali localizados transformaram-se em cenário dos combates que terminariam por levar à derrota um movimento em que, no dizer de Oliveira Lima, "a Nação verdadeiramente aprendeu a combater e a morrer pela liberdade."

As referências feitas por Oliveira Lima a açúcar não se limitaram, porém, apenas aos seus trabalhos históricos ou às reminiscências. Em "Vida diplomática", (16) conferência pronunciada em Recife, no ano de 1904, postulava Oliveira Lima que os representantes brasileiros no exterior incrementassem as relações comerciais, "barômetro das relações internacionais" e afirmava que as trocas mercantis a nenhuma parte do Brasil poderiam interessar mais diretamente do que a Pernambuco, cujo principal produto de exportação, cuja riqueza esmorece à míngua de saída, a qual só lhe podem fornecer para o estrangeiro bem elaborados tratados de comércio". Preocupava-o a adesão ao convênio de Bruxelas que faria desaparecer a proteção aduaneira de que gozava, na época, o açúcar nacional, não obstante os entraves institucionais entre os Estados da federação "ou então deixar o gênero capital da exportação pernambucana sofrer as represálias estrangeiras, às quais só por efeito de tratados singulares, bem negociados e bem ultimados, êle lograrà escapar sem prejuízos antes com lucros". Perguntava, na mesma ocasião, por que o Brasil não exportava, entre outros produtos, o açúcar para Portugal, que ao tempo importava açúcar de beterraba da Europa Central ou para os Estados Unidos que já haviam então concedido tratamento diferencial em seus portos para os produtos cubanos; e por que não ia o açúcar brasileiro para o Chile, Argentina e Japão, que segundo afirma, consumia açúcar austríaco.

Em artigo escrito em Caracas, em setembro de 1905, institulado "Possíveis Tarefas diplomático-consulares", incluído no livro "Cousas diplomáticas", (17) voltaria Oliveira Lima a defender um nôvo estilo nas relações internacionais, isto é, maior ênfase às transações comerciais, uma diplomacia mais voltada para os interêsses econômicos nacionais. Aborda o problema da imigração, salientando que em Surinam e Demerara as usinas de açúcar e as plantações estavam cheias de trabalhadores indus contratados por cinco anos com direito a uma repatriação, por conta dos plantadores e do fundo de colonização a qual nunca chegou a ser solicitada. Na Guiana Britânica a prosperidade era crescente, a abolição da escravatura fôra gradual e "os proprietários que abolicionista algum denunciava como criminosos"

perceberam uma indenização de quatro milhões e meio de esterlinos que ninguém invejou ou achou injusta.

"No Brasil "— prossegue —" veja-se bem a diferença, alforriaram-se os escravos da noite para o dia para satisfazer alguns sinceros entre muitos vaidosos e especuladores; não se concedeu um centil de compensação aos proprietários, antes se lhe atiraram mil injúrias; e ninguém pareceu recordar-se de que corria a lavoura o risco de ficar desamparada de braços". Enquanto os produtores antilhanos tinham bastante trabalhadores e introduziam processos adiantados para a fabricação do açúcar, a agricultura brasileira arrastava-se com falta de braços, sem crédito, exposta aos usurários da praça, utilizando ainda processos de fabricação antigos e que davam um artigo inferior, sem evitar com a proteção do govêrno que julgava dispensável um acôrdo comercial proposto e bastante conveniente, por ser a safra anual reduzida e absorvida, sem mais problemas, pelo mercado interno.

Reitera, então, que além de trabalhadores e diversidade de culturas "é mais necessário ainda abrir mercados para quaisquer produtos da terra, especialmente para êsse açúcar condenado pela superabundância do gênero, e, para mais, açambarcado pelos comissários que enricam enquanto que o senhor de engenho se endivida".

Essa questão secular, provocadora de revoltas e que continuava insolúvel, levava Oliveira Lima a defender uma política econômica "agressiva", como se diz hoje, a ser exercida pela nossa diplomacia, como uma das melhores contribuições ao problema que nunca deixou de afligir a agroindústria açucareira do Brasil.

Quanto aos registros sôbre o açúcar encontrados no livro "Impressões da América Espanhola", (18) que reúne os artigos publicados por Oliveira Lima, em 1905 e 1906 no *Estado de São Paulo*, o escritor Gilberto Freyre, na magnífica *Introdução* à edição póstuma dêsse verdadeiro estudo de sociologia, "deixou suficientemente assinalada a preocupação do brasileiro de Pernambuco sempre atento a problemas de regiões tropicais inclusive o do operário de côr, o das populações mestiças, o da produção do açúcar". Interessou-se Oliveira Lima em confrontar a formação da Venezuela e a do Brasil, lembrando, segundo o sociólogo pernambucano, "que nos dois países preponderou o elemento africano na composição da população servil. E que em ambos houve uma *aristocracia* ou *nobreza da terra*, à qual *pertenceram Bolívar na Venezuela e no Brasil os Cavalcantis pernambucanos* e os *Andradas paulistas*".

Compara Oliveira Lima a situação dos plantadores de Kingston e Demerara, atendidos nos apelos que faziam ao govêrno britânico, em favor de medidas protetoras ao seu produto, enquanto que "os nossos senhores de engenho volvem as vistas desanimadas para o govêrno", esperando crédito, organização da exportação e mão-de-obra qualificada, que nunca faltou aos colonos da Guiana.

A propósito, acrescenta Oliveira Lima, "os nossos senhores de engenho são menos felizes pois que continuam, sob o ardente sol dos trópicos que lhes proíbe ou desaconselha o aturado trabalho direto, a lutar com uma população preguiçosa e destituída de ambições, para a qual a vida se resume no pedaço de carne sêca que compram na venda para tôda a semana, no copinho de cachaça, com que estimulam seus gracejos e seus amôres, e na viola com que acompanham suas queixas passivas e seus apetites animais". Uma característica sua, o gôsto pela correspondência, "prendia-o à sua mesa de trabalho quase o dia inteiro", diz Manuel Cardoso, e a imensa quantidade de cartas que escreveu e recebeu, hoje reunidas na "Lima Library" da Universidade Católica de Washington, serviram, certamente, para mantê-lo bem informado sôbre os fatos que sucediam no Brasil e na sua província natal onde tinha familiares labutando na tradicional lavoura canavieira. No trecho do livro em questão, ao abordar Oliveira Lima o quadro de crises comuns à agroindústria açucareira das Antilhas e do Brasil, assinalando ser rara a propriedade nas Índias Ocidentais isenta de hipotecas, o prefaciador e anotador Manuel Cardoso acrescentou que a própria família do escritor enfrentava grandes dificuldades. Prova-o a carta datada de 5 de junho de 1905, escrita de Vileta, pela sua cunhada Neomísia de Barros Lins: "Já acabei de moer, e a safra que avaliavam em 12 contos só rendeu 6. Achei melhor entregar o engenho a Augusto que estava ansioso por isto a arriscar-me a empregar de nôvo os 6 contos na plantação". Noutra carta, datada de 20 de dezembro do mesmo ano, sua cunhada voltaria a referir-se à terrível crise por que passava o açúcar e esperava a ajuda de Deus para o próximo ano, senão, "adeus engenho para sempre". Esta citação faz supor, que no arquivo de Oliveira Lima existam mais cartas de gente dos engenhos falando das crises da lavoura canavieira nesse período de mudanças, que representou o final do século XIX e princípios do atual.

Concluindo essa passagem de seu livro, afirma Oliveira Lima que "uns terão que fornecer canas dos seus campos bem aproveitados; outros que fazer o açúcar nas suas usinas bem montadas". A separação entre o campo e o setor industrial, segundo diz, fazia-se então em Cuba, com capital e iniciativa dos americanos, enquanto no resto das Antilhas, sob processos antiquados de fabricação, "chega o disparate econômico ao ponto de exportar-se açúcar mascavado de cana e importar-se açúcar refinado de beterraba".

Não fala Oliveira Lima na divisão entre setor agrícola e setor industrial, adotada em Pernambuco, em 1873, nos engenhos centrais contratados pelo govêrno da Província com a Fives-Lille e Keller & Cia. Como se sabe, tais empreendimentos, malograram e a causa prin-

cipal alegada foi justamente a diversificação entre o campo e a fábrica, que deixou as usinas na dependência exclusiva dos fornecedores.

Na Venezuela, Oliveira Lima comentaria Romero Garcia, romancista então libertado "por participação na última tentativa revolucionária contra o poder estabelecido". Segundo escreve o Sr. Gilberto Freyre, foi Romero Garcia "uma espécie de precursor do nosso José Lins do Rego. Pois seu romance *Peonia* é o que estuda: o drama de um engenho de açúcar em decadência". A ação de sua história passa-se no campo onde "as chamas da guerra fraticida lampejam nos canaviais, carbonizam as moendas, desbaratam o gado". Os personagens são nascidos no meio rural e o tema central é "o resto de passadas grandezas que se vão aos pedacos". Êsse romance, na opinião do Sr. Gilberto Freyre, fêz Oliveira Lima recordar com tristeza a classe rural de seu Estado, isto é, Pernambuco, com os senhores que a "gíria política chamava feudais", cuja descedência, sem a mesma fibra, "ia mergulhando no atraso e obscuridade de envolta com a gente tosca...". Era lendo *Peonia*, nome de um engenho de açúcar, que Oliveira Lima, ainda no dizer de Gilberto Freyre, enxergava, na decadência rural da Venezuela traços da igualmente triste decadência dos engenhos brasileiros do Norte. Não esqueceria Oliveira Lima de assinalar que "alguns costumes bárbaros dêste povo inculto, traduzem um singular estado da sua mentalidade coletiva, os *velórios de los angelitos*" barbarismo ibero-americano que, segundo o sociólogo pernambucano. "repugnava ao espírito e à formação de Oliveira Lima, talvez mais *europeu* do que Joaquim Nabuco nas raízes de sua personalidade..."

A breve enumeração das referências ao açúcar encontradas na obra de Oliveira Lima, embora merecedoras de certa atualização, como seria de esperar, em face de pesquisas mais recentes, é suficiente para informar sôbre a importância dêsse produto na história brasileira, particularmente do Nordeste, onde, segundo o Sr. Gilberto Freyre, constituiu a civilização moderna mais cheia de qualidades, permanência e ao mesmo tempo de plasticidade que já se fundou nos trópicos.

Não é menor o interêsse despertado pelas recordações pessoais que Oliveira Lima incluiu nas "Memórias" acêrca de alguns familiares, da paisagem e da casa-grande do Engenho Cachoeirinha, propriedade rural de seu sogro, que segundo revela Aníbal Fernandes, era uma das coisas mais agradáveis ao autor de "O Império Brasileiro", quando vinha a Pernambuco depois de suas andanças diplomáticas, preocupações literárias e pesquisas históricas. Num dos melhores trechos das suas reminiscências, Oliveira Lima fala dêsse engenho e de seu proprietário, Manuel Cavalcanti de Albuquerque, do irmão, Ambrósio Machado Cunha Cavalcanti, "dois liberais que se tinham feito republicanos *avant la lettre*, eram ambos fidalgos no espírito tanto quanto nas maneiras".

A propósito de seu sogro, Oliveira Lima não se refere a um fato singular que ligaria o nome dêsse senhor de engenho à história da cana-de-açúcar no Brasil. Trata-se da obtenção, no Brasil, do primeiro "seedling" de cana, conseguido por Manuel Cavalcanti, familiarmente chamado "Minô", no seu Engenho Cachoeirinha. De acôrdo com o Sr. Bento Dantas (19), supunha-se, até fins do século passado, fôsse estéril a cana-de-açúcar, isto é, "incapaz de multiplicar-se por semente botânicamente e tentava-se explicar essa limitação biológica, com a continuada multiplicação vegetativa". O mencionado estudioso atribui os fracassos das tentativas anteriores de fazê-la multipilicar-se sexualmente à impossibilidade da creoula, única variedade cultivada na América, produzir semente verdadeira. Conta o Sr. Bento Dantas que, diante dos sucessos alcançados por cientistas em Java e Barbados, que repercutiram bastante entre os agricultores brasileiros, o Dr. Paulo de Amorim Salgado, ao assumir a Prefeitura do Município do Cabo, "enviou uma circular aos seus munícipes, em maio de 1892, sugerindo-lhes tentar a obtenção de novas variedades pelo semeio da flexa da Caiana, a principal variedade em cultura e que então, degenerava de gomose". Acreditando na fertilidade da semente da flexa, Manuel Cavalcanti atendeu a êsse apêlo, e segundo tradição familiar, já observara antes cana brotando de velhos colchões jogados fora. Ainda segundo depoimento de descendentes seus, Manuel Cavalcanti dedicava especial prazer ao cultivo de flôres em canteiros fronteiros à casa-grande, e Oliveira Lima, dos Estados Unidos, enviava aos sogros sementes escolhidas acompanhadas de instruções quanto ao preparo da terra. Ao que parece, essa prática teria sido útil a Manuel Cavalcanti, único agricultor pernambucano a obter, quase imediatamente, êxito nas experiências então promovidas. Em junho de 1892, conseguia o senhor de Cachoeirinha algumas variedades, destacando-se a crismada de "Manuel Cavalcanti" que passaria a ser, logo em seguida, a primeira variedade de cana proveniente não do rebôlo, mas da inflorescência, a ser cultivada em caráter comercial no Brasil.

Dêsse senhor de engenho interessado em experiências botânicas, e de seu irmão Ambrósio, diz Oliveira Lima nas "Memórias", que educaram famílias bíblicas de 13 e 14 filhos, e, recordando Cachoeirinha e Gaipió "cuja residência é um palácio, a mesa suculenta constituía um luxo transmitido pela tradição da província portuguêsa", lamenta que a abolição tornara impossível reunir, como antes, dezenas de hóspedes "para os prazeres gastronômicos da saborosa cozinha nacional combinada com a européia" com seus vinhos generosos. Esta passagem das "Memórias" é uma das poucas em que Oli-

veira Lima fala da escravidão, notando-se, igualmente, certo saudosismo de uma sociedade patriarcal a que êle pertencia e que parece ter-lhe tocado mais do que a Nabuco, o vencedor da batalha da abolição.

Do ambiente comum à famíia Utinga, gente ligada por gerações ao massapê canavieiro, disse Oliveira Lima em sugestiva descrição, que "a casa de Matapiruma, edificada em 1840 pelo Visconde de Utinga, avô de minha mulher, dá bem a impressão com sua fachada extensa e chã, suas grandes salas esteiradas, a sua cozinha conventual, recordando a de Alcobaça, em que os pratos e as panelas se lavavam na água do regato que a atravessava, do que era aquela convivência franca e farta que ficou sendo o distintivo de um período social..."

Aníbal Fernandes, evocando o amigo em conferência pronunciada na Paraíba, afirmou que "Oliveira Lima sempre foi o homem do *doce lar*, gostando das mães de família boleiras e doceiras, para quem a casa era o seu reino". Como exemplo apontava sua sogra, D. Henriqueta, a quem louvava a prodigiosa atividade domestica, "cujo talento de doceira" — adianta o Sr. Gilberto Freyre — "acrescentava o encanto das estadas de Oliveira Lima no Engenho Cachoeirinha fazendo ela própria, os doces e os bolos de sua predileção, por êle saboreados com um prazer semelhante ao de menino guloso". Aliás, uma das receitas de bôlo dessa sinhá pernambucana, foi incluída pelo escritor Gilberto Freyre no seu livro "Assucar". (20).

O mundo açucareiro, não há como negar, tocou bastante a sensibilidade de Oliveira Lima, sempre lembrado da grandeza da gente dos canaviais a quem estava intimamente ligado. No prefácio às "Notas Dominicais", de Tollenare, destaca, de início, que a primeira impressão moral recebida pelo comercionante francês no Brasil, "que foi a da indolência, ficou algum tanto corrigida com a visita a um engenho, cuja atividade agrícola e industrial, a qual descreve numa geórgica em prosa ainda agora de utilidade, o dispoz mais favoràvelmente para a apreciação do caráter nacional". O senhor de engenho aparece como a expressão máxima do trabalho na sociedade daquele tempo, e, repetindo considerações de Tollenare, frisa que a vida nas casas-grandes era muito "raramente luxuosa e ainda assim nunca confortável, porque o luxo consistia nas salvas, bacias e arreios de prata e não nas coisas comesinhas de maior utilidade". Ao lado dessa alusão ao desconfôrto das velhas casas-grandes, não esconde Oliveira Lima que o francês também se referiu à desconfiança que unia os diligentes lavradores e os apáticos moradores em relação aos senhores de engenhos.

A paisagem da mata pernambucana também despertaria em Oliveira Lima, um encantamento especial. Escrevendo sôbre Telles Júnior, (21) diria que "êle não é um artista brasileiro: é um artista essencialmente pernambucano; mais do que isto, é um pintor da mata e não do sertão". Destacando a importância da luz, da autêntica côr local com que Telles Júnior pintou suas telas, acrescentaria Oliveira Lima: "a mata, porém com o seu bafêjo perfumado, a sua atmosfera de calor úmido, o seu estremecimento de fecundação e a sua pulsação de crescimento, é o que particularmente fascina aquela palheta vibrante. Êle nunca se sente mais à vontade do que refletindo e fixando as ladeiras de barro vermelho sôbre o qual as rodas dos carros de bois deixam sulcos profundos nas porções mais enxutas, entre as poças escuras; as túmidas várzeas de massapê cobertas de canas, tão apertadas as plantas que não têm quase espaço para agitar as suas fôlhas laminadas, de que emergem como penachos as frechas pardacentas;...". Essa autêntica descrição impressionista, tão viva que se rivaliza com as próprias tintas empregadas por Telles Júnior para fixar o colorido da mata pernambucana, seria repetida por Oliveira Lima nas *Memórias* ao recordar Cachoeirinha "o seu vasto pomar com centenares de laranjeiras que o jardim das Hesperides invejaria, e a maior variedade da nossa flora de hortaliças e árvores frutíferas, inclusive os cacaueiros e as castanheiras da zona equatorial. As suas águas batidas do Pirapama contribuem para o refrigério dos banhos de rio, que é uma feição comum da vida dos engenhos... Como clima tropical é delicioso e saníssimo o seu, com uma brisa constante e fresca esfarrapando as nuvens de um céu azul muito raramente metálico, nenhum alagadiço traiçoeiro e uma temperatura ideal que no inverno baixa até 12° centígrados e no verão nunca se eleva acima de 30..." Tal como sucedia aos brasileiros de sua geração, não se interessava em praticar esportes, mas aquêle cenário cheio de harmonia provocaria-o a aproximar-se um pouco da natureza. "No engenho pratiquei entretanto um pouco de equitação, achando grande prazer em equipar por entre os canaviais úmidos pela manhã do orvalho da noite. Era de resto, o melhor meio de pagar visitas a vizinhos residindo em engenhos inacessíveis a carruagem". Dessa forma, movimentava-se ao ar livre e cumpria deveres sociais à moda do tempo, naquele meio ainda cheio de sobrevivências patriarcais.

Não foram poucos os que combateram Oliveira Lima alegando marcas produzidas pelas suas farpas cheias de razões e temperamento. Ninguém, todavia, poderá acusá-lo de ter esquecido sua província, embora dela nunca tivesse recebido qualquer retribuição pelos valiosos trabalhos históricos escritos, assim como na vida política, em que sempre teve negada uma oportunidade, daí os ressentimentos. Quando decidiu exilar-se para sempre em Washington, com seus livros, quadros e documentos, vinha Oliveira Lima de uma árdua luta pela imprensa, em 1919, defendendo a candidatura ao govêrno de Pernambuco do "ilustrado sem ser pedante" Barão de Suassuna, Senhor de Matapiruma, "portador de um nome histórico, de nobreza revolucionária", e ao mesmo

tempo, atento ao "problema social que nesta terra é sobretudo o problema do trabalhador rural", classe com que tinha contato, pois "antes seguiu, de residência fixa nos seus engenhos, em convívio diário com ela, aprendendo a conhecer-lhe pessoalmente as necessidades e, sem se arvorar em benfeitor dos pobres, a prover, pela higiene e pela escola, as mais urgentes deficiências do nosso povo", segundo anotou o jornalista Luiz do Nascimento recordando êsse quixotesco episódio. (22) No estrangeiro, não deixaria Oliveira Lima de referir-se à terra natal com palavras banhadas no leite da ternura humana de que costumava falar. Quantos o visitaram nos seus derradeiros tempos, encontraram-no sempre repassando uma grande saudade que compartilhava com sua dedicada Flora, naquela casa de Columbia Heights recheada de coisas que lembravam o Brasil e freqüentada pelas melhores expressões intelectuais.

Os 40 mil volumes, a grandiosa iconografia e o seu arquivo, contendo enorme quantidade de cartas de políticos, de escritores e de gente ligada à lavoura canavieira de Pernambuco, deixou-os Oliveira Lima para a Universidade Católica da América, quando muito bem poderiam ter vindo para o Brasil enriquecer o pouco assistido patrimônio nacional. Todavia, vale como compensação, a notícia de que a "Lima Library" vem-se constituindo em Washington, como foi intenção do doador, um valioso centro de estudos brasileiros.

## BIBLIOGRAFIA


1) — *Memórias* (Estas minhas reminiscências...), Rio, 1937, 319 págs.

2) — Barbosa Lima Sobrinho, *Novas Impressões de um Memoralista*", in "Digesto Econômico", Jan/Fev., 1968, — pág. 147.

3) — Delgado, Luís — *Oliveira Lima, Pernambuco e D. João VI* — in "Estudos Universitários", n.º 8, Imprensa Universitária — Recife, 1967.

4) — Fernandes, Aníbal — *Nabuco, Cidadão do Recife* — Conferência pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico, no Rio de Janeiro, a 24-8-49 — Recife, 1949, pág. 58.

5) — *Pernambuco, Seu Desenvolvimento Histórico*, Leipzig, 1894, 327 p.

6) — *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira*, Leipzig ,1896, 301 p.

7) — Rodrigues, José Honório — *Teoria da História do Brasil* — 2.ª edição, São Paulo, 1957, 2 vols., págs. 174/175.

8) — Visconde de Pôrto Seguro (Francisco Adolfo de Varnhagen), *História Geral do Brasil*, 3.ª ediçao integral, vol. I, pág. 106.

9) — Maranhão, Gil de Methodio — *O Açúcar no Brasil antes das Donatárias* — in "Brasil Açucareiro", Rio, agôsto de 1938, págs. 37-42.

10) — *Formation Historique de la Nationalité Brésilienne* — Paris, 1911, pág. 38.

11) — *A Nova Lusitânia* — cap. VII do vol. III da *História da Colonização Portuguêsa do Brasil* — pags. 287-323, Pôrto, 1924.

12) — *Diálogos das Grandezas do Brasil* — 2.ª edição integral, segundo o apógrafo de Leiden, aumentada por José Antônio Gonsalves de Melo — Imprensa Universitária, Recife, 1966, 217 págs.

13) — Rodrigues José Honório — *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil* — pág. 22, Rio de Janeiro, 1949, 489 p.

14) — *História da Revolução de Pernambuco em* 1817 — pelo Dr. Francisco Muniz Tavares, edição comemorativa do 1.º centenário da Revolução, revista e anotada por Oliveira Lima, promovida pelo Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco — Recife, 1917, 410 p.

15) — Tollenare, L.F. de — *Notas Dominicais* — traduzido por Alfredo de Carvalho, *in* "Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Vol. VI, Março de 1904 — n.º 61, págs. 352/443.

16) — In *Cousas Diplomáticas*, pág. 64 — Lisboa, 1908, 291 págs.

17) — Op. cit., págs. 147-157.

18) — *Impressões da América Espanhola* (1904-1906) — Coleção Documentos Brasileiros, n.º 65, Liv. José Olympio, Rio, 1953, 206 p.

19) — Dantas, Bento — *A situação das variedades na zona canavieira de Pernambuco* (1954-55 *a* 1957-58) *e uma nota histórica sôbre as variedades antigas* — *in* Boletim Técnico n.º 11 — Outubro de 1960 — Instituto Agronômico do Nordeste — Recife, págs... 40-41.

20) — Freyre, Gilberto — *Assucar* — Algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do Nordeste, Rio, 1939, 166 págs., ilust.

21) — *Um paisagista pernambucano* — *Telles Júnior* — *in* "Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, Vol. XVI, n.º 84, pág. 121-124.

22) — Nascimento, Luiz do — *De como Oliveira Lima foi timoneiro de um barco adernado* — *in* "Diário de Pernambuco", edição de 28 de dezembro de 1967, pág. 10.

# CACHAÇA, CAJU E CASTANHA NO FOLCLORE

MAURO MOTA

O cajueiro é elemento popular do climatológico nordestino (as chuvas de caju) e da marcação do tempo. Como referem diversas crônicas coloniais, trata-se de herança indígena. O calendário dos tupis era simplório: dia, *ára;* lua e mês, *yacy*. Entre êles, *acajú* significava ano também. Portanto, em cada ano (na fase única da frutificação anual) guardavam uma castanha (*acajú, itimamoera* ou *itimbiera*) numa cabaça. Êsse processo designavam a de *acajú roig*. Tantas castanhas, tantos anos já vividos. Daí a sinonímia vulgarizada: caju, ano. E, em decorrência, as frases feitas mantidas na tradição oral e até nos registros da imprensa humorística. Pereira da Costa recolheu algumas em velhos periódicos do Recife: "Dona Miquileta, senhora que já lhe bate à porta o seu quadragésimo caju", "Miss Pepa não pode ocultar os seus 52 cajus, e bem-maduros". "O Domingos Soares chupou mais um caju do balaio de sua existência". Descobertas agora impossíveis, pelo menos em relação às Miquelietas e Pepas de hoje. Elas achariam mais saborosas do que as outras, as castanhas destinadas a contar-lhes a idade.

Alfredo de Carvalho registra o mais chavão dos chavões:

"Mais um caju na árvore preciosa de sua existência". E reage com uma reação por demais erudita contra "certa dose de chalaça e um perceptível ressábio de jocosidade que ressumbra do seu emprêgo".

O caju serve ainda de matriz a provérbios aplicados freqüentemente: "Quem não come do caju não percebe das castanhas", "Cajueiro doce é que leva pedrada", "Quando você ia aos cajus, eu já voltava com as castanhas assadas", "Caju de beira de estrada tem ranço ou bicho". E castanha mesma a uma acepção particular: "quebrar a castanha", tirar de alguém a fama, humilhá-lo, vencê-lo, segundo os dicionários que anotam brasileirismos do Nordeste.

O cajueiro ramifica-se pela vida social e aprofunda as raízes no folclore da região.

Gilberto Freyre foi surpreendê-lo servindo "de brinquedo — carrossel, gangorra, cavalo — aos meninos, deixando-os trepar pelos seus galhos como se fôssem pernas de avós ou de tios; e não restos brutos e insensíveis de mata ou de floresta".

Em outras ocasiões, em vez de pernas sòmente, o cajueiro é a criatura tôda, e isso não diante de crianças. Aos olhos e aos sentimentos de adultos. Nas praias nordestinas, não é novidade para ninguém o cajueiro lendário, o cajueiro túmulo, que a si mesmo cobre de flôres. É aquêle plantado pelo pescador como se o pescador fôsse amante do seu trecho de beira-mar. E ali, em lugar da semente de uma árvore, deixasse a de um filho vegetal que lhe desse continuidade. O cajueiro cresce entre desvelos e desvelos fazendo. Anos afora, é companheiro de muitas noites, chamando a gente com o assobio do vento nas ramagens.

Morto o pescador, é como se o espírito dêle se encarnasse na árvore de sua predileção. Diante dela, são feitas as preces da família e dos amigos.

Para os habitantes da vila, a metempsicose efetua-se de tal jeito, que êles chegam a dar o nome do finado ao *seu* cajueiro sobrevivente.

Luís da Câmara Cascudo conhece, em praias do Rio Grande do Norte, Manuel Inácio, Pedro Cancão, jangadeiro Pedro e Chico Soco, sem ter conhecido nenhum pessoalmente. Foram todos pescadores naufragados há muitos anos. Mas, nos *seus* cajueiros, mais do que simples tábuas, acharam árvores de salvação para as suas memórias.

Outras vêzes, a transformação é em mulher. Em Olinda, já houve um cajueiro, no começo chamado cajueiro de Jacira e depois simplesmente Jacira E junto dêle um homem, desvairado, negando a própria solidão.

O suco do caju produz nódoas nas roupas da gente. Nódoas indeléveis pelo menos até o ano seguinte, é a crença popular. Crença extensiva quanto à proliferação dos chamados "bichos de pé", nas praias, durante os meses de safra. O que parece mais certo é a existência, durante êsses meses, de mais pés para os bichos do que bichos para os pés. Tanino dos mangues e fricções de "gás" (querosene) são os preservativos de uso dos meninos descalços. Os meninos cujos sapatos machucariam a areia da praia.

O nordestino fala em "caju comido de relâmpago", indicando, com essa expressão, o fruto da árvore atingida por alguma faísca. Durante as trovoadas mais violentas, considera-se o cajueiro pára-raios.

O "caju de conta" (na bôca, inteiro, de uma só vez) é o preferido nos domingos de libações, antes do banho. Serve de aperitivo e tira-gôsto da cachaça. Invenção conciliatória foi injetar-lhe a cachaça. Peritos nessa operação são os barraqueiros da beira-mar.

Certa vez, na Praia da Ponta Negra, um jovem banhista exagerou-se tanto no consumo dêsse manjar, que foi levado para casa nos braços de amigos, quase em estado de coma alcoólica. Quando despertou, a mãe, à cabeceira, exigiu-lhe uma promessa:

— Meu filho, prometa nunca mais servir-se de caju com aguardente.

E êle, ainda com a voz embrulhada:
— Mamãe, deixe passar a safra.

Quando foi introduzido o pirarucu em Maceió, cantava-se nas festas de Natal uma musiqueta com os seguintes versos:

"O melhor da festa é chupar caju
Beber aguardente com pirarucu."

Também nessa época era muito comum outra musiqueta, o Bolimbalacho, que dizia:

— Bolimbalacho,
Bole em cima bole em baixo,
Bolimbalacho por tirar do caruru

— Bolimbalacho,
Bole em cima bole em baixo,
Bolimbalacho por tirar do caruru
Quem nao come da castanha, nao percebe do caju,
Quem nao come do caju, não percebe do fubá.

Caju e manga ao mesmo tempo, eis um faz-mal alimentar seguido por muita gente, e considerado com o rigor de uma prescrição medica para doença grave.

— Menino, você está doido, quer morrer, *seu* capeta! Largue esta manga (ou êste caju). É essa uma advertencia ouvida muitas vezes até nas casas das familias do Recife.

Há uma moda antiga, ainda hoje recordada em engenhos e fazendas do Nordeste:

Arriba, siri, arriba,
Cajueiro, cajuá,
Arriba, siri, arriba,
Quero vê minha iáiá.

Leornado Mota registrou a cantoria dum negro octogenário, que morava no Morro do Moinho, em Fortaleza. Uma estrofe associa, mais uma vez, o caju ao clima semi-árido do Nordeste:

"A tal sêca dos três oito
Serviu-me até de gracejo:
Quando eu queria caju
O meu rebôlo era queijo".

Entre as frutas do sertão, o caju foi situado pelo repentista Neco Martins, de Paracuru:

........................
Eis as frutas do sertão
e da praia que eu prefiro:
Caju, banana e juá,
Maracujá de suspiro.
........................

Sôbre as frutas do sertão, Rodrigues de Carvalho anotara antes:

........................
Jaca; condessa e oiti,
ingá, pitomba e caju,
lima, cabaça e umbu,
palmeira, coité, pequi
........................

Na medicina popular, o chá das fôlhas do cajueiro não é um remédio do passado. Continua para combater o "puxado do peito, a falta de ar natural dos asmáticos".

O caju e a castanha são ainda respostas de várias adivinhas nordestinas:

Somos dois irmãos *irmanados*
Come-se um cru e outro assado.

Ainda bem o pai não nasce
O filho já está de fora.

O que é, o que é?
A fruta que tem a semente
por fora da casca?

O caju também entrou na política. Talvez sob a influência dos franceses, que caricaturaram Luís Felipe em forma de pêra, os cariocas republicanos enxergaram semelhança entre a cabeça de Pedro II e o *Anacardium*. E assim passaram a representá-la em gravuras chistosas da época, no Rio. A moda chegou à província de Pernambuco. E em seu número de 5 de dezembro de 1886, "O João Fernandes", na "Revista Crítica e Humorística", do Recife, estampava S. M. com a castanha na coroa imperial.

Mas isso foi uma contrafação do cajueiro, do cajueiro cúmplice dos amores alheios. Pois sempre atraiu namorados para a sombra e para a folhagem, capaz de isolá-los do mundo. Em Garanhuns há o velho cajueiro do Parque do Pau Pombo, conhecido como o "cajueiro dos namorados". O cajueiral dos Butrins compõe o cenário de muitos romances em Olinda. Ilustre professor do Recife, falando sôbre o cajueiro, lembrou um que ainda existe no engenho de suas antigas férias de estudante, no vale do Siriji, com as ramagens tocando o chão macio.

Evocações como essa acham-se bem resumidas na trova popular:

Cajueiro, cajueiro,
quem te botará no chão
Debaixo das tuas ramas
Foi a minha perdição.

# DE MUSEU

LUÍS JARDIM

É IMPOSSÍVEL falar de museu sem recordar de pronto as idéias de John Ruskin, o "evangelista do bom gôsto: museu-escola, ou "continuation school" — prolongamento da escola, como se chamou depois. O parlamento inglês em 1857 lhe ouviu e leu a explanação ilustre. E certa. E nova, até hoje. Sem a visão de Ruskin o museu se arrastava pelo tempo como um acervo de velharias — valiosas ou não — para a contemplação passiva de curiosos. Felizmente o "evangelista" lhe deu a dinâmica que faz das coisas mortas corpos vivos, atuantes, tão de hoje como de antes. Atualizou-se, no sentido cultural.

* * *

Faz parte do nosso comportamento político e administrativo certa indiferença, quando não certa hostilidade, ou quase hostilidade, pelas iniciativas culturais. É como se o livro fôsse incômodo, como se um quadro, mesmo de El Greco, para citar ao acaso, não ficasse bem nas estantes e paredes oficiais.

Ora, fica-nos bem, aproveita-nos bem a célebre frase do grande Lobato: "Um país se faz com homens e livros". De fato, sem o concurso de ambos — e a interdependência de um e de outro é flagrante — não se fazem países, mas apenas aglomerações humanas. Sobretudo agora, quando o ensino de modo geral aspira a sair do conservantismo que o vem emperrando, é que se precisa de livros.

Êste Instituto do Açúcar e do Álcool é instituição comprometida com o livro e com o quadro. Quem diz açúcar diz história, a que se escreve com H maiúsculo, pelo menos a do Brasil, embora nem sempre o açúcar fôsse doce.

Tôda a vez que um presidente dêste Instituto dá atenção a um livro que se deseja publicado; que se volta para um documento, para um quadro (um de Frans Post, ou a colgadura mandada executar por Nassau, por exemplo), revela maior compreensão do fenômeno cana-de-açúcar, complexo que não diz respeito apenas aos interêsses chamados açucareiros. O atual presidente, assinale-se (não escrevo êste artigo como redator do Instituto do Açúcar e do

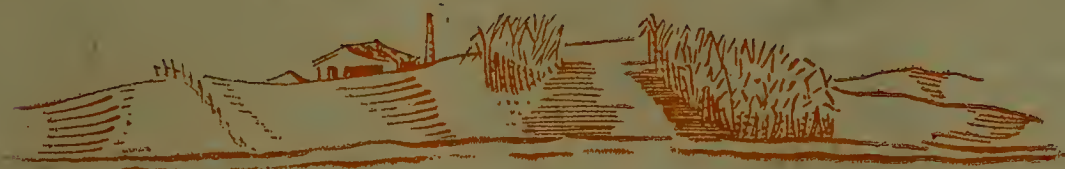
Álcool, mas como simples jornalista sem compromissos com a hierarquia funcional), inicia-se bem, contando já com a recente publicação do livro PRELÚDIO DA CACHAÇA — Etnografia, História e Sociologia da aguardente no Brasil — de Luís da Câmara Cascudo. E outra se prepara, para breve: AÇÚCAR, de Gilberto Freyre.

Assenta bem a qualquer dirigente de qualquer instituição voltar-se para o aspecto cultural. D. João VI está mais gratamente na memória dos brasileiros de hoje pelo que fêz, desde a Regência de Príncipe, do ponto de vista cultural do que como monarca meramente político. A estada do admirável Jean-Baptiste Debret aqui no Rio durante uns treze anos é marco de iniciativa cultural das mais importantes. E assim o filho, Pedro I, ao instituir faculdades — para citar apenas o que dá mais na vista.

* * *

Museu. Alguém já disse: o museu é como que o cartão de visita das nações.

O Sr. Manuel Gomes Maranhão já foi por duas vêzes presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool. Da sua orientação como dirigente os registros diversos dêste órgão dão notícias a quem quer que deseje examiná-los. Êles poderão acusar erros e acertos. E decerto narrarão a monotonia do entrechoque dos interêsses açucareiros de usineiros, banguezeiros e plantadores de cana. Enfim, todo o embate no jôgo do açúcar, para muitos às vêzes bem amargo. E só. Sòmente o jôgo, que passa, mas sem deixar rastro.

E todavia a memória do Sr. Gomes Maranhão talvez não passe — e palmas se lhe dêem — porque foi êle o fundador do Museu do Açúcar, instituição que mais se enriquece e significa à medida que corre o tempo.

# O JUMENTO E OS ENGENHOS SERTANEJOS

SYLVIO RABELLO

NOS engenhos de açúcar os senhores podiam dar-se ao luxo de possuir animais de estimação. Entre êstes, o cavalo de raça para o uso pessoal ou apenas bem tratado que se atrelava ao cabriolé; o cão de caça ou de guarda com sinais visíveis de seu "pedigree" o carneiro felpudo para a brincadeira e também para a judiação dos filhos pequenos. Montar a cavalo de boa pisada, de bonita estampa e bem ajaezado, fazia parte do "status" do senhor de engenho na fase de maior prosperidade do açúcar. Quase que se poderia dizer que o cavalo se integrava nos seus cuidados e nas suas afeições como se fôsse uma pessoa muito próxima. Senão a mulher legítima, pelo menos a concubina para espairecer da monotonia doméstica. Tantos eram os zelos, afagos e requintes que só se dedicam à mulher amada. A ambos conservava e às vêzes trancava para o próprio e exclusivo uso.

"Cavalo bom e mulher", objetos de aspiração que o cancioneiro popular fixou em trova conhecida, faziam, dêste modo, parte do mundo afetivo do senhor de engenho. Também por êles se avaliava mais do que o seu poder econômico e o seu nível social — o estilo de vida, o bom gôsto e o apuro de maneiras dos proprietários rurais. Montado a cavalo, o senhor de engenho é como se estivesse instalado na base de sua própria autoridade. De um velho senhor de engenho e bacharel em direito, nos últimos anos figura popular nas ruas de Recife, ouvia-se a sentença de que "o cavalo é o pedestal do homem". E não dizia uma sentença de sentido vazio.

Numa época em que substituiu a liteira e a rêde nas viagens de engenho a engenho ou à cidade, o cabriolé puxado por vistosa parelha de cavalos era uma das vaidades do poderoso senhor ou da rica senhora — um complemento de sua vida faustosa ou simplesmente confortável, de proprietários de terras e de escravos. Cortando os caminhos ladeirosos ou as ruas das cidades, êles se distinguiam logo por êsses sinais de riqueza: cavalos, cabriolés e cocheiras eram possuídos só por gente chamada de grei. O povileu tinha que se servir dos pés que Deus lhe deu; quando muito, de alimária sem nenhuma categoria — cavalo ou burro — em cuja cangalha transportava a carga dos patrões.

Aos ricos senhores era dada igualmente a regalia de possuirem supèrfluamente cães de caça, para dar expansão a um dos seus esportes ou cães de guarda para maior segurança de suas casas-grandes ou de seus palacetes. Às vêzes nem à caça nem à guarda serviam êsses cães; mas apenas ao gôsto decorativo ou à fatuidade de seus donos ou donas — estas conservando-os ao colo, lavados e penteados como se fôssem os próprios filhos. Quando os molecotes deixaram de servir de brinquedos de equitação dos sinhôzinhos das casas-grandes, foram os carneiros um feliz sucedâneo, pois êstes eram mais próximos dos equinos em suas virtudes de animais trotadores. Às vêzes êsses carneiros eram lavados em água de anil e ostentavam laços de fita no pescoço em lugar do competente peitoral. Cavalos, cães e carneiros estavam muito

(*) Do estudo *Cana-de-Açúcar e Região* — (Aspectos sócio-culturais dos engenhos de rapadura), a ser publicado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

longe de ser chamados animais de trabalho; antes valiam como animais de alto custo e de trato difícil, a conferir a seus donos uma espécie de dignidade reflexa.

Ao contrário, os sertanejos vinham a estimar os animais pelo serviço que êles prestavam e nunca pelo gôsto só de possuí-los por serem vistosos, mansos ou apenas atenderem a um capricho pessoal. E muitas vêzes nem estima tinham os sertanejos pelos animais de que faziam comumente bestas de carga ou de pancada; ou coisa desprezível. É o caso por exemplo do jumento ou jerico que é o equivalente do cavalo de cangalha, no esfôrço a que o obrigam nas jornadas inteiras, na exiguidade das rações, nos maus tratos de tôda ordem. Aproveita-se o trabalho do jumento como se fôsse de sua obrigação servir ao sertanejo. Servir, como serve a terra: por desígnio da natureza. Por êsse serviço, entretanto, o sertanejo não tem nenhum reconhecimento especial. Muito menos estima. Se há um sentimento que o jumento merece, êste é depreciativo.

Os próprios apelidos que lhe dão — Relógio-de-Pobre, Bate-Orelhas, Limpa-Monturo, Fura-Cercado, Pastor-de-Égua, Cava-Cacimba, Apara-Relho, Aguenta-Sêca — indicam menos os defeitos pelos quais são frequentemente conhecidos, do que mesmo suas excepcionais qualidades, no meio inóspito em que vive e no tipo de trabalho a que o obrigam. Porque nome mesmo, fora o de Cão e de Tinhoso, os jumentos não possuem, como os cavalos, os nomes que lembram virtudes nem sempre reais e refletem não raro o carinho de seus donos. As supostas qualidades negativas, de zombaria ou de desprezo, de que os apelidos são constantes alusão revelam na verdade as grandes virtudes asininas: a energia, a sobriedade, a resistência, a cautela, a tenacidade, o poder de adaptação.

E por que de um animal que secularmente vem ajudando o homem a vencer a natureza, sem quase nada receber em troca, se fala com tanto desdém — desdém sobretudo de proprietários mais abastados, nas zonas de exploração agrícola? Há poucos anos o padre Antônio Vieira, autor de *"O Jumento, Nosso Irmão,* dá-nos duas razões, uma delas de caráter histórico e outra de caráter sócio-econômico; mas bem pensadas ambas são condições econômicas do mesmo fato. Quando o Conde de Bobadela procurou em 1761 executar à risca o Decreto Real que mandava extinguir os muares e asininos, de certo estava protegendo a espécie cavalar, muito mais procurada pelo mercado tanto das cidades quanto das fazendas. Não é que se devesse perseguir por perseguir, até o completo aniquilamento, um tipo de gado só de carga em favor de outro de uso mais diversificado; ou antes proibir por proibir, a criação do jumento feio e choutão e estimular a do cavalo de bonita estampa e servindo ao transporte de carga tanto quanto ao de gente, em seus negócios e passeios. Tal decerto tem, sem dúvida, o mesmo alcance econômico daquele que proibia o artesanato de tecido na colônia, para deixar livre e dominadora a indústria estrangeira sob a proteção da metrópole.

A outra razão é que o jumento é um animal proletário, de preferência usado por gente pobre, enquanto o cavalo é um animal dos ricos senhores de engenho e dos fazendeiros abastados. Neste caso o animal da preferência de uns e de outros era antes uma "ficha de identidade" ou melhor, um sinal da classe a que pertenciam os seus proprietários. Enquanto o cavalo exigia posses para a sua aquisição e o seu sustento, o jerico comprava-se por uma ninharia e de nada precisava para viver. Em compensação o cavalo era uma mercadoria de luxo que acrescentava em "status", e o jumento era uma coisa mais ou menos vil de que não podiam se envaidecer os ricos, mas chumbar os seus donos à condição de pobres. Neste sentido é explicável que no rol dos bens dos senhores de engenho o número de jumentos fôsse insignificante. Ou mesmo não fôsse mencionado pelo baixo valor de seu preço.

Tratando-se, entretanto, das fazendas de gado, o motivo da exiguidade dos rebanhos de jumento é outro, de ordem funcional, sendo igualmente de ordem econômica. O jumento não pode competir com o cavalo no pastoreio das reses. As suas pernas curtas, a conformação de

seus pés e a sua nenhuma agilidade são contra-indicações a considerar nos afazeres usuais do pastoreio — da apartação, da vaqueijada, do estouro através da caatinga. Não teria sentido exigir-se do jumento tardo e ronceiro os mesmos préstimos do árdego e veloz cavalo. Por isso é que no Sertão houve pequeno número de jumentos e mesmo de burros, não só durante a vigência do Decreto Real que pretendia extinguí-los, como em qualquer tempo.

Já nos engenhos de rapadura e nas áreas sertanejas de atividades predominantemente agrícola, o jumento é o necessário animal de carga ao lado do boi, com a vantagem sôbre êste de não precisar de pasto especial. O jerico é animal rústico como nenhum outro da sua espécie. Da tudo de sua fôrça muscular e da sua resistência física sem nada receber. Por isso tem razão o Padre Vieira em dizer que êle é um "animal proletário". Transportando cana ou lenha em cambitos, fruto da terra em caçuás, água e chachaça em ancoretas, barro e tijolos em caçambas, cereais em surrões, mandioca em samburás, o jerico não é animal malsinado nas zonas do Sertão. Acontece é que, ao contrário do cavalo de estimação, ninguém zela o pobre do jerico. Para o senhor de engenho de rapadura êle existe como os pés de pau — por si mesmos; êle presta serviço como os pés de pau — por imposição de sua natureza.

Pode-se enumerar os serviços que o jumento presta analisando-se cada um dos seus apelidos. O de "Relógio-de-pobre" diz respeito ao zurro que solta a intervalos mais ou menos iguais, parecendo acompanhar os ponteiros do relógio. Outro não o possui o pobre, além da direção e extensão da sombra das árvores. Zurrando, o jumento tem a sua maneira de comunicar-se com a fêmea distante ou de espantar os bichos importunos. Chamam-no também "Telegrafista". O de "Bate-orelhas" é referência aos constantes movimentos das suas grandes-orelhas, que são ao mesmo tempo órgãos de audição e de expressão do seu estado emocional. Êles valem como se fôssem gestos.

Mas o jerico é ainda chamado o "Limpa-monturo". Com êste apelido dá-se a entender que não precisa de alimento especial. É um elogio à sua frugalidade. O jumento come fôlhas quando lhe falta o pasto; ramas quando não encontra fôlhas nos arbustos ao seu alcance; e até cascas e raízes como último recurso, se escasseiam as ramas. E monturo, isto é, tudo o que nenhum outro animal poderia tolerar como alimento. Neste sentido contam-se estórias de voracidade do jerico, que é capaz de abocanhar até mesmo arreios, pano e papel. Foi o caso daquele que tendo empancado no meio da estrada, o engenheiro Arnaldo de Castro Ferreira, da Inspetoria de Obras Contra as Sêcas, em Canudos, tangeu-o com um rôlo de papéis contendo os cálculos de uma ponte sôbre o Vasa-Barris; e bem perto do focinho do teimoso. Êste de um golpe abocanha os papéis antes de animar-se a deixar compassadamente a estrada.

O "Fura-cercado" é apelido que indica a facilidade com que o jumento usa as patas e os dentes a fim de penetrar nas plantações quando estas são cercadas na zona do pastoreio; ou de escapar dos currais em que são contidos nas áreas agrícolas. Outro apelido — o "Pastor-de-éguas" — muito comum, decorre de sua extraordinária capacidade reprodutora. O jumento garanhão ou "pai-de-lote" é capaz de cobrir diàriamente até quinze fêmeas com igual vigor. Essas fêmeas tanto podem ser jumentas como éguas de grande porte.

Vem de sua estranha aptidão para farejar a umidade durante as quadras de sêca, o apelido de "Cava-cacimbas". Com a conformação dos cascos dos seus pés, pode cavar buracos por onde mina a água que lhe mata provisòriamente a sêde. Chega a ser comovedor vê-lo de cabeça no ar, fuças arregaçadas, soltando zurros prolongados de alegria por ter descoberto água. Talvez querendo comunicar aos companheiros de infortúnio o seu achado. Apelido na verdade cruel é o "Apara-relho". Dá-se o caso de cambiteiro malvado e tangerino de maus bofes, que não toleram as manhas do jerico. E então em vez das suas exclamações costumeiras, fala mais alto o relho

e até o cabo do relho, batendo sem dó nem piedade no lombo e na cabeça do animal.

Já o "Aguenta-Sêca" é apelido que sintetiza todos os outros. Enquanto os demais bichos fogem assim que seca a última fonte dágua e desaparece o derradeiro vestígio de verde, o jumento não arreda de seu lugar. Na caatinga mais ressequida êle encontra com que manter a vida. Os ossos querendo furar a pele, os olhos encovados e êle mesmo recolhido à sua habitual tranquilidade, o jumento sabe esperar. Essa capacidade de adaptação ao meio adverso, tornou-o como todo animal da região — de pequena estatura, pêles curtos, enxuto de carnes, pernas de pequeno comprimento, cascos feitos para os carrascais. Gustavo Barroso fixara expressão sertaneja que se ajusta bem a essa sua resistência em suportar os rigores da estiagem: "quando a sêca é demais só escapa jumento e sacerdote."

Os próprios adágios usados pelo povo são, como os apelidos, expressões de elogio às virtudes dêsses heróis do sertão. "Gravata de jumento é chocalho" é um dêles. Na verdade o chocalho é o seu único adôrno, a sua regalia. "Palitó de jumento é cangalha" é outro do mesmo tipo depreciativo. Aqui a cangalha não quer dizer objeto de uso decorativo, mas de trabalho. A cangalha é uma espécie de símbolo de escravidão. Mais ou menos com o mesmo sentido é: "quem topa tudo é jumento". De fato não há animal que a êle se assemelhe na capacidade de resistir à adversidade. "Teimoso que só jumento em cima de pedra" — longe de ser uma censura ao seu empêrro quando pisa em terreno liso e escorregadio, é louvor à sua prudência. Antes a marcha lenta do que a carga no chão. A cabeça dura que parece ter, reparando-se bem, é prova de inteligência. Há sempre um motivo, nem sempre suspeitado que o leva a emperrar na marcha ou a arrepiar o caminho. De uso um tanto arcáico é o adágio: "Asno com fome bugalhos come". Pior do que bugalhos, suporta o jumento: o não comer dias seguidos na falta de gravetos e espinhos. Sátira que tanto atinge o jumento como ao homem quando falador, acha-se no adágio: "quem fala muito, dá bom dia a jumento". De tal modo é o jumento uma criatura desprezível que há tolos capazes de dar-lhe atenção. O "bom dia" aqui é sinal de distinção imerecida.

Sendo animal "sem estampa", nanico e lerdo, o jumento é pau para tôda obra nos engenhos de rapadura e nas áreas sertanejas que servem à agricultura. Um cuidado, entretanto, é preciso: prendê-lo em curral. Sôlto mesmo, só na zona do pastoreio. Onde existe a pequena propriedade, onde há maior densidade de população e onde há trabalho proletarizado — o jumento impera. No Ceará, 47% do seu efetivo total existem nas propriedades abaixo de cem hectares. A sua carga mais frequente aí é a rapadura.

# ENGENHOS, IGREJAS E COSTUMES

RAYMUNDO SOUZA DANTAS

TEM a paisagem sergipana, como um de seus aspectos mais típicos, as marcas de um domínio que não desapareceu por completo, sendo ainda grande a importância de seus remanescentes. Continuam numerosos, é verdade, os engenhos e as usinas de açúcar, contudo sua quantidade e influência estão longe daquelas de tempos mais ou menos remotos. Embora tenham sido edificados, em sua maciça maioria, nas zonas litorâneas, distribuiram-se pràticamente por todo o território, em sua avassalante expansão. Transformou-se, assim, pràticamente o Estado, numa vasta zona de engenho, cheirando quase todo o interior a açúcar. Começaram a surgir à "beira rio", sendo os quatro primeiros construidos por volta de 1594, número êste que se multiplicou às centenas, "mato adentro", até o século XVIII, chegando à casa do milhar, nos fins do século XIX, em todo o território. Por muito tempo, isso até 1920 mais ou menos, constituiram-se no verdadeiro e único motor da vida sergipana. Com a decadência da indústria do açúcar, porém, que se verificou após crise de proporções dramáticas, as zonas em que se distribuiram em maior densidade foram ficando pontilhadas de ruínas, que hoje marcam a paisagem de forma indelével, projetando-se como monumentos de um tempo de prosperidade e fastígio sem medidas.

A história da expansão da lavoura da cana e da indústria do açúcar, em terras sergipanas, confunde-se pelo seu caráter, com a própria história do território, desde que surgiu o primeiro povoamento. As demais regiões do norte e do nordeste, que tiveram ambas como principal suporte econômico, passaram aliás pela mesma experiência. Houve fenômenos que, até certo ponto, foram comuns. Desde os primeiros tempos da colonização, convém relembrar, sofreram processo mais ou menos idêntico. Fêz-se sentir, porém, com intensidade maior, em terras sergipanas. As cidades mais importantes, diga-se de passagem, quando não nasceram com os engenhos, devem aos mesmos o seu desenvolvimento, inclusive seus hábitos e costumes. Constituiram-se, principalmente na zona cotinguibense, em centros de irradiação e influência, sob o comando do todo poderoso senhor de engenho.

Testemunhando êsse passado, erguem-se hoje, quer no litoral, quer no centro ou no oeste, velhas edificações características, como as imponentes casas grandes, por exemplo, em sua maioria porém em ruínas. Ao seu lado, algumas devidamente tombadas, estão capelas e igrejas, construidas nos próprios domínios dos engenhos, marcos não sòmente de religiosidade, mas também de poderio, inclusive de fausto, datando muitas delas do Século XVII. No cenário antigo da região cotinguibense, destaca-se entre as mais famosas a capela do engenho *Retiro,* que fica em Laranjeiras. Sua construção data, exatamente, dos idos de 1701. É em Riachuelo, no entanto, que se localisa o maior número dêsses monumentos, pois foi ali que melhor se caracterisou o poder da indústria açucareira.

Existiram, na cidade e vizinhanças, dezenas de moendas, engenhocas e engenhos, cujas marcas ainda são visíveis. Destacava-se o engenho *Penha,* que em tôrno de si criou muitas lendas. Foi erguido em seus domínios, projetando-se hoje soberba e gloriosa, a igreja dedica-

da ao culto de Nossa Senhora da Conceição, que por sinal ainda existe. É também digna de menção, por exemplo, no levantamento do patrimônio cultural da região, a capela do engenho *Maruim de Cima,* na velha cidade de Maruim. Construida por volta de 1736, a capela encontra-se hoje sob os cuidados da *Usina Pedras,* devidamente tombada. Outras edificações, da mesma natureza e origem, pontilham o cenário antigo das várias regiões açucareiras sergipanas, desde São Cristóvão, antiga capital do Estado, descendo para Itaporanga da Ajuda, alargando-se para Buquijim, Arauá ou Simão Dias, num itinerário cheio de surpresas de caráter folclórico. Além de marcarem a paisagem, ao lado das sobrevivências dos antigos engenhos, as capelas e igrejas que a êles pertenceram, constituem, com os mesmos, os marcos de dois podêres que se somavam, numa simbióse discricionàriamente manipulada pela sociedade de então, comandada pela figura do senhor de engenho a que já me referi.

*

Essas regiões, cujo cenário evoquei através de um de seus aspectos característicos, são uma fonte perene de manifestações de verdadeiro cunho folclórico. Além daqueles elementos já estratificados, surgem outros, produtos de novos hábitos e costumes, aparecidos com a diversificação da vida em tôda a região. Por isso mesmo, em menor escala, porém com a fôrça sugestiva de antigamente, ainda se pode presenciar, principalmente nas comemorações natalinas ou dos santos padroeiros, representações as mais típicas, quer de "chegança", de "bumba-meu-boi", quer de "pastoril", de "marujada", quer de "cacumbis", de "vaquejadas" ou de "congos". O negro, com os seus cantos e danças, fornece grande contingente inspirador, para muitos dêsses folguedos e danças dramáticas, a partir de seu comportamento nos canaviais, nos engenhos e nas casas-grandes, somados à costumes e hábitos trazidos da África. Não contribuiu apenas com os seus lamentos, que fazia ouvir do fundo da senzala, ou motivados pelo sofrimento no leito, mas também com a sua reação aos maus tratos de que era vítima. O folclore nordestino, de inspiração negra, pois, está cheio de cânticos nostálgicos, mas também de gritos de revolta, misturando-se aos mesmos seus ritmos, que aos poucos foram ganhando expressão diferente, através metamorfose provocada pelo encontro e adoção de novos valores, lusitanos e indígenas.

*

Ainda se tem notícia das famosas *congadas,* que davam caráter todo particular às procissões de São Benedito, uma das grandes atrações religioso-folclóricas do interior de Sergipe. Os folguedos vinculados à devoção do santo, encontravam sua maior expressão em Lagarto, localidade do oeste, cercada por um grande número de municípios açucareiros, contando com apreciável população negra, descendente de antigos escravos Os folguedos, em Lagarto, pela grande afluência de negros, tinham mais autenticidade, do que nas demais localidades. Registravam-se, nesses folguedos, conforme relato de Sílvio Romero, por exemplo, manifestações as mais típicas do gênio negro-africano, com suas danças lúdicas e de caráter guerreiro, como as representadas pelas "congadas". Foi, porém, em Laranjeiras, no litoral, que os motivos folclóricos negros mais se diversificaram. Os folguedos de "nagô" e "catumbi" constituiram-se, entre outras, as suas mais expressivas amostras. Incluíam várias cerimônias próprias, destacando-se a coroação dos Reis Negros, seguindo-se danças peculiares, com os seus participantes metidos em traje alegóricos. Não era, evidentemente, manifestação devida aos engenhos, mas de certa forma a êles tinham alguma relação, pois tratava-se de criação dos negros nêles escravos.

*

Ricos e variados, são os aspectos da vida nos engenhos, de cunho genuìnamente folclórico. Preocupei-me, porém, conforme ficou visto, primeiro pela paisagem, depois por algumas manifestações registradas no ambiente, estas rela-

cionadas com a presença do negro. Vali-me, em parte, de coisas lidas, em parte de reminiscências de familiares, em parte no que testemunhei, em minhas idas, quando rapaz, a Santa Luzia de Itanhy, a duas léguas de minha cidade, a bem amada Estância, ou a Itaporanga da Ajuda, mais ou menos à mesma distância. Em Santa Luzia, para ver funcionar a usina, tomar caldo de cana à porta da moenda, sentindo o cheiro do açúcar, em Itaporanga, de passagem, para avistar de longe ruinas e tôrres de igrejas abandonadas, inclusive um bueiro símbo'o, que erecto desafia o tempo, falando de outros tempos.

# A "CHULA DA CACHAÇA" — VERSÕES CAPIXABAS

*GUILHERME SANTOS NEVES*

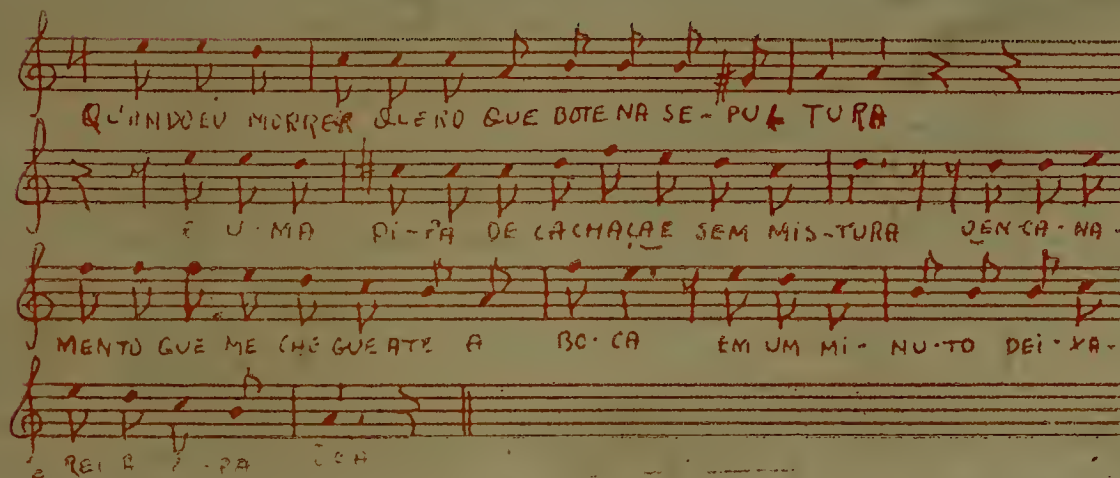
MÁRIO DE ANDRADE, lá por 1927, quando estêve no Amazonas, recolheu letra e música de uma composição a que denominou *Chula da Cachaça,* "escutada no rio Madeira, de gente que sabia ler, se percebe logo" ("Ensaio sôbre a Música Brasileira", Liv. Martins, S. Paulo, 1962, pág. 107):

"O meu consôlo é viver nesta alegria
Cambaleando, vendo a Lua em pleno dia;
O meu consôlo é viver sempre na água,
Porém meu peito não conhece o que é mágoa!

Os taberneiros já não podem vender mais,
Depois das sete não posso tomar meu gáis
Mas sou um cabra que não perco a minha linha,
Trago no bôlso sempre a minha garrafinha.

Quando eu passo um só momento sem beber
Fico maluco, penso até que vou morrer,
Mas dos paus-dáguas sou o rei, sou coroado
E na tendinha sou freguês considerado.

Quando eu morrer quero em minha sepultura
Uma das pipas das maiores, sem mistura;
O encanamento que me venha até a bôca
Em pouco tempo deixarei a pipa ôca.

Ninguém repare, êste é meu natural,
Ninguém repare, êste é o meu moral,
Ninguém repare eu andar cambaleando,
Adeus adeus que já são horas, vou chegando!"

Como anotação à cantiga, Mário de Andrade apenas acrescentou: "É vulgar, porém expressa bem, texto e música, esta malinconia paciente, meio irônico do nosso povo" (idem, ib.) E, dentro de critério seu, distribuiu os versos em quadras e na forma rimática AABB.

Em 1949, ouvimos em Vitória (Espírito Santo), recitados por informante alfabetização, êstes fragmentos da "chula", cujos versos, então, distribuídos assim: (*)

Quando eu morrer,
quero em minha sepultura
uma pipa cheia
de aguardente sem mistura,
e um encanamento
que me venha até a bôca
Em pouco tempo
deixarei a pipa ôca...

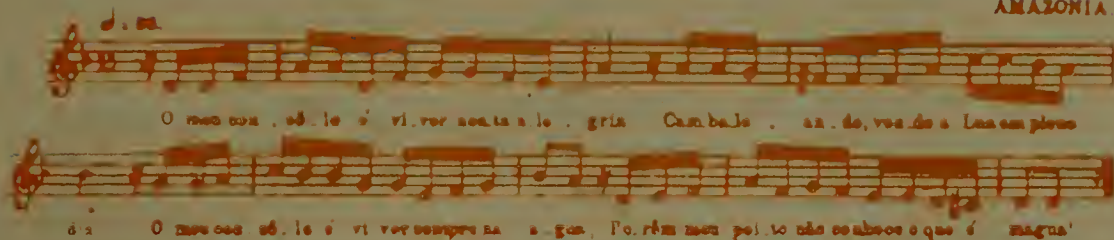
Mais tarde, em Itaúnas, extremo norte do Estado, anotamos, recitada por Adolfo Pereira, analfabeto dos seus 50 anos, uma versão mais longa da cantiga, e, tendo em vista as rimas emparelhadas, entendemos poderiam ser distribuídas as estrofes em dísticos de 12 sílabas, assim:

Quando eu passo um momento sem bebê,
Eu vejo a morte e penso que já vô morrê.
Entre os pau-dágua eu sô rei, sô coroado,
Em minha tenda sô freguês considerado.
Às sete horas, quando eu saio pra bebê,
Os tavernêro já não querem mais vendê.
Eu sô um cabra que não perco a minha linha,
Trago em meu bôrso sempre a minha garrafinha.
Não arrepare por me vê embriagado (sic)
Não arrepare por meu estado emorá,
Não arrepare por me vê cambaleando,
Adeus, adeus, que já são hora, eu vô chegando.
Quando eu morrê eu quero em minha sepultura
Uma pipa das maiores sem mistura,
O encanamento que me venha até a bôca —
Em poucos tempo eu deixarei a pipa ôca...

Reveladas as naturais estropiações da fala do informante (cuja fidelidade procuramos manter), esta variante da "chula" amazonense se apresenta em alexandrinos imperfeitos, na pausa 4 — 3 — 3 de cada um dêles, com exceção do verso 14, evidentemente deturpado e de medida menor. No quinto dístico, houve desvio ou quebra da uniformidade rímica (talvez fôsse: *embriagado-estado*).

Outra versão capixaba, anotamos e gravamos em fita, em 1964, na cidade de Viana, próxima a Vitória. Ouvimo-la cantar ao violão a Benício Pereira de Lyrio, pobre caboclo desempenado, por sinal muito amigo da "caninha".

A esta variante, preferimos dar outra disposição, em duas décimas, estrofação mais comum na poética popular do que os dísticos ou parelhas. Reproduzimos a cantiga tal qual a ouvimos, e dela aqui damos, também, a melodia, fixada em pauta graças à gentileza da ilustre Professôra Maria Penedo, da Comissão Espírito-santense de Folclore:

Mas quando eu passo dois minutos sem beber
E vejo a morte e já penso que vou morrer,
Eu de pau-dágua sou rei, sou coroado,
Nessa vendinha sou freguês considerado.
Depois das sete já não posso mais beber
E os taverneiros já não querem me vender,
Eu sou um rapaz que sempre vivo na linha,
Trago no bôlso sempre a minha garrafinha.
Nas ondas tristes já não posso mais morar
E a polícia já mandou me arretirar
E eu não sei aonde irei fazer meu ninho,
Se é no mato ou na beira do caminho.
Quando eu morrer quero que botem na sepultura
E uma pipa de cachaça sem mistura
E um encanamento que me chegue até a bôca,
Em um minuto deixarei a pipa ôca.
O meu consôlo é viver nesta alegria,
Cambaleando pela noite e pelo dia,
O meu consôlo é de viver nas águas,
Mas o meu peito não conhece o que é mágoa.

A disposição acima poderá ser tida como meio forçada, porque o último verso da primeira décima não parece o fêcho dela — prossegue o sentido no comêço da décima seguinte. Mas deve-se levar em linha de conta que, nas variantes capixabas (de Itaúnas e de Viana), a distribuição dos versos nas estrofes não foi feita, pelos informantes, em ordem lógica se as compararmos à versão Mário de Andrade. O que, porém, unifica as três versões é a medida, quase sempre mantida, das doze sílabas em cada verso.

Temos, assim, a "chula da cachaça", composição popular em versos alexandrinos, o que, como se sabe, foge inteiramente à poética popular ou cabocla. Já o salientou Luís da Câmara Cascudo, em seu prestadio "Dicionário do Folclore Brasileiro", no verbete *Martelo.* Depois de fixar a origem do têrmo, nos "versos martelianos ou *martelos,* de doze sílabas, com rimas emparelhadas", inventados por Pedro Jaime Martelo, 1665-1727, professor de literatura na Universidade de Bolonha, assevera o eminente Mestre de Natal: "Êsse tipo de *alexandrinos* nunca se adaptou na literatura tradicional brasileira".

Poder-se-ia alegar — com certa razão, sem dúvida — não se enquadrar a "chula da cachaça" dentro da poética popular ou da "poesia tradicional" do Brasil. A própria melodia faz lembrar a languidez ou "malinconia" das antigas *Modinhas,* gênero, segundo alguns, para-folclórico e não folclórico.

De qualquer modo, porém, mesmo com feição modinheira, a verdade é que essa cantiga de pau-dágua, pelo seu tom marcado de ironia, por seu

tema vìsceralmente popular: a cachaça, e em razão do uso teimoso na bôca do povo, por certo que se folclorizou, na região amazônica e em terras do Espírito Santo, e, possìvelmente, em outros recantos do Brasil. Pode, por isso, considerar-se peça — e peça valiosa — do folclore nacional.

---

(*) *Rossini Tavares de Lima, em seu prestante livro "ABC do Folclore" (S. Paulo, 2.ª ed. 1958, pág. 156), registra letra e música da mesma chula que "era cantada por velhos boêmios paulistanos (Capital)", por êle recolhida em 1945. A disposição que o ilustre folclorista de São Paulo dá aos versos da chula coincide, até certo ponto, com esta primeira versão capixaba:*

*"As duas horas*
*Já não posso mais beber,*
*Os taberneiros*
*Já não querem mais vender.*
*Ó minha mãe,*
*Não lastime a minha sorte,*
*Se eu não bebo,*
*O consôlo é a própria morte.*

*Quando eu morrer,*
*Quero em minha sepultura,*
*Um encanamento*
*Que me dê até a bôca.*

*Uma pipa grande*
*Daquela sem mistura,*
*Em pouco tempo*
*Deixarei a pipa ôca".*

# ENGENHO GURJAU DE CIMA

MAURÍCIO RABELLO

O ENGENHO Gurjau, no ano de 1591 foi dividido em dois: o Gurjau de Cima e o Gurjau de Baixo. Nessa época Gurjau de Cima pertencia a Simão Rodrigues Cardoso e Gurjau de Baixo, a Agostinho de Holanda.

Joaquim de Sousa Leão comenta em seus trabalhos que, "no mapa de Ving, seguramente copiado do original português (tôda nomenclatura em vernáculo), Gurjau aparece sob grafia quase irreconhecível, Gorogoá, uma légua distante a oeste de Santo Agostinho sôbre o rio Burjau, que na carta se escreve Gorajau. Os documentos holandêses se referem a um só: Gorjau (Breve Discurso, de 1683) ou Grojau, (Relatório de Van der Dussen, 1639) e o dão como pertencente a André Soares, natural de Viana" que ficou conosco" (holandêses), engenho dágua e moente. Em 1651, pertencia ao capitão-mor de Muribeca e Jaboatão, Fernão Soares da Cunha, primo de André, que, com seu irmão Diogo Soares da Cunha, fundou o Engenho Suassuna. Em 1667, passava Gurjau a êsse Diogo Soares".

Posteriormente Gurjau de Cima que era de Diogo Soares, passou ao Sargento-mor Bento Gonçalves Vieira. Gurjau de Cima pertenceu depois aos seguintes donos: Bento Gonçalves Vieira Camelo, casado com Francisca Severina Cavalcanti de Lacerda, uma segunda Severina, filha de Manuel Tomás, que se casou com Manuel de Sousa Leão, dono do Engenho Nôvo da Conceição; Manuel de Sousa Leão, filho de Jerônimo de Sousa Leão; José de Sousa Leão, o Barão de Gurjau, que ao morrer em 1906 deixou Gurjau para Maria dos Anjos, sua sobrinha e viúva de Elino de Sousa Leão.

Joaquim de Sousa Leão, assim refere-se à Casa-Grande de Gurjau de Cima, "a de Gurjau de Cima é das mais antigas casas-grandes existentes em Pernambuco, com sólidos alicerces e parapeito que lhe sustenta o jardim fronteiro. O madeiramento é pau d'arco: tesouras, vigas, esquadrias e batentes. As portas ainda conservam os antigos gonzos de engaste. O fôrro arcáico, sem chaminé e com grelha típica, é uma autêntica relíquia". E mais adiante, "sobe-se ao sobrado principal por escada externa, que dá hoje para larga varanda coberta, ladeando duas faces do prédio contíguo, mais mo-

derno, que o corta em ângulo reto. Tinha d'antes o ar senhorial de solar minhoto. Hoje, está descaracterizado por berrantes acréscimos. A capela, sob invocação de São Miguel, tem dois andares, frontão barroco e tôrres rasas. A talha do altar-mor é digna da esplêndida imagem do arcanjo. Possui côro e galeria no mesmo piso da casa, a que se liga por uma passagem interna".

José de Sousa Leão, Barão de Gurjau, nasceu a 19 de março de 1839. Era filho terceiro de Manuel de Sousa Leão e Francisca Severina Cavalcanti de Sousa Leão. Neto paterno do capitão-mor Domingos de Sousa Leão e bisneto do capitão-mor Manuel de Sousa Leão, que fundou a Casa do Maranhão, foi portanto, o Barão de Gurjau, o único titular da Casa do Maranhão.

O Barão não deixou nenhum descendente. Morreu na rua da Aurora, no antigo número 49, a 6 de agôsto de 1908, de gripe intestinal. A mulher era Lialia Esmelinda, sua prima, que nasceu a 16 de março de 1841 e faleceu a 10 de outubro de 1921, no Engenho Nôvo da Conceição de arterioesclerose, sendo sepultada no Recife.

A Baronesa de Gurjau era filha de Antônio dos Santos Braga e Dona Ana Isabel de Sousa Leão, sobrinha do Visconde de Tabatinga e da Baronesa de Jaboatão.

Recebeu por decreto, José de Sousa Leão, o título de Barão de Gurjau, a 5 de maio de 1883.

Pelo aspecto da capela, antes se poderia dizer igreja, tal a sua dimensão, e por certos vestígios que ainda se encontram na casa-grande, vê-se que o Engenho Gurjau de Cima é dos mais antigos da zona canavieira de Pernambuco.

A casa-grande mostra sua fachada principal e, possìvelmente uma parte do seu corpo, sinais de reformas que a descaracterizaram a um ponto extremo. Jamais os velhos mestres de obra conceberiam construir um frontão em tão flagrante desarmonia com o beiral que singularmente corre pelas partes laterais da casa; como igualmente o terraço circundando uma amurada de alvenaria, sem dúvida um aleijão em casa colonial não só daquele tempo como nos séculos que se seguiram mesmo depois da Independência. Entretanto ao lado esquerdo do corpo principal ergue-se igualmente em dois pavimentos um bloco arquitetônico de linhas sóbrias, lembrando os velhos sobrados do Alto da Misericórdia, em Olinda, ou da rua da Aurora, no Recife, já nas proximidades da ponte da estrada de ferro, comumente chamada de Limoeiro. Largo vão em arcada existe no pavimento térreo, tudo indicando que era a passagem por onde entravam os cabriolés dos antigos senhores de engenho.

A reunião da parte nova ou renovada com a antiga resultou em conjunto de mau gôsto que faz da casa-grande do Engenho Gurjau de Cima uma casa sem importância na paisagem social da zona da mata de Pernambuco. A planta-baixa do casarão apesar de grande número de dependências, que se estendem para traz e para os lados, está longe de apresentar a unidade que se via por exemplo, no Engenho Noruega — das casas grandes de engenho de Pernambuco, talvez a mais opulenta do ponto de vista de tamanho. É que o interior da casa do Engenho Gurjau de Cima certamente sofreu modificações que a desfiguraram tanto quanto o seu exterior.

A capela do Engenho Gurjau de Cima é um bloco arquitetônico de tal volume que antes se poderia elevá-la à categoria de igreja. Em tamanho talvez se possa comparar a do Engenho Laranjeiras ,no norte do Estado, e que teve tal importância que foi sede de freguezia antes da existência de Nazaré da Mata. O que torna a capela do Engenho Gurjau de Cima pesadona é o inacabado das duas tôrres, deixadas apenas em suas bases. Quanto às portadas do térreo e às varandas que protejem os vãos do andar superior, pode-se dizer que dão à fachada um belo aspecto. Ela poderia ter sido erigida em Olinda, Salvador ou Ouro Preto pelo grandioso de sua arquitetura. A nave, de dimensão incomum em capela, poderia reunir um número de fiéis que certamente não habitavam no engenho, incluindo mesmo a escravaria. Há um passadiço ligando a capela à casa-grande: comodidade certamente reservada aos Senhores e Senhoras do Engenho.

# OS FANTASMAS DE MINHA TERRA

TOBIAS PINHEIRO

SE a noite era de lua, no Engenho do Bandolim, os compadres e parentes vinham, um a um, contar e ouvir as estórias dos fantasmas, a começar pelos espalhafatos do lobisomem, nas noites de sexta-feiras. Nós, pequenos, ficávamos aos pés dos velhos, com mêdo de ir para nossas rêdes. Certa vez, meu tio Diva, o querido irmão de minha mãe, sonhou com vários fantasmas ao mesmo tempo, querendo levá-lo para o outro mundo. Uma luta desigual se travava, quando a filha mais velha — Ernestina — acordou e foi para sua companhia. Ainda dormindo, meu tio deu-lhe um *tapa* gritando: "Até tu, fantasminha!" Só então acordou com o chôro desesperado da menina.

Oscar Wilde ficaria assombrado, indignado mesmo, ao ver e comparar o seu Fantasma de Canterville com os fantasmas de minha terra. Isto não poderia acontecer com êle, que talvez tenha morrido com *as limitações do gênio,* ignorando a Aldeia dos Anapurus, "três léguas de terras em quadro, fazendo pião no templo da mesma povoação, correndo os seus lados norte e sul, leste e oeste, e compreendendo-se no ato de sua demarcação tudo o que se achar dentro das ditas três léguas".

Tudo o que se achava no Brejo, naquele tempo, em 1770, como ainda agora, eram os fantasmas. A prova está, não em Sousa Marques, o autor do Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão, editado em 1870, que fêz aquela referência, mas no próprio Governador Melo e Póvoas, em 1767, quando visitou a terrinha: "O lugar de Nossa Senhora da Conceição do Brejo dos Anapurus o achei mui pouco adiantado". Êste *mui pouco adiantado* não quer dizer atrasado? E o atraso não representa um fantasma?

Não é, porém, só o atraso o único fantasma de minha terra. Isto representa um caso isolado, inexpressivo, se comparado a atrasos maiores, mais sentidos, mais dolorosos, não apenas de outros municípios brasileiros. Há atrasos aí pelo mundo afora, até de países inteiros. Êste fantasma de minha terra seria, portanto, uma insignificância se viesse isolado. Não resistiria à menor tentativa de comparação com os demais.

Há, entretanto, outros fantasmas que se unem àquêle e irão presenciar, no dia 11 de julho de 1970, o transcurso do I Centenário da Cidade, assim considerada pela Lei Provincial n.º 899 a antiga Vila de igual nome. Pode-se, de passagem, citar os dos índios Arapurus, que mandavam e desmandavam no Brejo, há precisamente três séculos. A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, essa obra gigantesca que Jurandir Pires Ferreira deixou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, lembra que daquele nome, uma corrutela de *Muypurás,* veio a Anapurus, que hoje não existe mais no Brejo, só Brejo, o que me causa certo desgôsto, porque dizem que o filho do Brejo é *sapo,* ou apenas *brejeiro*.

Os índios de minha terra tinham um grande sentimento de amor ao Brejo. Sabiam beijar o pó do chão e abraçavam os troncos das velhas árvores, como se dissessem que *nossa terra tem dono*. Eram considerados *bárbaros tapuias*. Ainda hoje seus fantasmas rondam por lá, vociferando contra aquela Ordem Régia de 1722 que mandou destruí-los. Destruídos, tornaram-se fantasmas e, com a

República. passaram a votar em tôdas as eleições. Foi o Senador Clodomir Millet, já depois da Revolução de 1964, que os excluiu do último pleito. Eram os *eleitores fantasmas*. Não votaram mas se vingaram: deixaram que seu denunciante fôsse eleito para a Câmara Alta. Comenta-se, entretanto, que "êles voltarão e, ainda, votarão".

Na minha infância, o principal fantasma do Brejo era a ignorância. Foi com muita dificuldade — e prejuízo de dois braços no engenho de meu pai — que deixei o Bandolim, onde bebi o primeiro gole de cachaça, para fazer o curso primário. Alguns primos ficaram analfabetos, ou melhor, não aprenderam a assinar o nome. Parece até que o fantasma da ignorância lhes favoreceu. Êles não deixaram a terrinha, onde fazem rapaduras e bebem cachaça, tranqüilamente, sem o destino de penar em terra alheia.

A pobreza educacional de minha terra era tão grande que só dispunhamos de duas Professôras — Dona Cotinha Rodrigues Lima e Dona Gracinda Pires Macatrão. Quando concluí o curso primário, com boas notas, tive de repetir o ano para não desaprender. Ainda hoje continuo repetente, com um dos fantasmas da ignorância cercando-me por todos os lados. O fantasma veio do Brejo comigo e desconfio que seja um dos *Muypurás*.

Sempre pensei que outras cidades eram mais ricas em fantasmas. A minha, entretanto, tinha dois fantasmas ricos. Depois falarei dêles. As cidades mais ricas em fantasmas eram São Luís, Alcântara e Caxias no meu Estado, ou, no outro lado do Parnaíba Teresina. Não foi sem inveja que ouvi, na capital piauiense, meu saudoso João Ferry declamar a "Num Se Pode". — Era um fantasma repelente e feio, figura de mulher descomunal, que nas noites escuras passeava pelas ruas da Capital. Acendia cigarros nos lampiões das esquinas deixando a sombra esguia estirada no chão como se fôsse uma cobra enorme. Quando algum boêmio menos prevenido, entusiasmado pelo fantasma da embriaguês, lhe dirigia um galanteio, ela — voz cavernosa — respondia: "NUM SE PODE"... "NUM SE PODE".

O fantasma de maior importância que se lembrava do Brejo, vez por outra ancorando no pôrto da Repartição, era o Cabeça-de-Cuia. Menino que mergulhasse no rio, quando êle nos visitava, não tomaria mais a bênção ao pai. A Mãe-Dágua também passava por lá, mas, só para os barqueiros saciarem a volúpia dos olhos diante de tal beleza. Não dava para a contemplação dos meninos, o que era uma pena.

Em São Luís, havia Dona Ana Jansen. Dizem que passava numa carruagem, à noite, puxada por quatro mulas-sem-cabeça, enquanto os escravos, nos porões dos velhos sobradões, gemiam atemorizados diante do terror que o espectro impingia. Contam que a negra bonita, com dentes de pérolas, entrou no alicate do feitor. Perdeu a dentadura só porque não tinha o direito de ter sorriso mais bonito que o da patrôa. E a patrôa não sabia sorrir.

Alcântara — a Cidade Morta do Brasil — tinha suas estórias girando em tôrno dos *senhores-de-engenho*. Há quem tenha visto o Imperador Pedro II, na sua magestade, barbas brancas e serenidade de um santo, nas ruínas de seu Palácio, ouvindo versos de Gonçalves Dias. Dizem também que isto é mentira, no que não acredito. Nos velhos sobradões de azulejo, imponentes, são vistos os patriarcas de ôlho nas filhas bonitas dos vizinhos, atemorizadas mas audaciosas, à espera dos noivos que foram estudar na Europa.

E Caxias — que deu seu nome ao Patrono de nosso Exército e é terra-berço do Poeta Máximo das Américas e do Príncipe da Prosa Brasileira — tinha tropas lutando noite a dentro. Era a Balaiada, de que nos fala o Mestre Astolfo Serra, e que fêz muita gente enterrar ouro e prata, com mêdo de perder a fortuna, mas acabou perdendo a vida, levando para o outro mundo o segrêdo. E do outro mundo passou a viver nêste mesmo, em cima do pedaço de chão onde se encontrava seu dinheiro, não deixando que ninguém passasse por perto. Eram os fantasmas da avareza, cheios de cuidado com aquilo que foi a maior preocupação em vida e ficou sendo, também, a maior preocupação em morte.

No Brejo, havia dois locais onde os defuntos donos de tesouro guardaram suas fortunas lá por volta de 1840, quando por lá andaram o balaio Antônio Bentevi e o bravo Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, um dos ancestrais do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, de que nos fala tão bem o Poeta Hindemburgo Dobal. Pois bem, muita gente no Brejo deseja saber onde estão êsses dois tesouros. Onde está um, eu não digo, pois ainda pretendo ir lá para desenterrá-lo. É meu porque, certa vez, o dono dêle veio falar-me em sonho: "Estou cansado de vigiar meu tesouro. Só você sabe onde êle está enterrado. Veja se tem um tempinho de ir à terra apanhar o baú. Há vários quilos de ouro de lei e de prata de casa. O produto da venda deve ser empregado em letras de câmbio e em títulos de capitalização."

Outro ficava na Quinta, ao lado do campo de futebol. Lá onde eu cortava capim para os animais de meu pai. O lugar era mal assombrado. Foi ali que Dona Eusébia Maria da Conceição enterrou seu tesouro antes de fugir para a Gameleira, onde foi bàrbaramente morta a faca por Antônio Bentevi, no dia 13 de maio de 1839, dia realmente da libertação de seus escravos. Segundo me revelou o Desembargador Traiaú Moreira, filho da terra, deram-lhe 21 facadas e, após esquartejarem o corpo, colocaram na ponta de uma vara as partes mais ocultas da mulher, mostrando-as pelas ruas de minha terra. Dizem que Dona Eusébia veio de Portugal na comitiva de Dom João VI. Dominou o Brejo, indo seus colonos de Barreirinhas, no Norte, ao rio Itapecuru, além de transpor as fronteiras maranhenses, no lado do Piauí. Era temida e terrível. Um dos seus escravos foi que mostrou aos balaios seu esconderijo. Só o despojo de suas jóias foi avaliado em Rs 1.200$000, merecendo êsse total mais uns três zeros em cruzeiros novos. Seu fantasma está no Brejo tomando conta da maior parte do tesouro, que ficou mesmo enterrado.

São muitos os fantasmas. Há os candidatos a postos eletivos, que só aparecem pelo Brejo às vésperas das eleições. Há os médicos, que nunca aparecem. Há os padres que "fizeram da Freguesia uma importante povoação", isso por volta de 1850. Monsenhor Pedro Santos, entretanto, não quer que os chamemos de fantasmas, no que tem razão e, por isto, não pretendo contrariá-lo. Êles eram apenas os santos padres das santas missões, como se alguns santos não fôssem também fantasmas, que castigam os pecadores e premiam os justos com a paz da bem-aventurança.

Estou com êle e não deixo de estar, também, com meus fantasmas.

# ASSOMBRAÇÃO NO MATA-VIRGEM

JAYME GRIZ

ESTAVA-SE, no Mata-Virgem, no preparo da botada (1) de setembro, que aí vinha.

Nas levadas, nos brejos e no açude grande cantavam ainda os últimos cururus de cheia chegados nas primeiras águas da invernada que findava.

Os céus, depois de cada chuvarada rápida e grossa daquele fim de inverno, se apresentavam cada dia mais limpos e desanuviados. O sol já aparecia claro e quente, enxugando a terra ainda molhada pelas derradeiras águas de agôsto.

O senhor do engenho madrugava nessa fase do ano.

Lá embaixo, na casa de moagem, falava, dava ordens, ouvia trabalhadores e recebia gente que vinha de longe pedir trabalho no Mata-Virgem: Cortadores de cana. Carreiros com suas varas de carreiar nos ombros. Moendeiros. Mestres de açúcar. Êsse era um quadro de todos os anos, no Mata-Virgem, que o engenho tinha fama de bom moedor.

Na última têrça-feira do mês, com a moagem na porta, aparece no engenho um estranho casal procurando trabalho ali. Êle, baixo, forte, de grandes mãos calosas, acaboclado e de fala mansa, com uma espécie de matolão pendurado nas costas, onde carregava instrumentos de trabalhar madeira: serrotes, puas, plainas, etc., e um machado no ombro. Oferecia seus serviços de carpina. Ela, a mulher, uma branquela *rosagá* de cabelos afogueados, magra e comprida, desconfiada e desajeitada. Tinha um ôlho prêto e outro verde, como certos cães ou gatos. Não falava nem olhava para ninguém. Tinha a cara sempre torcida para um lado. Trazia uma pequena trouxa na cabeça e puxava pela mão um cachorro alto, magro, de focinho comprido. prêso por um cambão. O cão era tão esquisito quanto ela. Desconfiado e rosnante que só cachorro de beira de estrada. Para completar sua esquisitice, tinha a mulher uma perna curta. Quando andava subia e descia que só mão-de-pilão batendo na peça de pilar. Sua estranha figura chamou logo a atenção de todos no engenho. Diziam que ela, com aquêle ôlho prêto e outro verde, e aquela perna coxa, tinha parte com o Cão. E ninguém tirou mais os olhos de cima dela.

Enquanto o senhor do engenho fala ao homem do matolão, a mulher encolhia-se tôda no seu canto, resmungando e rosnando que só o seu cão de cambão. O senhor do Mata-Virgem resolveu ficar com o carpina, que se chamava Custódio. Tinha serviço para êle, no engenho. Sua companheira ganhou logo o nome de Conhem (2). Por causa daquela perna curta e aquêle andar de vai em cima-vem embaixo.

Preferiu o carpina, para morar, em vez de uma casa no cercado do engenho, um sítio, onde armaria sua tenda de trabalho e plantaria seus roçados de milho, feijão, e mandioca que desmancharia em casa de farinha que levantaria com sua caseira, quando o tempo permitisse.

Custódio, além de lidar com serrotes e plainas, gostava, também, de trabalhar a terra.

Havia, então, um sítio desocupado um tanto distante dali, numa bôca de mata, com fama de malassombrado, no qual ninguém queria morar.

(1) Início de moagem nos engenhos do Nordeste.

(2) Que coxeia (pop.)

Ficava num córrego. Terra ruim. Cheia de inbaúba e capim barba-de-bode. A casa de moradia ficava num alto, numa meia banda do córrego. Tinha paredes de taipa e coberta de sapé. De longe só se via sua coberta, com melão de São Caetano se alastrando por cima.

Para além do córrego, numa baixada, havia uma lagoa que crescia no inverno e no verão nunca secava.

Era a Lagoa do Boi. E o malassombrado do sítio, como diziam, vinha daí, dessa lagoa, onde ,anos atrás, havia morrido um boi atolado, e de uns gritos que em certos dias vinham da mata próxima, seguidos de grande e ruidosa ventania que sacudia a mata e descia dali para a lagoa, em redemoinhos, derrubando tudo que encontrava e sumindo, de repente, ninguém sabe para onde. Os raros pescadores dessa lagoa, vez por outra, corriam dali assombrados com êsses gritos ou tangidos pelo zumbi do boi (3) que às vêzes aparecia com essa ventania que descia da mata.

O sítio era, assim, um lugar sombrio e cheio de assombrações.

Para lá foi o carpina com a sua estranha companheira.

Custódio ali chegando, roçou c mato que cercava a casa de morada. Entaipou-a de nôvo. Renovou sua coberta. Abriu caminho de acesso à casa e em outras direções. Cortou pau na mata e levantou uma tenda de trabalho, onde alongaria suas atividades no engenho.

Em breve tempo estava o carpina instalado no seu sítio, pronto para seu labor no Mata-Virgem.

*

Passou o verão. Veio outro inverno. E outro verão.

Custódio se desincumbia de seus afazeres no engenho e na sua tenda caseira, e ainda tinha ânimo e tempo apesar da má terra, de cuidar de seus roçados no sítio malassombrado. Sua companheira, quando não andava no mato ou pescava na Lagoa do Boi, dava uma demão na lampa dos roçados. De noite ela queimava erva braba no terreiro da casa. E seu cão ladrava noite a dentro para as sombras e fantasmas daquele êrmo.

E assim corria o tempo.

Mas ninguém vive imune ou em paz em terra de abusão.

Um dia Custódio morreu mordido de cobra, na mata.

Sòzinha estava agora a companheira de Custódio, naquela solidão.

Como vivia ela agora ali ninguém sabia. De companhia só lhe restava o seu inseparável cachorro, que ladrava dia e noite naquelas brenhas do sítio malassombrado.

Depois da morte de Custódio, levada por necessidade de sua viuvez, botou-se um dia a Conhem, com o seu cachorro, para a Casa-Grande do Mata-Virgem. Mas não pôde lá chegar. Quando alcançou o cercado, tôda a cachorrada do engenho atirou-se contra ela e seu magro e rosnante cão. E foi um Deus nos acuda! Uma latomia de todos os diabos tomou conta do mundo. E não se sabia bem se aquela zoada era contra o cão da Conhem ou contra ela. Na verdade era contra os dois. Era contra aquelas duas estranhas criaturas que tinham parte com o Cão, como diziam no engenho. E não tendo podido alcançar a Casa-Grande, diante daquela danação dos cachorros contra ela, a Conhem desapareceu do cercado, com o seu cão, como por encanto, não mais ali voltando.

*

Depois do que aconteceu à Conhem, no engenho, no dai em que pretendeu ir à Casa-Grande, ninguém mais teve notícia dela, de seu cão, nem do seu sítio, perdido nas brenhas do Mata-Virgem.

A ira dos cachorros contra aquela estranha mulher e o seu desaparecimento do engenho, deram o que falar. E nessa altura, ela não era mais a Conhem. O povo tinha alterado o seu nome. Ela agora era a Conha. E seu sítio passou então a ser: sítio da Conha.

Correu o tempo. Um dia os urubus começaram a voejar por sôbre a casa da Conha. Ela morrera no abandono e no êrmo de seu sítio.

Ali mesmo foi enterrada.

(3) Alma ou fantasma do boi (pop.)

O sítio agora estava mais malassombrado do que nunca. Ontem, era o zumbi do boi morto na lagoa. Eram os gritos dos fantasmas da mata. Depois, outras assombrações se acrescentaram àquelas. Agora, eram os gritos dos guaribas na bôca da mata. O ladrar do cão da Conha. que ali ficara morando ao lado de seu cão, que também era um fantasma, perdido naquela feia e triste brenha.

Agora é que ninguém mais pisava ali. Nem de dia nem de noite. Que aquilo era um mundo do outro mundo.

Em certas noites de escuro, no Mata-Virgem, ouvia-se ao longe, o ladrar do cão da Conha. E seu uivar lamuriento.

Mundo de sombras e fantasmas era então o sítio da Conha.

A Lagoa do Boi podia agora abarrotar de peixe que ninguém era doido para ir pescar ali. Ninguém mais se dispunha pôr os pés ali para apanhar suas bonitas piabas, seus grandes caritos, suas gordas traíras. Aquilo agora não era mundo de gente não. Era mundo de abusões...

Mas há sempre gente para tudo neste mundo.

Lá um dia, o velho Caetano, ex-fornalheiro do Mata-Virgem, antigo pescador de anzol, que não saia da beira do açude do engenho, botou-se, de tarde, para a Lagoa do Boi, no sítio malassombrado.

"Nêgo véio não tem mêdo de nada não", dizia o prêto Caetano.

Lá chegando ,sentou-se à beira da lagoa, acendeu seu cachimbo, sacudiu o anzol n'água e ficou à espera do pinicado do peixe que ali tinha "pra brejá" (4), como dizia lá êle.

E foi essa fartura que levou o velho Caetano a arriscar uma pescaria, naquela tarde de sexta-feira, no sítio da Conha.

Na beira d'água, foi-não-foi, Caetano botava no bisaco um bonito carito, uma gorda traíra.

Quando a tarde foi esfriando e os morcegos começaram a voejar no ar, e a *viuvinha* cantou o seu triste canto nos juncos da lagoa, e os guaribas começaram a gritar lá em cima na mata, Caetano tratou de arrumar seu pescado e voltar para o engenho, que estava ficando de noite, e êle conhecia a fama daquela lagoa e o que se dizia do sítio da Conha.

Começou a escurecer. Dentro em pouco, um cão ladrou, longe. Depois veio ladrar mais de perto, no alto da casa da Conha. De repente, uma ruidosa ventania sacudiu tôda a mataria circundante, vinda dos lados da casa da defunta, e chegou fria e uivante à lagoa, agitando suas escuras águas. E quando Caetano, já de pé, e de saida, levantou os olhos para o mato sacudido pelo vento e olhou a margem oposta da lagoa, lá estava, de pé, esguia e comprida, vestida num camisolão branco, uma aparição do outro mundo: o fantasma da Conha. E dali caminhou, por sôbre as águas da lagoa, suspenso, no ar, na direção do pescador. Caetano, todo arripiado, e sabendo o que era aquilo, abalou na direção da porteira que dava acesso ao cercado do engenho. O fantasma, à medida que andava, crescia em tamanho no seu camisolão branco, com seus compridos cabelos agitados pelo vento. E assim caminhando e crescendo sempre, aproxima-se cada vez mais do pescador que, apavorado, corria como podia, com o fantasma da Conha, já agora, quase rente a êle, transmitindo-lhe sua frieza tumular, e gritando-lhe, com voz fanhosa de alma do outro mundo: "Larga meus peixes, larga meus peixes..." Ao alcançar a porteira, Caetano não teve fôrças para transpô-la. Tocado pelas mãos de gêlo do fantasma, não deu mais conta de si. Caiu quase fulmiando pelo pavor que o imobilisou junto à velha cancela.

No outro dia, pela manhã, foi encontrado o velho Caetano caido junto ao mourão da porteira, sem fôrças para se movimentar, e alesado, sem nada poder dizer do que lhe acontecera.

Só dois dias depois pôde Caetano contar o que lhe sucedera no sítio da Conha.

Diante do acontecido, o senhor do engenho mandou derrubar a porteira do sítio malassombrado e no seu lugar foi levatada uma cêrca. E dêsse dia em diante ninguém mais passou ali. E o sítio da Conha virou mata.

(4) Com fartura (pop.)

# TRÊS MENINOS DE ENGENHO: Ascenso Ferreira, José Lins do Rêgo e Antônio Maria

RENATO CARNEIRO CAMPOS

O poeta morreu do coração, sem levar ódios nem deixar fortunas, de alma limpa como açúcar de primeira. Ao contrário dos poetas mundanos, dos burocratas da poesia, dos fabricadores de "chaves de ouro" para as academias. Ascenso Ferreira demonstrou ser um tradutor da alma de seu povo, selecionador das suas expressões, sentimentos e paisagens, onde parece ter misturado a própria carne, sangue e nervos. Soube ser popular e participantes; rimar vida com poesia. Representava e declamava os seus poemas, comovido e de lágrimas nos olhos, dando a impressão que as palavras não lhe pertenciam, e que êle apenas fôsse o mensageiro de um momento poético de sua terra e de sua gente, terminando cansado e ofegante como alguém que tivesse botado a alma pela bôca.

Em seus versos, a palavra oral sempre teve mais fôrça do que a palavra escrita. Não podia ser de outro modo: êle foi um rapsodo, poeta que nunca aspirou ser rei, mas vagabundo e boêmio, desejoso de transformar em poesia a infância recordada, o mundo mágico da meninice, à maneira de quem traduzisse um grande amor que lhe tivesse ocorrido muito cêdo, um "amor inoperável", como diria Proust. E para que pudesse alcançar a própria alma com os olhos da memória, ajudados pela imaginação, deve ter vivido profundamente, morrido tantas vêzes, e ressuscitado na deliciosa meninice de sua terra que êle tanto amou e sentiu. Transformava-se em terra dos velhos banguês, em assombrações, em ritmos de maracatus, em festas populares e toadas de cangaceiros. A sua poesia escorria doce, densa e quente como o mel de engenho. Humilde, ociosa, alegre, vagabunda, nostálgico, fraterno, sensual, guloso, padeceu e apreeendeu o seu universo de imagens. Universo que, às vêzes, sendo íntimo e particular, estava sempre prêso às coisas e figuras do Nordeste. Poeta mais da bagaceira, do terreiro, da platéia dos pastoris, das ruas do Recife, do que dos terraços e das salas das casas-grandes.

Não há traços de impaciência e de mau humor em sua poesia. Nunca levantava a voz nem cantava em dó de peito. Os seus versos são bem um roteiro de ternura e fidelidade ao regional e ao tradicional. Um tradicional, porém, longe do mofado e dos punhos de renda, e sim dinâmico e mágico no sentido de permanência, dissolvido e renovado nos divertimentos do povo, nas cantigas, crenças e lendas. Esqueço os poemas anedóticos de Ascenso Ferreira. Esqueço, ainda, algumas estrofes derramadamente sentimentais. O que toca a minha sensibilidade são os seus versos mais próximos da música, com muito de festas e de cantos, que ressoam nos meus ouvidos desde os tempos de menino. Guardo aquêles poemas que parecem ter surgido da emoção popular, realizados por um poeta autêntico, que tão bem soube captar o tradicional-coletivo do seu povo,

cantar o que estava esquecido ou perdido, o melhor da poesia para o espanhol Antônio Machado.

*

Nada num engenho de açúcar fugiu à sensibilidade do menino de engenho asmático que, enquanto os companheiros brincavam, em sua solidão mais se apercebia de tudo: do canto dos pássaros, do mugir dos bois, do estralar dos relhos dos cambiteiros, dos ruidos noturnos, do vermelho dos 'flamboyants", do verde dos matos viçosos, sempre de olhos e ouvidos bem abertos para o drama das pessoas que o cercavam — os parentes e os trabalhadores de engenho. Olhos e ouvidos bem abertos de menino sensível, desde cêdo sofrido, doendo-lhe no peito os acessos de asma e as mágoas de órfão de mãe separada do pai. Mas havia as estórias da velha Totônia enchendo o quarto de menino em casa-grande, sem querer dormir, de 'tantos gestos, de tantas festas de rei, de tantas mouras tortas perversas"; havia o cheiro de mel que "espalhava-se com a fumaça: adoçava tudo"; havia a ternura da tia Maria, a habilidade de Chico Pechincha e o canto do canário "Marechal"; havia o velho José Lins: "a grandeza da terra era a sua grandeza". Tudo isso o menino de engenho guardou para, mais tarde, passar prodigiosamente para as páginas dos seus romances, prendendo o tempo perdido com a mesma facilidade que Chico Pechinca fazia cair nas arapucas, que fabricava e armava, os passarinhos do engenho Corredor.

Os livros de José Lins do Rêgo surgiram como uma imposição das suas vivências e do seu temperamento. Surgiram quase, podemos dizer, aos arrancos, como se tentasse libertar a alma de recordações e sofrimentos. Descobria tudo: as degradações da infância, os mêdos, os conflitos mais íntimos, não tinha receio de se mostrar como era. Falou por todos que se criaram nas casas-grandes dos engenhos do Nordeste, já na decadência dos banguês. Foi o maior intérprete, na ficção, da zona dos canaviais, que física, social e culturalmente é quase sempre a mesma, seja na Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte ou Pernambuco.

Álvaro Lins, em seu livro *Literatura e Vida Literária,* diz que o lirismo de Thomas Hardy e o sexualismo de D.H. Lawrence muito ajudaram José Lins do Rêgo a encontrar o seu próprio caminho de romancista.

O autor de *Fogo Morto* considerava D. H. Lawrence "o romancista mais vivo e mais humano do seu tempo". Sentia-se, sem dúvida, atraído pelo escritor inglês, por um Lawrence que passou a infância num ambiente impregnado de tristeza, sentindo a transição da Inglaterra dos velhos castelos, das diligências, do tempo de Isabel, da era da Rainha Ana e Tom Jones, das lendas de Robin Hood, para a Inglaterra mais do que nunca industrial, com a sua zona rural dominada por mineiros, da época do ferro e do carvão. Atraído pelo romancista inglês que via a paisagem de Tavershall povoada de semi-cadáveres, do mesmo modo que êle via os engenhos dos seus parentes. Ambos pareciam tirar partido das coisas vividas; não foram pròpriamente inventores: possuiam demasiada paixão pela vida. E tanto o inglês como o brasileiro não se sentiam fascinados pela obra de arte bem acabada. Um arrepio de paixão e nervosismo, de sangue e de alma, mais do que espírito, tocava os seus livros. Alguns romances de José Lins do Rêgo estão impregnados de sugestões do criador de Lady Chaterley, do considerado durante muito tempo o "maldito" Lawrence, que sentia a lhe escorrer nas veias um misterioso sangue italiano. Sugestão daquela união entre o homem e a mulher que o escritor inglês pregava com ardor de religioso, defendia a sua prática à maneira de um político e tornou imortal como romancista.

O sexualismo em José Lins do Rêgo não deve ser interpretado apenas como um reflexo do ambiente rude de alguns de seus romances. Êle procura reabilitar e poetizar o sexo. Carlos de Melo possui Maria Alice debaixo das jaboticabeiras, com o chão coalhado de frutas maduras, a horta cheirando com os pés de açafrôa coberto de flôres, da mesma maneira que Mellors ama Constance entre amores perfeitos silvestres, campânulas, folhagens de carvalhos e madresilvas em botão.

Do mesmo modo que em Ascenso Ferreira, o menino de engenho se prolongou nêle os seus últimos dias. Contador de estórias, torcedor de times de futebol, amante da boa mesa, místico, homem de gargalhadas e lágrimas de repente, sem meias-medidas, sempre fiel à paisagem da infância, as sombras do lugar que mais amou: as margens doces do Paraíba, o seu rio, "tão manso nas suas vazantes, tão sêco, com o leito todo descoberto, verde de salsas e juncos, nos seus dias de verão".

*

Não sei se o cronista Antônio Maria já é nome de rua. Desconheço as homenagens que foram prestadas à sua memória. Poucos meses antes de morrer, veio ao Recife, rever os amigos do peito, já que estava vivendo um grande amor. Era um menino de engenho, descendente daqueles senhores de engenho que passavam as noites jogando "poker" e lasquinê, arrematavam prendas em pastoris, possuiam finos cavalos de sela, bebiam vinhos estrangeiros e aguardente "de cabeça". Continuou sempre, durante tôda vida, um menino de engenho, levantador de saia de mulheres, guloso e contador de estórios como Ascenso Ferreira e José Lins do Rêgo, feito para o ócio e a fruição da vida, também de grandes gargalhadas e tristezas que desabavam de repente. As "boites" deviam lhe parecer grandes e luxuosos pastoris, cheias de mulheres dos cordões azul e encarnado, com arruaças e esperanças de conquistar uma bela Diana.

Antônio Maria não conseguiu esquecer os tios chegando pelo trem da "Great-Western", vestidos de linho da Irlanda, depois de terem conversado com o governador Estácio Coimbra, a grande mesa da sala de jantar, a alvura da toalha, os copos de cristal, o vermelho do vinho Chianti, que êles tomavam menos pelo gôsto do que pela aparência agradável da embalagem. Não esquecia as estórias de almas do outro mundo, pressentidas nas sombras que os candieiros projetavam nas paredes. O cheiro de mel, dos bolos e dos doces nas grandes travessas e compoteiras atiçaram a sua gulodice para tôda a vida. O menino órfão de pai, criado nas casas dos tios ricos, ainda assistia um resto de esplendor dos antigos engenhos do Nordeste, já beirando a decadência.

Dizia-se do Recife "com orgulho e com saudade", íntimo do Cais do Apolo, da Rua da Aurora, do Pátio do Mercado, das margens do rio, das praias, dos carnavais, das festas populares. Trazia a marca da cidade no espírito crítico e irônico, na sensibilidade para a poesia, na coragem de luta quixotesca, na permanência de certas atitudes de "enfant terrible", no toque cosmopolita, na vontade de correr mundos vinda da visão de tantas águas, barcaças e jangadas.

Foi um homem de muito sangue e muita alma: do bom comer, do bom beber e do bom amar. Comia, bebia e amava, com fé, os bons pratos, as bebidas e as mulheres. Estava mergulhado na vida até a raiz dos cabelos. Deve ter saido dela sem querer, como um penetra que é pôsto para fora de uma grande festa. O aviso rude da morte, porém, não o atemorizou, compareceu ao encontro marcado sem xaropes, pílulas e barbitúricos, procurando testar o coração chumbado da dor da angina e da mágoa da saudade.

# É BEM VIVO O FOLCLORE NOS PÉS-DE-SERRAS E SUBÚRBIOS DE CRATO

J. DE FIGUEIREDO FILHO

CRATO é município encravado no sul do Ceará, já nos limites com o Estado de Pernambuco. Sua sede é cidade próspera, culta, evoluida, mas de fundação antiga. Surgiu o povoado, nos albores do século XVIII, catequizado por capuchinhos italianos do Ofício de Olinda.

Povoado, no princípio por elementos vindos pelo S. Francisco e seus afluentes, oriundos da Bahia, Sergipe e Pernambuco, seus costumes aproximam-se mais daquelas zonas do que mesmo do litoral e do norte do Ceará. Apesar do intenso progresso, suas tradições se conservaram bem vivas e atuantes.

Foi sempre a cabeça natural do Cariri cearense e desenvolveu papel de relevância nos acontecimentos históricos que fizeram a independência no Ceará, no primeiro quartel do século passado, com irradiação pelo Piauí e Maranhão. E ainda não lhe morreu o inato espírito de pioneirismo. É sede de profundo movimento educacional e cultural, de chamar a atenção de todos que a visitam.

Bebendo lições de civismo, em seus primórdios, da família Alencar que se projetou pelo Brasil afora, a religiosidade, dos Capuchinhos e depois, dos Lazaristas, que fundaram, em 1875, o Seminário de S. José, soube conservar suas tradições mais puras. Seu rico folclore ficou quase na íntegra. Muito contribuiram para reanimá-lo, o Instituto Cultural do Cariri, fundado em outubro de 1953 e mais recentemente, a Faculdade de Filosofia do Crato.

As comemorações da Padroeira — Nossa Senhora da Penha, as festas do ciclo de Natal e Ano Bom, atraíam para a sede municipal os vários conjuntos folclóricos: Zabumba de Couro, Maneiro Pau, Reisado, com Bumba-Meu-Boi e outras bicharadas, Pastorinhas a cantarem, acompanhadas de maracás de Flandres, nas diversas lapinhas. Os JUDAS com seu testamento em versos tornavam-se indispensáveis no Domingo da Ressurreição, como o SERRA-VELHO, nas casas dos amasiados, no Sábado da Aleluia.

Tudo aquilo foi passando, com raras exceções. Recolheram-se exclusivamente ao meio rural. As próprias autoridades passaram até a proibí-los, na cidade para impedir aquela demonstração de atraso aos forasteiros. A urbe com luz

*O conjunto cabaçal dos Anicetos — Itaytera-Crato. O velho Aniceto toca na tarela, enquanto seu filho dança o passo do* Baião. *(Foto, gentileza de Geraldo Sarno)*.

elétrica, cinema e calçamento, não podia se mostrar com bandas de música de pífaro e de zabumba tosco, nem com reisados com homens vestidos de saiote, de côres berrantes. O Judas vá lá! Foi traidor de Cristo. Merecia castigo todos os anos e mesmo era costume enforcá-lo, em figura, até nas capitais! As pastorinhas, bem vestidinhas, à cigana, algumas com cara bonita, não faziam vergonha à cidade. Para eliminá-las bastava a Árvore de Natal que penetrava, em todos os recantos, destruindo os velhos presépios do passado.

Aquêles folguedos ainda não tinham o nome estrangeirado de FOLCLORE... O étimo invadira apenas os meios cultos do país.

Por ocasião dos preparativos das festividades comemorativas do primeiro centenário de elevação de Crato à cidade, que seria a 17 de outubro de 1953, no edifício da prefeitura local, apresentei projeto à Comissão elaboradora do programa, da inclusão de desfiles folclóricos, recrutando tôda a sua representação no município. Foi rijamente combatido por muitos, ainda arraigados de velhos preconceitos contra os folguedos populares. Venci, finalmente, mesmo porque falava em nome da imprensa que eu representava no momento. Dispunha, por conseguinte, de todo o aparato de divulgação em minhas mãos. E assim foi organizado programa, quase completo, da participação de todos os conjuntos folclóricos do município. Convém relembrá-los: a Cavalhada que contou com a colaboração do antigo vencedor do torneio de argolas. Mobilizou-se guapo grupo de rapazes e môças, com trajes típicos, para a dança do PAU-DE-FITA, armado no pátio da Feira de Amostras, à Praça da Sé. Ainda houve desfile de cambiteiros, em trajes toscos, a cavalgarem seus burros de cambitos. A vaquejada no leito sêco do riacho Granjeiro, recrutou os campeões de derrubada de bois pelo sedenho, de tôda a redondeza. Mas, não foi só isso o principal das festividades populares, que empolgaram a cidade e seus visitantes. Êstes acorreram, em massa, de todo o Nordeste, para as deslumbrantes comemorações, tendo como pontos máximos — a Feira de Amostras do Comércio e Indústria e a Exposição Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados. Maneiro Pau, cantadores de Côco, Zabumbas de Couro encheram as ruas de alegria esfusiante. Diversos Zabumbas, ou Bandas Cabaçais, afluiram para Crato. Foi sucesso total êsse desfile de conjuntos musicais tão exóticos. Jovens de ambos os sexos, notadamente de Fortaleza, se agrupavam em tôrno de cada uma e, aos passos, à maneira do carnaval, acompanhavam os originais quartetos pelas ruas e praças, despertando a curiosidade pública. Confundidos no meio da população que enchia a urbe, estavam o Governador de S. Paulo Ademar de Barros, o Vice-Presidente da República Café Filho, o Ministro do Trabalho João Goulart, deputados, senadores, secretários de governos, jornalistas, comerciantes, lavradores e criadores. A Cabaçal fêz sucesso a puxar cordões.

O que é a CABAÇAL, ou ZABUMBA DE COURO?

Já escreví bastante sôbre tais conjuntos musicais de dois pífaros, uma tarela, tipo caixa militar e um zabumba, feito de tronco ôco de timbaúba e couro de carneiro. Divulguei-os em livros, monografias, revistas e jornais, de norte a sul do país. Apenas repetirei trecho de meu "FOLCLORE NO CARIRI", editado em 1962, pela Imprensa Universitária do Ceará. É a transcrição de tópicos, da página 82, de minha própria autoria e outro da pág. 84, transcrição do escritor caririense — Capitão Otacílio Anselmo e Silva:

"Executam os componentes da banda-de-couro músicas onomatopaicas de compositores locais, que são bem apreciadas pelos caboclos dos campos e dos bairros das cidades caririenses. O baião é o gênero que mais gostam. PIPOCA é um baião que imita o milho pipocando no fogo. MARIBONDO é tão agressivo em notas agudas quanto aquêles insetos tão valentes e de ferroadas tão causticantes. CACHORRA é como se fôsse a cadela a gritar com o açoite. Notei que cabaçais diferentes tocam CACHORRAS de maneira diversas umas das outras. Parece-me que sendo motivo, embora originário do baião, já possui certo grau de independência. Isso só poderá ser

*O ZABUMBA — Cabaçal dos Anicetos. J. de Figueiredo Filho aparece sentado, em primeiro plano.*

*Tarela e pífaro, dois instrumentos do Zabumba de Couro. (Fotos, gentileza de Geraldo Sarno).*

identificado por alguém que entenda bem de música.

Pifeiros e zabumbeiros não são tocadores sòmente. Dançam ao mesmo tempo que tocam, aquêles músicos matutos. Saracoteiam o baião, tal qual se dança, há mais de cem anos. Há passos diversos. Alguns dêles podem confundir-se com o frevo pernambucano. Já vi tocador de zabumba com um pé só, pulando vara deitada, a tocar no seu volumoso instrumento, sem perder o compasso da música e da dança. Há trejeitos diversos, muitas vêzes exigindo verdadeiras proezas acrobáticas. Há tanta riqueza coreográfica no baião tradicional, dançado pelos pifeiros do Cariri, que pode superar até o frevo de Pernambuco. Há caboclos que dançam tão bem, ao som do popular ritmo sertanejo, que conseguíu dominar o Brasil de norte a sul, que não têm medo de munir-se de duas facas de pontas e saem incólumes, depois de saracotearem passos diversos e arriscados."

"Trata-se de tradicional banda-de-música - cabaçal, também denominada música-de-couro ou simplesmente zabumba ou cabaçal. Conjunto musical primitivo, a cabaçal se compõe de dois instrumentos sonoros (pífaro de taquara com seis orifícios e dois de percussão — zabumba (bumba) e caixa (tarela) ambos formados de troncos de árvore e pele de carneiro. Êstes asseguram o ritmo com batidas fortes, que ecoam de longe.

Tendo um diapasão semelhante ao do flautim, e devido à sua forma rudimentar, o pífaro só emite notas intermediárias ao agudo e ao grave, nos limites da escala tonal. Daí a monotonia da melodia zabumba, geralmente fundadas em fase de quatro compassos, sob a cadência ternária e, algumas vêzes, binária. As composições são executadas em perfeito dueto, apesar da incultura musical dos instrumentistas."

As bandas cabaçais ressurgiram, com vigor, em Crato e também em Juàzeiro do Norte.

No bairro cratense de "ITAYTERA", há a cabaçal dos Anicetos. São quatro irmãos que a compõem, mas sempre com a assistência do velho Aniceto que, apesar de seus oitenta anos, ainda dança o baião e toca o zabumba. O conjunto já tem fama. Tomou parte em festival folclórico de Pôrto Alegre, exibindo-se na T.V. Foi o centro principal das representações folclóricas do 5.º Congresso Brasileiro de Folclore de Fortaleza em julho de 1963 e participou do Festival Folclórico do Rio, em agôsto do mesmo ano. Estiveram êles por várias vêzes em Fortaleza. O conjunto foi filmado, em fins de 1967, em Crato, pelo conhecido cineasta Geraldo Sarno, a serviço do Instituto de Estudos Brasileiros, dirigido em São Paulo, pelo nosso coestadano escritor José Aderaldo Castello.

A Revista "ESSO" dedicou-lhe bonita reportagem fotográfica. Escrevi sôbre

os Anicetos, em REVISTA DA AABB, do Rio, em vários jornais e no BRASIL ROTÁRIO. Estiveram presentes, em festividades da Universidade do Ceará, em Crato, e da Faculdade de Filosofia local, no Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense, sempre a arrancar aplausos. São peritos em danças, notadamente no baião.

Com todo êsse acervo de vitórias, ainda encontrou outro zabumba de couro, de componentes acima de 45 anos, com resistência admirável, filhos do mato, que lhe arrancaram a primasia, em concurso folclórico, realizado em julho de 1967, no recinto da Exposição Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados de Crato. Trata-se de pifeiros e zabumbeiros da cabaçal do sítio S. Gonçalo, situado aos pés da serra de S. Pedro, ainda no município cratense. É dirigida por Martiniano Pereira e recebe o nome de CABAÇAL DO CIPÓ, sítio vizinho a S. Gonçalo. Dançam com tôda a desenvoltura, apesar da idade e possuem, no repertório musical, variedade enorme de composições próprias. Quase tôdas as suas figuras são cratenses natos.

Executam p e ç a s onomatopaicas, a exemplo do Tiramento do Enxu (abelha silvestre), Tiramento do Maribondo, o Bode, imitando o bodejar, Derrubamento do Zabumba, com jôgo daquele instrumento musical, com inteira perícia. Um dos seus *pifeiros* conduziu o pífaro para uma espera e lá, ao ouvir COAN a cantar, imitou-lhe o original cântico, fazendo depois composição musical para a banda de couro. É das principais tocatas daquela cabaçal. O zabumba de Martiniano Pereira, tocou, com êxito, na Primeira Convenção distrital do Lions Clube do Ceará, ocorrida, em Crato, em abril de 1968.

Além dessas bandas de couro já citadas, existe uma no Barro Vermelho, arrabalde citadino, outra também em Itaytera, terceira no Granjeiro e uma quarta no bairro do Seminário. Para mostrar que a cabaçal continuará a viver, no sítio S. José há banda exclusivamente de crianças. Já desfilou pelas ruas de Crato, na Festa do Município, em 1967.

O Reisado, agora ìntimamente ligado com o Bumba-Meu-Boi, está em plena vivência, no município e arredores. Sobressai-se o do sítio S. José, perto da estação ferroviária do distrito cratense de Muriti. Aparece nas festividades natalinas, de Ano Bom e dia de Reis. Estêve no Festival Folclórico de agôsto de 1966 e seus jogadores de espada exibiram-se, brilhantemente, em 1963, por ocasião do 5.º Congresso Brasileiro de Folclore, levados pelo presidente do Instituto Cultural do Cariri. Mestre Dedé, hoje recolhido ao trabalho intenso de uma bodega e açougue, no Muriti, era o seu dirigente e enxertador de improvisos em versos. Joga espada, de verdade, como perfeito espadachin de cinema. Seu principal competidor é o figurino que representa o rei na função. O duelo tem fundo de realismo. Muitos apresentam cicatrizes de ferimentos e há momentos em que pulam por cima um do outro, caindo aos trejeitos, com seu instrumento cortante e dançando o baião. Tôda a luta é ao som de um baião, tocado em viola, ou melhor ainda, pelo zabumba de couro. Os Mateus, em número de dois, caboclos pintados de carvão, são os cômicos da função. Horrìvelmente trajados, com côres negras e óculos escuros, fazem o possível a provocar risadas na assistência. São munidos de relho que estalam no ar, de quando em quando. No Reisado de S. José, há uma Lica que representa megera, ou Mateus feminino. Não passa de homem travestido de mulher.

Os figurinos, vestindo saiotes azuis, ou encarnados, com capacetes enfeitados de espelhinhos e contas de aljofre, entoam toadas dolentes, com versos de cunho religioso, misturados a motivos bebidos na História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares da França. Depois entram em outros assuntos, abrangendo o amor, a natureza, faina agrícola, etc. Misturam recitativos com a cantoria. Ao cantarem, dançam sempre, acompanhados de viola, orquestra de cordas ou a cabaçal. Improvisam versos algumas vêzes. Os Mateus, ou caretas, ou papangus, assim chamados em Fortaleza, são irreverentes até com as coisas sagradas, sempre reprovados pelo Mestre do Reisado.

Os figurinos do Reisado de S. José, ao passo do baião, formados em fila, ao

aproximarem-se da casa onde irão exibir-se, cantam toada, com versos um tanto ou quanto diferentes doutras funções do mesmo gênero, de lugares mais afastados:

Ó que casa grande que avistei,
Primeiro que vi foi uma luz acesa,
Eu olhei pra França,
França e Bahia
Meu governador da cavalheria,
Da cavalheria Antônio Conselheiro,
Fêz o embalamento pra o Rio de Janeiro.

Não pode haver maior amontoado de disparates. A História de Carlos Magno é misturada com a literatura de cordel e Rio de Janeiro entra, nos versos, exclusivamente para rimar com Antônio Conselheiro.

À porta da casa, dançando sempre, passam a motivo mais disseminado pelo Nordeste, que eu encontrei registrado pelo historiador e folclorista Pereira da Costa, em seu O FOLCLORE PERNAMBUCANO:

Santo rei e dão Sariongo dai-me em [peleja,
Quando eu chegar em qualquer parte [da culpa presa,
Ó de casa, ó de fora, eu fui quem cheguei [agora,
Acompanhado dos anjos e de Nossa Se-[nhora.

Dão Sariongo marca a influência dos "Doze Pares de França" nos motivos populares brasileiros. Vemos também o aportuguesamento do Don para Dão.

Os Mateus são imensamente palradores e metem-se em todos os assuntos, não respeitando nem o Rei, nem o Mestre. Seus diálogos provocam hilariedade, notadamente no rurícola.

O Reisado, disseminado em todo o Brasil, diferencia-se de um lugar para outro. S. Luís do Maranhão abriga os conjuntos melhores, sempre a renovarem-se, por rivalidades mútuas.

Todos os gracejos dos Mateus, atirados na Lica, são de sentido moralmente dúbio. Rezam êles um PELO SINAL deturpado, ajoelhados, em atitude irreverente, a debulharem enorme rosário de caco de cuia e outras bugingangas. Vale a pena a gente conhecer tal originalidade:

A fome me faz tremer,
A desgraça urubu corta,
Estou conhecendo da morte,
Pelo siná!
Se não chuvê em gerá,
Em dezembro é com franqueza,
Se acaba toda a pobreza
Da Santa Cruz.
A furtá não me dispús,
Morrê de fome acho feio
Se é de pegá no alheio,
Livre-nos Deus.
Pode té sê que os meus
Se livre do estandarte
Tendo da nossa parte
Nosso Senhô! (1)

Nos intervalos, há lutas de espadas, que, no Reisado aludido, é a parte mais empolgante, pela perícia dos duelistas, já mencionada.

Finalmente, chega a vez dos bichos. O boi chega no recinto tangido pelo abôio plangente dos Mateus. Dão-lhe chicotadas. O bicho exibindo uma caveira de bovino, com indumentária de lona, um figurino debaixo, dança e faz trejeitos. Os figurinos cantam no compasso do baião:

Meu boi bonito
Meu boi valente,
Faz uma vênia
A tôda esta gente.

O boi obedece. Os caretas o irritam. Corre atrás dêles a dar chifradas .Arremete-se contra os meninos mais achegados.

O bicho, porém, esmorece, cai e morre. Os Mateus fazem um chororô danado. Lá vem o testamento:

A tripa gaiteira
Das moças solteiras
A tripa fina
É das meninas.

E assim por diante...

---

(1) Êste PELO SINAL é espécie de deturpação do PELO SINAL SERTÂNEJO, de origem norte riograndense, colhido pelo escritor Gustavo Barroso, em seu livro "AO SOM DA VIOLA".

Mais tarde, chega o doutor em traje estravagante. Ausculta o morto. Receita-o. É o clister de um moleque. Os Mateus pegam um menino e simulam introduzí-lo no sedenho do animal. Vem a ressurreição com o alarido geral. O boi levanta-se esperto e dá chifradas a torto e a direito. Há nova cantoria, em tom alegre.

Recolhido o boi pelos Mateus, chegam sucessivamente: a Zabelinha, o Jaraguá, o Sapo, a Ema. E há criações recentes — o Cangaceiro, a Caipora, o Caboclo, etc.

A Zabelinha é a burrinha. É sempre um menino que faz o papel, com corpo de bicho e cabeça de gente. Os pés da frente são os do figurino. Entra no recinto, em marcha de cavalo de sela. É figura muito simpatizada.

Zabelinha foi a missa
Num cavalo sem espora,
O cavalo deu um pulo
Zabelinha saltou fora.

No carnaval de 1964, encontrei uma zabelinha, em plena rua central de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco. Cantava:

Zabelinha de meu amo
Come palha de arroz.

No município cratense sobrevivem vários reisados, no bairro chamado Barro Vermelho, o do S. José, já mencionado, o do sítio Granjeiro e outro em S. Gonçalo, onde existe o zabumba de couro de Martiniano Pereira.

Outro folguedo popular que perdura em Crato, nos subúrbios e na zona rural, é o MANEIRO PAU. Alguém o chama de MINEIRO PAU. Ao comentar o meu livro — "O FOLCLORE NO CARIRI", o conhecido filólogo e folclorista mineiro — Aires da Mata Machado Filho, em dois artigos, saidos em sete a oito diários do país, comprovou que o nome genuino é MANEIRO PAU. Os caboclos de Crato e do Cariri são tão peritos naquela brincadeira secular, que o porrete de jucá se torna bem leve em suas mãos. Talvez daí venha o nome — Maneiro.

Na bagaceira dos antigos engenhos de rapadura do Cariri, os cabras sabiam brigar com cacetes, com o máximo de perfeição. Eram suas armas prediletas. Faziam até exercícios esportivos, entregando faca de ponta ao companheiro e mandando que cravassem neles, em qualquer ponto do corpo. Nenhuma facada o atingia pelo manejo perfeito de sua arma defensiva. À noitinha, juntavam-se todos, no pátio do engenho, cada um com seu cacete de pau-ferro, bem cuidado e até polido e organizavam roda bem grande. Um dêles cantava quadrinha, aprendida de cor ou improvisada. Dançavam em fila, naquela roda, e quando o versinho terminava, entoavam, em côro, dando um volteio com o corpo e batendo com seu cacete no do vizinho, MANEIRO PAU, MANEIRO PAU. A festa animada se prolongava pela noite a dentro. Qualquer copla servia de solo ou mesmo outra forma de verso.

Convém mostrar como se canta o Maneiro Pau, utilizando quadrinha muito conhecida no interior nordestino:

Se eu fôsse pôde de rico
Maneiro pau! Maneiro pau!
Não morava lá no mato
Maneiro pau! Maneiro pau!
Morava mais a Lorinda
Maneiro pau! Maneiro pau!
Ali na rua do Crato!
Maneiro pau! Maneiro pau!

Não só usam quadras no solo, como, igualmente, sextilhas, oitavas ou outra modalidade qualquer.

O antigo dono da terra o ameríncola kiriri, que deu o nome de batismo à zona, foi bom manejador do cacete. Era sua arma predileta, ao lado de sua habitual prancha de arremêsso — o HY-HY-TÉ. Em 1931 para 1932, na guerra restauradora, cognominada do PINTO, contra Crato liberal, o vigário de Jardim benzia os cacetes dos cabras pintistas, a fim de os tornarem invencíveis na luta pela volta de D. Pedro I. Foi assim chamado de Padre Benze-Cacetes.

O Maneiro Pau perdura no Cariri. É folguedo que nos veio da bagaceira do engenho e o manejar do porrete tem raízes no próprio ameríncola kiriri. O

Mestre João Bernardo tem seu grupo, no bairro ITAYTERA, mobilizável a qualquer hora. É improvisador e além daquele folguedo, seu pessoal, bem treinado, dança e canta Côco-Bingolê, Dança de Palma-de-mão, Côco Gavião e várias coisas mais. Já visitaram Fortaleza, por mais de uma vez. Foram as figuras centrais do desfile folclórico das festividades do Centenário da Cidade do Crato e também do Bi-Centenário do Município, em 1964. No Maneiro Pau muitas vêzes figuram louvação a Crato:

Viva a cidade do Crato
Princesa do Cariri
Hoje fêz seu centenário
Não quero sair daqui.

Os motivos folclóricos de Crato e do Cariri não podem ser descritos em único artigo de revista. São sugestivos e múltiplos.

# ENGENHO DE PAU

BAPTISTA SIQUEIRA

TIVE, na juventude, a ventura pouco comum, de ter assistido a uma moagem de cana no alto sertão paraibano. Foi no denominado Açude-Grande propriedade da família Figueiredo. Nêsse aludido sítio, onde certa vez chegamos de surprêsa, por haver o grupo de Lampião passado no subúrbio do povoado, um dos nossos companheiros da fuga precipitada — cantador de modinhas dos mais festejados (O Telles) que sabia chorar na estrofe sentida e disparar, enérgico, no estribilho ligeiro, cismou de demonstrar que não era fraco como as circunstâncias deixavam transparecer...

Cismou é conversa, provou que era bamba, "no peito e na raça", ao agarrar, sem nenhum rodeio, enorme enxuí que vivia socegado, há tanto tempo, naquele recanto do alpendre do casarão principal. Se foi heróico no gesto, foi ridículo no resultado pois, em poucos minutos, ninguém reconheceria, naquele homem de aspecto disforme, nosso caro orador e modinheiro que sabia dizer com tanta correção e entusiasmo ao discursar: "povo de minha terra!" Deixando transparecer o domínio de si mesmo — no estremecer da covinha do rosto, num tique singular — como arrebatava aquela expressão singela!...

Nesse engenho de rapadura, construído exclusivamente de madeira resistente, três moendas dentadas, feitas de pau-ferro, giravam contìnuamente primidas pelas almanjarras. Apenas numa delas, porém, a junta de bois puxava firme sendo a outra destinada ao equilíbrio da armação. Da canga saia uma vara reforçada que, passando entre os animais, se dirigia à haste.

Entre as moendas eram enfiadas, por pressão manual, pedaços delgados de cana caiana e fita, adrede preparados de maneira a facilitar sua penetração um pouco abaixo dos dentes que punham os toros em permanente rodopio.

Do canavial imenso, existente logo abaixo do paredão do açude, vinham as canas nas costas de jumentos e burricos, num tipo de cangalhas simples e rústico, onde os cambitos apareciam enfileirados. Tal era, porém, o volume da carga que os animais de pequeno porte quase desapareciam como visão e perspectiva.

O trabalho da moagem, pròpriamente dito, se iniciou naquele dia, muito cedo, e, cêrca de oito ou dez caboclos, vestidos pobremente, tendo os dorsos completamente nus, mostravam-se animados e posssuídos até de contagiante alegria.

Era uma verdadeira festa a moagem!

Poucos minutos após haver o engenho começado a girar, já estava quase fervendo, nos tachos mais fortemente aquecidos pelas labaredas, a garapa suculenta.

Um operador, vara comprida em punho, onde se divisava firme cuia na ponta, fazia o papel de purgador retirando calmamente, qualquer borra que, por acaso, surgisse sôbre o mel em formação. Começava aí o trabalho de apuração e a cuia embutida na delgada vergôntea ia também, distribuindo caldo aquecido nos tachos por acaso ainda vazios.

O calor indispensável às operações técnicas era conseguido, no mais das vêzes, com os próprios bagaços sêcos de cana resultantes do trabalho do dia anterior.

Meu grande desejo de garôto era fazer um alfenim volumoso, branco cujos detalhes impressionavam-me desde muito.

Num montículo de canas, que se divisava bem nas proximidades das moendas, apanhei um pedaço curvo e bem proporcionado pois tinha instruções decoradas sôbre como agir para obter um alvíssimo produto daqueles que faziam as delícias da garotada.

Como eu era menino de cidade os caboclos se apressaram em dar instruções claras para a confecção do desejado produto.

Foi sumária a lição e num linguajar pitoresco que é pena não haver ficado na memória. Todavia, em razão de minha vontade férrea, e do nenhum preparo, como logo se viu, um dos caboclos tomou a cana e, depois de passá-la no mel da gamela, fêz girar no ar mandando que continuasse o processo até o resfriamento total. Logo a seguir, o melado já bastante pastoso, foi retirado da cana, por processo elementar e, então, começou a verdadeira fase do puxa-puxa.

Mal havia iniciado a operação de branqueamento, verifiquei, com surprêsa, que algo não previsto, estava acontecendo contrariando tôdas as minhas disposições. Resfriara totalmente o mel, porém o pior estava acontecendo: a massa açucarada grudava de maneira incômoda, nas duas mãos e o fato chegou a tal ponto que não era possível continuar o vaivém indispensável ao branqueamento.

Foi nesse exato momento que apareceu, não sei bem como, uma xícara de goma (polvilho) que aplicado nas mãos evitou todo aquêle desagradável processo que estava pondo em sérias dificuldades a realização do meu desejo.

Tivemos assim, uma vitória técnica apreciável até que surgiu o momento da forma tradicional, ou seja, da arrumação do produto: linda cabeleira branca ondulada. Aí deu-se o fiasco total, pois não se conseguiu a côr desejada e, muito menos projetar aquêles detalhes que estavam a exigir a forma peculiar da guloseima que tantas vêzes fazia a preta Victória.

Tivemos, ao contrário, uma massa disforme, côr morena que ficou achatada no tabuleiro.

No engenho dos Figueiredo cultivava-se cana da melhor qualidade (planta regular, correta) e o fabrico era coisa admirável tanto na perfeição quanto na qualidade.

A liberalidade dos proprietários era coisa nunca vista bastando dizer que qualquer pessoa, sem distinção de classe ou categoria, que estivesse em visita no engenho, podia chupar cana, beber garapa (doce ou azêda) comer mel (melado) e até levar, em cabaças de colo um pouco do produto já arranjado.

Essa moagem não era, pròpriamente falando, uma fabricação industrializada da rapadura, mas uma festa digna de comentários e elogios. E embora o objetivo principal fôsse produzir rapaduras que seriam arrumadas no paiol a fabricação era muito rudimentar: fôrmas encrustadas na madeira eram recheiadas de mel apurado e postas a esfriar depois para, logo a seguir, recomeçar o mesmo trabalho inicial. Havia ainda, outra especialidade, pouco comum e, por isso mesmo preferida de todos, cujo nome era **batida.** Nela entravam certos temperos caseiros, tal como o cravo e a canela. A diferença no preparo estava justamente no modo de fazer o mel cair na fôrma que, nesse caso, era por batidas. O resultado final dava a impressão de uma efígie simulada.

No engenho dos Figueiredo, pelo menos naquele tempo, não havia fabricação de aguardente nem mesmo do açúcar nas suas diferentes modalidades. Não havia, por igual, qualquer espécie de alambique.

Na noite em que chegamos ao sítio dos Figueiredo acossados pelos bandidos que invadiram a povoação, encontramos um passa-tempo agradável. Certos caboclos trabalhadores de eito sabiam de memória, várias estórias de bandoleiros célebres. Escolheram para distrair, as tropelias do famoso Cabeleira que. em tempos idos, fêz dos canaviais lugar seguro de seu esconderijo.

Com voz firme e característica do sertão, seu tradicional acompanhamento de viola de arame, começaram a cantar

fragmentos, hoje muito conhecidos, mas na época novidade das maiores.

O assunto não podia ser mais apropriado pois se referia a acontecimento histórico onde o perverso fôra enforcado no Recife. Cometera crimes infamantes como aquêle do infeliz apanhador de cêcos do qual o bandido confessou desejar ver a queda: "encontrei um homem feito um guaribão; pus-lhe o bacamarte, foi **pá pi** no chão."

Essas perversidades eram cometidas nos canaviais:

"Mortinho de fome
Sequinho de sêde,
Só me sustentava
Em caninha verde"

Certos versos do folclore Nordestino trazem contribuição ao assunto já focalizado aliás, no romance **Cabeleira** de Franklin Távora.

Eis alguns versos dos que ouvi naquela noite socegada. Formam uma argumentação que se esboça sem seguimento correto contando falcatruas do bandido que, se tendo arrependido na hora da morte, recebeu apoio benéfico dos cantadores do sertão:

**Embolada**

Lá na minha terra
Lá em Santo Antão
Encontrei um homem
Feito guaribão

**Toada**

Pus-lhe o bacamarte
Foi **pa pi po pu**
O homem embolou
Como um tatu

**Cantiga de embolada**
(mesma música)

**Fecha a porta gente**
Cabeleira aí vem
Matando mulheres
Meninos também

**Toada**

Meu pai me pediu
por sua **benção**
Que eu não fôsse fraco...
Fôsse valentão
Minha mãe pediu
Por seu coração
Que eu não fôsse mau
Não matasse não...

**Embolada**

Fecha a porta gente
Resa o credo em cruz
Cabeleira é diabo
Recusou Jesus

Corre minha gente
Cabeleira aí vem
Êle não vem só
Vem seu pai também

**Toada de prisão**

Anda Cabeleira
Anda vem **contá**
Como te prenderam
No **canaviá**

Mortinho de fome
Sequinho de sede
Só me sustentava
De caninha verde (variante)

Era meio dia
Chega o capitão
Eu me vi cercado
Com grande aflição

Minha mãe me deu
Contas pra resar
Meu pai preferiu (variante)
Faca pra matar

Eu me vi cercado
De cabo e tenente
Cada pé de cana
Era um pé de gente

**Toada da mãe de Cabeleira**

Quem tiver seu filho
Dê-lhe educação
Pra depois não ter
Dor sem remissão

**Embolada trágica**

Aí vem o negro
De laço na mão
Adeus Cabeleira
Adeus Santo Antão.

Aqui vai a música dêsse romance; pertence legìtimamente, ao folclore do sertão pois foi recolhido da tradição oral na bacia do Pajeú de Flôres.

Nessa mesma noite, depois do canto do **Cabeleira** aprendemos o estribilho do **Côco Cana-fita** e, sem preocupação alguma de ordem estética, ali mesmo passamos a ajudar na execução improvisada:

**Estrofe**

**Cana fita** reboliu
Guaxinim **chupô, chupô**;
Quando a **foia** escapoliu,
Aí! Guaxinim se **assustò!**

**Côco**

**Cana fita rebolô**
**Rebolô, virô, virô...**

Vejamos agora a música na ordem em que foi cantado o Côco, num conjunto de vozes alternadas:

# UMA LENDA MEDIEVAL

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

NO primeiro tomo, página 181, seção Lendas Sagradas, do meu livro "Roteiro do Folclore Amazônico" (1), inseri uma versão regional daquele conto dos irmãos Grimm, "A sôlha" (2), sob o título "Aramaçá e a Virgem":

"Um dia, a Santa Virgem passeava nas margens do rio Amazonas, onde a maré se faz sentir precisamente à grande distância da embocadura. No seu passeio ela encontrou o peixe aramaçá e lhe disse amàvelmente:

"Aramaçá, a maré sobe ou desce?"

A Santa Virgem estava então muito velha e sua voz era um pouco trêmula./ O peixe, invés de responder-lhe, ousou faltar-lhe com o respeito./ Imitou a voz de Nossa Senhora e entortou a bôca para ridicularizá-la, repetindo a frase da Santa Virgem em tom burlão:

"Aramaçá, a maré sobe ou desce?"

Então Nossa Senhora amaldiçoou-a, e daí por diante o peixe ficou com a bôca torta, como se pode constatar ainda hoje."

Essa lenda sagrada aparece no livro do barão de Santa Anna Nery, "Folklore Brésilien", 175-6, Paris, 1889, de onde foi vertida.

A mesma lenda, por incrível que pareça, ouvi em Tocantins, no alto rio Amazonas, posteriormente, sem, naturalmente, a redação acima. Lembraremos, de passagem, a existência da ilha Aramaçá, uma das grandes da foz do rio Javari, mais comprida que larga, com a forma aproximada de um peixe.

O peixe dêsse nome é o mesmo conhecido por sôlha ou linguado. Durante o seu ciclo de vida jovem, sofre estranha metamorfose, isto é, a bôca transfere-se, juntamente com os dois olhos, para um único lado da cabeça. É a essa perturbadora condição biológica que se prende a estória, também conhecida e referida no Brasil (3), mas de qualquer modo em curso no Amazonas.

Em folclore trata-se de lenda ou motivo explanatório. No segundo ano de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade do Amazonas andei instruindo os alunos a respeito dêsse nada fácil processo de interpretação das lendas. E então verificaremos que realmente não se trata de uma lenda amazônica ou brasileira e simplesmente de secular estória medieval com cheiro de santidade ou aparência de realidade. Mas, de qualquer modo, ocorre um fenômeno de assimilação com reformulação conseqüente. A estória, vulgarizada a partir das condições metamórficas do peixe — sôlha — tenta justificar com um exemplo moral o que a filosofia natural prova ser apenas um fenômeno hereditário.

Riscamos, de golpe, a estória da classificação lendária. Não é lenda e também não teve em princípio origem apenas fabulosa. Houve, isto sim, uma transferência de personalidade, justificada pela convergência antropológica. Não se pode, no caso pendente, argüir de paralelismo cultural. E então é que nós fomos encontrar a fonte generativa da estória nas "Cantigas de Santa Maria", de Afonso X, mas sòmente após havermos publicado a peça no nosso livro citado, com a nota referente aos irmãos Grimm.

Pelo menos duas vêzes o rei-poeta trabalha o assunto, donde se conclui haver obtido de fonte popular a estória sagrada. Nos textos de Afonso X, o Sábio, a maioria das cantigas se apóia na tradição oral e elas constituem as "estórias sagraees", predominando os motivos de milagres atribuídos à Santa Maria, em louvor de quem o trovador exercitou a sua vocação poética.

Fornecemos como exemplos as cantigas de números 61 e 293, da edição de Walter Mettmann, "por ordem da Universidade de Coimbra, 1964. Não se trata de edição diplomática (pelo menos os três volumes de cantigas), mas da publicação do texto original ordenado, com remissão a cópias anteriores, ao que parece menos convincente do que as edições portuguêsas dêsse gênero. A can-

tiga 61 (I: 174-5) diz respeito apenas a indivíduo que descrera da Virgem, pelo que ficou de bôca torta durante certo tempo, sendo-lhe acudido o defeito pela Mãe de Deus. A segunda cantiga, de número 293 (III: 106-7), é melhor situada porque alude ao fato de haver certo desabusado jogral arremedado a Virgem. No entanto, ambas e mais a de número 283 (frade curado de torção da bôca) incidem numa ordem de valôres necessàriamente homogêneos, por onde se conclui, sem muita demanda, a existência de fontes mais remotas, que tanto poderiam ser de natureza animalística como humana. O que seria de qualquer modo impossível de provar agora, a menos se encontrasse um texto mais antigo.

Mergulhemos nas fontes medievais:

CANTIGA 61

1 — *"Fol é o que cuida que non poderia*
*faze-lo que quisesse Santa Maria.*

Dest' un miragre vos direi que avẽo
en Seixons, ond'un livro á todo chẽo
5 — de miragres ben d'i, ca d'allur non vẽo,
que a Madre de Deus mostra noit'e dia.
*Fol é o que cuida que non poderia...*

En aquel *mõesteiré* á ũa çapata
que foi da Virgem por que o mundo cata,
10 — por que diss' un vilão de gran barata
que aquesto per ren ele non creya.
*Fol é o que cuida que non poderia...*

Dis (s)' el: "Ca de o creer non é guisada
cousa; pois que tan gran sazon é passada,
15 — de seer a çapata tan ben guardada
que já podre non foss', esto non seria."
*Fol é o que cuida que non poderia...*

Esto dizendo ya per hũa carreyra
ele e outros quatro a hũa feyra;
20 — e torceu-xe-ll' a boca en tal maneira
que quen quer que o visse espantar-s-ia.
*Fol é o que cuida que non poderia...*

E tal door avia que ben cuidava
que ll'os ollos fora da testa deitava,
25 — e con esta coita logo se tornava
u a çapata era en romaria.
*Fol é o que cuida que non poderia...*

Seguem-se mais três "cobras" no mesmo estilo, que apenas dizem respeito à recuperação da saúde do bulrão. Pretendo todavia chamar a atenção do leitor para a situação crítica da vítima, contida nos versos 20 e 24 com especialidade, cujo conteúdo muito faz lembrar a mesma situação do peixe.

CANTIGA 293

1 — *"Par Deus, muit' é gran dereito/de prender gran*(d') *ocajon*
*o que contrafazer cuida/aquel de que á faiçon.*

Ca, segund' escrit' achamos,/Deus a fegura de ssi
fez o ome, e porende/ dev' amar mui mais (ca ssi)
5 — o om' a Deus. E *daquesto,*/ segundo eu aprendi,
avẽo mui gran miragre,/onde fiz cobras e son.
*Par Deus, muit' é gran dereito/de prender grand' ocajon...*

Esto foi en Lombardia/ dun jograr remedador
que atan ben remedava,/ que avian en sabor
10 — todos quantos lo viian,/ e davan-lle con amor
panos e selas e frẽos/ e outro muito bon don.
*Par Deus, muit' é gran dereito/de prender grand' ocajon...*

E el con sabor daquesto/ja mais non fazia al
senon remedar a todos,/ ũus ben e outros mal;
15 — mas o dem', a que criia/ de conssello, fez-ll' atal
remedillo fazer, onde/ recebeu mui gran lijon.
*Par Deus, muit' é gran dereito/de prender grand' ocajon..*

E assi foi que un dia/ per hũa porta entrar
da vila foi, mui ben feita,/ e viu sobr' ela estar
20 — hũa mui bela omagen/ da Virgen que non á par,
tẽendo seu Fill'en braço./ Mas non fez y oraçon,
*Par Deus, muit' é gran dereito/de prender grand' ocajon...*

Mas parou-lle muito mentes,/ e pois que a ben catou,
con gran sandez, o astroso/ a rremedar-a cuidou.
25 — Mas pesou a Jhesus-Cristo,/ e atal o adobou
que ben cabo da orella/ pos-ll'a boqu' e o grannon.
*Par Deus, muit' é gran dereito/de prender grand' ocajon...*

E o colo con o braço/ tan forte se ll'estorceu,
que en pees estar non pode/ e log' en terra caeu;
30 — mas a gente que viu esto/ o fillou e o ergeu,
e correndo à eigreja/ o levaron de randon.
*Par Deus, muit' é gran dereito/de prender grand' ocajon...*

Os versos quatro e cinco da cantiga 61 deixam perceber claramente que o rei-poeta, aferrado àquela evasão vertical, houve-se em cima de algum cartapácio grávido ("todo chẽo") de acontecidos ("miragres") diligentemente copiado pelos "clercs" para edificação dos monjes. Possivelmente bojuda racolta contendo estórias morais oralizadas, vulgares tôdas elas entre a arraia-miúda da Europa e inclusive difundidas na Alemanha juntamente com as "carmina".

Não devemos pôr muito crédito na insinuação real do local exclusivo do milagre, haja vista a sua constância em versões paralelas. Mais aceitável é, portanto, uma fonte generativa popular, de que as "Cantigas de Santa Maria" estão mais ou menos pejadas.

Assim, por diligência daqueles venerandos escribas, ou dos menestréis e goliardos, ficou a salvo do oblívio um sem número de episódios que a mística da época recolheu com simpatia, a par dos damosos "romanços".

E talvez esteja explicada a origem da nossa "lenda".

# A CANA-DE-AÇÚCAR E O FOLCLORE POÉTICO-MUSICAL

DULCE MARTINS LAMAS

NÃO há como negar a importância do gênero de vida no modo de pensar, sentir e agir, em suma, nos costumes, no folclore. Torna-se ainda mais evidente a influência, quando se procura analisar as atitudes, as manifestações artísticas que o povo faz com tôda a expontâneidade, sem qualquer plano, sem obediência a qualquer princípio pré-estabelecido ou institucionalizado.

Sabendo-se a importância que tem na economia brasileira, desde os primórdios da colonização, a cana-de-açúcar, é fácil verificar o papel por ela assumido nas manifestações artísticas de nossa gente.

Procurando-se observar a poesia do povo e, conseqüentemente, a sua música, encontramos, a cada passo, a motivação da cana-de-açúcar.

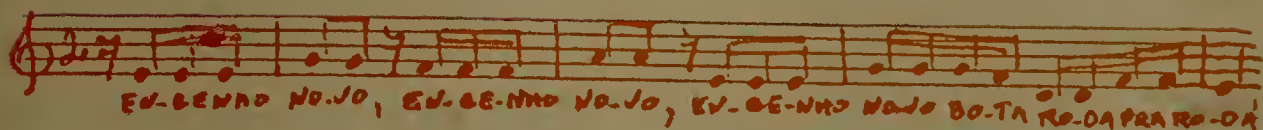
Ela se faz sentir, certamente, de maneira mais acentuada nas regiões dos engenhos, nas regiões da cultura da cana. O Nordeste, na zona litorânea e de economia agrária, foi a região do país, que sempre se manteve fiel à plantação da cana-de-açúcar, ao engenho e, como o progresso da técnica, à usina.

Em 1944, Luiz Heitor, numa tentativa de divisão do folclore musical brasileiro em áreas, caracterizadas pelo tipo de atividade musical predominante, classificou o *Côco* (incluindo a *Embolada*) como o gênero mais representativo no litoral nordestino.

O *Côco*, cantiga para dançar, tem as peculiaridades da maioria das danças do nosso populário, isto é, formação em roda, com acompanhamento feito por instrumentos de percussão. Na parte poética constituiu-se de estrofes (solo) e refrão (côro). O solo é feito pelo "tirador" do côco e o côro pelos demais participantes da dança.

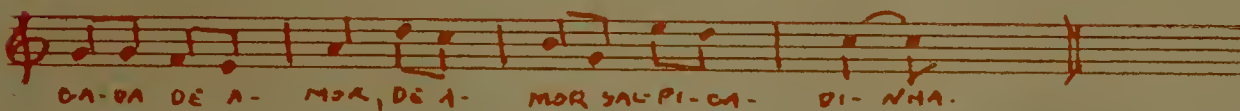
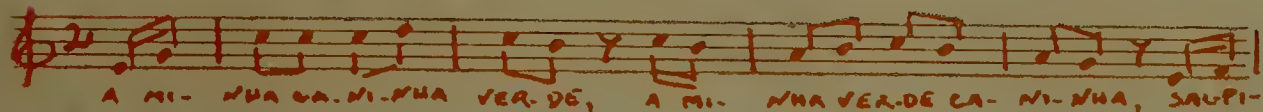
Como gênero musical, o *Côco* parece se ter originado das "cantigas" de trabalhos dos escravos, que se ocupavam em quebrar os côcos tirados das palmeiras, passando depois a indicar a dança; ou quem sabe, por servirem as cascas de côco — à guisa de instrumento musical — para fazer a percussão, nas danças. Apesar disso, esta dança tão apreciada pelas populações do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe tem uma forte motivação nos fatos inter-ligados à cana-de-açúcar.

Sendo os Côcos designados por várias maneiras, ora pelo instrumento (Côco de ganzá, zambê, etc.); ora pela coreografia (Côco de roda); ora pela formação estrófica (décimas, quadras); ora pelo personagem (Côcos de Lampeão) — de que faz parte o festejado "muié rendeira"; encontram-se também grande parte chamados *Côcos de engenho*, *Côcos de usina*. Fazendo parte dêstes o divulgadíssimo "Côco do Engenho Nôvo", cujo refrão diz:

Engenho Nôvo,
Engenho Nôvo,
Engenho Nôvo,
Bota a roda prá roda.

E, muitas vêzes, chamados apenas de *Côco* êles apresentam inspiração na cana-de-açúcar. Numa coleta realizada em 1943, no Ceará, para o Centro de Pesquisas Folclóricas da Escola de Música da UFRJ, verificam-se em 12 *côcos*, 3 com os títulos: "A paia da cana avôa", "O Engenho às dez horas parou" e "Usina sentim, usina tiná".

Mas o que é mais curioso, neste trabalho de campo, foi como escreve Luiz Heitor: "O encontro de um auto da *Cana Verde*, com dramatização própria e original, nos arredores de Fortaleza, foi uma das maiores surprêsas de nossa viagem ao Ceará". (1)

No folguedo da *Cana-Verde* entram vários personagens, inclusive rei, rainha, noivo, noiva, cavalheiros, damas, etc., tendo como uma das principais cantigas:

A minha caninha-verde,
A minha verde-caninha,
Salpicada de amor,
De amor salpicadinha.

Em Parati verifica-se, também, no folclore musical, uma forte motivação na cana. Deve ser, como tudo indica, sobrevivência de um período econômico em que o açúcar atingiu considerável importância naquela zona fluminense. E, mesmo agora, a cana é ainda uma das principais produções, pois é a base da sua bebida famosa, cujo nome foi tomado à própria cidade: Parati.

Os bailes ali realizados — ao som de violas, pandeiros e cantoria — chamados "Cirandas", conservam velhas danças, já olvidadas em outras partes do país, como sejam, carangueijo, arara, etc.; não obstante, entre as danças executadas e que nos pareceram das mais apreciadas, sob todos os aspéctos, foram as *Canas-verdes.*

Explicaram-nos em Parati, que existem três tipos: *Cana-verde valsada, Cana-verde de mão* e *Cana-verde coxada.*

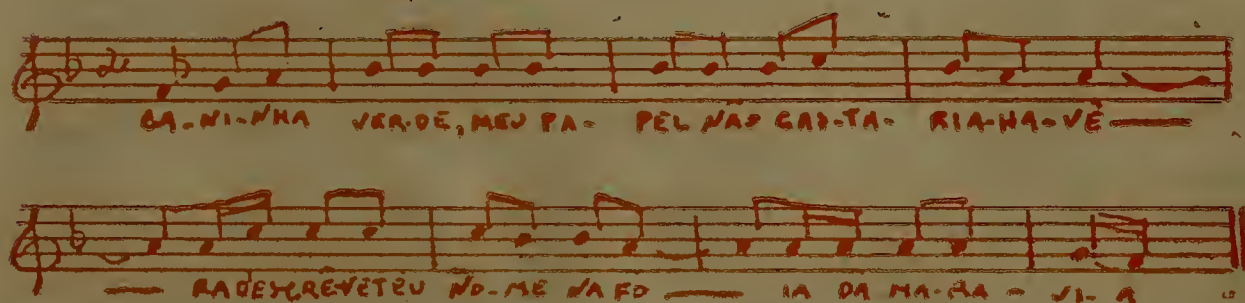
A primeira, como indica o nome, é executada com pares enlaçados, tipo valsa, ao passo que as chamadas de mão e coxada obedecem à marcação.

Tivemos oportunidade de assistir no "Clube Associação Comercial" em Parati, a *Cana-verde coxada* em que os violeiros e pandeiristas, ocupando o centro da roda de dançadores. faziam a cantoria, enquanto o violei-

ro principal, no fim das quadras cantadas, fazia as marcações. A voz de comando e os movimentos coreográficos da *Cana-verde coxada*, por nós assistida, eram bastante influenciados pela quadrilha, ouvindo-se o marcador dizer: "Olha a chuva", "Caminho da roça" etc.

Do ponto de vista musical não chegamos a notar diferenças entre as diversas *canas-verdes*. A não ser um pouco mais de andamento na coxada. As melodias, em compasso binário simples, têm uma estrutura bastante singela.

Vejamos a melodia e a letra de uma das *Canas-verdes*, que colhemos como *Cana-verde valsada:*

Se eu soubesse que tu vinha,
Meu papel não gastaria,
Caninha-verde,
Meu papel não gastaria,
Havêra de escrever teu nome,
Na foia da maraviá.

Oneyda Alvarenga colheu no sul de Minas Gerais, uma *Cana-verde*, cujos versos são muito expressivos:

A minha caninha-verde,
A minha cana madura,
Que estou dizendo,
A minha cana madura,
Da cana fêz o melado,
Do melado a rapadura.

A *Cana-verde* ou *Caninha-verde*, como danças independentes, são encontradas no centro e sul do país e já foram estudadas, entre outros, por Oneyda Alvarenga e Luciano Gallet. Ao passo que como dança integrante do Fandango foi estudada por Maynard Araújo. Devendo-se observar que na forma de fileiras opostas, divididas em alas que se defrontam, parece se originar da região minhota de Portugal. Contudo, aqui, por influência do negro, adquiriu características próprias, tornando-se uma dança cabocla.

Apreciando-se a motivação da cana-de-açúcar, na poética do nosso povo, não se pode deixar de mencionar os aspectos em que ela se relaciona à cachaça.

Já Mello Morais, no seu livro "Festas e Tradições", no capítulo: "A Festa da moagem" dá-nos uma descrição das comemorações que se realizavam no mês de maio, na Província do Rio, por ocasião da colheita da cana-de-açúcar e quando os engenhos começavam a funcionar. Nesta oportunidade se faziam festas que iam desde a casa de vivenda, do fazendeiro, até as senzalas, dos escravos. É justamente de um sapateador de "chulas", por ocasião daquelas festas, que Mello Morais cita as seguintes quadras:

A cachaça é môça branca,
Filha de pardo trigueiro...
Quem bebe muita cachaça
Não pode ajuntar dinheiro.
Cana-verde, cana-verde,
Cana do canavial,
Eu já fui mestre d'açúcar,
Hoje sou oficial.

São inúmeras, sob êste aspecto, as quadras registradas pelos nossos folcloristas.

O Centro de Pesquisas Folclóricas da Escola de Música possui documentos gravados, como *lundus*, cujos versos não são outra coisa, senão a louvação à água-ardente. Podendo-se citar, entre outros, o colhido por Luiz Heitor, em Diamantina, como:

*Lundu da cachaça*

Desprezo vosso conselho,
Pra deixar de beber,
Quero cumpri minha sina,
Na chuva quero morrê.

(Refrão)
Se beber alegra a gente,
Fumar nos dá prazer,
Quem não fuma, quem não bebe,
Que alegria pode ter?

No fundo de um alambique
Quero a minha sepultura,
Pois mesmo depois de morto
Quero estar na fartura.

Se beber alegra, etc...

Do funil quero a mortalha,
Da pipa faça o caixão;
Se não tiver na garrafa,
Me ponha um copo na mão.

Se beber alegra, etc...

A cachaça é môça branca,
Filha de homem trigueiro,
Quem toma amor a ela,
Não pode ajuntar dinheiro.

Se beber alegra, etc...

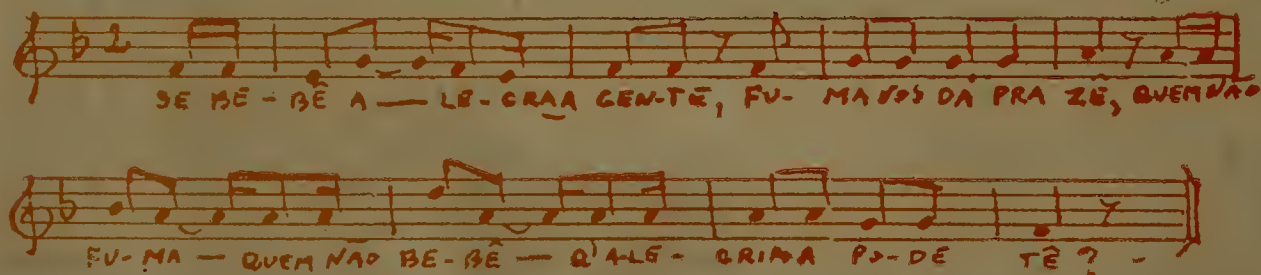
Mandei fazer uma ponte
De madeira, de canela,
Pra passar tôda a cachaça
Da ponte pra minha goela.

Se beber alegra, etc...

A minha cabeça inclina,
A minha cabeça derrama,
Dizem que todos bebem.
Eu sou o que leva a fama.

Se beber alegra, etc...

A cachaça na garganta
Escorrega como o quiabo,
Quando chega na cabeça,
Faz arte do diabo...

Se beber alegra, etc...

Observa-se, assim, sob vários aspectos, embora superficialmente, quer como motivo da dança "Côco", quer como dança independente, quer como inspiradora de um próprio auto representativo, quer na temática de vários gêneros, como a cana-de-açúcar se reflete na poesia e na música de nossa gente.

(1) Em "Relação dos Discos Gravados no Estado do Ceará" Pub. do Centro de Pesquisas Folclóricas da E. N. Música. (Rio, 1953).

# A XILOGRAVURA POPULAR NA LITERATURA DE CORDEL

MÁRIO SOUTO MAIOR

APESAR de permanecerem ignoradas as origens da xilogravura popular nordestina, tudo faz crer que os missionários portuguêses tenham ensinado aos brasilíndios a técnica do artesanato trazido da Europa, naturalmente como uma atividade extra-catequese e partindo do princípio religioso que esposa a necessidade de ocupar as mãos para que a mente não fique livre e, em conseqüência sujeita aos maus pensamentos, ao pecado.

Usando quase sempre a madeira do cajá, abundante na região, mole e fácil de ser trabalhada como a pedra sabão que imortalizou a obra do Aleijadinho, a xilogravura popular nordestina expandiu-se durante êste século de mãos dadas com êsse mesmo espírito religioso da nossa gente que não sabe ler mas que tem um poder imaginativo fora do comum para urdir estórias de santos e do Cão com suas manhas, popularizando-se como artesanato nos ex-votos, imagens e até mesmo em rótulos para garrafa de cachaça e atingindo, em seguida, o seu ponto mais alto como obra de arte através da literatura de cordel, ilustrando a capa dos folhetos sôbre as aventuras de Lampião e Antônio Silvino perseguidos pela polícia, a vida e os milagres do carismático padre Cícero Romão Batista — que ainda continua atraindo milhares de nordestinos que chegam todos os dias, em romaria, dos longínquos rincões, a pé, a cavalo ou em caminhões com tábuas servindo de bancos enfeitados com toldos coloridos, para visitar sua casa, seu túmulo, pagar promessas e comprar imagens, rosários e orações que trazem em seus sacos de viagem misturados com a gostosa rapadura-batida —, as proesas de Carlos Magno, estórias de príncipes e princesas, dragões, mal-assombrados e lobishomens. É o folheto não sòmente distraindo como também instruindo os caboclos sertanejos. Em casa ou na bodega, depois de uma semana de trabalho, lido por quem sabe ler, de dia ou à luz de um candeeiro a querosene, o povo vai tomando conhecimento do que acontece por êste mundão de Nosso Senhor, vai se distraindo à sua maneira. Depois que a pessoa termina de ler o folheto, todos pedem para ver a capa.

Muitos gravadores populares ficaram famosos no nordeste. Manuel Serafim, Manuel Apolinário, Damásio Paulo Valderedo, José de Sousa, João

*Xilogravura de José Costa Leite, para o folheto "Um grande exemplo de São Francisco do Canindé."*

Pereira da Silva, Severino Gonçalves de Oliveira, José Ferreira da Silva, Zé Caboclo, mestre Noza — hoje com setenta anos de idade, morando ainda em Juazeiro, Ceará, onde chegou de Taquaretinga, Pernambuco com apenas três anos e sempre trabalhando para entregar as muitas encomendas que recebe até do sul do país e célebre por suas imagens e por sua "Via Sacra" com quatorze gravuras representando a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, obra de pureza infantil — e muitos outros que deixaram muitos trabalhos sem assinatura, espalhados ao sabor do tempo, sem que soubessem o valor de sua arte.

Alguns ainda vivem, como acontece com João Pereira da Silva, Damásio Paulo Valderedo e Mestre Noza, todos residentes em Juazeiro, no Ceará. Floriano Teixeira organizou para o Itamarati e a Universidade do Ceará, uma exposição de suas obras que foram elogiadas na Europa. De mestre Noza o crítico de arte Sérvulo Esmeraldo publicou, em Paris, uma edição da "Via Sacra', mundialmente conhecida.

Agora, Evandro Rabello e Vital Fernandes — dois apaixonados do folclore — organizaram e publicaram, com prefácio de Ariano Suassuna e a colaboração do "Museu de Arte Popular" do Re-

*Xilogravura de mestre Noza, representando a 13.ª estação de sua obra prima VIA SACRA*

cife, um album com vinte xilogravuras de José Costa Leite, poeta, editor e gravador popular pernambucano, residente em Condado onde é uma espécie de Fernando Chinaglia dos pobres, vendendo folhetos seus e de outros colegas, vendendo e trocando exemplares usados de "Capricho", "Grande Hotel", "Sétimo Céu", "Garôtas", etc. Já tem nem sei quantos folhetos por êle escritos, ilustrados com magníficas xilogravuras de sua autoria como "A serpente que engoliu o vaqueiro no rio Amazonas", "A vaquijada do sertão', "História do soldado Roberto e a princesa do reino de Canan", "Oração de São Marcos e São Manso", "O sanfoneiro que foi tocar no Inferno", "Oração Milagrosa de Nossa Senhora do Monte Serrate", "Peleja de Otávio Leonardo com Hilda Mariana de Carvalho", "O rapaz que virou bode", "Pau de sebo', "O sonho de um jogador", "O romance do pavão misterioso", "A mulher que engoliu um par de tamancos com ciúme do marido", "O côco do boi Tunbão", "A propaganda de um matuto com um baláio de maxixe"; "O flagelo do sertão e o resultado das cheias", "Oração de Nosso Senhor do Bom Fim", "Confissões de Caboclo", "Peleja de Bandeirinha com Cachimbinho", "Corrução e carestia ninguém ignora mais" e "Peleja de Antônio Rocha com Joaquim Pitu".

Estamos assistindo, de braços cruzados e sem nada podermos fazer, a morte da xilogravura popular na literatura de cordel. Muitos poetas populares estão ilustrando as capas de seus folhetos com cliches de artistas de cinema, numa prova evidente da supremacia da máquina sôbre o artesanato. Entre êles poderemos citar sòmente os poucos que constam da nossa pequena coleção: João José da Silva ("O Gato de Botas e o Marquês de Carabás", "Horácio e Eneida", "Dimas e Madalena"), José Alves Pontes ("As astúcias de Pedrinho', "História de Geraldo e Silvina"), Manuel Camilo dos Santos ("Os dois amantes do Juazeiro", "As aventuras de Pedro Quengo"), João José da Silva ("O verdadeiro romance de herói João de Calais"), Severino Borges Silva ("A nova profecia do grande sábio francês", com um retrato do frade José Mojica), Caetano Cosme da Silva ("A noiva de São Pedro"), João Severo da Silva — Cícero ("O vaso das esmeraldas ou a menina perdida"), José Carlos ("História de Vicente e Branca Flor"), Cícero Laureano ("A vida de João Malazarte") e o próprio José Costa Leite ("O gôzo da mocidade e a traição da mulher", "Discussão de um poeta com uma mulher sem dono" — trazendo na capa o retrato do poeta e gravador e uma artista do cinema americano representando a mulher sem dono...). Talvez o que esteja acontecendo possa ser explicado como uma conseqüência da escassez de gravadores ou os "mestres da quicé" estejam sendo desviados de suas atividades artísticas por contingências de ordem econômica.

Com relação aos ex-votos, acontece quase a mesma coisa: também estão desaparecendo e ficando cada vez mais escassos. Os que administram as igrejas ou capelas situadas em cidades consideradas como religiosas — padres e principalmente leigos — estão preferindo a cêra como matéria prima na confecção dos ex-votos devido à possibilidade de ser a mesma, de tempo em tempo, derretida e vendida por bom preço, o que não acontece com os que são feitos de madeira que só servem para queimar. Tanto é assim que em algumas sedes de romarias já estão sendo vendidos braços, narizes, corações, cabeças, pernas, etc. de cêra. É mais um motivo a ser considerado quando se fôr estudar a morte da xilogravura popular nordestina.

# LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A VIAGEM PARA O MUNDO

JOÃO CLÍMACO BEZERRA

HÁ no Nordeste um ditado que habita a alma do povo: "Quem tem bôca vai à Roma". É uma antiga versão do jeitinho brasileiro, pois, na realidade, o nordestino nasceu com o dom de superar dificuldades, de vencer obstáculos, de correr terras. Andejo por tradição, é vocacionalmente viajante. Não pára. E quando não se arroja nas grandes andanças, faz da curiosidade a razão mesma da sua vida.

Luís da Câmara Cascudo é um nordestino autêntico. Mas de autenticidade diferente. Plantou-se ao chão como árvore. Criou raízes, envelheceu na sua cidade de Natal. Não o seduziu a glória das metrópoles. Seus bordejos pelo mundo tiveram, sempre, a passagem de volta, porque essa cidade de Natal se converteu na moldura da sua existência. Marinheiro da "Nau Catarineta", vaqueiro na corrida do "Boi Espácio", guerreiro nas pelejas de "Mouros e Cristãos", talvez par de França, ao lado do Imperador Carlos Magno, tudo isso é Luís da Câmara Cascudo sem sair da sua casa na rua Junqueira Aires. É também o cantador nas justas do desafio, o violeiro sentimental das glosas do improviso, o seresteiro de velhas modinhas nas noites enluaradas.

Realmente, nenhum escritor dêste país é tão irritantemente nordestino como Luís da Câmara Cascudo. E o mestre do Rio Grande do Norte chega aos 70 anos, esplêndidamente vivo e atuante.

A "Fundação José Augusto", instituiu um prêmio para comemorar êsses 70 anos. Um prêmio destinado ao melhor estudo sôbre a vida e obra de Luís da Câmara Cascudo. É um desafio, sem a menor dúvida, pois a atividade e produção culturais de Luís da Câmara Cascudo têm o sêlo da multiplicidade. Bastaria o "Dicionário do Folclore Brasileiro", em dois alentados volumes, publicados pelo Instituto do Livro para uma consagração. Trabalho que, nos dias correntes, só se poderia conceber como tarefa de equipe, de um grupo de especialistas. Luís da Câmara Cascudo fê-lo sòzinho, no silêncio das grandes noites da sua cidade. Mas não é só. Enfileiram-se os trabalhos definitivos de pesquisas e interpretações. A rêde de dormir, a jangada ,os festejos populares, as estórias, as festas, as superstições, as crendices, todo o Nordeste está presente em Luís da Câmara Cascudo. E destaques serão difíceis. Pois, ao lado do "Dicionário", contam-se "A História da Literatura Oral", os "Cinco Livros do Povo", a "Geografia dos Mitos Populares", "A História da Alimentação no Brasil".

Admira a extraordinária capacidade criadora, transmitindo-nos a impressão de que Luís da Câmara Cascudo venceu o tempo. Trabalha à noite. Quem visita Natal, vê, à rua Junqueira Aires, uma janela iluminada. A cidadezinha é toda quietude e silêncio. Por trás da janela, um homem escreve, um homem estuda a sua terra e a sua gente. É Luís da Câmara Cascudo.

Dessa casa, Luís da Câmara Cascudo partiu para o mundo. Realizou no seu Estado, pobre e subdesenvolvido, para usar um têrmo da moda, uma obra séria, capaz de rivalizar com as pesquisas e interpretações universais, porque, com efeito, prendendo-se à temática regional — de uma das regiões mais típicas do Brasil — Luís da Câmara Cascudo atingiu ao universalismo da cultura e da arte.

Acaba o Instituto do Açúcar e do Álcool, de publicar mais um trabalho de Luís da Câmara Cascudo: PRELÚDIO DA CACHAÇA" (Etnografia, História e Sociologia da aguardente no Brasil). Talvez um pouco mais de história do que etnografia ou sociologia. Quase nada de folclore, o que é uma pena. Nesse ponto, a contribuição é mínima, limitando-se, afinal, aos títulos dos capítulos inicial e final: "ABRIDEIRA e SAIDEIRA". Entre os dois títulos, o povo colocou "umas e outras", a que mestre Cascudo não se refere.

Não existe fonte mais rica, em todo o folclore, do que a cachaça, "a água que passarinho não bebe", a que se refere Claribalte Passos, na apresentação do opúsculo. Luís da Câmara Cascudo chega inclusive a dedicar um capítulo aos "Sinônimos", mas fica nos primeiros tempos da colonização. Anota, apenas, Aguardente, Cana, Parati, Patrícia. A verdade, porém, é que a popular bebida, na sinonímia, rivaliza sòmente com os órgãos sexuais. E talvez tenha mais crismas, pois as marcas, em variadas regiões ou cidades, se transformam em batismos. Viram nomes.

"Caiana", tipo de cana, é também sinônimo de cachaça, conforme registra o próprio Câmara Cascudo nesse trabalho. No "Dicionário do Folclore", anota o mestre mulher como sinônimo da "branquinha". A lista pode-se dizer infinita.

E, nos versos populares, a cachaça é mote sem igual. Aparece nas mais variadas formas, inclusive nas letras de Carnaval, como a hoje consagrada marchinha:

"Você pensa que cachaça é água,
Cachaça não é água não..."

Quanto ao anedotário seria pràticamente impossível recolher todo o manancial que banha o nosso país. Há anedotas picantes, filosóficas, brejeiras. Há de tudo, na verdade.

Quem não conhece, no vasto Nordeste os versos de Ascenço Ferreira:

"Branquinha
Branquinha,
É suco de cana
pouquinho = é rainha
muitão = é tirana...

Suco de cana Caiana
passada nos alambique
pode ser que prejudique
mas bêbo tôda sumana."

Cachaça serve para tudo e mais alguma coisa. É o Nordeste, antes e acima de tudo. No frio das serras ou no brabo sertão.

Luís da Câmara Cascudo apenas pôs os pés no grande vêio. Não mergulhou, como de seu hábito, no fundo do poço.

Mas deixou a sua marca de mestre incontestável. Êsse homem que completa setenta anos, como as grandes oiticicas nas coroas dos rios. Pleno de fôrça e de sombra acolhedora.

# UM POETA DESCONHECIDO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

NERTAN MACÊDO

CONSERVOU a memória popular flagrantes e episódios dêsse deambular de Antônio Vicente Mendes Maciel pelos sertões baianos e sergipanos.

Fatos milagreiros, alguns cobrindo de ridículo o singular personagem, chegados aos nossos dias pela voz de contemporâneos seus, não raros crentes nos podêres sobrenaturais do taurocéfalo erradio, a quem muitos já dispensavam o tratamento excelso de *Divino Antônio*.

Possuía o Peregrino uma vara mágica, com a qual obrava maravilhas aos olhos e ouvidos crédulos do sertanejo, só comparáveis aos de Nosso Senhor quando andou pelo mundo e dos seus santos apóstolos.

Em seu ancorar e desancorar por vilas, povoados e fazendas, trazia sempre à mão êsse cajado de pastoreio e mistério, uso de todos os velhos pervagantes da santidade, sinal de mística potencialidade e símbolo de comando espiritual sôbre o rebanho.

O *Divino Antônio*, por onde passava, atraía a simpatia e a curiosidade das gentes postulantes ao reino celestial, mas nem tôdas lhe foram respeitosas ou submissas, registrando-se deserções entre os seus fiéis e indiferença quase generalizada em uma, outra localidade.

Teimoso e impassível, Antônio Vicente evangelizava o sertão, alheio às decepções, obstáculos e defecções.

Quando da construção da igreja de Canudos — contava o velho João Belchior, jagunço remanescente, morador em Simão Dias, cidade sergipana — a madeira encomendada vinha de muito longe, das matas do Curaçá.

Toras de madeira bruta, destinadas à cumieira e a outras peças da capela eram conduzidas, léguas e léguas, nos ombros da romeirada. Tais procissões duravam dias, seguidas, pelo próprio Antônio Vicente. Essas caminhadas cansavam os fiéis, muitos dos quais reclamaram, um dia, o pêso excessivo das toras.

(*) Trecho de uma biografia inédita de Antônio Conselheiro, cedido com exclusividade para êste número especial sôbre folclore de "Brasil Açucareiro".

Antônio Vicente fê-los pôr ao chão o grôsso e bruto madeirame, tocando-lhe com a sua vara; e as toras, por encanto, tornaram-se leves como plumas...

Quando os soldados atacaram Canudos, pediu Antônio Vicente a ajuda de uns caboclos, restos de uma tribo de índios, que habitavam para as bandas do Razo da Catarina, num lugarejo chamado Rodela.

Domesticados, embora, êsses caboclos tinham hábitos e instrumentos primitivos, usando ainda flexas e arcos nas suas caçadas.

Aconselhado por João Abade, o Peregrino mandou chamá-los à sua presença, rogando-lhes fazer causa comum com os que resistiam em Canudos.

Tudo explicado, adiantou-se o chefe dos "rodelos", perguntando:

— E o santo garante a nossa vida?

Respondeu-lhes o místico:

— Não, mas garanto a alma no Reino do Céu.

Os caboclos se entreolharam, desconfiados, e replicaram numa voz unânime:

— Se o bom Conselheiro não garante a vida quanto mais a alma!

E lá se foram todos de volta à paz tribal.

Houve, porém, exemplos admiráveis de fidelidade nas horas mais amargas de Canudos.

Um jovem casal de jagunços, Bevenuto e Maria, quando da passagem de Antônio Vicente por Freguesia Nova, mais tarde Bom Conselho, hoje Cícero Dantas, como muitos outros pares sertanejos, seguiu o Peregrino e foi se arranchar no arraial às margens do Vasa Barris.

Tinha êsse casal um filho homem, chamado Pedro, e uma outra menina nascida já em Canudos.

Depois da expedição Moreira César, Bevenuto viu arrefecer em si a confiança nos podêres sobrenaturais de Antônio Vicente.

Chamou, uma noite, a mulher à parte e disse:

"Maria, isto aqui não vai acabar bem. Êsses soldados são uma *nação de gente* muito grande e vêm de tôda parte. Morre um e logo chegam dois. Nós somos poucos. E cada dia que passa a coisa piora para o nosso lado.

Por isto vamos arrumar as nossas coisas e abrir no *ôco do mundo*, enquanto é tempo!"

E relatou a seguir:

"Ontem, quando nós íamos para o "piquête", Pajeú fêz uma coisa de que não gostei. Encontramos seis soldados do Moreira César numa casinha no mato, torrando milho prá fazer pipoca, se acabando de fome. Aí Pajeú sangrou todos seis, um por um. Você não está vendo, Maria, que Deus Nosso Senhor não se serve de uma coisa dessa! Os de cá estão muito alegres com a morte do Moreireia César e do Tamarindo, mas o pior ainda vem por aí, a caminho. Eu é que não vou esperar. Se você quiser ficar que fique: eu vou me embora!"

Entre o amor do marido e a devoção ao *Divino Antônio*, a mulher optou pelo Peregrino.

Bevenuto anoiteceu e não amanheceu em Canudos e um longo rosário de padecimentos e aflições terminou, afinal, por selar o reencontro com a mulher, tempos de sofrimento depois.

Outro ancião, José Marçal, assistiu Antônio Vicente chegar, numa tarde de sexta-feira, à vila de Simão Dias.

O Peregrino se aboletara na Praça de São João, em frente ao cemitério, e a notícia da sua chegada fêz acorrer ao local a multidão curiosa. Seguiam-no cêrca de quarenta romeiros, entre homens e mulheres, alguns armados de espingardas, "umbigudas" e "lazarinas", e garruchas de carregar pela bôca. O mais eram instrumentos de trabalho, foices, facões, machados, enquanto as mulheres conduziam potes, panelas, cabaças, cuias e outros objetos de uso doméstico.

Marçal viu, nessa ocasião, bem de perto, a figura de Antônio Vicente: "homem de estatura mediana, trajando um camisolão azul, com um cordão de São Francisco amarrado à cintura, barbas e cabelos grandes, alpercatas de couro e um barretinho na cabeça, não se separando de uma varinha que trazia na mão. Diziam que era com ela que êle fazia os milagres, o que mais tarde foi divulgado pelos que o seguiam".

Às cinco horas da tarde, o Peregrino surgiu ante o olhar atônito da massa curiosa, conversando com um indivíduo que trazia um grande rosário pendurado ao pescoço.

Pelo mesmo indivíduo mandou um recado ao vigário da paróquia, padre José Joaquim Luduvice, pedindo-lhe licença para fazer uma pregação na Igreja de Nossa Senhora de Santana, na praça da Matriz.

O vigário negou-lhe o consentimento.

Então, Antônio Vicente levantou acampamento, rumando na direção da parte sul da vila, onde pernoitou, numas casas abertas, situadas num tabuleiro chamado Bonfim, onde se erguia uma capelinha.

No dia seguinte, nôvo recado ao padre Luduvice, através de um romeiro, instando para que lhe autorizasse falar na referida capelinha, já que lhe fôra negado o acesso à Igreja de Nossa Senhora de Santana.

A resposta do padre foi uma segunda e peremptória interdição.

Ao Bonfim, entretanto, afluiam novas ondas de curiosos, para ver de perto a estranha figura do beato andarilho, vindo dos cafundós do Queixeramobim.

"Era um tanto moreno de côr", dirá uma velha devota de Simão Dias, "e tinha tanto piôlho na cabeça que êles lhe desciam pelos ombros"...

Penalizada com tanta sujeira, presenciou a mesma devota quando uma romeira chamou a atenção do santo para a piolhada que lhe infestava os ombros.

Espantou-se ao ver o enigmático profeta, de suave semblante e olhar comovido, retirar da cabeça o barretinho e empurrar de volta à longa cabeleira os seus piolhinhos, sentenciando, cheio de bom humor:

"Piôlho da mesma cabeça não faz mal ao seu dono".

Há quatro dias se achava Antônio Vicente no tabuleiro do Bonfim, desprestigiado embora pelo vigário, ali praticando o seu primeiro e último milagre em Simão Dias.

Trabalhavam alguns homens na construção de uma outra casa próxima, observados por êle, que se sentara numa tora de madeira, notou Antônio Vicente que um dos carpinas serrara, além do limite marcado, um esteio de cumieira, inutilizando a peça.

Levantou-se o Peregrino e tocou de leve com sua varinha no âmago vermelho da baraúna, ordenando a seguir que a fincassem outra vez, no que foi obedecido prontamente.

Para espanto de todos, a peça se ajustou dessa vez e de modo perfeito, levando romeiros e carpinteiros a reconhecer naquilo um milagre assombroso.

Houve, entretanto, quem não acreditasse em milagre, afirmando ter visto o Peregrino, antes de tocar a sua vara na madeira, empurrar, dissimuladamente, com um pé, boa porção de terra para dentro do buraco, no qual a mesma seria fincada, de modo que, diminuindo o chão de profundidade, forçosamente cresceria o esteio de tamanho...

A Simão Dias, relatam outras velhas testemunhas de sua presença naquela vila sergipana, Antônio Vicente chegara vindo de Patrocínio do Coité, hoje Paripiranga, na Bahia, parando na praça de São João, exatamente na entrada da rua que acolhia os viajantes vindos daquela vila baiana.

O Peregrino não conhecia rumos certos nas suas andanças. Não tinha pressa, tão pouco convidava ninguém a encalçá-lo.

Não se demorou em Simão Dias. Nem lhe bateu o pó das sandálias, amaldiçoando-a, conforme afirmaram cronistas.

Apenas, como era das suas inclinações e hábitos, anoiteceu e não amanheceu.

E quando todos acreditavam que êle houvesse partido rumo ao pôr-do-sol, com destino aos sertões da Bahia, ei-lo que se move vagaroso, capitaneando uma triste procissão de romeiros e professas, para o litoral, na direção da "panacada do mar".

Tomando a estrada que leva à cidade de Lagarto, segue até às matas de Palmares, onde arregimenta alguns novos fiéis, atravessa

o rio Jacaré, dirigindo-se daí ao povoado Santo Antônio, onde havia uma capelinha.

Nesse povoado, sem ser incomodado nem incomodar ninguém, demorou-se alguns dias, predicando na capelinha de Santo Antônio, até que a notícia da sua presença ali, acrescida de boatos alarmantes, os mais controversos, chegou ao conhecimento do padre João Batista de Carvalho Daltro, vigário colado da Freguesia. Êste padre, na companhia do seu sacristão, Antônio Vitorino de Souza, bisavô do excelente biógrafo de Virgulino Lampião, Joaquim Góis, e de outros católicos, todos irmãos do Sagrado Coração de Jesus, persuadiu-o a retirar-se do povoado.

Antônio Vicente recebeu o sacerdote e sua comitiva de católicos com visível indiferença.

Proibiu-lhe o reverendo de continuar pregando na capelinha de Santo Antônio, mas usando de cortesia e moderação nas palavras.

Retirou-se o Peregrino no dia imediato, sem qualquer hostilidade, acompanhado de professas e beatos, seguindo, como sempre, rumo incerto e não sabido.

Sabe-se que passou, dessa vez, no lugar conhecido por Campo do Crioulo, daí foi para Tanque Nôvo, atingindo a então cidade de Campos, hoje Tobias Barreto, já nos limites da Bahia com Sergipe.

Não se tem ao certo se foi dessa feita que, atravessando o rio Real, visitou a Vila do Conde, no litoral da Bahia.

Pelo testemunho do velho Marçal, o Peregrino continuou viagem para Itapicuruzinho, daí para a vila de Natuba, onde construiu (ou teria apena ajudado) a construir o cemitério e a primeira igreja daquela terra.

Na Vila do Conde, o *Divino Antônio* não despertou curiosidade maior ou entusiasmo, como freqüentemente acontecia no sertão, por ser a mesma um pôrto de mar habitado por gente de mentalidade diferente.

Vaiaram-no os moleques de rua, apodando-o de "Pai-do-Mato", "Pai-de-chiqueiro", "Barba de Herodes" e outros epitetos debochados.

Afóra meia dúzia de velhas, ninguém lhe foi escutar as rezas e as exortações.

De joelhos na terra e mãos postas, imprecou contra a irrealigiosidade e a má acolhida da Vila do Conde, virando-lhe as costas e afundando, vez outra, no alto sertão baiano.

Um ano depois da sua partida, o rio Itapicuru inundou a perversa Vila do Conde, o que foi reconhecido e proclamado pelos seus moradores como um castigo do céu ao mau tratamento dispensado pela população a Antônio Vicente.

Ao toque da sua varinha mágica, continuará êle a obrar milagres pelo sertão, como aquêle verificado durante a construção de uma igreja, na vila de Chorrochó, por volta de 1892.

Uma devota, de nome Ana, que carregava grandes pedras para ajudar na construção dessa capela, caiu extenuada ao solo, por não mais suportar o pêso da sua carga.

Acercou-se dela o *Divino Antônio*, tocando-a com o cajado, dizendo-lhe:

"Levanta-te, Ana!"

E a romeira se ergueu incontinente do chão e continuou o seu duro labor piedoso sem que as fôrças lhe faltassem mais.

As gentes sertanejas da Bahia e Sergipe recordam ainda hoje êsses milagres, de mistura com os tristes casos da guerra movida contra Antônio Vicente, os quais, aqui repetidos, seria um nunca findar de espanto e tragédia.

* * *

E já não era apenas o *Divino Antônio*, mas *Santo Antônio Aparecido*. Da água que bebia, das fôlhas da árvore que lhe abrigasse o sono, diz Câmara Cascudo, nasciam milagres, água e fôlhas operavam maravilhas aos olhos dos crentes. Então, a poesia do povo acorreu em louvor de Antônio Vicente:

"Do céu veio uma luz
Que Jesus Cristo mandou
Sant'Antônio Aparecido
Dos castigos nos livrou".

"Entretanto", replica um escritor marxista, Rui Facó, "não há um só testemunho de que o Conselheiro se arvorasse em fazedor de milagres. Vivia uma vida de asceta, é verdade, alimentando-se parcamente de produtos que lhe ofereciam, recusando qualquer excesso. Estava habituado a longos anos de privações sem conta, que decerto se havia imposto a si mesmo".

Antônio Vicente não escapou, porém, à mofa de um cantador sergipano:

"Quem tiver sua mulata
Prenda ela no cordão
Que Antônio Conselheiro
Tem unhas de gavião".

Não o atormentava, certamente, o deboche dos versejadores. Tampouco a ironia fêlo interromper a faina salvadora das almas.

Conta Waldemar Valente ter dito êle, certa vez, aos que o ouviam:

"Minha ocupação é apanhar pedras pelas estradas para edificar igrejas".

E assim fazia, acrescenta êsse autor, caminhando de pés descalços, empreendendo missões ou *desobrigas*, dormindo no chão, ao relento, alimentando-se escassamente, à moda dos cenobitas.

Queria subir aos céus.

E no cancioneiro que inspirou, pelos anos afora, surpreendeu José Calazas, em Cruz das Almas, esta cantiga realmente estranha sôbre Antônio Vicente:

"Antônio Conselheiro
Chorei, chorei.
Vai guiando um avião".

Foi, porém, um versejador popular de Sergipe, Manoel Pedro das Dores Bombinhos, de Simão Dias, o que mais se preocupou com Antônio Vicente e sua cruzada santa de Canudos contra os soldados da República.

Êsse Camões sertanejo, tôsco e semi-alfabetizado, aventureiro e intrigante, deixou mais de cinco mil versos sôbre o desventurado cearense e a campanha militar: versalhada inédita, cujo manuscrito, datado de 1898 e existente na Biblioteca Pública de Aracaju, sob o título de *Canudos — História em versos,* a despeito das suas incongruências e tolices, trouxe aos nossos dias informes curiosos sôbre a vida, a paixão e a morte do *Divino Antônio*.

A primeira parte da *lenga-lenga* poética de Bombinhos, que êle chama *Introdução*, vem datado de Cocorobó, 25 de julho de 1897:

"Manhoso, malvado era êle,
Com capa de santo enganava
Ao bom povo daquele sertão
Com doçura a êles falava.

Antônio, nome de santo,
Que o povo todo iludia,
Compredição falando em Deus
O povo crente afluia.

Tido como homem divino
Do céu para terra escolhido
Aquêle que o via falando
Ficava por êle perdido.

De crente as provas deu êle
As obras que fêz que o diga
Não se pode isso ocultar
No trabalho não tinha fadiga.

Diziam: é o verbo divino
Outros: é santo vem do Senhor
Afirmavam: conversa com Deus
Devemos lhe ter grande amor.

Um dizia: êle é um santo
Em Canudos se como maná
De leite tem um rio e de mel
Amigos vamos todos prá lá.

A fé crescia e crescia
O escremento do embusteiro
Se dizia: remédio divino
Remédio que cura ligeiro.

A urina se guardava em garrafas
Relíquia de grande valor
As mulheres brigavam por ela
Pediam pelo santo amor.

O vilão em seu santuário
Depois de algum tempo pensar
Disse a todos com voz de trovão
Quero com a fôrça acabar.

Estive com Deus lá no céu
Ordenou-me providência tomar
De certo não temo ao govêrno
Devemos logo uma coluna formar".

Êsse poeta Bombinhos teve, pelo menos sob um aspecto, vantagem sôbre outros bardos e cronistas que se ocuparam de Antônio Vicente: seguiu de perto a luta sertaneja de 97, em Canudos.

Nascido na cidade de Propriá, na década 60/70 do século passado, Manoel Pedro das Dores Bombinhos estudou a cartilha, um pouco de música e fêz-se ourives de profissão. Transferiu-se, bem môço ainda, para Freguesia Nova, mais tarde Bom Conselho, atual Cícero Dantas, na Bahia, onde se tornou, além de músico, político. Foi professor de música e delegado de polícia.

Moreno, simpático, dispondo de bom físico e boa memória, irrequieto e intrigante, suas confusões lhe valeram uma *bacamartada* no próprio recinto da igreja de Bom Conselho.

Costumava gabar-se afirmando que trazia dezoito *caroços de chumbo* no peito. E tanto obrou malquerenças em Bom Conselho que se viu obrigado a deixar a cidade, mudando-se para Simão Dias, passando aí a exercer sua profissão e participando ativamente dos assuntos e fatos da vila.

Fundou, em Simão Dias, com Ezequiel Profeta, uma filarmônica, a primeira da terra. da qual foi regente. A banda ficou conhecida oficialmente como a "Música de Bombinho".

Mais tarde, o poeta aderiu vigorosamente à política local, ingressando no Partido Cabaú, chefiado pelo comendador Sebastião da Fonseca Andrade, Barão de Santa Rosa.

Não parou aí o nosso bardo.

Foi escrivão do crime e, com seu temperamento inquieto, fêz-se também advogado, passando a lutar sòzinho contra parágrafos e artigos do Código Penal, na qualidade de rábula.

"Doutor da chacina e sofisma", Bombinhos sabia de cor uma porção de citações latinas, e não tendo cultura jurídica, martelava com elas a paciência de magistrados, réus e jurados.

Valente, na tribuna e fora dela, numa sessão de júri em Simão Dias, a 19 de janeiro de 1891, assassinou um desafeto, José Colete, vulgo *Zeculete,* também rábula, o que lhe valeu alguns meses de cadeia.

A essa altura o poeta tinha já numerosos inimigos em Simão Dias. Mudou-se, então, para Patrocínio do Coité, hoje Paripiranga, onde viveu até os começos de 1897.

Sempre atrevido e buliçoso, acompanhou ao sertão as tropas do general Savaget, como fornecedor de mantimentos, juntamente, com o coronel Pedro Freire de Carvalho, Bombinhos chegou até o célebre Alto da Favela. Finda a guerra, retornou a Simão Dias, onde tangeu a lira, contando o que viu, sentiu e ouviu em Canudos:

"É chegado o momento fatal
De quebrar a corda da lira
Já que meu canto é tristonho
E a musa nada me inspira" —
diz êle.

No entanto, fala longamente de oficiais e combates, concluindo, em nota de pé de página, não haver ajuda de monarquistas aos jagunços.

Em Simão Dias, desprestigiado politicamente pelo coronel Sebastião, chefe local que

o repeliu de suas hostes, viajou o poeta para Mata de São João, na Bahia, daí para Ilhéus. de Ilhéus para Canavieiras, onde morreu aos 81 anos de idade, deixando viúva de nome Joaquina, de um segundo consórcio, além de filhos e netos.

O valor único da sua versalhada, não raras vêzes incompreensível, pelo *massacre* ou *invenção* de palavras, reside precisamente em ser Bombinhos testemunha ocular da tragédia:

"Seis horas de fuzil não é brinquedo
Neste ato de bravura e mais bravura
Não se pode dizer quem foi mais bravo
O heroísmo foi ao auge da loucura".

À certa altura da terceira parte da sua *História de Canudos*, dedicada aos generais Artur Oscar, Barbosa e Savaget, narra êle um fato acontecido nos meados de julho de 1897, dentro do arraial, que já agonizava.

A 15 dêsse mês decidiu Antônio Vicente enviar *positivos* a diversos pontos da região, arrebanhando gente para uma assembléia popular. Ajuntou cêrca de quatro mil sertanejos, nessa reunião, para tratar dos combates finais da resistência.

Conta Bombinhos em seus versos:

"Senhores: diz o Conselheiro
Negar-vos o que prevejo? Isso não!
O govêrno tem bastante elementos
E a nós já nos falta animação.

Já perderam a fé no Onipotente?
Não confiam de todo o coração
Que pedindo a êle bem contritos
Não mande êle a nossa salvação?

Incrédulos, *eis* incrédulos demais!
Quem fé tiver disse o Deus de Abraão
Mudará um monte do lugar
Se a fé existir no coração!"

Dito isso, recolheu-se Antônio Vicente ao Santuário. A êsse tempo, o velho beato quase não mais aparecia aos olhos do seu povo, dedicando a maior parte do dia e da noite à penitência e às orações.

No dia seguinte, 16 de julho, Antônio Vilanova procura o santo conterrâneo, dando-lhe conta detalhada da trágica situação reinante no arraial, cercado de tropas, no mesmo passo em que lhe pede licença para abandonar Canudos, com a mulher doente, retornando ao Ceará.

Em resposta, Antônio Vicente manda que se fortifiquem as igrejas, a rua da Caridade e outros trechos do aglomerado.

Às quatro da manhã as cornetas tocam reunir, o combate principia às seis, tombando quase mil jagunços na refrega dêsse dia.

No imediato, 17, um vaqueiro, de nome José do Tanque, procura Antônio Vicente, comunicando-lhe a morte de Pajeú e João Abade.

Com o desaparecimento dêsses grandes *chefes de rua*, tanto o povo como o monge de Canudos começam a perder definitivamente a esperança na vitória. Antônio Vicente ora, recolhido, raramente aparecendo aos fiéis.

Um quarto do arraial já se achava em poder do Exército.

Outro fato que, segundo Bombinhos, abalou profundamente a esperança de Canudos, foi a morte de uma senhora muito rica, que tudo havia abandonado para seguir Antônio Vicente.

Chamavam-na Caridade, pois tudo que possuía distribuía aos pobres, pensando apenas na salvação da alma.

Era tanto venerada pelos jagunços como pelo próprio Antônio Vicente. A rua em que morava tinha o nome da *Rua da Caridade*. A santa mulher, que era casada, estava grávida. Dizem os versos de Bombinhos:

"Era meio dia mais ou menos
No meio daquela luta endiabrada
Vai para o *assento* dar a luz
Debaixo dum chuveiro de granada.

Já o feto no meio da viagem
Uma bala de granada o esmigalhou
Ambos juntos voaram para a eternidade
Nem a môça nem a criança *escapou*".

Cercam os jagunços o corpo da defunta Caridade, bradando aos céus. Os soldados atiram incessantemente sôbre êles, fazendo vítimas numerosas. O côro sertanejo protestava:

"Oh meu Deus que dor nós sentimos
Já perdemos a môça caridosa
Que tão dócil era para nós
Como mãe era amável e carinhosa"

Dali seguiram os rebeldes para o Santuário, a fim de informar Antônio Vicente da morte de Caridade, pedindo-lhe um milagre, ao mesmo tempo em que reiteravam sua fidelidade à causa. Escutou-lhe o evangelizador, prometendo o milagre para o dia seguinte. Afirma, porém, Bombinhos que a morte de Caridade tocou fundo a alma do Conselheiro, apressando-lhe a morte, pois a estimava como filha.

Naquele mesmo dia, Antônio Vicente manda chamar João Francisco, *general* da sua confiança, e diz-lhe:

"Mandei lhe chamar para fazer uma confissão. Quero lhe ser franco, quero lhe contar a minha história. Já não conto com a vitória. Quero lhe dizer o que sinto na alma. Foi loucura minha querer ser senhor do sertão. Confesso com dor no coração: foi loucura! Fomos vencidos, é verdade, mas o govêrno não lucra nada à nossa custa. Moreira César, o terror desta nação, morreu como devia, estrangulado"...

E apontou para o alto da Favela:

"Está vendo aquêle enorme contingente de soldados? Lá se acham mais de mil doentes por nós aniquilados. Lamento o fim da guerra. Para nós não haverá perdão algum. Lembre-se do que agora vou lhe dizer. A história é um pouco aborrecida. Mas, na verdade, nunca tive nenhum elemento em meu favor, nunca recebi nada dos monarquistas, tudo o que dizia ao meu povo era invenção da minha

parte, só era eu o único monarquista. Ganhei fama por onde andei. Era tido como o Santo Bom Jesus. A vaidade e o orgulho foram crescendo em mim. Tanto cresceram que me cegaram. Tive muitos amigos no sertão. Protegiam-me quando eu era bondoso. Mas logo que rompi com o govêrno, acabaram-se os amigos. Esta, João, a sã verdade. Tudo o mais que eu dizia era mentira e vocês, que cegos me ouviram,acharam boa a doutrina que eu pregava. Peço que me perdoem. Só assim deixarei êste mundo quando Deus ordenar. E agora lembro a fuga de vocês, mas quero que amanhã muito cedinho venham aqui todos os amigos sinceros, inclusive o Antônio Beatinho. O milagre, pedido pelo povo, amanhã cedo será executado. A promessa que fiz é sagrada. Mas quero que roguem pela minha salvação".

As palavras de Antônio Vicente, como fàcilmente se observa, são contraditórias. Ao mesmo tempo em que se confessa um explorador da crença alheia, reitera o milagre para o dia seguinte...

Mas o poeta não se dá por achado. Diz que, depois de assim falar a João Francisco, Antônio Vicente mergulhou numa espécie de silêncio extático e que o jagunço, cheio de respeito, retirou-se do Santuário. Esta cena teria ocorrido ao anoitecer de 20 de julho de 1897.

Na esperança do milagre prometido, manhã cedinho do outro dia, 21, João Francisco veio, pressuroso, acordar o Conselheiro.

Ao entrar no Santuário, pensando que o velho ainda repousava, tal o silêncio dominante, encontrou-o morto e o corpo já rígido.

Logo tratou João Francisco de avisar aos companheiros. Primeiro, Macambira. Depois, Beatinho.

Multidões de jagunços foram chegando, desfilando ante o cadáver de Antônio Vicente, tristes e desorientadas.

Muitos não acreditavam. Examinavam cautelosamente o corpo do beato. Não houve morte, afirmavam alguns, mas mudança para o céu, como castigo aos pecados do arraial e do mundo.

A desolação é geral. Consolam-se todos na promessa da ressurreição e do juízo final. Talvez — quem sabe? — depois de três dias, Antônio Vicente retorne...

Três dias depois foi êle sepultado, em lugar não indicado.

Antes de fechar os olhos à eternidade, Antônio Vicente escrevera um bilhete, que assim dizia: "Quando amanhã aqui vieres me encontrarão inerte, aconselho a todos os meus amigos, vão fugindo, para vocês ainda é cedo, aceitem o conselho que vos dou, levem com vocês o meu bom Antônio Beatinho, desapareço dêste mundo com alegria no coração, sei também que para meus amigos não haverá salvação, o fim da guerra é um ato perigoso, o Oscar não nos perdoará, fujam o quanto antes, errante o meu povo, digo, o resto do meu povo, que da guerra escapar, não encontrará tão cedo, nem ao menos um lugar para repousar, Canudos ficará aniquilado e alguém que um dia aqui passar, não terá um lugar para um descanso".

Durante os dias em que permaneceu insepulto o Sonselheiro, João Francisco tratou de fortificar os pontos de resistência do arraial.

Mas, uma vez inhumado, a descrença assaltou a maioria do povo. Vilanova bateu em retirada com a família, na direção do Ceará. João Francisco arribou com a filha. Muitos, entretanto, pela azáfama dos combates, ignoraram até o fim a sua morte.

Foi através de informações de João Francisco a amigos distantes de Canudos que o general Artur Oscar soube da morte do Conselheiro.

Entrementes, Macambira, desesperado, continuava a oferecer uma oposição terrível aos militares. Combate encarniçadamente. Vendo-se perdido, e para não cair prisioneiro, jogou-se numa fogueira, enquanto Beatinho, depois de pregar a famosa peça aos comandantes do Exército, entregando-lhe centenas de prisioneiros inválidos, velhos e meninos, é supliciado com a *gravata vermelha*, degolado.

Termina o poeta da *História de Canudos* contando que os mortos do arraial foram sepultados por um fazendeiro caridoso, Ângelo dos Reis, quando tudo já não passava de ruínas e ossadas, sob o sol e a lua do grande sertão da Bahia. (1)

---

(1) — Tôdas as informações e versos do poeta Bombinhos foram fornecidas ao autor pelo velho e bondoso sertanista Joaquim Góis, que os copiou beneditinamente dos originais existentes na Biblioteca de Aracaju.

# CORPO SÊCO, BEBEDOR DE CACHAÇA

MARIA DE LOURDES BORGES RIBEIRO

FORAM índios os primeiros moradores desta região que margeia o rio Paraíba, no vale entre as serras do Mar e Mantiqueira — conhecida por Norte de São Paulo desde quando, por ordens de Mem de Sá, Brás Cubas, com portuguêses e nativos, abre o "caminho para o norte", em demanda do rio São Francisco.

Em princípios do sec. XVII, ainda sertão inculto, o Cap. Domingos Leme, que seguia em expedição para o descobrimento das minas, fundou o povoado de Santo Antônio de Guaratinguetá. Data, de então, o aparecimento de civilizados por estas bandas. Um século mais tarde, em outubro de 1717, passava pelo povoado o Conde de Assumar, Governador das Minas e de São Paulo. A Câmara Municipal, desejando recebê-lo com tôdas as honras e "alimentá-lo devidamente", ordenou: "que se empreguem todos os esforços que se fizerem mister em razão da época e da estiagem a fim de que o rio Paraíba, isto é, os moradores da Vila que exercem a profissão de pescar no rio Paraíba, forneçam, com brevidade, tôda a sorte de pescado a saber: piabas, surubis, bagres, acarás, jacareúnas e outros mais que acaso se encontrem em o dito rio e seus afluentes, o qual pescado a dita Câmara pagará de seus cofres com a maior satisfação, a fim de que Sua Excelência Ilustríssima, devidamente alimentado, possa prosseguir em sua viagem para o distrito das Minas Gerais, onde Deus o guarde por muitos anos e bons idem. E para constar, etc. etc."

E deu-se o grito: "Peixes. peixes, peixes para o Conde de Assumar". As ordens foram cumpridas, os pescadores começaram a correr o rio. A sorte era pouca, as rêdes saíam vazias de dentro dágua. Entre êles, João Alves, Domingos Garcia e Felipe Pedroso continuavam na faina, embora desesperançados. Mas temiam o castigo se volvessem sem pescado. E foi nessa ansiedade que, de súbito, notaram que a rêde havia apanhado alguma coisa, e, com receio, foram verificar o achado. Surpresos, viram um corpo de imagem de Nossa Senhora. Colocaram-no respeitosamente no fundo da canoa e, em nôvo lanço, retiraram a cabeça, a imagem tôda enegrecida pela longa permanência no seio das águas. Era a imagem da Virgem Maria, a Aparecida, hoje Padroeira do Brasil. Assim começou a cidade de Aparecida do Norte, e o rio Paraíba é olhado como um rio sagrado, sem maleita, sem canoas fantásticas, sem almas penadas.

A primeira gente de sua gleba foi de pescadores e ainda hoje muitos continuam a mesma labuta. Êsses piraquaras são simples e bons, honestos e trabalhadores, resignados e piedosos, inteligentes e vivos. Conhecem as manhas das águas e dos peixes, procurando superá-las com habilidade e esperteza. Para isso, dispõem de perícia, agilidade e pertences que fabricam com as próprias mãos e de uma paciência como poucos a têm neste mundo de Deus. Nada os atemoriza, nem as tempestades. Só a rêde vazia os entristece.

O contato dia e noite com a natureza, numa quietude de filosofar que roda em canoas, criou uma atmosfera de magia e, religiosos que sejam se movem entre crendices e superstições. Entre as suas estórias — para êles mitos, pois

lhes determinam o comportamento — a mais conhecida é a do Corpo Sêco, duende que vive na mata densa e fechada, à margem esquerda do Paraíba, lugar denominado Caaparapá — lagoa no meio do mato.

Antes da narração do Corpo Sêco bebedor de cachaça, ouçamos Eduardo que nunca mentiu e só fala a verdade, durante 80 anos:

"Agaranto que a senhora nunca viu um. Pois eu já. E numa sacristia de igreja. Vô le contá. Premero preciso dizê que é Corpo Sêco. Pois é a coisa mais horrorosa, horrível de se vê. É sempre o corpo de uma pessoa ruim, quem martratô ou desrespeitô pai ou mãe. É um corpo tão sem graça que nem a terra não qué. Rejeita. Então o corpo seca. A roupa gruda que fica rente có'a pele. Uma situação só. As unha cresce. O cabelo cresce. A barba cresce. A pacoera e as tripa fica tudo numa bolota só. E xacoaia de todo lado. Quando chega o tempo de revirá a sepurtura prá desocupá lugá é que descobrem isso. Então o coveiro avisa o padre do lugá, que tem um corpo sêco. Então o padre trata de vê quem participa de corage e escoie dois home. Faiz suas reza, seus benzimento forte, mas só de noite, então, ali pula meio noite, nem antes nem despois, um dos home pega o corpo sêco e dá pro cumpanhero que tá de costa, co os braço erguido pra trais. E êle fica nesta pusição assim, costa com costa, nem o corpo sêco óia de frente nem quem carrega óia para trais, se óia êle munta cavalo e vem. Lá no mato, despois que o pessoá vem simbora, êle mesmo por si se esconde. Fica encostado num pau, toma conta dum capoeirão inteirinho. Pois foi o que acunteceu cumigo, um dia, quano fui lenhá. Cheguei no capoeirão dêle e isso ninguém tem orde de fazê. Premero, pra avisá a gente da presença dêle, êle dá uma tontura na gente; se teimá, daí êle tira a idéia. Ninguém tem fôrça de arregisti. Êle, eu não vi, só ouvi os estralos no mato, mas quem viu contô, é da artura duma pessoa mesmo, no lugá do zóio tem dois buracão. Uma cara medonha de feio..."

Pois a estória do Corpo Sêco, de como se forma e porque vai morar no mato é assim mesmo, como Eduardo contou. Vamos conhecer agora o **habitat** do Corpo Sêco que aqui existe desde os fins do século passado, e quem foi êle em vida, muitos o sabem... É mata densa, fechada, bastante cerrada mesmo, onde encontramos não só a figueira, com seu porte majestoso, como tarumã, guamirim, guamixama, goiabeira, licurana e outras. Cobre uma área de 11 alqueires e começa logo após o atêrro que une Aparecida ao bairro do Putim, do outro lado do Paraíba. E se estende pelos 11 alqueires, chegando quase à beira do rio. As águas entram por um valão e rodeiam tôda a mata, quase transformando-a em ilha. Em certo ponto formam um lagoão bonito, piscoso. A lenha caída, quantos por lá passam a recolhem em feixinhos. E aos que buscam peixes e aos que buscam lenha, o Corpo Sêco aparece, reclamando o que, por direito, lhe pertence. Mas, reclama com bons modos, como os que teve em vida.

E agora fala o Agapito, que tem nome de nobreza: Agapito Pamplona da Côrte Real Espíndola, piraquara de 80 anos e que sempre morou perto do rio, pescador que é. Então:

"Tava uma miséria de peixe aqui na Parecida e não se tinha peixe nenhum. O Gerardo, Gerardo meu fio, foi e disse: "cumé, pai, bamo venturá? Bamo no Caaparapá, pra nóis pescá?, que lá tinha muito peixe. Então eu disse: "cumé que nois bamo fazê? pescá lá não é pussive. Peixe de lá tem dono, sacumé. Mais e uvô pensá um modo e nois bamo pescá". Mandei êle então comprá uma vela na venda, veja só, e uma garrafa de cachaça e saí cum êle, de tardezinha, regulano no primero dia mais de oito hora, fomo cedo nesse dia. Cheguemo na lagoa custô pra nois travessá, quase que a água dava para molhá nois. Lagoa funda. Eu levei junto co'a vela um vidrinho de cachaça com guiné e arruda também. Deixei êle na bera do poço e a rêde e fui lá pro pé da figuera. Então eu disse, sabia que êle dali tava me escutano, a figuera era o lugar dêle preferido. "Oia, nois bamo pescá agora neste poço, mas eu quero sua permissão e que me ajude porque o pôrto nois não cunhece. Despois da

pescaria nois vem aqui matá o bicho." Eu disse assim, fiquemo cumbinado, né? Não tinha ninguém. Cheguemo na bôca do pôço, demo duas redada e saiu com carga de peixe, carga tão grande que quage não pudemo carregá. Saimo no caminho. O Gerardo disse pra mim: "E, pai, cumé agora pra nois atravessá a lagoa?" O pêso era munto. Minha fé também era munta. Eu fui e disse: "não é nada, rapaz, o amigo que nois tem aqui ajuda nois passá pra lá e carrega nosso peixe." Eu peguei na rêde, pus na costa, e êle ergueu o balaio de peixe na cacunda. Eu disse: "siga na frente que o pai vai atrais. Êle embarcô na lagoa e eu também. Êle, com a carga de peixe tudo, não chegô a batê água no joeio. E eu co'a rêde, a água deu só no tornozelo do pé. Um tremedá temeroso que dava para cobrir um homem. Isso se home entrasse e andasse por lá... Cheguemo pra cá da lagoa, larguemo a rêde, o peixe, e disse pro Gerardo: "bamo tomá uma pinguinha". Eu dei o vidrinho prele, êle bebeu um gole e me deu o vidro e eu bebi também e virei o vidro pro lado da lagoa e disse: "isso é vosso". Não vi buia de nada e quando peguei a oiá o vidro já estava sequinho. Tornei a pôr a rêde nas costa e êle ergueu o jacá de peixe e eu disse: "bão, amanhã nois vortamo, pode ir embora, obrigado, Deus que ajude, pode ser sempre assim e bamo embora vendê o peixe."

Nessa vidinha, dona, passemo meis e meio. Meis e meio pesquemo dessa maneira assim. Mais teve uma veiz que foi a última, a derradeira. Curpa de quem? mea mesmo. Vô contá:

Última veiz, cheguei no poço, sortamo a rêde, enganchô num aramaço, colosso de arame farpado. O Gerardo respondeu: "E, pai, perdemo a rêde". Eu disse: "não é nada". Eu vi uma buinha que vinha vindo pro mato e nesse dia... nesse dia eu facilitei, facilitei mesmo, achei que já tava tudo amigo, que não carecia mais tá gastando cachaça co'êle. Lembrar lembrei mais nem comprei nem cuidei de levá pelo menos um gole. Nesse dia nois não levemo nem a vela nem a pinga. Aí eu disse: "isso é arte dêsse sujeito, êle ficô com reiva, mais tem razão, porque nois fomo curpado. Nem luiz prele se lumiá naquela escuridão, nem cachaça prele bebê e esquecê seu sofrimento. E trato é trato. Eu não havia tratado desde o premero dia? Cumé que não levava? E falei pro Gerardo: "afaste pra trais e estique a rêde" e chamei: "ó amigo, você conhece a arte de sair daqui, me sorte a rêde, que nois não perca a rêde senão nois não pode pescá, reconheço mea culpa, me descurpe se fô capaiz." Daí deu um xacoaio na rêde, xacoaio muito forte mesmo e sortou. Nois puxemo, enrolemo e eu disse: "agora nois num pesca mais hoje Bamo embora." Daí saimo, dona, de cabeça envergonhado de não cumpri o trato co sujeito, que até foi bom sortando a rêde.

— E nunca mais voltou?

— Nem... Continuemo a pescaria da mesma forma que comecemo e continuemo até o fim da forma que comecemo. Larguemo da pescaria quando nois quisemo, nada estorvô mais, não tinha enrôsco não tinha nada. Também nunca dexemo de levá a vela pra lumiá êle e a cachaça pro coitado esquecê a sina triste que tem.

# LINGUAGEM NORDESTINA

ANGELA DELOUCHE

A linguagem humana, entendida como meio de comunicação e de entendimento entre os homens, é, talvez, o traço mais característico de distinção entre nós e os animais.

Sabe-se que há um sistema de comunicação entre as abelhas, por exemplo. As formigas quando se encontram, param e trocam informações. Os primatas podem dar avisos por sons diversificados. Os animais domésticos, como o cachorro e o gato, exprimem, por meio de sons, alegria ou descontentamento. A nossa línguagem, porém, possui características específicas que a tornam única e altamente superior à da espécie animal mais evoluída. A nossa linguagem tem a particularidade de combinar, de modo ilimitado, os seus elementos, pode dar significado arbitrário a essas combinações, transpõe obstáculos de tempo e de espaço. Tanto é capaz de interpretar *o aqui* e o *agora* como reportar-se ao passado ou projetar-se no futuro.

É difícil imaginarmos a evolução dos grupos sociais, o progresso tecnológico, a cultura, nos seus graus mais elevados, sem a linguagem. Para termos uma idéia simples, mas bem concreta da importância da linguagem, basta imaginarmos o nosso alheiamento ou a nossa impotência diante de pessoas que falem uma língua para nós desconhecida. Mas, tratando-se da língua de um povo, podemos aí estudar as significações arbitrárias dadas às palavras, com o fim determinado de servir a um limitado grupo social. É, sob êsse aspecto que a Antropologia Social se interessa pela linguagem, pelas suas variações, pelas conotações afetivas da comunidade em observação.

É antiga a idéia de que a linguagem é, além de formada, formativa. Sôbre essa certeza baseia-se o método de modificação do comportamento através da sugestão. O hipnotismo, igualmente, funciona à base do poder da palavra. Muito já foi dito sôbre a importância da linguagem em relação à conduta humana. Afirma-se que o homem só consegue pensar através de palavras, que o pensamento e a percepção apóiam-se nas palavras para adquirir o sentido do real. Gagarin, no espaço cósmico, diante de umo visão inteiramente nova da terra, declara: "É redonda e azul", coisa que se poderia deduzir sem despregar os pés do chão. É certo que as emoções muito fortes bloqueiam o delicado mecanismo entre o pensamento e sua forma verbal, o nível da emoção está mais alto do que o centro da palavra. Mas quando não está em jôgo a emoção, tôda pessoa acerta a falar sôbre o que conhece. Mesmo que o vocabulário seja restrito e a concordância incorreta. O ponto essencial é o conhecimento verdadeiro, completo, seguro do assunto em fóco. É certo que a facilidade em descrever e interpretar depende, não sòmente de exercício como de maturidade.

Susan Erwin, estudando a linguagem na psicologia humana, declara que "o homem só consegue pensar o que consegue dizer e que as categorias da linguagem fornecem ao homem as categorias de sua percepção, memórias de suas metáforas e de sua imaginação. Adotar tal teoria implica em considerar que as categorias da linguagem tornam o homem radicalmente diferente das outras espécies no que se refere ao seu processo intelectual, e tornam um bebé diferente de outra criança já em desenvolvimento. Tal teoria levaria à conclusão de que as pessoas que falam línguas diferentes não podem pensar da mesma maneira, uma vez que há uma diferença quanto às categorias que nenhuma tradução pode superar". Essa teoria vem em favor do ensino livresco, do que procura desenvolver o vocabulário da criança, do que a obriga a constantes exercícios de interpretação e de descrição de coisas visíveis ou imagináveis.

Falar a mesma língua é condição essencial ao mútuo entendimento. Por isso que há um grande interêsse em todos quantos querem influir nas camadas populares para elevar-lhes o nível de desenvolvimento. A linguagem popular do Nordeste, linguagem que pode ser enquadrada dentro do nosso folclore, já conquistou um lugar ao sol. As variedades do português falado no Brasil — de modo particular no Nordeste — conhecidas como brasileirismos, vão se impondo a cada dia: no romance, no teatro, na preferência de grandes autores.

Na conversação diária, usamos, despreocupadamente os modismos dialetais. Mas há inúmeras variedades dentro da linguagem do povo. Palavras que conservam um sentido antigo, já em desuso na língua culta, entonações desconhecidas para nós e construções diversificadas que constituem barreiras para um pleno entendimento. Particularizando citarei um fato verificado em Nazaré da Mata, em grupo escolar na zona rural. A

diretora convidava ora o juiz, ora o padre, ora o médico para falar aos pais na reunião mensal. Nenhuma pergunta, nenhum interêsse da partes dêstes. Humildade, acanhamento, timidês, tudo isso concorria, é certo, para o retraimento. Mas a principal barreira era aquela criada pela linguagem. Os oradores faziam discursos em vez de conversarem, usando têrmos totalmente fora do alcance dos ouvintes. O resultado de tais reuniões era um fracasso.

A linguagem, como o folclore, é um organismo vivo, em constante transformação, perdendo elementos, absorvendo outros. E a linguagem popular como o folclore, deve ser para nós, fontes de conhecimento do nosso povo. Dos que precisam de nós no campo da saúde, da educação, da agricultura, da higiene da indústria, das diversões. As Universidades, as Secretarias de Educação, os Institutos são riquezas de que dispomos para promover o desenvolvimento do Nordeste. O estudo do folclore, e dentro dêle o da linguagem popular, deve ter o fim específico de fazer a nossa aproximação com as camadas populares, possibilitando o diálogo.

## LINGUAGEM E AFETIVIDADE

O japonês Hayakawa, em livro publicado nos Estados Unidos e baseado em observações da vida americana, fala-nos dos significados extensional e intensional da palavra. O sentido extensional ou denotação, é passível de verificação imediata, como pesar, medir, etc., e não produz discussões. Já o sentido intensional, ou conotação, envolve conceitos subjetivos, evidentemente discordantes.

As conotações de caráter afetivo na linguagem nordestina possuem tôda uma vasta variedade de sentidos arbitrários que nos escapam à primeira vista. O verbo escurecer, por exemplo, significa esconder. Luís Marinho, dono do completo domínio da linguagem do Nordeste, o emprega com muita propriedade na peça "A Incelença". O mesmo autor salienta os vários significados do verbo vigiar. Empregado no imperativo é ordem para os meninos, sobretudo, executarem uma infinidade de ações. O verbo apreciar não tem o significado que nós lhe damos. Pode referir-se ao paladar, exemplo: "não apreceio munguzá" ou: "não apreceio brincadeira com menino".

Cheiro, em linguagem popular, é sempre um bom cheiro, quer dizer perfume. Significado interessante é o que é dado à palavra bondade. Quando se diz: "Fulano não tem bondade", faz-se-lhe um elogio, pois bondade significa orgulho, barreira de distância. Portanto dizer que alguém é cheio de bondade, equivale a: com aquêle eu não topo. *Topar* tem o sentido afetivo de simpatizar, pertencer à mesma *bacia* isto é, ao mesmo grupo social. Quando se diz que duas pessoas são panelas do mesmo texto significa, pejorativamente, que se combinam bem. Dizer que alguém é liberal é o mesmo que afirmar que é generoso, franco, mão aberta, isto é, não é *suvina*, palavra que é sinônimo de sumítico.

Palavra desconhecida na linguagem popular do Nordeste é *próximo*. É sempre substituída por *qui vem*. Assim: no próximo mês é "no meis qui vem", junho e julho são chamados "meis de São João e meis de Santana", respectivamente. Assim como dezembro é "o meis de Festa".

Deixar de vexame significa, tão sòmente deixar de pressa. Ser desconhecido é ser ingrato. Ter injúria equivale a ter vergonha. Aliás a expressão sem vergonha se substantivou com as mesmas flexões do substantivo. A mulher é senvergonha, mas o homem é senvergonho. O verbo carecer é de largo emprêgo, é sinônimo de precisar. A expressão: *não carece,* significa, também, não se incomode por minha causa. Um sujeito determinado é um cabra corajoso. Cabra no masculino não é o animal leiteiro, mas homem mulato. O feminino é cabrocha. *De ôlho incatitado, sem pinicar,* quer dizer: olhando firme.

## "COM LICENÇA DA PALAVRA"

A expressão: "com licença da palavra" é usada tôda vez que a pessoa precisa empregar uma palavra proibida, um tabu linguístico. Sujeito é uma dessas palavras, na forma feminina é, terrìvelmente, injuriosa, significa "mulher da vida" que, em linguagem popular equivale a prostituta. O substantivo bêsta, jamais é pronunciado. É substituído por *animá*. Da mesma forma perua que é sempre chamada de *penosa,* palavra criada de acôrdo com o "gênio" da ave, conforme me foi explicado, que passa o dia se lamentando. Para o feminino de porco há *bacorinha* (criada no fundo do quintal, com muito carinho pois representa o banco das economias para "o mês de festa").

Há uma infinidade de palavras injuriosas, que aparecem nas brigas, como isconjurado, ordinário, cachorro.

## FONTES DA LINGUAGEM NORDESTINA

Mário Marroquim, no estudo que fêz da linguagem popular em seu livro *A Língua do Nordeste*, salienta que o português trazido para o Brasil-Colônia, não era a língua já enriquecida pelo movimento renascentista e policiada pela gramatica, mas — em suas expressão — "a rude língua arcaica, eivada de indecisões". Nessa língua falavam Duarte Coelho e seus colonos. Era a língua usada pelos ferreiros, marceneiros, pedreiros e carpinteiros trazidos do Reino. Esta língua foi imposta ao povo que, isolado das influências vindas de Portugal no século seguinte, fixou-se no interior, nos engenhos e nas fazendas de gado completamente ilhado e alheio ao desenvolvimento verificado no litoral, ao lado dos seminários onde eram estudados o latim, o grego e os clássicos.

Três são as fontes da linguagem nordestina: o português arcaico, da época do descobrimento; a derivação e composição dialetais; a contribuição estrangeira (linguas africana e indígena).

Palavras do português arcaico circulam ainda hoje. Vejamos alguns exemplos: amenhã, alifante, antão, anteado, avaluar, avan-

gelho, coidado, dixi, fruita, luitar, malino, perjuiz, piadade, deferença, despois, fremoso, Hanrique, premêro, quizi, entonce, saluço e samiar entre inúmeros. Do arcaico, sojugar transformou-se, no dialeto em sujigá, somana passou a sumana e trouve (verbo trazer) passou a truve e truxe.

Também há as palavras de significado modificado, como: areado que quer dizer confuso, função é divertimento, praça equivale a cidade, reinar significa fazer trelas, salvar é o mesmo que saudar e punir quer dizer defender.

A contribuição indígena faz-se, especialmente em locativos. Marques da Cruz em sua gramática Português Prático, afirma que há cêrca de 20 000 palavras oriundas das línguas dos índios e dos africanos, o que nos parece um cálculo muito baixo. Mas vejamos alguns locativos: Amaragi, Bongi, Catuama, Cucaú, Gequiá, Goiana, Igarassu, Ipojuca, Iputinga, Japaranduba, Pernambuco, Maceió, Suape, Sanharó, Tacaruna, Taquaritinga.

São palavras tupis: araponga, aripuá, arara, buriti, bacuráu, baiacu, coiarana, crauá, cutia, garajuba, gitirana, gambá, gerimum, caiçara, calumbi, pitomba, muquim e murici, que entra no provérbio: "agora é tempo de murici, cada qual cuide de si").

Dos adjetivos tupis temos: sarará, marreca, caipora, jururu, pamonha e perereca. Entre os verbos há alguns de enorme sabor, como moquear, cutucar, sapecar.

A contribuição africana é bem mais numerosa. No Nordeste ficamos com palavras como angu, angola, aluá, batuque, berimbáu, banguê, budum, cambada, calunga, caçuá, capeta e cafifa, afora um número ilimitado impossível de registrar a não ser em trabalho especializado.

## TENDÊNCIAS A REGISTRAR

Há têrmos que desapareceram da língua culta mas que permanecem na linguagem popular, como: dereitamente, que significa, com justiça e num atimo, ou seja, num instante.

Os artigos lo e la ainda aparecem, se bem que restritamente. Na cantiga de roda, de origem ibérica, as filhas da *La Condessa*. Também quando um homem da pauladas numa cobra, no mato e alguém se aproxima, indaga: "Matou- *la?*" a resposta vem rápida: "Matei-*la*".

As formas: — que é dêle e que é dela — transformam-se em cadêlo e cadêla. Há palavras, em nossas conversas diárias, vindas até nós pelo processo da derivação, que tornam nossa linguagem de um colorido vibrante, vejamos algumas dessas palavras: godarar, mazanzar, apaleimado, catinguento, biqueiro, intinguijado, disconforme, estradeiro, farofeiro e pabulage.

Mário Marroquim regista em seu livro o superlativo de coisa na expressão muito popular: coisíssima nenhuma.

Na pronúncia são inúmeras as modificações sofridas pelo português. Fato bastante observável é a queda do *l* final no falar do povo e o seu abrandamento dentro da palavra. Exemplos: papé por papel, aiguem por alguém. O *l* e o *r* sofrem transformações recíprocas. As palavras garfo e carvão são pronunciadas assim: galfo e calvão. Mas note-se que nessas e noutras palavras com sons idênticos o *l* é abrandado em *u*. Não pronunciamos Brasil mas Brasiu. Os estudiosos observam que o *l* e o *r* estão em plena fase de transformações. Vejamos as palavras: arma e aima por alma; arvura e aivura por alvura; corgo e coigo por corrego; forguedo e foiguedo por folguedo; armoço e aimoço por almôço; descurpa e descuipa por desculpa, entre tantos outros.

*Lb* e *rb* igualmente vocalizam-se. Barbearia dá baibiaria. Balbino dá baibino. *Lp* e *rp* sofrem idênticas modificações. Exemplos: feipa por felpa. Seipente por serpente.

No aspecto dos verbos há muita coisa a registrar. Queda da letra *d* no gerúndio. Cantando, vendendo, partindo são assim pronunciados: cantano, vendeno, partino. A terminação *am* da 3.ª pessoa do plural do passado perfeito é transformada em *o*, assim cantaro, vendero e partiro em lugar de cantaram, venderam e partiram.

A facilidade que os estudantes encontram nos verbos inglêses é tendência marcante na simplificação de nossa complexa língua. A fala popular toma, em geral a terceira pessoa do singular para tôdas as outras. Exemplo: eu levo, tu leva, êle leva, nois leva, vois leva, êles leva.

Coisa muito interessante é a maneira que o povo tem de dar idéia de coisa pequena, isto é, de diminutivo e emprega essa palavrinha deliciosa que é pichitotinho precedido de bem. É usual também o pequeninhozinho.

Mas há uma enorme quantidade de palavras circulando nas nossas conversas que a gente não sabe precisar-lhe a origem, contudo essas palavras são, não sòmente expressivas como indispensaveis. Vejamos algumas: escurento, munganguento, grangazão, distorcido, dismentido, apaleimado, entre muitas outras.

O feminino de rapaz, ou seja rapariga, tão simples e tão usado em Portugal, adquiriu no Nordeste, um sentido duvidoso. Aqui, rapariga é palavra tabu. Não se pode pronunciar. É indecente. Talvez por isso que *rapaz* é, indistintamente, usado tanto para o masculino como para o feminino. É comum uma mulher dizer para outra, na conversa: "...mas o que rapaz?" A outra não se ofende e responde com a mesma naturalidade: "e apoi rapaz". Ou melhor, *rapai*, pois, no caso, já existe a vocalização do *z* final.

Encontra-se assim a Linguagem Nordestina, num processo ininterrupto de transformações, enriquecendo-se graças aos processos de derivação e de criação peculiares à inteligência ágil do caboclo do Nordeste. A "última flor do Lácio, inculta e bela" no dizer de Bilac, vai distanciando-se a cada instante de suas raízes ancestrais, adquirindo o "viço agreste e o aroma de virgens selvas e de oceano largo" para, numa linguagem tôda nova e bem nossa, ser o veículo ideal de nossos pensamentos e emoções.

# BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO

DOMINGOS VIEIRA FILHO

UM dos folguedos populares de maior persistência no inconsciente folclórico do povo maranhense é sem dúvida o **bumba-meu-boi.**

É um folguedo teatralizado ou dança dramática, como queria Mário de Andrade, que nasceu na colônia, formado por elementos vários, contribuições das três raças que compuzeram a nossa mescla étnica, cada qual fornecendo elementos de fixação do folguedo.

Não ocorre, entretanto. em nossos dias, com a mesma pureza de dantes. O rádio, nesse particular, tem contribuído decisivamente para êssa degradação, divulgando ritmos de xangôs, de batucadas e de sambas quase sempre artificiosos, falsos ou sofisticados. O brincante, de memória auditiva apurada, retém essas melodias espúrias e êsses ritmos supostamente africanos e é levado inconscientemente a imitá-los, em detrimento da espontaneidade criadora de outrora em que dos lábios grossos do "cabeceira" (tirador de cantigas no bumba), afloravam saborosas e rústicas as toadas ou "matanças", ingênuas mas expressivas.

As origens do bumba se perdem confusamente no tempo. O que se pode avançar com alguma segurança é que o folguedo nasceu na colônia portuguêsa, como decorrência lógica da formação colonial, ao influxo dos três povos formadores da nacionalidade. Um exame detido revela traços dêsses três agentes étnicos e culturais. Pai Francisco, o negro que mata o boi para tirar-lhe a língua tão ardentemente desejada por Mãe Catirina pejada de meses, é negro escravo, é africano. O amo, o dono do boi, encarna o fazendeiro opulento, é português. Os tapuios ou caboclos reais são índios. O pagé ou feiticeiro, posteriormente transformado em doutor, é outra eiva ameríndia indiscutível. **Payé** é o **medicine-man,** o **xaman** das tribos brasileiras.

Estudando-se cantigas e toadas de velhas encenações de **bumba** é que se pode surpreender o auto em sua pureza inicial, com as "dramatis personae" bem definidas, e, o que é significativo, com a impressão exata de uma cena de vaquejada comum nas fazendas começaram a surgir valorizando a colônia.

Com sua precária técnica o luso não podia prescindir do animal doméstico. E antes de transformar o cavalo em animal de serviço — que era de luxo, de luxo oriental, para passeios gostosos de fim de tarde, — explorou o boi o mais que pôde, ao ponto de, nos tempos coloniais, haver um complexo econômico ligado à sua atividade. Não só movia os engenhos, atrelado em juntas, não só fornecia carne para o sustento dos pioneiros e o couro para a fatura de mil artefatos. Ajudava também a compor a paisagem humana, dava nascimento à fase do pastoreio, da pecuária que teria em Garcia d'Avila e Domingos Afonso Sertão dois pioneiros que espantaram viajantes e cronistas com a opulência de suas fazendas de gado.

Era o boi, dessarte, elemento presente, ativo da paisagem da colônia. Não tardou ganhasse o pobre animal o domínio da lendária, numa seriação de proesas heróicas que quase o humanizavam. Surgem os ciclos do **Boi Espácio, Rabicho da Geralda,** boi "**Surubim**", bois fabulosos, míticos, que espalharam terror, que fizeram vibrar almas rudes, num desfiar de emições violentas. E os

rústicos aêdos coloniais celebraram as correrias de bois famosos em verdadeiras "chansons" de gesta.

Na pobreza espiritual da colônia, com os jesuítas garroteando a alma, numa subjugação inquisitorial à fé cristã, fácil a perpetuação de elementos místicos e mágicos.

Para logo o boi e sua legenda se incorporaram à vida anímica das fazendas e dos engenhos de açúcar, início das povoações que se espalhariam pela nova terra. Poetas anônimos dedilharam rústicas liras na corporificação dêsse nôvo "Gesta Romanorum".

O boi era, assim, animal doméstico preferido, amigo certo do colono, só excedido talvez pelo cão.

Explicável, portanto, que se procurasse celebrar seu heroismo — devera ser antes seu martirológico — cantando suas proesas nos campos e cerrados. E se ajuntasse à celebração, a música e a dança. Que gente para isso havia e da boa. O negro pilhara a chance de poder, em certo dia da semana, reviver as folganças, que trouxera da terra distante. Irmão do boi no sofrimento e no trabalho, o que sinceramente desejava era distender os músculos e afogar a mágoa do cativeiro nos meneios febricitantes de danças lascivas. Os ingredientes para a formação de um auto popular estavam à mão. Não foi difícil a mistura, que deu nascimento a uma brincadeira que vem resistindo ao tempo, numa sadia afirmação da vitalidade da alma popular.

Havia o motivo central — o boi e sua crônica heróica e movimentada. A comparsaria, os outros componentes do folguedo, meramente episódicos, surgiram depois, numa aparição natural, conseqüente.

A fabulação é simples, o fio temático condutor é sempre o mesmo: um boi de estimação que é morto por um escravo negro. Prêso, o negro confessa o delito e pagaria por certo com a morte se o pagé da fazenda não ressuscitasse o animal.

Mas, ao longo do tempo houve modificacões sucessivas no sentido da complexidade da trama do auto.

Vários episódios de pantomina foram agregados ao auto tradicional do bumba-meu-boi tornando a representação longa e às vêzes monótona.

A comparsaria central persiste: amo, vaqueiro, Pai Francisco, Mãe Catarina, Doutor Pulu, Doutor Cachaça, tapuios, mascarados, etc.

O fundo musical é à base de instrumentos de percussão: tinideiras, enormes pandeiros sem soalhos, revestidos de pele de cabras, cuica (tambor onça), maracá e matracas. Em alguns conjuntos usam o zabumba, e, de modo estranho, os bumbas de Axixá e Rosário utilizam orquestra.

Nenhum outro bumba rivaliza com o do Maranhão na riqueza da indumentária e na arte maravilhosa do bordado do couro do boi.

A árêa de ocorrência, no Maranhão, é muito extensa, abrangendo quase todo o Estado e a época de folgar é a quadra dos festejos joaninos e pedrinos.

# EXPLICAÇÃO DO NORDESTE — A FEIRA

RUY DUARTE

NA região açucareira de Pernambuco, como de resto em todo o interior dos outros Estados canavieiros e do próprio nordeste em si, a feira livre, até um passado que vai se tornando remoto, teve função social de excepcional importância. Porque a feira livre, nesse tempo, antes de ser o local de exposição e venda dos produtos agrícolas, pastoris ou artesanais da economia do povo, servia de ponto de reunião semanal dos indivíduos dispersos por um interior desprovido de meios de comunicação fácil, vivendo na ausência total de qualquer preocupação ou veleidades de relações humanas entre si.

Cada grupo, aliás, dêsses aglomerados humanos, por fôrça, mesmo, da rotina e organização de sua vida, absorvido pelas estafantes tarefas do seu dia-a-dia não dispunha de tempo para mais nada a não ser trabalhar, trabalhar, trabalhar, numa atividade febril que começava pouco antes do sol nascer e terminava quando a luz natural desaparecia, em alguns casos, como adiante se verá, se prolongando noite a dentro, no aproveitamento do clarão fornecido pelo luar.

De resto, quando tôda essa dinâmica atividade cessava, dentro dos engenhos, ou pela escuridão ou pela exaustão do corpo humano, ninguém tinha disposição para pensar mais em nada a não ser no descanso do sono. Era dormir e mais nada. O trabalhador dêsse engenho que, na época em que situamos êste estudo, era, ainda, a base e o centro de todo o complexo açucareiro do nordeste e refletia, em seus cantares, essa vida dedicada exclusivamente ao trabalho. O cambiteiro, quando, montado no burro, regressava ao *partido* para outra carga de cana destinada às moendas do banguê, ou o carreiro, no mesmo trajeto, sentado na *meza* do carro-de-boi, ou o homem do eito, fazendo acompanhar o golpe da enxada, no preparo da terra, com a música dolente no verso sem autoria, mas autêntico em sua afirmação, diziam, num lamento:

> O pobre trabalhador
> Tem três horas de alegria:
> Quando almoça, quando janta
> E quando se finda o dia.

A feira livre, então, dos domingos, único dia, pràticamente, sem trabalho na região, único dia de descanso dessa gente, se apresentava como a única oportunidade para a folga nos moldes hoje modernamente compreendidos como efetivo para o repouso: a fuga do local de trabalho, a viagem de férias, embora curta, mas viagem, com a ausência a tudo que foi preocupação durante a semana. Assim, êsse homem cansado, indo à feira, passando o dia completamente absorvido com as tarefas da feira, estava realizando o que hoje se chamaria de higiene mental.

Na feira êle falava de igual para igual com pessoas de nível social superior ao seu, como os comerciantes que lhe vendiam as mercadorias. Na feira êle ouvia as novidades da época, através da literatura de cordel dos folhetos contando histórias dos inventos ou das conquistas do gênero humano ou de reis-de-frança, como ainda, de heróis populares imaginários. Essa literatura de cordel era fàcilmente assimilada por sua mentalidade rude porque se transmitia em linguagem corrente, com palavras do seu vocabulário e, ainda, em versos rimados, fáceis de decorar. Ou, então, histórias de amor, ou, simplesmente, versos bonitos, cheios de poesia. Era bom, era gostoso, ouvir o homem que vendia êsses folhetos recitá-los durante horas seguidas. Com isso êle entrava na intimidade dos fatos mundiais, tinha acesso às notícias, se sentia parte da vida de outros países, de outros centros, capacitando-se de que o mundo não era só o cabo da enxada, as ordens severas dos administradores do engenho, as determinações ditatoriais dos senhores, de que a vida, finalmente, não era, apenas, a vida que levava.

## DIA DE FESTA

Mas a feira, para êle, não era só isso. Para ir à feira êle tinha que pensar em si como pessoa humana que era. Para ir à feira êle tinha que se vestir melhor, com roupa decente e não com os trapos e andrajos que carregava no peito. Tinha que fazer a barba ou em casa, antes de partir, ou na feira, com o barbeiro profissional quando, também, cortava o cabelo. E a feira, por via indireta, ia ensinando êsse homem a ser gente.

O dia de domingo, o dia da feira, era, sobretudo, um dia de festa, um dia de alegria, esperado por todos, comemorado por todos,

mesmo sendo, irônicamente, um dia de mais trabalho do que os outros. O administrador do engenho não vinha, de madrugada, acordá-lo, como fazia de segunda a sábado, mas êle despertava por si mesmo, mais cêdo, ainda, porque ir à feira queria dizer caminhar a pé, léguas e léguas, a qualquer tempo, chovendo ou fazendo sol.

Com que alegria era feito o sacrifício! Logo cêdo, aos primeiros momentos da manhã, as estradas que demandavam a vila, a cidade ou, simplesmente, o lugarejo da feira, denunciavam uma atividade estranha, agradável e colorida. Parecia que todo mundo havia empreendido o êxodo. Aos grupos, pequenos ou grandes, um a um, dois a dois, todos estavam na estrada, com destino à feira. Uns poucos montados a cavalos de sela. Outros em animais de carga, carregados de mercadorias. Outros, tangerinos, conduzindo uma tropa de mulas, com farinha feijão, cerâmica, as mais variadas mercadorias. Todos. porém, vestidos da melhor maneira que podiam. Até mesmos os animais, os burros, as éguas, os cavalos e os jumentos, foram lavados. no rio, antes da partida. Muita gente ia descalça com os pés no chão. Entretanto, traziam, em alguns casos, sapatos, alpercatas, as mulheres chinelos, pendurados nos ombros. Assim faziam todo o trajeto da viagem. Quando se aproximavam da feira, lavavam os pés no riacho mais próximo, calçavam os sapatos, as alpercatas e os chinelos e então, decentemente compostos, entravam na feira.

As mulheres vinham em seus vestidos de chita colorida, os homens de calça e paletó, além da camisa, o chapéu inseparável. Na estrada, se confraternizavam e, às vêzes, nas barracas improvisadas, erguida à beira do caminho, paravam os homens para dois dedos de conversa com outros dois dedos de cachaça...

## LIBERDADE

A feira! A feira livre! O mercado comum, onde tudo era permitido. onde a liberdade era total. A multidão reunida em praca pública, uns expondo suas mercadorias. outros comprando. outros observando, outros, apenas, passeando. se divertindo. todos se movimentando. Aquêles que trouxeram suas cargas nas costas dos animais, deixaram êstes no local apropriado, na periferia da feira, em mistura com outros cavalos, burros e éguas, que também êstes bichos se confraternizavam nas feiras, menos o boi, porque boi não é utilisado para carregar mercadorias destinadas à feira. Os animais passavam o dia assim, em grupo, mansamente, alguns com bornais no focinho, a comer o milho da ração, outros fazendo o mesmo com o capim pelo dono preparado com uns salpicos de mel-de-furo; outros ficavam, simplesmente, de pé, como se fôssem estátuas, movendo apenas a cauda, no movimento contínuo para espantar as môscas e mutucas de ferrão terrível.

Na praça, o borborinho. Aqui, os cereais. O feijão, a farinha, o milho, o arroz, em sacos. Ali os artigos de couro, arreios, selas, cintos, bainhas de pistolas e de facas, mantas, tudo feito a mão. Depois, a cerâmica, numa infinidade de produtos, panelas, caldeirões, xícaras, pratos, com seus vendedores apregoando as excelências da fabricação e os compradores verificando isso com estalos de unhas no barro cozido para tirar das ressonâncias a prova do fato. A essa infinidade de artigos de barro veio se juntar, ùltimamente, os bonecos representando os tipos da região. Tudo isso é transportado em costas de animais, alcochoadas em caçuás com capim e fôlhas de bananeira sêca, com um mínimo de perdas, mostrando a habilidade dos seus embaladores. As barracas que vendem carne, de tôdas as qualidades, se denunciam pelo exame das môscas famintas. Aqui uma mulher, de pé, chapéu-de-sol aberto, monta guarda a três melancias que trouxe, duas debaixo do braço, outra só por milagre equilibrada na cabeça, na longa caminhada do sítio onde vive, onde plantou e onde colheu as frutas para a venda na feira. Ali, um homem com gaiolas cheias de passarinhos de tôdas côres e tamanhos. Em barracas, os mostruários de fazendas e roupas feitas. Outra grande variedade num mostruário, as armas brancas, facão, facas-de-ponta, canivetes, facas de mesa, produção de uma siderurgia incipiente. A venda de armas é livre e seu porte não está proibido. As vêzes, quando acontece crimes seguidos, ou por questões políticas, a autoridade resolve desarmar todo mundo. Então coloca piquetes de soldados à entrada das feiras. Os que por ali passam revistados, suas armas apreendidas. Mas por horas, apenas, quando voltarem, para casa, as receberão direitinho, seja faca ou pistola. E si, na feira, comprar alguma arma, terão que tragê-las embrulhada até atravessar o piquete. Daí em diante seu porte e uso são livres.

## O SONHO

Assim é a feira. Com o pretexto de ir à feira a dona-de-casa do senhor-de-engenho também viajou, no cabriolé, na aranha, ou no cavalo de sela, foi à cidade, hospedando-se na casa de uma amiga, quase sempre uma comadre, deu um pulo pela praça, sem aliás comprar nada, só pelo gôsto de sair, de visitar, de conversar, de, numa palavra, tomar conhecimento do mundo, fazer higiene mental. O senhor-de-engenho, seu marido, também fêz o mesmo, vindo com sua melhor roupa, de gravata, chapéu-do-chile, passar o dia de domingo na cidade, conversando com os amigos.

A mulher das três melancias vendeu as frutas. Estava doida por isso porque precisava do dinheiro para comprar pano para o vestido de uma filha, que estava nua, e para ela própria, além dos mantimentos da semana. Outra, que em lugar de fruta trouxe umas galinhas engordadas com tanto cuidado e vigiadas mais ainda contra os ataques das ra-

pôsas, fêz o mesmo, aproveitando o dinheiro para comprar uns "cheiros" com que perfumava os cabelos, um pente fino para limpar a cabeça dos filhos, cheias de piolhos. E o homem que escutou, durante horas seguidas, o vendedor de folhetos contando histórias de heróis populares imaginários e reis-de-frança, por uns momentos se sentiu na intimidade dos palácios reais, nas alcovas das princesas, nos grandes salões iluminados das festas deslumbrantes das cortes estrangeiras e se sentiu como qualquer um dos freqüentadores habituais dêsses ambientes requintados. êle, que comia num girau, comia num prato de zinco e era acordado, antes do sol nascer, para a jornada de 12 horas de trabalho sem interrupção. Quando não se sentia no pleno gôzo dêsses ambientes reais, as histórias de Cancão de Fogo e outros heróis imaginários, castigando desde a mulher adúltera ao milionário avarento, ou ao simples ladrão comum, executando a legenda de sua vida que era distribuir justiça pelas próprias mãos, êle se projetava na pele dêsse herói e por momentos fazia, também, justiça pelas próprias maos, contra tôdas as iniqüidades e injustiças de que era vítima. Era, então, um desafogo. Cancão de Fogo, roubando de rico para dar a pobre, dando surra em que trapaceou nos negócios, e fugindo, depois, sem deixar rastro, iludindo a polícia, nunca sendo prêso, era o maior gôzo espiritual dêsse matuto desprotegido de todos. Se não sabia ler para ler uma, duas, cem vêzes, tão fantásticas histórias, ouvia sua leitura tôda semana, até decorar a obra, ou sua história, para relatar aos amigos, à família, propagando por via oral os fatos sempre ouvidos por todos com o maior embevecimento.

## MERCADO DE TRABALHO

O comércio estabelecido com porta aberta, o comércio regular da cidade, do vilarejo ou do local onde se realizava a feira, esperou, da mesma maneira, o dia da feira como acontecimento excepcional. Porque o dia da feira. o dia de domingo. era seu dia de maior apurado. Durante a semana, o movimento foi fraco. Um ou outro freguês, fazendo uma comprinha sem importância. No domingo, não. A cidade se povoou com habitantes flutuantes de doze horas apenas, mas que veio para comprar, para fazer movimento, para fazer apurado, gente com dinheiro.

Mas a feira não é só o lugar onde se compra e se vende produtos alimentícios e artigos de uso. Não é só o local onde as pessoas se mostram em suas melhores roupas e as relações sociais se promovem em conversas, trocas de gentilezas e tôda sorte de demonstrações de amizade e confraternização, numa palavra, que se civilizam. Não é só, também, o lugar onde uns homens costumam abusar da aguardente, ficam embriagados, promovem brigas, alguns ficando detido pela polícia, outros feridos, ou mortos, transportados em rêde para o hospital mais próximo ou para o cemitério da região, vítimas que foram do tiro certeiro da garrucha ou do golpe mortal da faca de ponta manejada com maestria.

A feira é, também, um mercado de trabalho onde se contrata a mão de obra, o braço a mais, o trabalhador que o engenho está precisando para o preparo da safra, que se inicia. O capataz do engenho chegou à feira, com ôlho clínico viu os elementos visados, ofereceu o pagamento a mais de um ou dois tostões — para usar a moeda da época — e o contrato se fêz, verbalmente, sem maiores delongas. No dia seguinte apareceu no engenho as caras novas, trazendo seus "teréns", isto é, sua bagagem que não passava de uma rêde, uns panos, no muito uns pratos e um par de alpercatas. Era tudo que possuía.

## O REMÉDIO

Mas êsse homem recrutado assim, já provado no trabalho do eito, de outros engenhos, profissional desde que saiu prematuramente de infância, aos onze ou doze anos, não é o melhor trabalhador da região. Sua constituição franzina, sua côr amarelecida, embora tostado de sol, seu hábito inveterado de tomar uma "bicada" sempre que pode e a lentidão nata de seus gestos, no eito ou fora dêle, indicam uma saúde precária. É um organismo contaminado pelas febres das maleitas e por uma série de moléstias mal curadas, adquiridas graças a uma alimentação pobre de quantidade e qualidade. O engenho, sem serviço de saúde, para curar sua doença, e tôdas as doenças, pode dar, no muito, o purgante de óleo, feito de mamona, de produção abundante nas campinas e, por isso, barato. Mas êsse purgante não cura o mal dêsse homem. Faz, apenas, efeito violento.

Certo senhor-de-engenho, para curar um dos seus trabalhadores, deu-lhe o primeiro purgante de óleo. O purgante produziu o efeito violento. Mas o homem voltou no dia seguinte da mesma maneira doente. O remédio foi repetido, ali mesmo, às vistas do senhor, por motivos óbvios. E mais uma vez, na outra manhã, o homem se apresentou ainda doente e visìvelmente abatido pelo efeito violento às evacuações contínuas. Mais uma vez a mesma medicação é ministrada, mesmo com os visíveis sinais de repulsa do homem pelo remédio ruim, repelente, suportável. No dia seguinte o que se apresenta perante o senhor-do-engenho, é quase um cadáver. O homem mal pode se suster de pé. Mas, ante a pergunta do senhor-de-engenho, de como se sentia e o horror de outro purgante, não hesitou e respondeu, levantando os braços, num sacrifício que denunciou a reunião de tôdas as suas fôrças, para deixá-los cair, logo depois, sem poder sustê-los:

— Eu agora tô rijo!

E desceu os braços, vencido pela prostação.

## O CURUMBA

O melhor trabalhador, o trabalhador ideal, é o adventista, o sertanejo jogado na estrada pela sêca e que, nos engenhos, toma o

nome de "curumba". O "curumba" aparece nas feiras ou nos engenhos esporàdicamente e sua permanência no emprêgo fica na dependência da chuva, no seu sertão. Assim que chove, que a notícia chega ao seu conhecimento, desaparece do engenho, voltando a sua terra. É tipo inteiramente diverso do homem comum do engenho, da zona da mata, do "brejo", como se chama. Atlético, alto, embora sempre queimados de sol, denuncia sua côr de homem louro puro. Tem a pele alva dos europeus do norte, o cabelo fino, quase de fogo, e uma saúde de ferro.

Seu tipo contrasta com todos os outros tipos do homem do nordeste. É o que se chama de um homem louro e porque surgiu êsse homem louro no meio de uma região povoada por portuguêses, que não são louros, negros e índios? Não pode ser nunca um descendente dessas raças. Todo o sertão é povoado dessa gente loira, como alemão, suíço ou holandês, cabelos quase brancos, nas crianças, parecendo bonecas de milho em formação. De onde veio êsse tipo?

Seu aparecimento deve estar ligado à dominação holandesa em Pernambuco, que durou 24 anos. Durante todo êsse longo tempo, uma corrente de imigração se fêz da Holanda para o nordeste, favorecida pelo govêrno de Maurício de Nassau, em Pernambuco, govêrno que teve, é bom acrescentar, apoio dos homens mais representativos da terra, na época. Maurício de Nassau, veio para Pernambuco, com o propósito de realizar uma obra gigantesca de colonização. E governou com os olhos voltados para Pernambuco e para o Brasil e não para a Holanda e a Europa. Pernambuco, nesses 24 anos de seu govêrno, apresentou progresso surpreendente. Maurício, ao que tudo indica, queria fundar, aqui, um Império, para si. E daí governar para os pernambucanos, com o apoio decisivo dos líderes do povo pernambucano, entre os quais o grande João Fernandes Vieira, que foi, depois, o general da guerra que expulsou o govêrno holandês daqui.

Nassau, certamente porque vinha fazendo govêrno para os pernambucanos e não para a Holanda, foi tirado do govêrno de Pernambuco e mandado de volta à Pátria. O governante que o substituiu não deu continuidade à sua obra. Adotou orientação diametralmente oposta, contrariando os pernambucanos. João Fernandes Vieira, por isso, se voltou contra o domínio holandês, chefiando a guerra sem quartel contra o invasor, numa luta de vida e morte, ao fim da qual os holandeses foram vencidos.

Ora, nos 24 anos de domínio holandês, é de crer que numerosas famílias holandesas para cá se transportaram. Em 24 anos nasceu muitos filhos dessa gente, loiros como os pais. Mas, de repente, do dia para a noite, a guerra. O pernambucano, ontem amigo, é o inimigo terrível de hoje. Até que, em pouco tempo, a capitulação, a imperiosa necessidade de voltar à Holanda ou desaparecer de vez da presença dos pernambucanos.

### A FUGA

O govêrno e seus apaniguados puderam lançar mão dos navios holandeses no pôrto e empreender a tranqüila viagem de volta. Abarrotou tôdas as dependências de gente e de bagagem e seguiu barra a fora, no caminho da Pátria. Mas, a grande massa? Aquêles que, durante 24 anos, se transportaram da Holanda para Pernambuco e, sobretudo, seus descendentes, já aclimatados na terra conquistada, aqui querendo permanecer? Para êstes não houve condução ou não houve tempo de esperar por ela, pela perseguição a êles imposta pelo inimigo vitorioso. A necessidade imperiosa era fugir, fùgir, fugir. A história não conta êsse capítulo final da dominação holandesa no Brasil. Mas os fatos apontam o caminho provável que tais remanescentes adotaram.

O que tudo indica ter acontecido, a hipótese mais provável sôbre o destino dessa verdadeira população marginalisada pela vitória fulminante do elemento nativo da terra, é a da sua fuga para a região quase deserta e desocupada de brasileiros, na época, isto é, a região sertaneja. Aí tais fugitivos ficaram ao abrigo da perseguição dos pernambucanos. E por coincidência, tempos depois, essa região começou a explorar a pecuária, tradicional ocupação dos seus ascendentes, na Holanda. E o povo que, depois, passou a ser o povo sertanejo, de tipo perfeitamente igual aos tipos do povo holandês. Não há documento que prove ser o sertanejo descendente em linha direta do holandês. Mas há fatos provando isso.

Êsse povo, na sua encarnação de "curumba" é o trabalhador rural ideal dos engenhos. Não bebe, não se mete em brigas, não tem doenças, trabalha quase sempre de empreitadas e é aí que aproveita até as noites de luar para terminar suas tarefas. Mas, de repente, ante a notícia de que choveu no sertão, na sua terra, na sua propriedade, abandona tudo e volta.

### FEIRA INVENCÍVEL

Essa é a feira do interior do nordeste. Essa foi a feira mais precisamente da zona açucareira, numa época próxima ao advento do rádio, da penetração das estradas de ferro e de rodagem. Essa feira nasceu não sei como e criou, não só no nordeste, mas no Brasil inteiro, as mais fundas raízes, a ponto de se querer, nas grandes cidades, acabar com elas e não ser possível. Nem mesmo nas capitais de maior desenvolvimento, como Rio e S. Paulo, onde os mercados, os mercadinhos e tôda uma cadeia de centros para venda ao público, têm a nítida finalidade de substituir as feiras, estas mostram sinais de decadência. Ao contrário. Cada vez mais as feiras fortalecem.

Nas cidades pequenas do interior, as Prefeituras constuiram os chamados mercados municipais. Seus compartimentos foram logos

tomados pelos comerciantes, pelo próprios feirantes, e funcionam diàriamente. Mas, nos dias determinados, em seu redor, lá está a feira funcionando, indiferente à concorrência. Apregoa-se de norte a sul o lado negativo das feiras. A falta de higiene, a promiscuidade, a impossibilidade de uma fiscalização eficiente quanto à qualidade dos produtos, etc. etc., mas nada disso impede que o comparecimento às feiras se faça sempre em grande número de pessoas. Diz-se e se prova que as feiras não são sempre onde se compram as mercadorias mais baratas. E não são mesmo. Mas, isso, também, não abala seus alicerces.

A feira parece uma instituição de tal modo arraigada na alma do brasileiro de todos os quadrantes do país que sua extinção se mostra talvez impossível.

# PASTORIS

FERNANDO JOSÉ WANDERLEY

CRONISTAS saudosos falam dos pastoris de outrora, que deslumbraram a mocidade de uma época romântica, a se desvanecer diante de um tablado cheio de fôlhas de palmeira, arcos de crotes e bandeirolas, enfeitado de encarnado e azul, as côres das pastôras.

A mestra à frente do encarnado, e a contra-mestra, do azul. A Diana não tem partido. Veste-se das duas côres. Saudando os presentes, as pastôras dão início à encenação.

Entoam cantando as jornadas que são de uma lhaneza que atinge as raias da ingênuidade. Fazem lembrar os versos de emboladas do sertão, no que estas têm de ausência de sentido quando o principal é a rima.

A graciosidade das representantes, seus gestos faceiros, os trejeitos da dança contribuem para a afluência do povo. Aparecem as figuras obrigatórias: a borboleta, o anjo, o demônio, às vêzes o pastor. O velho, que na realidade nem sempre é avantajado em idade. Fantasiam menino de velho, colocam barba postiça, cajado, e pronto.

A orquestra é pobre em instrumentos de sôpro. Um apenas. Quando muito, dois ou três. Instrumentos de percussão, dêles o número é maior, pois maracás e pandeiros pode haver à vontade, sem falar nos que estão no tablado.

Depende mais das possibilidades financeiras do grupo. É muito comum uma clarineta, violões e percussão.

Partido encarnado com a mestra à esquerda, e azul à direita, sob o comando da contra-mestra e no centro a Diana.

A orquestra tocando a introdução, as meninas em torneios alegres e dengosos, entoam a jornada, prosseguindo o pastoril a arrancar aplausos da platéia. Aplausos só, não. Até dinheiro, sob a forma de votos para o partido preferido, arremate de prendas que podiam ser uma manga rosa, um "bouquet" de uma pastôra, dinheiro que era destinado às crianças pobres e hoje geralmente aos donos do pastoril.

Nos intervalos das jornadas, surgem declamadores, e cânticos são entoados por uma ou outra pastôra de voz privilegiada.

Também chamados presépios, êsses pastoris "alvoroçaram milhares de rapazes, ocasionaram infinitos namoros, resultaram esplêndidos casamentos", disse um saudosista (Mário Sette).

Referia-se o cronista ao pastoril das meninas bonitas de família, bem nascidas e educadas com esmero, e à torcida, quase sempre bem intencionada.

Rapazes que ansiavam por um sorriso de contra-mestra, ou, de olhares lânguidos, mendigavam as atenções de uma segunda do encarnado. Bem intencionados acima de tudo. Por isso é que namôros que começavam com olhares furtivos e sorrisos acanhados, acabavam no altar de uma igreja, com muita fôlha de canela e chuva de arroz.

## O OUTRO PASTORIL

Não aquêle das lindas crianças vestidas de encarnado e azul, a ensaiarem passos no palanque, sob o olhar de admiração dos familiares, nem o das meninas-môças a provocarem paixões violentas e subtâneas em rapazes de futuro, quantas vêzes um balconista de renomada casa comercial.

O pastoril que escandalizou circunspectos folcloristas pela profanação de seus versos, cantados por pastôra de procedimento suspeitoso.

O pastoril que desafiava as iras das autoridades eclesiásticas, solícitas, talvez, não tanto na preservação do espírito natalino, mas, no resguardar as "almas pias" contra os abusos de um divertimento excessivamente livre.

Pois não era outra coisa aquêle pastoril da molequeira desaforada o mesmo da mocidade aventureira, por vêzes violenta, dos filhos de chefes políticos metidos a valentes, e que não escolhiam ocasião para seus desmandos, acobertados pelo prestígio paterno.

Degenerava quase sempre em tabefe, paulada muita e tiro, com correrias e alvorôço, acompanhado de gritinhos nervosos.

Função das pastorinhas, também chamavam à representação levada em cena pelas cabrochas nos palanques, provocantes que só elas, de saia curta e pernas de fora, que em evoluções e rodopios, primavam em agradar àquele público ululante, heterogêneo, mas homogêneo numa coisa: no desejo dos favores daquelas morenas vestidas de pastôras.

No mais, a programação era a mesma: saudação aos presentes, seguida do canto das jornadas e nos intervalos números variados.

A torcida vibrava pelos partidos e pelas pastôras. Chamavam pelo nome as mais conhecidas, e nos intervalos lá estavam pastôras e admiradores, sentados à mesma mesa,

bebendo ou fumando. E a função recomeçava, sem haver o perigo da monotonia, porque contra isso lá estava o "velho" que deu fama a muita pastoril recifense. Canela-de-Aço foi um dêles. Imperava na Estrada dos Remédios. Zuza, no Bacurau, na Madalena, e Herotides de quem tanto falam os antigos, funcionava na Encruzilhada. O "velho não aparecia em cena para dançar. Estava ali para animar o pessoal. E se desincumbia da tarefa muito a contento, porém, a seu modo e nem sempre.

Aproveitava o espírito lúdico (melhor dito, lúbrico, para tantos) da platéia, e de sua bôca o que saía era porcaria e sem-vergonheza pura, para o deleite da assistência, que, com os aplausos e galhofas, lhes estimulava a verve, de afoito que era, em suas incursões pelos domínios da malícia.

A respeito dêsse pastoril de anarquia e de "velhos" desbocados e nunca satisfeitos em seus atrevimentos já se pronunciou Theo Brandão, ao mencionar a "tendência para a profanação em Pernambuco", indo mais além Mário de Andrade, ao afirmar que "os pastoris reduziram-se completamente a uma diversão de farra". A mistura de elementos burlescos e maliciosos desagradou a tal ponto a Igreja, que já em 1801 as autoridades de Pernambuco solicitaram ao govêrno a repressão da "função das chamadas pastorinhas" (Oneida Alvarenga).

Reações houve, a exemplo da fundação da "Sociedade Natalense" em Pernambuco, no ano de 1840. (O. Alvarenga) e mais recentemente, no Brasil, a Uniao das Noelistas, que tencionam lutar contra a paganização do Natal.

O que não impediu que os pastoris continuassem com os "velhos" largando indecências o tempo todo — ditos jocosos, diziam outros — a um auditório selecionado para ouvir aquilo mesmo, ou pior ainda.

Ao avançar da madrugada a dentro, era hora de haver pastoril desfalcado. Rapazes se divertiam em roubar pastôras, para desgôsto da organizadora dos cordões.

O desfêcho dêsses pastoris era menos romântico, terminando não raro em tempestuosos banhos nas águas silenciosas do Capibaribe, ou em madrugadas de amor. Quase nunca em casamento com véu e capela.

# NEGRAMENTE, CABLOCAMENTE E PORTUGUESAMENTE

EVANDRO RABELLO

Escrevendo sôbre o carnaval do Recife, o sociólogo Roger Bastide disse ser um conservatório de folclore. Aqui irmanadas estão as três raças coexistindo pacìficamente.

O maracatu é dança e música de negros. Negros que vinham do outro lado do mar, da África distante. Como mercadorias chegavam aos montes nos navios negreiros, com o sofrimento estampado na face e a revolta escondida no peito. A terra tinha ficado para trás e agora era esperar o que viesse. Da viagem, tão cheia de amarguras, ficou o balanço do mar no juízo do negro.

Chegando à nova terra, fizeram dêle Rei. Era uma realeza fictícia, sem voz de comando, apenas obediente aos interêsses do branco. Puseram-lhe uma coroa na cabeça e a Santa Madre Igreja abençoou o ato. Agora era Rei do Congo.

Da coroação do Rei e Rainha do Congo surgiu o Maracatu.

Apesar de contido e humilhado, o negro não se deu por vencido e nem tranquilamente aceitou imposições. Reagiu enquanto pôde e foi como produto de sua reação que surgiram os primeiros movimentos de uma dança violenta e desordenada chamada "passo" que na definição de Waldemar de Oliveira "é a dança que se dança com o frevo".

O capoeira de Angola, pulando na frente das bandas de música do velho Recife, vibrando cacetes e cuspindo palavrão, engatinhava o "passo".

A prática de desordens e malandragens era o pretexto que a polícia encontrava para reprimir o capoeira, conter o negro, cortar-lhe as asas.

No tempo dos Vice-Reis no Rio de Janeiro, eram temidos e depois da Independência do Brasil uma portaria mandava aplicar duros castigos no lombo dos capoeiras. Na Bahia se apresentavam com brincos de ouro e tão valentes eram, que foram recrutados para servir ao Brasil na Guerra do Paraguai.

No século passado aqui no Recife, muitos serviam aos poderosos, aos políticos e às corporações musicais. No encontro da banda de música regida por Pedro Espanhol com a banda do Quarto Batalhão de Artilharia, o tempo esquentava, o cacete cobria, a rasteira entrava em ação e o bucho do antagonista servia de bainha às afiadas peixeiras. A polícia entrava em cena, tentando por processos violentos extinguir os grupos, sob a mesma alegação.

Famoso no velho Recife foi Nascimento Grande, o brabo dos brabos. Alto, longo bigodes, chapéu de feltro, bengala que pesava bem quinze quilos. defendendo políticos. Por sua valentia e agilidade, vivia sempre às voltas com capoeiras destemidos, travando combates que ficaram na memória do povo.

Servindo como guarda-costas de poderosos escapavam das malhas da justiça. Com êste salvo-conduto não viam o sol quadrado. A repressão só atingia os capoeiras sem brasão de armas. Os que não tinha eira nem beira.

Tão importante era a instituição, que o primeiro Código Penal da República mandava prender e desterrar àqueles que fizessem parte da vadiação.

"Eliminados, diz Edison Carneiro, os capoeiras deixaram atrás de si a semente generosa do passo".

Intimamente ligado ao "passo" está o frevo. "A história do frevo e do "passo" é quase inseparável, mesmo que um seja música e o outro dança"; é o que nos diz a antropóloga americana Katarina Real em recente estudo sôbre os clubes carnavalêscos do Recife.

A invenção pernambucana nasceu da mistura de dobrado com jornadas de pastoril, polcas, quadrilhas, maxixes. Da corrutela da palavra ferver, veio Frevo.

Mas não fica sòmente aí a grandeza do carnaval do Recife. Que dizer dos blocos com instrumentos de "pau e corda" e cantos de "imensa poesia"?

Ascenso Ferreira depois de dar vivas ao Bloco das Flôres, Batutas e Apois-Fum, acha brasileiríssima a verve do nome dêste último. Como bem brasileiros são os nomes das Troças "O Bagaço é Meu", "Cachorro do Homem do Miúdo", "Burra 38 de Santo Amaro" e "Formiga Sabe que Roça Come." Ursos, figuras de bumba meu boi, maracatus rurais, turmas, tribos de índio e outras manifestações folclóricas de uma riqueza que fariam inveja a qualquer povo.

Como se não bastasse, ainda aparecem os caboclinhos, representando em suas danças e nas loas que dizem a historia dos primeiros anos da colonização. Vestidos com penas, colares de conta, cocar, arco e flexa como se estivessem guerreando, desfilam nos dias de carnaval com porta-estandarte, caboclos, Rei e Rainha, caçadores, capitão, tenente, enfermeiros, cacique. Pulam, dançam, se abaixam e se levantam, vestidos com penas. Orquestra composta de pífaros, caracaxá, tarol, arco e flexa que chamam de preacas, servindo para marcar o ritmo da dança, simulando guerra.

Desta festa tão mesclada, onde as raças se fundem, poderia ser dito parodiando Ascenso Ferreira: no carnaval do Recife a gente vive negramente, caboclamente e portuguêsmente.

# A VINGANÇA DA CACHAÇA

*THEO BRANDÃO*

Um dos temas ou motivos mais encontradiços na vasta literatura oral relativa à Cachaça, é o da Vingança da Cachaça, expressa em inúmeras trovas ou quadrinhas populares usadas geralmente como "lodaças" ou glosas de tomadores da "branquinha".

Tanto em nossa coletânea, tôda recolhida em nosso Estado de Alagoas, quanto nos trabalhos do folclorista sergipano, hoje radicado na Bahia, Prof. José Calazans Brandão da Silva ou nos do capixaba Guilherme dos Santos Neves, de Vitória do Espírito Santo, encontram-se quadras, trovas e outras formas poéticas, em que se exprime de diferentes maneiras, mas sempre com semelhantes figuras paralelísticas, a vingança da cachaça, deitando ao chão o bebedor que a derramara garganta ou barriga a dentro.

Numa primeira glosa, que é transcrição do texto folclórico de um poema do saudoso poeta nordestino Ascenço Ferreira, assim se expressa a vingança da cachaça:

Em jejum eu te arrecebo
Como xarope dos bebo,
Tu puxas, eu arrepucho,
Bate comigo no chão,
Bato contigo no Bucho.

Noutra recolhida por José Calazans na ribeira do S.Francisco, ouve-se:

Gerebita, gerebitinha,
Tu puxas, eu puxo,
Tu bates comigo no chão,
Eu bato contigo no bucho

Ainda no citado autor, através de sua excelente e pioneira obra no gênero, CACHAÇA-MOÇA BRANCA, encontram-se outras quadras com o mesmo pensamento:

A cachaça é fia
Da cana soca,
Eu bato com ela na barriga,
Ela me bate na grota

Cachaça, moça branca,
Fia do véio Tiburço
Ela bate comigo no chão,
Eu bato com ela no bucho.

Cachaça, fia da cana,
Neta do véio Paixão,
Eu meto ela no bucho
Ela me mete no chão.

Na obra de Guilherme Santos Neves, sobretudo em seu CANCIONEIRO CAPIXABA DE TROVAS POPULARES, encontram-se igualmente quadras relativas ao mesmo assunto:

A cachaça é moça branca
Tôda cheia de arrepuxo,
Ela dá comigo no chão,
Eu dou com ela no bucho.

Cachaça, tu não faça comigo
Como tu fez com Tiburço:
Tu deu com êle no chão,
Êle deu contigo no bucho.

Variantes destas trovas e quadrinhas são as seguintes colhidas entre nós de "irmãos da opa" de Alagoas:

Aguardente de alambique
É arva que nem capucho,
Ela bate comigo no chão,
Eu bato com ela no bucho.

A cachaça é moça branca
Fia do véio Tiburço,
Ela bate comigo no chão,
Eu bato com ela no bucho.

Aguardente é moça branca
Fia da cana caiana,
Eu bato com ela no bucho,
Ela bate comigo na lama.

A cachaça é moça branca
Fia da cana torta,
Quem puxa muito por ela
Fica caido na grota.

Aguardente caianinha
É feita da cana torta,
Bato com ela no bucho,
Ela bate comigo na porta.

Aliás, só na última "lodaça" de J. Calazans Brandão da Silva e nas três últimas de nossa coletânea, é que a imagem se torna lógica e adequada, pois que, realmente, a cachaça só se vinga, quando foi bebida; só bate com o bebedor ao chão, depois que êste a tenha feito descer entranhas abaixo.

Pois, bem ou porque o tema ou motivo seja um "tropo" tradicional, uma imagem que tenha vindo passando através dos tempos e dos lugares,nas diversas literaturas eruditas ou populares dos países ocidentais, ou visto seja uma idéia elementar, uma "elementar-gedanke", surgindo aqui e ali, no tempo e no espaço, não em consequência da transmissão ou do contato cultural, mas em resultado da própria constituição idêntica do cérebro humano, o fato é que essa imagem corriqueira e tradicional de nossos bebedores da "imaculada", glosada de tão diferentes maneiras, fômo-la encontrar há 800 anos atrás, na Península Ibérica,

ao tempo da dominação árabe, em terras de El-Andalus, num pequeno poema do poeta e médico Abu- Bakr-Muhammad Ben Al Malik Avenzoar, que aliás parece não ser senão o filho do célebre médico sevilhano Avenzoar, mestre do não menos célebre arquiatra muçulmano Averroes.

Numa pequena coletânea traduzida do árabe para o espanhol por Eduardo Garcia Gomes - POEMAS ARABIGO-ANDALUSES - (Colecion Austral)1940,deparamos com o seguinte poema que transcrevemos na íntegra:

"DEPUÉS DE LA ORGIA"

Apoyadas las mejillas en las palmas de las manos nos sorprendió a ellos e a mi la luz de la aurora.

En toda la noche habia cesado de escanciarles el vino e de beber yo mismo lo que quedaba en su propria copa, hasta que me embriagué al igual que ellos.

Pero el vino ha tomadò bien su venganza: Yo le hice caer en mi boca y él me ha hecho caer a mi.

(Sevilla-1113-1199-Abu-Bakr Muhammad ben Abd Al - Malik Avenzoar)

Ê sem tirar nem pôr, no último versículo, a mesma imagem dos nossos "pés de cana". Versículo que um curioso assim parafraseou:

Uma pena maior que a de Talião .
Deu-me o vinho que a mente me fêz louca:
Aos lábios o levei por minha mão,
Fí-lo descer dentro de minha bôca,
E êle me fêz cair por sôbre o chão.

Variante da imagem estudada é esta outra glosa de um cantador anônimo, também pertencente à nossa coleção:

O sinhô é branco assim,
Maltratando a tôda gente?
Eu sou cabôco safado,
Bebedô de aguardente,
Larguei de bebê demais,
Que a cana puxa prá trás
E eu puxo para a frente.

E, ainda melhor, estoutra que há uns bons 30 anos atrás, ouvimos no então Engenho Boa Sorte, Viçosa de Alagoas, e dirigida a um ilustre convidado, meu amigo e compadre depois figura de projeção na política, como nosso representante no Parlamento, e que, em companhia de outros amigos e estudiosos de Maceió, lá fôra assistir, promovida por meu tio Dr. Olegário Vilela, uma magnífica exibição de cantadores de côco, toada e viola. O amigo e compadre, como era natural em semelhantes ocasiões, sobretudo quando inda se é moço e forte, excedera-se um pouco na bebida e o provecto cantador e violeiro Manoel Nenen, que era um dos poetas populares presentes, assim, ao som de sua viola de pinho, numa magistral sextilha, aconselhou ao amante da "branquinha":

Seu Doutô não beba tanto
Deixe a cachaça de mão,
Olhe que quem bebe um copo
Termina no garrafão;
Não beba tanto e conheça
Que ela sobe pra cabeça
E o sinhô desce pro chão.

No admirável poeta popular que ainda hoje se encontra vivo e a cantar, apesar de já carregar seus 84 longos cajus, a imagem, mercê das antíteses cruzadas dos dois últimos versos que chegam a tomar a feição de um verdadeiro quiasma (recurso poético em que Manoel Nenen sempre foi um consumado mestre), tornou-se muito mais vigorosa e bela do que a do médico e poeta muçulmano ou as das "lodaças" tradicionais dos amantes das "águas cambaleantes", no pitoresco dizer do impenitente boêmio e notável tocador de cavaquinho viçosense - José do Cavaquinho.

É bem verdade que, no poema do filho de Avenzoar, há na segunda estrofe uma passagem que bem pode ser equiparada ao acontecido numa anedota popular da cachaça que assim pode ser relatada:

"Em certa bodega de ponta de rua, o dono era tão ardoroso amigo da "caiana" quanto os seus numerosos fregueses. De tal modo que, tôdas as vêzes em que um freguês pedia uma "lapada" de quatro dedos, o vendedor aguentava a mão e pingava sempre de menos. O freguês, é natural, reclamava:

- Só isso, então não quero...

O bodegueiro não se alterava com a reclamação. Recolhia o copo do balcão e simplesmente dizia:

- Tem nada, não. Se o sinhô não qué, a casa toma...

E virava a "bicada".

O freguês ia embora. Dentro em pouco, chegava outro e a cena se repetia, tomando, ao fim, o dono da casa tôdas as "bicadas" pedidas pelos clientes.

À tarde, como o escansão do poema arábico-andaluz, o bodegueiro estava completamente "fardado","de talabarte e perneira", como usa dizer o já citado José do Cavaquinho.

Num tamborete, à um canto da venda, mal podendo abrir os olhos, ao pedirem-lhe os fregueses:

- Tem cachaça?

Respondia o bodegueiro, língua empastada e grossa:

- É, cachaça tem. Não tem é quem venda...

Idênticas foram as vinganças, na Espanha muçulmana,do vinho, no Brasil de sua irmã menos nobre, a cachaça, expressas nas mesmas imagens e nos mesmos acontecimentos...

*

*     *

# CANINHA DOCE

*JOTA EFEGÊ*

As ruas começavam a escurecer. Aparecia, então o acendedor de lampiões carregando ao ombro, ao jeito de uma espingarda, comprida vara com a qual ia fazendo luz nos bicos de gás dos precários postes de iluminação das ruas e praças. Isto acontecia na última dezena do século findo.

Logo depois, tamborilando com certa cadência rítmica o pequeno tabuleiro onde estava arrumada a mercadoria de seu comércio, o garôto apregoava num frágil arranjo melódico e no diapasão que lhe permitia a voz infantil, ligeiramente esganiçada:

"Rolête de cana !
É de cana caiana !

De quando em quando, mas sempre tamborilando o tabuleiro, como num apêlo à freguezia e para proclamar a boa qualidade do artigo que vendia, apregoava:

"Olha a caninha doce !
Olha a caninha doce !

Alguns meninos, mal ouviam o esperado pregão, corriam em alvorôço ao encontro do mercador estendendo-lhe moedas de vintém ou de tostão e pedindo: "Me dá um ! ... Me dá um ! ... .

Não era apenas a criançada que consumia a mercadoria do garôto José já se encaminhando para rapaz e, ao mesmo tempo, se iniciando no "ganhar a vida". Das janelas e das sacadas chamavam-no também mocinhas, senhoras, senhores no à vontade de seus pijamas com alamares, gente da família:

"Psiu !, Vem cá, Caninha doce !
Ô Caninha doce !

Assim, dêsse apêlo onde o artigo que vendia dispensava o seu nome de batismo, que era, José Luiz de Moraes, filho do carpinteiro (ou carapina, como se dizia na época) Gregório de Moraes e de dona Adelina da Silva Moraes, lhe adveio o cognome: "Caninha Dôce".

Com êle, mais tarde abreviado para simplesmente "Caninha", marcou sua presença na música popular carioca, ou dizendo com mais precisão, no samba, verdadeiro, legítimo - o chamado "sambão" de nossos dias. E, o que é mais importante, embora sendo ingênuo arroubo de vaidade, sentiu-se autorizado a se proclamar, ou deixar que o proclamassem "Imperador do Samba". Título com o qual pretendia estar enfrentando o seu rival José Barbosa da Silva, o Sinhô, tido e havido o "Rei do Samba" (com corôa e manto, tal como o figurou numa caricatura bastante divulgada o famoso K. Lixto Cordeiro).

Despojado de nome civil, conhecido apenas pelos iniciados ou entendidos de música popular, pois o apelido é que o identificava, deixou ao morrer, em 16 de junho de 1961, com 78 (ou 80) anos, um punhado de composições que lograram amplo sucesso.

Despretensiosos, repousando em refrões simplórios, em estribilhos ingênuos, dispensando o julgamento de uma analítica superior, seus sambas prendiam-se, principalmente, à fôrça do ritmo brejeiro, convidativo, provocante, como serve de bom exemplo o facílimo, e por isso mesmo muito cansado:

"Oi ! essa nêga qué me dá,
Eu não fiz nada pra apanhá !"

E para que não fique a suposição de ser esta (em que teve como parceiro o dançarino Le Zut, perito maxixeiro) a única amostra capaz de dar apoio à assertiva acima, juntar-se-á outra de característica bem idêntica, de igual sabor primitivista:

"Me leva, me leva, seu Rafael,
Me leva, me leva, lá pro Pará !

A esta composição, "Caninha" deu o título estranho de "Quem vem atrás fecha a porta", sem relação alguma com o refrão ou mesmo com os demais versos que a completam, usando, ao que parece, ditério em voga e que era denominação de um bloco carnavalesco. Quase sempre, despreocupava-se de dar sentido lógico, de conduzir um mote no desenvolvimento de suas músicas já que fôra criado nas "escolas" de samba autêntico, nitidamente baiano, no qual prevalece o coral sustentando ritmo e melodia.

Mas, embora sambista, assíduo das "rodas" que se formavam nas casas das "tias" Sadata ou Dadá na Pedra do Sal, Acista, na rua Visconde de Itaúna, Perciliana (mãe de João da Baiana) e Amélia (mãe de Donga), ambas na rua Senador Pompeu, onde "Caninha" morou durante algum tempo, sua bagagem reúne também marchinhas e até um delicioso maxixe. Dedicado ao Clube dos Fenianos e lançado num dos bailes da temporada carnavalesca, êsse maxixe glosava as principais figuras da veterana agremiação alvi-rubra da qual José Luiz de Moraes era decidido fã e (salvo engano) sócio honorário. Subordinada ao título "Até parece coisa feita" aqui vai sua letra:

"No salão dos Fenianos
Existe muita alegria.
Ai ! Ai !,
Quer de noite, quer de dia.
Sapateia todo ano
Fazendo roda no meio,
Êste samba feniano,
Quem não dança só faz feio.
Seu Bouvier, vem apreciar
O Virosca fazer,
Seu Chabí dançar.
Ô seu Minó segura êsse tom,
Chama o pessoal
Que o samba é bom".

Êste simples bosquejo biográfico, mera digressão,ensejou recordar uma popularíssima personalidade de nosso cancioneiro a quem a "saccharum officinarum" ou a "canna mélica" deu na vulgata, o apelido de "Caninha Dôce",depois "Caninha".

Sambista da "velha guarda", provindo da tradicional estirpe que a "boa terra" nos enviou e fêz sede nas ruas da Alfândega, Senador Pompeu, Visconde de Itaúna e também na Pedra do Sal e largo de S. Domingos,"Caninha" sen

tiu-se douto no assunto, "catréta" (catedrático) na matéria que conhecia desde a infância, desde o tempo em que apregoava os roletes de cana de seu incipiente comércio ambulante. Resolveu, então, em 1933, tendo como parceiro o "Visconde de Bicohyba" (pseudônimo literário que Horácio Dantas usava em sua colaboração no semanário "A Maçã" e o levou para o Carnaval no Clube dos Tenentes do Diabo e no Cordão do Bola Preta, definir, esclarecer a autenticidade do samba. Não o fêz na superioridade de um professorado, de um mestre-escola, mas sim com música e versos espontâneos que diziam qual a diferença:

"Samba de morro,
Não é samba,
É batucada !
É batucada !

Com êsse refrão, logo apreendido pelo numeroso público que lotou o Teatro João Caetano na noite de 26 de fevereiro de 1933 - quando ali se realizou, sob o patrocínio da Prefeitura do então Distrito Federal, um concurso para a escolha dos melhores sambas e marchinhas carnavalescas - "Caninha" e seu companheiro "Visconde" triunfaram em primeiro lugar. E como se tratava de um prêmio dado pelo govêrno da cidade, "Caninha", já bem doente, orgulhosamente, jactava-se em tom de galhofa de ser "o único sambista com diploma oficial".

Prevalecia, porém, e prevalece até hoje, localizando-o com o merecido destaque entre os maiorais de nossa música popular o apelido, aquêle que resultou de seu pregão de vendedor de roletes: "Caninha Doce", "Caninha".

*

*   *

# ABSTINÊNCIA

GETÚLIO CÉSAR

Os primeiros eremitas, religiosos que vieram nos ermos, como os primeiros eremitas cristãos da Thebaida, no antigo Egito, e os ascetas gregos que se iniciaram muitos anos antes de Cristo, mortificavam o corpo com disciplinas e abstinências de alimentação e sexual. O corpo, nesse tempo distante, era considerado, entre êsses religiosos uma opressão indigna, da qual a alma precisava ser purificada pelo sofrimento para se tornar cândida. Essa maneira estranha de pensar, fazia com que êles vivessem em abstinência total para assim aumentarem a fé e a pureza que julgavam possuir.

A idéia de uma alma pura aprisionada em um corpo material e sensual, manchada pelos vis apetites, foi corrente entre gregos, durante cinco séculos antes de Cristo. "Daí o antagonismo entre a *alma* de um lado, e o *corpo*, a *carne* e o *mundo* do outro lado". Os três inimigos da alma movidos como fantoches pelo diabo.

Essas idéias ressurgiram de modos diferentes na religião dominante, o Catolicismo Romano, e se derramaram entre o povo crendeiro que ao seu talante foi e vai criando tabus de abstinências várias para cada caso íntimo ou geral.

Isso porque, tanto no Oriente como no Ocidente, a prática da abstinência estava profundamente arraigada entre os povos desde tempos recuados. Essa crença, em continuidade, com mais atuação e com prática formal chegou até aos tempos de Cristo, quando sofreu então liturgia especial.

Como vemos não vem a abstinência do tempo de Cristo como afirmaram alguns doutores da Igreja.

O catolicismo criou a abstinência de carne em diferentes épocas do ano e também, em caráter permanente, a abstinência sexual dos seus sacerdotes.

Essa determinação não foi, porém, extensiva para todos os iniciados no credo religioso romano, como presbíteros, porque sacerdotes gregos, alguns dêles se casam e os Maronitas, seita Católica Romana do Líbano, casam-se antes de serem ordenados padres.

Não se deve comer carne nos dias de preceitos determinados pela Igreja.

O bom católico, nesses dias, deverá se abster de carne, deve comer sòmente peixe porque não tem sangue. É o que informa o povo.

Conhecemos uma senhora muito religiosa, uma sertaneja, que nos dias de preceito, quando lhe faltava peixe, comia tripa assada.

Interrogava-a: Tripa é carne, dona Águeda! E ela com simplicidade nos respondia: É verdade menino, mas não tem sangue.

Essa forma de pensar e de agir, repelindo o sangue na alimentação nos dias de preceito, espalha-se entre as populações católicas romanas de todos os países cristianizados.

É o tabu do sangue manifestando-se imperioso como ordenava o Senhor nos dias de Moisés, nos sacrifícios de paz: "E nenhum sangue comereis em qualquer das vossas habitações, quer de aves quer de gado. Tôda a pessoa que comer algum sangue, aquela pessoa será extirpada dos seus povos", (Lev. VII).

A abstinência do sangue era incisiva nesses tempos. Quando o Senhor deu preceitos alimentares a Noé, depois do dilúvio, recomendou: "A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis." (Genesis IX).

Na zona do Moxotó fazendeiros, comerciantes e homens do campo fazem criações de cágados, jaboti para jejuarem na semana santa, porque — dizem — é parecido com peixe e quase não tem sangue.

Antes da Igreja regimentar o hábito da abstinência, como hoje se faz, os crentes seguiam a praticada pelos fiéis antes dos tempos apostólicos.

Nesses tempo tão afastado de nós distinguiam-se três classes de abstinências.

a) — Abstinência de alimentos úmidos. Segundo, São Epifânio, não se permitia outro alimento a não ser o sal, o pão e a água.

As constituições apostólicas, porém, autorizaram o uso de legumes crus e frutas. Os alimentos proibidos por essa abstinência consistia em carne, pescado, ovos, leite, manteiga, queijo, vinho e azeite.

b) — Abstinência de carne e de vinho de cuja existência dá fé São Cirilo de Jerusalém.

c) — Abstinência de sangue e de carne de animais mortos por sufocação, prática que foi uma continuação da usada entre os judeus. São Clemente de Alexandria, no Sé-

culo III, afirmava que Cristo praticava a abstinência, com seus discípulos, comendo sòmente pão e peixe.

São Gregório Naziazeno, sustentava que os apóstolos praticavam a abstinência e que São Pedro, nos dias de abstinência, se alimentava sòmente de tremoços.

Tertuliano, no III século, nos fala de cristãos na África que se abstinham, no II século, de vinho e de carne.

A questão foi submetida às luzes do Primeiro Concilio Apostólico que se celebrou em Jerusalém, no ano 50. Nesse conclave Santiago o Menor, filho de Alfeu, declarou que os gentios convertidos ao Cristianismo deviam contentar-se "com absterem-se de se manchar com carne imolada, com fornicação, com carne sufocada e o sangue esta foi a prática seguida pelos fiéis".

No estabelecimento da quaresma, o espaço de tempo de quarenta dias, que começa na quarta-feira de cinza e termina com o sábado de Aleluia, a abstinência não era praticada da mesma forma em tôdas as antigas Igrejas. Umas autorizavam pescado, outras associavam peixes e aves, e algumas proibiam tôda classe de carne e também o pão, e muitos fiéis não provavam alimento algum até a hora nona (três horas da tarde) desde então se permitia tôda classe de comida.

Naturalmente imitando Cristo, alguns cristãos jejuam com peixe e pão.

Nos antigos engenhos açúcareiros, onde a abstinência de carne era obedecida rigorosamente no período quaresmal, ao romper a Aleluia os escravos, folgados da imposição dos senhores que lhes davam sòmente bacalhau, por ser *bacalhau comê de nêgo,* diziam aliviados:

> Aleluia! Aleluia!
> Carne no prato
> Farinha na cuia.

Êsses versos ainda hoje são repetidos ao toque da Aleluia.

Abstinência de certos alimentos deixa de ser um preceito religioso para se tornar em tabu que é temido e obedecido em determinadas épocas da vida e é corriqueiro em todo Brasil e talvez no mundo. É o tabu ancestral manifestando-se ainda com tôda a sua desconfiança e fôrça.

Está nesse caso o tabu de certas frutas e alimentos fazerem mal nos dias catameniais. Muitas mulheres restringem o uso de frutas ácidas, principalmente o limão em determinadas épocas, e também de peixes de couro e de animais caçados.

Dizem mulheres velhas, crendeiras, que "em certo tempo a mulher não deve passar nem por perto de um pé de limão..." Êsse tabu é difundido e obedecido, sem se provar, porém, o mal que pode trazer o que na realidade nenhum mal acarreta, é crendice antiga.

Quando administramos um curso de Folclore por correspondência, recebemos de muitas alunas consultas sôbre a crendice do limão. A tôdas respondia sempre com explicações. É crível que uma fruta não pode molestar e perturbar uma função fisiológica normal.

No interior, as parturientes evitam frutas ácidas, só comem galinha e por espaço de quarenta dias, por ser a galinha "comida de parida", como dizem pitorescamente.

Ainda hoje, no interior e na capital, muitas parteiras e mães cuidadosas, quando cozinham para cliente ou para filha, quando primipara, costumam temperar a comida com *três pingos* de limão, para que, daí por diante, êsse tempêro não mais possa molestar. Fazem o mesmo com toicinho e com outros alimentos condenados como tabu.

Nos agrestes de Arcoverde Pedra e Buique, as mulheres da roça separam para o seu resguardo depois do parto durante o tempo convencionado por cada uma, bodes *inteiros,* isto é, bodes não castrados. Acreditam elas que o bode *beneficiado* faz mal a parturiente.

Curandeiros quando fazem garrafadas, informam ao doente que a cura só se realizará se êle cumprir o *seguimento* que é a dieta dada pelo charlatão, consistindo em não comer fruta de qualquer qualidade, nem miúdo, nem carne de porco, carne de galinha preta, bacalhau, caça do mato, feijão de casta (mulatinho, flor-branca e gurgutuba), peru, peixe de couro, curimã e não tomar café.

Pessoa que escapou de varíola, para não quebrar o resguardo, pelo espaço de dois anos, não deverá comer carne de porco.

A não ser a de côr preta, a galinha gosa de prestígio em tôda classe social por não ser *reimosa,* não faz mal a doentes, ilustrando o conselho com a seguinte sentença: "Cautela e caldo de galinha nunca fêz mal a ninguém".

Está desaparecendo o tabu assustador de se comer banana e em seguida se tomar leite. E o que diz ser a laranja prejudicial a saúde quando comida a noite: 'Laranja de manhã é ouro, ao meio dia é prata e de noite mata..."

O totenismo também gera abstinência. Maomé não comia lagartas porque se julgava descendente de uma clã de israelitas que se iniciara de lagartas. Os remanescentes dos Pancarus de Tacaratu se abstêm de comer peixes de determinadas espécies em certas épocas do ano; na festa do *praiá,* uns não comem cabrito e outras espécies animais. Os Bororós Orientais também, de acôrdo com os seus clãs, não comem os animais dos quais julgam descender e tôda tribo respeita o veado por acreditarem dêle descender.

Salomão Reinach acredita que o desprêzo que os judeus dão a carne de porco, seja proveniente de uma antiga crença totêmica das origens de sua raça, desprêzo êsse que cada dia mais se acentua. Êles obedecem as determinações contidas no Livro Levíticos, da Bíblia.

A abstinência sexual é uma das imposições da Igreja Católica Romana aos seus clérigos, e foi determinada por Gregório VII no ano de 1074.

A abstinência sexual foi praticada desde os tempos recuados da nossa história religiosa. No período rabínico a doutrina estabelecia que tôda pessoa desejosa de receber uma revelação divina tinha que se afastar das lutas do sexo. Os ascetas afastavam-se de tudo quanto lhes pudesse lembrar e provocar os apetites corporais.

A viriginidade até na bíblia é elogiada. "Nossa carne — dizia um escritor do século XIII — é o nosso pior inimigo e a virgindade é o céu neste mundo. O casamento é uma escravidão, não instituída por Deus, mas intrometida por Adão e Eva, pelo pecado".

A virginidade foi também salientada na Mitologia Grega-romana: Diana "Concebeu uma tal aversão ao casamento que pediu e obteve de Júpiter o favor de guardar a sua virgindade perpétua, como sua irmã Minerva que também permaneceu virgem".

No Monte Athos, na Grécia, vivem em um mosteiro, monges que nunca avistam uma mulher; nesse mosteiro não entram animais fêmeas e os santos que adornam os seus altares todos são masculinos. Há poucos anos morreu um monge com 84 anos de idade que nunca avistara uma mulher. São, como vemos, uns pobres inutilizados, criaturas divorciadas da vida por imposição ridícula de uma religiosidade exaltada confundindo-se com crendice.

No mundo profano aparece, em determinadas classes sociais, e em determinadas ocasiões, a abstinência sexual.

Pescadores, caçadores, lavradores e vaqueiros, quando pretendem iniciar uma tarefa de importância para êles, fazem dias antes, a abstinência sexual.

Cangaceiros, três dias, no mínimo, antes de um ataque planejado, fazem abstinência sexual, e procuram até evitar ver as fôlhas bilobadas do Mororó e a flor do Maracujá por acharem parecidas com o sexo feminino. Procedem assim para não sentirem desejos que podem prejudicar sèriamente o que êles têm em mira.

Mulheres rezadeiras, castradoras de frangos, fabricantes de azeite de mamona e as pessoas que trabalham em baixo espiritismo, fazem abstinência sexual para obterem bons resultados. Os homens que se dedicam a alguns afazeres espirituais procedem da mesma maneira.

Vaqueiros quando procuram uma rês tresmalhada, que montou, (escondeu-se na caatinga) procuram seguir por veredas para evitar ver uma mulher, porque se isso acontecer êles *perdem a fôrça* e o trabalho não se fará porque o desejo aparece.

Muitos rapazes e homens de incontinência desbragada, durante a semana santa recolhem-se piedosos em abstinência sexual para que os seus pecados diminuam e êles fiquem em *estado de graça*.

Essa crendice popular posta em prática na semana santa, em obediência a alguma tradição, e que dizem ficar em *Estado de Graça*, permite êles conseguirem aquilo que lhes está sendo difícil, acreditam.

A crendice tem uma fôrça bem grande para essa gente que julga por ela obter fàcilmente tudo o que deseja, só pelo recolhimento sexual de alguns dias.

# O POETA FOLCLÓRICO DA CANA-DE-AÇÚCAR

LUIZ LUNA

ASCENSO Ferreira é o poeta dos engenhos e das casas-grandes, das tradições de Pernambuco, tôdas com as raízes prêsas à cultura e industrialização da cana-de-açúcar. É o poeta dos senhores de engenho, daqueles homens autoritários e mandões, que nos dias de eleições, nas festas de fim de ano e nas visitas aos correspondentes de venda de açúcar, no Recife, ou ao governador para conversar política, usavam chapéu do Chile, roupa de casemira inglêsa e corrente de relógios de ouro atravessada no colête de linho branco. À noite, iam às pensões das mulheres gastar dinheiro com as francesas, beber champanha em taça de cristal e acender charuto *havana* na chama de cédula de quinhentos mil réis.

A poesia de Ascenso é dêsses senhores de engenho como é dos trabalhadores de eito, dos carreiros e cambiteiros, dos moleques tombadores de cana, dos mestres de açúcar e dos vigias de papo-amarelo à bandoleira. É a poesia de Pernambuco, do Nordeste. Também dos vaqueiros, tangerinos e cangaceiros, dos amansadores de burros, dos cegos violeiros, dos homens da zona da mata e do sertão, dos agrestes ressequidos e dos mangues enlameados do Recife. É a poesia que só o povo do Nordeste sabe fazer e dizer.

O poeta nasceu, numa noite de novena de maio, na rua de Palmares, terra de canaviais. Sua infância foi vivida entre *cassacos* (1) e senhores de engenho, ouvindo as histórias dêles, fazendo-lhes perguntas, dando palpites, enxerido que sempre foi. Os engenhos de Palmares e das vizinhanças eram a sua sedução e no *Japaranduba*, de propriedade de seu padrinho de batismo, chegou a trabalhar como caixeiro no barracão. Vendendo bicadas de aguardente, meia quarta de carne sêca, uma cuia de farinha e meia garrafa de querosene, aprendeu muita coisa. Ouviu muita conversa de brabeza, ficou sabendo dos lobishomens e das mulas-sem-cabeça, que apareciam por perto. Tudo isso serviu, mais tarde, de material à sua obra poética, enriquecendo o folclore nordestino.

Os primeiros poemas de Ascenso Ferreira, após a adesão à Semana de Arte Moderna, tiveram como tema a cana-de-açúcar, os engenhos de sua terra. O canavial, açoitado pelo vento, está no *Trem de Alagoas*, comparado com o mar, agitado pelas ondas:

"Meu Deus! Já deixamos
a praia tão longe...
No entanto, avistamos
bem perto outro mar...

Danou-se! Se move,
se arqueia, faz onda...
Qual nada! É um partido
já bom de cortar...

....................................

Cana caiana,
cana roxa,
cana fita,
cada qual a mais bonita,
tôdas boas de chupar..."

(1) *CASSACO — denominação dada aos modestos trabalhadores da faina agrícola nos engenhos de açúcar.*

Os engenhos, que êle tão bem conheceu e amou, imortalizaram-se na sua poesia. Estão agora de fogo morto, a usina passou-lhes nos peitos, mas os nomes ficaram no poema de saudade:

"Dos engenhos de minha terra
Só os nomes fazem sonhar:

— Esperança!
— Estrêla D'Alva!
— Flor do Bosque!
— Bom Mirar!"

Também a aguardente, tão pura, que os velhos banguês destilavam:

"Branquinha,
"Branquinha,
é suco de cana,
pouquinho — é rainha,
muntão — é tirana..."

............................

"Suco de cana caiana
passado nos alambique
pode sê que prejudique
mas bebo tôda sumana."

Da mesma forma, o poderoso senhor de engenho, na "fartura espetaculosa" da casa-grande:

"Terraço da Casa-Grande de manhãzinha,
fartura espetaculosa dos Coróneis:
— Ô Zé Estribeiro! Zé Estribeiro!
— Inhôôr!
— Quantos litros de leite deu a vaca Cumbuca?
— 25, seu Curené!
— E a vaca Malhada?
— 27, seu Curuné!
— E a vaca Pedrês?
— 35, seu Curuné!
— Sóó! Diabo! os meninos hoje não têm o qui mamar!"

Ascenso Ferreira foi morar na capital. Levou quase tôda a vida no Recife, mas pisou muito chão nacional, dizendo versos. Recitou nos salões da burguesia paulista e no cais de Santos para os trabalhadores do Pôrto, nos barracos das favelas e nos palacetes dos capitalistas do Rio. Disse versos para os pescadores de Fortaleza e para os catadores de caranguejos dos mangues de Natal. Foi ouvido por estancieiros do Rio Grande do Sul, ervateiros do Paraná e teuto-brasileiros de Santa Catarina; por seringueiros da Amazônia e canoeiros do São Francisco; catadores de sururu de Alagoas, pais-de-santo da Bahia, "coiteiros" de Sergipe e pelos seus irmãos dos canaviais fluminenses. Disse poemas para presos de cadeia e revolucionários na ilegalidade. Conheceu muito mundo neste Brasil, menestrel do povo, trovador boêmio. Só não andou mesmo pelo estrangeiro, sua grande vontade irrealizada.

Morreu, em 1965, faltando três dias para inteirar setenta anos, mas o cenário da infância, dos engenhos moendo e dos cortes de cana, do plantio e dos canaviais nervosos como as ondas do mar, acompanhou-o por todo êsse tempo. Aliás, para falar a verdade, Ascenso nunca se libertou totalmente da infância. Rubem Braga viu no rosto dêle cara de menino chorão. E viu certo o cronista-poeta. Ascenso era todinho um menino, um menino grande e gordo, bom e puro como um anjo inocente.

Convivi com o poeta desde garôto, vinte anos mais nôvo do que êle. Ascenso foi amigo de um dos meus irmãos, poeta também e seu companheiro de noitadas boêmias no velho Recife, naquele Recife romântico, das serenatas da Tôrre e Casa Amarela, das pensões de mulher-dama na rua de Santo Amaro, dos versos de Austro-Costa e Esdras-Farias (ambos com tracinho separando nome e sobrenome) e do lirismo do próprio Ascenso no alexandrino famoso:

"Adeus! Eu voltarei ao sol da Primavera!"

Foi a despedida — o canto de cisne da fase romântica. Daí por diante integrava-se para sempre na corrente modernista, que tinha, no Recife, Joaquim Cardozo como poeta máximo. Mas, o alexandrino fêz sucesso, tornou-se popular. Os namorados, na cidade e nos subúrbios, despediam-se com êsse verso. Era o soneto amado das mocinhas dos colégios de freiras e dos jovens sonhadores que viviam a fazer esforços para ser românticos. Peguei uns restinhos dêsse tempo. Vi e ouvi Ascenso recitando nos salões literários do Recife, no Teatro Santa Isabel e na Faculdade de Direito, aplaudido por uns, vaiado por outros. Depois, cresci, tornei-me rapaz e fui estudar na Faculdade e trabalhar no jornal. Aí, então, eu e Ascenso apertamos a amizade, sem reserva de mais môço e mais velho, e nunca mais nos separamos.

Hoje, mais de quarenta anos se passaram do dia em que o vi, pela primeira vez, no alpendre da casa-grande do *Goitá*, dizendo versos para meu pai ouvir. Impressionou-me aquêle homenzarrão, que não tirava o chapéu enorme da cabeça, a dizer coisas, numa voz de araponga, em linguagem estranha, que eu, na ignorância dos oito anos, não poderia entender. Estava ali o cidadão Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira, poeta do povo, natural da cidade de Palmares, orador de honra da *Troça Carnavalesca Mista o Cachorro do Homem do Miúdo* e de honra também 1.º vice-presidente do *Clube Carnavalesco Misto Linguarudos do Bairro de Santo Antônio*. Aquêle homem grandão, que falava engraçado, orador e vice-presidente de organizações carnavalescas da cidade do Recife, viria, poucos anos depois, a me acompanhar por tôda a vida, "meu irmão pelo espírito e pelo sentimento", como êle próprio costumava escrever nas dedicatórias dos livros que me oferecia. E de fato fomos isso mesmo.

Meu apartamento, no Rio, era prolongamento de sua casa do Recife, no bairro do Hipódromo, onde outrora a gente apostava nos cavalos correndo. Dava-lhe mesa com a comida que êle gostava, rica em môlho e graxas, como nas casas-grandes dos engenhos. Só não lhe podia dar cama porque não tinha uma nas dimensões daquele corpão tão grande e volumoso. Disso, porém, encarregava-se o nosso generoso coestaduano Horácio Saldanha, no seu hospitaleiro Hotel Presidente, na rua D. Pedro I.

Ascenso vinha sempre ao Rio, amiudando as viagens depois do nascimento de Maria Luísa, sua filha, que chegou tarde, "alva como uma hóstia consagrada para um ato final de extrema-unção". Essa menina foi a maior preocupação do poeta na fase final da vida. Chegando tão atrasada — Ascenso com mais de meio século bem vivido — foi de uma só vez filha e neta, concentrando tôda a imensa ternura do poeta. Passou êle, então, a preocupar-se também com a morte, temendo a hora fatal. Junto com o nascimento da menina, veio o poema pessemista: ...

"Alva como a hóstia consagrada,
macia como um floco de algodão!
Porém, chegando assim tão retardada,
tens o ar de uma hóstia consagrada
para um ato final de extrema-unção!"

Entretanto, viveu mais dezessete anos depois de fazer êsse poema. Dezessete anos de temor constante pelo dia seguinte, pelo futuro da filha, pensando na malvadeza que ela poderia vir a sofrer com o desaparecimento do pai, quase sòzinha no mundo. Era o assunto das conversas com os amigos íntimos. "Que será da minha filha quando eu morrer?", dizia quase chorando, que fáceis eram as lágrimas nos seus olhos cansados. Embora amigo de todo o mundo, confiava em pouca gente. Mas, o mêdo da morte o perseguia implacável. Dois ou três anos antes de morrer, pressentia o fim e publicava a "Última Visão":

"Nesta minha viagem para a morte
cuja visão, não sei porque, sinto tão forte,
tu és como um lençól inconsútil do céu,
aberto sôbre mim num gesto protetor!

Céu de dias de sol e noites enluaradas,
vêzes também cheio de nuvens carregadas,
ou povoado de mil estrêlas alucinadas.
Mas, sempre céu, amor!"

Era o cuidado com a filha, com o futuro que a esperava no meio de um mundo que êle sabia tão ruim, que levava o poeta a essas visões funestas, a esperar a morte antes de tempo, na fôrça da saúde, que sempre foi forte em

Ascenso Ferreira e quando veio a baquear foi para levá-lo ao cemitério de Santo Amaro. A morte do poeta chocou a cidade do Recife, o povo da zona da mata e do sertão, os "seus" Zuza do Pasto Grande e as "sinhás" Biu dos Cuscus, os cegos da viola e os homens que vendiam siris e caranguejos. Todo o povo, desde o pária do mocambo ao usineiro do palácio, chorou a morte do cantor da cana de açúcar, das usinas poderosas, dos banguês de fogo morto, dos cangaceiros e dos soldados das volantes, dos operários e dos doutores, que êle encarnava o próprio povo, suas angústias, suas alegrias e sua grande ternura.

Creio que é impossivel encontrar outro poeta tão autênticamente povo de sua terra como o foi Ascenso Ferreira. Não era só Pernambuco. Era o Nordeste inteiro que vivia naquele corpo de gigante e coração de criança. Ascenso carregava em si e na sua poesia, nos seus gestos e na sua fala, nos gostos, nos hábitos e costumes, no jeito de andar, de dormir, de comer, de amar e de sofrer, nos vicios e nas virtudes, na própria razão de ser da vida, tôdas as caracteristicas do homem nordestino. Era senhor de engenho e trabalhador de eito, cangaceiro e soldado de volante, mestre de açúcar e aguardenteiro, almocreve e tangerino, vaqueiro e caçador de preá, repentista e violeiro, baliza de clube de Frevo e mestre maracatu, *velho* de Pastoril e *babáu* de cavalo-Marinho, *mateus* de *Bumba-meu-boi* e *mané-gostoso* de Mamulengo. Tanto poderia dansar, no Clube Internacional, com aristocratas da cana de açúcar, como num *torrado* de ponte de rua, com prostitutas de Palmares ou de Gameleira. Da mesma forma que entrava num solar do bairro da Madalena, embocava festivo na pensão de Júlia Peixe-Boi ou na Casa Branca da Serra. O Nordeste acompanhava Ascenso, vibrava com Ascenso, vivia no sangue e na alma de Ascenso.

Via o poeta Manuel Bandeira no mesmo plano do Cego Aderaldo, poeta violeiro dos desafios de cantoria. Bebia vinho de Franca, com caviar e faisão dourado, na mansão de dona Olívia Penteado, em São Paulo, como bebia aguardente, com pata de caranguejo e pimenta, no mocambo de Chiquinha Pega-Homem, na velha ilha do Leite, do Recife. Incapaz de fazer o mal, mesmo aos que — homens e mulheres — o atormentaram na vida, sofreu muito o poeta. Sofreu da lingua ferina dos homens e do coração maldito das mulheres. Mas, perdoava sempre. Sua vida foi um continuo perdoar. A uma delas, que o magoou fundo, advertiu nos tercetos do soneto:

"Vejo-te tão franzina, tão sem norte...
E eu, que te quis na vida até o escândalo,
recordo-te que o mau deve ser forte!

Não vás ferir, no ardor que te tonteia,
diferente de mim, — igual ao sândalo
perfumando o machado que o golpeia!"

De outra dona, que se comportou do mesmo modo, apenas lamentava-se:

"Na minha vida cruel e avara,
és irrequieta chama clara
iluminando a solidão!
Porém, repara bem, repara
e vê se a nada se compara
o imenso horror dessa aflição:
Se acaricio a chama clara,
a chama queima, queima a minha mão!"

Que me perdoem as amadas do poeta, mas Ascenso não teve sorte com mulher e com jôgo também. Na fase em que andou jogando só fêz perder dinheiro. O pouco que ganhava no emprêgo deixava no pano verde do Grande Hotel para aumentar os lucros do Banchi. Em seu socorro veio Agamenon Magalhães, interventor federal no Estado, ao tempo da Ditadura, que baixou decreto proibindo, nos cassinos, a presença de funcionários públicos. Ascenso, servidor do Tesouro, onde chegou a diretor, teve assim a sua entrada barrada pelos "tiras" da policia do dr. Etelvino Lins. Ficava no bar, bebendo com a gente, até o jôgo terminar no salão próximo, mas de ouvidos atentos aos anúncios dos "coupiers", sem nada escutar.

Se sorte êle teve foi com o pessoal dos engenhos, com os boêmios das madrugadas do Recife, com a gente do povo, os vendedores de cuscus, os catadores de siris no silêncio das noites, os bêbados de fim de feira, cujo fim melancólico lhe doeu no coração:

"Ai! Que saudade dos bêbados de fim de feira,
dos interessantes bêbados de fim de feira
que o impôsto de consumo afugentou!

No pátio deserto, ai! que melancolia!
que cientifica melancolia
depois que a feira se acabou!

Antigamente, porém, não era assim...
não se fechavam as vendas
sem primeiro se expulsarem os cachaceiros,
vêzes até com panaços de facão:

— Patrão, eu sô é home!
não arrespeito outoridade...

— Bote uma bicada mode esquentá o frio!
— Bote uma bicada prá baixá o calô!

A polícia chegava...
pegava um soldado em cada ponta,
toca a carregar bêbado prô quartel!
O bêbado escoiceava...
a negrada vaiava!
— Lá se ia Mané-Pai-d'Égua em procissão:

"Vai bebê
vai te embriagá
vai caí na rua
prá puliça te pegá!"

"Hoje, entretanto, que desolação!
No pátio deserto é aquela pasmaceira...
nem um bêbado só para semente
vadiando na rua entre os gritos de vaia...

Ai! Que melancolia nas vendas fechadas!
Que tristeza científica nas vendas fechadas!
Que saudade dos bêbados de fim de feira!"

Era assim na paisagem do Nordeste, na paisagem regional das feiras, dos engenhos, dos Pastoris, do Carnaval, das vaquejadas e das cavalhadas que o poeta se sentia feliz. Reencontrava-se. Correu cavalhadas, tirou fitas nas argolinhas para oferecer às namoradas:

"Fitas e fitas...
Fitas e fitas...
Fitas e fitas...
   roxas...
      verdes...
         brancas...
            azúis...

Alegria nervosa de bandeirinhas trêmulas!
Bandeirinhas de papel bulindo no vento...
Foguetes no ar...

— De ordem do Rei dos Cavaleiros
a cavalhada vai começar!"

Pelo Carnaval, saía no sábado e só voltava quarta-feira de Cinzas, danado atrás dos clubes, escutando os batuques e as cantigas dos maracatus, acompanhando, nas manhãs carnavalescas do Recife, "os máscaras da terra" — os papangus e as burras-calus —, os blocos e as troças, os caboclinhos canindés. Em dois poemas evoca saudoso o Carnaval de sua juventude e exalta o que assistia ao entardeceu da vida. Da juventude:

"Meu Carnaval, tão longe, tão distante,
mas, tão perto de mim pela recordação...

Papel picadinho,
três quilos de massa,
seis limas de cheiro,
três em cada mão...

— Chiquinha danou-se porque eu
quebrei uma nos peitos dela!
.........................

Agora, o cavalo corria... corria...
(Passear a cavalo era a sedução)
Chegando na porta de minha Maria,
riscava o cavalo, saltava no chão.
Ela aplaudindo, sorria... sorria...
me dando um furtivo apêrto de mão...

Meu Carnaval tão longe, tão distante,
mas, tão perto de mim pela recordação...

Que é feito de ti? O atual só resume
tremendo delírio de gôzo exterior!
Tiveste o destino de lança-perfume,
viraste alcanfor... viraste alcanfor..."

E o Carnaval nôvo, que êle estava assistindo:

"Meteram uma peixeira no bucho de Columbina
que a pobre, coitada, a canela esticou!
Deram um rabo-de-arráia em Arlequim,
um crister-de-sebo-quente em Pierrot!

E sòmente ficaram os máscaras da terra!
Parafusos, Mateus e Papangus...
os Cabeções e as Burras-Calus...
realizando, contentes, o carnaval do Recife,
o carnaval mulato do Recife,
o carnaval melhor do mundo!

— Mulata danada, lá vem Quitandeira,
lá vem Quitandeira que tá de matá!

— Olha o passo do serigongado!
— Olha o passo da seriema!
— Olha o passo do jaburu!

— E a Nação-de-Cambinda-Velha!
— E a Nação-de-Cambinda-Nova!
— E a Nação-de-Leão-Coroado!

— Danou-se, mulata, que o queima é danado!

— Eu quero virá alcanfô!

Que imensa poesia nos blocos cantando:
"Todo mundo emprega
grande catatáu
prá ver se pega
o teu ôlho mau!"

Viva o Bloco das Flôres — Os Batutas! — Apois-Fum!
(Como é brasileira a verve dêsse nome: Apois-Fum!)

E o Clube do Pão-Duro!
(É mesmo duro de roer o pão do pobre!)

— Lá vem o homem dos três cabaços na vara!
"Quem tirar a polícia prende!"

— Eh! garajuba!

"Carnavá, meu carnavá
tua alegria me consome...
chegô o tempo das muié largá os home!
chegou o tempo das muié largá os home!"

Chegou lá nada...
Chegou foi o tempo delas pegarem os homens,
porque chegou o carnaval do Recife,
o carnaval mulato do Recife,
o carnaval melhor do mundo!

— Pega o pirão, esmorecido!

A atração de Ascenso pelo Carnaval não se prendia ao folguedo pròpriamente dito, que êle nunca foi homem de fazer "passo" de frevo ou ginga de maracatu. Atraíam-no o zabumba, os chocalhos, a boneca, os caboclos de lança, o pálio do rei e da rainha, a toada dolente dos maracatus:

"Passei por dentro da usina
e vi a turbina
parar de repente.
Mestre gerente
tome mais cuidado
que o ano passado
morreu muita gente..."

..........................

"Palmares, Ribeirão e Escada,
a minha namorada me deu um broqué..
A vorta é crué
na namoração...
num apêrto de mão
lá se foi meu ané..."

..........................

"Baiana quem foi que te disse
que bala de rifle
mata ninguém...
Quem mata é bala de revolve,
virada de otomove
e trombada de trem..."

Arrastavam Ascenso para o borborinho do Carnaval os ditos dos mascarados, as pilhérias dos papangus, a música do frevo, mas do frevo puro, executado por instrumentos de metal, sem letra, como "Santanás na onda", de Levino Ferreira (Mestre Vivo de Bom-Jardim") e as peças de Zumba e de Antônio Sapateiro. Frevo cantado não seduzia tanto o poeta, embora alguns dêles sejam, realmente, belos, como aquêle de Capiba:

"Eu bem sabia
que êsse amor um dia
também tinha seu fim...
Esta vida é mesmo assim...
Não pense que estou triste
nem que vou chorar.
Eu vou cair no frevo
que é de margar..."

E o de Carnera:

"Mamãe eu quero
me casar com Clodomira,
a mulata que roubou meu coração.
Ela joga no bicho,
faz o "passo" na rua,
bebe uísque, canta samba
e namora no portão..."

Também o dos irmãos Valença (João e Raul), que Lamartine Balbo andou atrapalhando:

"O teu cabelo não nega,
mulata,
que tu és mulata na côr.
Mas, como a côr não pega,
mulata,
mulata eu quero o teu amor..."

E o "carro-chefe do maestro Nelson Ferreira:

"Alta madrugada...
o povo entoava
do bloco a marcha-regresso,
dos tempos ideias
do velho Raul Morais.
"Adeus, adeus, minha gente,
que já cantamos bastante".
Recife adormecida,
ficava a sonhar,
ao som da linda melodia".

Mais Manuel Tenório mexendo com o rei da Inglaterra, que abandonara a coroa por amor de sua amada:

"Abdiquei, abdiquei...
por causa de uma mulher
eu não quero mais ser rei..."

Ascenso Ferreira amava o que o povo gostava: Carnaval, Pastoril, Vaquejada, Cavalhada, Bumba-meu-boi, Mamulengo, Novena de mês de maio e de Senhora Santana, brinquedos de cabra-cega, pau-de-sebo, corrida de saco, festa de igreja e botada de engenho, com o padre benzendo a moenda e buchada gorda na mesa farta de casa-grande. Amava as velhas ruas do Recife: beco do Sirigado, beco do Mocotolombó; ruas das Águas Verdes, União, Saudade; rua da Aurora, da Harmonia, da Concórdia; Imperatriz, Imperial, Cais do Apolo, Pátio de São Pedro, cada nome um poema.

Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira, era parte integrante da paisagem recifense, como o foram o bairro de São José, agora em demolição, a rua das Trincheiras e o Pátio do Paraíso, hoje, largas avenidas; como também o foram Nascimento Grande, o Homem da Ostra e o Bolinha de Cambará; o abolicionista José Mariano e o orador popular João Barreto de Meneses; o jornalista Mário Melo e o professor Osvaldo Machado. Mas, parte do Recife, a parte mais profundamente humana e sentimental, foi enterrada com o poeta. Aliás, de há muito, vem a cidade do Recife perdendo o seu caráter e com êle também sua alma, seus dengos e seus amores. Para nós, que emigramos, é, hoje, uma cidade estranha, talvez até hóstil. Rubem Braga já advertiu uma vez: "Recife, linda cidade, de lindas pontes, tome cuidado que você se estrepa." Recife fêz que não ouviu e está se estrepando tôda.

"Cidade cruel!", desabafou Agamenon Magalhães quando o povo lhe negou os votos e o mesmo dizemos nós agora porque está deixando morrer a "alma encantadora das ruas", tão melancòlicamente como morreu Ascenso Ferreira, numa tarde de maio, o mês das novenas que êle tanto amava e queria, mesmo não sendo crente de igreja:

"O altar de gazes adornado,
parece um ninho de noivado...

E a gente chegar a interrogar
se Nossa Senhora vai casar...

Um perfume de rosas no ar trescala:
— São as rosas de carne que há na sala.

Rosas morenas,
rosas louras como espigas maduras —
ó perfumosas
e puras
rosas pálidas como açucenas!"

Como Emílio de Meneses, pregou Ascenso uma peça aos vermes. Também morreu magro, a moléstia consumiu tôda a banha, há anos, acumulada. — "Morreu, coitadinho, só com o couro e os ossos", disse-me Lurdes, a mãe de Maria Luísa. Mas, ao céu, certamente, chegou com todo aquêle seu rompante, naquela voz de mando dos velhos senhores de engenho, espantando São Pedro e os anjos:

"Vou danado prá Catende,
vou danado prá Catende,
vou danado prá Catende,
vou com vontade de chegar...

— Adeus, morena do cabelo cacheado!"

# CACHAÇA DESTILADA EM LIVRO: CASCUDO

WALDEMAR CAVALCANTI

NA HORA do lançamento, em dia de festa, do livro de Luís da Câmara Cascudo, *Prelúdio da Cachaça*, o presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, Francisco da Rosa Oiticica, disse uma coisa que não sendo novidade, de modo algum, ganha, no entanto, sentido e projeção de novidade, pelo inesperado da enunciação e pela surprêsa que por isso nos causa. Disse que os órgãos de govêrnos e os para-estatais, bem como as entidades de classe, responsáveis pelo estudo e equacionamento de determinados problemas econômicos, têm que levar em conta também os problemas de cultura, visto que uns e outros estão correlacionados; visto que os econômicos, como os sociais, se inserem no contexto cultural.

Pode isso parecer o óbvio, até mesmo o óbvio ululante, mas a verdade é que dirigentes de entidades como o I.A.A. não querem saber disso: cuidam, quando cuidam, é dos interêsses imediatos da classe ou da comunidade econômica a que servem ou pretendem servir. A palavra do presidente do I.A.A. vale como um exemplo, uma tendência e um compromisso. Lançando a Coleção Canavieira, destinada à difusão de estudos e trabalhos de pesquisa histórica ou sociológica sôbre tudo o que diga respeito ao complexo econômico da lavoura canavieira e da indústria do açúcar e do álcool, o Instituto dá uma lição, revela uma orientação esclarecida e toma o empenho de estimular, no seu próprio interêsse, certas atividades intelectuais. Aliás, a sua revista *Brasil Açucareiro* já vinha dando indícios dessa nova mentalidade: em seus últimos números vêm aparecendo, ao lado de ensaios de natureza técnica e matéria informativa, ensaios de gôsto literário e até poemas sôbre temática brasileira do álcool e do açúcar.

Quanto ao livro de Cascudo, uma delícia: um apanhado, a largos traços, sôbre a presença da aguardente na cultura folk brasileira. Tudo sôbre a cachaça, nas suas perspectivas históricas e com enquadramento não apenas folclórico, mas sociológico. Cascudo faz com que a sua espantosa erudição se destile num estilo que é um primor de simplicidade — ia dizendo de humildade, pelo gôsto inato de servir.

Se tivesse de sugerir alguma coisa, para enriquecer a obra, seria a de que o I.A.A. fizesse com que o mestre de Natal preparasse logo para a segunda edição um capítulo especial sôbre a sinonímia da cachaça, por área e tempo; outro, sôbre as denominações que a aguardente tem, por êsse Brasil afora; e, se não fôsse pedir de mais, para saideira, uma bibliografia da abrideira."

— (*Transcrito do O JORNAL, Rio de Janeiro, GB, 14/7/1968*) —

## IMPRENSA LOUVA CASCUDO —

"A cachaça, pinga, branquinha ou quantos nomes tiver, tem agora o seu prelúdio, que Luís da Câmara Cascudo apresenta num livro lançado pelo Instituto do Açúcar e do Álcool. A publicação de autoria do conhecido escritor folclorista potiguar representa o nº 1 da Coleção Canavieira, série que a autarquia criou para abordar os aspectos culturais, sócio-econômicos e técnicos da agroindústria do açúcar. O *"Prelúdio da Cachaça"*, ora lançado, com capa de Hélio Lobianco, trata de vários aspectos da aguardente no Brasil, assim como o histórico, o etnográfico e o sociológico, abordando ainda com detalhes até então não divulgados, a importância e a influência do produto na economia do País."

— ("Jornal do Commercio", Recife, 13-7-68) —

* * *

"Pra começo de conversa eu preciso declarar que não fumo sem beber e não bebo sem fumar" — eis um ditado do livro PRELÚDIO DA CACHAÇA, de Luís da Câmara Cascudo, que o Instituto do Açúcar e do Álcool acaba de lançar. Cascudo cita vários autores, para localizar o consumo da cachaça (e o nome) no Brasil. E diz: "— Se cachaça ficou sendo designação popular, não figura nos textos, ao correr dos dois primeiros séculos de sua existência funcional. Mantinha a denominação de *aguardente.*"

— ("O Globo", Rio, GB, 12-7-68) —

* * *

"Nada mais brasileiro do que a cachaça, e ninguém mais brasileiro do que *Luís da Câmara Cascudo.* Juntaram-se os dois neste livro que o Instituto do Açúcar e do Álcool acabe de publicar, *Prelúdio da Cachaça,* uma pequena monografia sôbre a etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil, e naturalmente é uma parte de tudo quanto o mestre do folclore brasileiro poderia reunir sôbre o assunto, tão vasto nos domínios do nordeste e do país inteiro. Como tudo que saí da pena de Cascudo, êste estudo é notável de erudição e de conhecimento popular."

— (*Santos Moraes,* no "Jornal do Comércio", Rio, GB, 18-7-67) —

"Outro livro de Luís da Câmara Cascudo, *Prelúdio da Cachaça,* saí pela Coleção Canavieira (Vol. 1), em edição do Serviço de Documentação, do Instituto do Açúcar e do Álcool, prefaciado por Claribalte Passos. É estudo etnográfico, histórico e sociológico da aguardente no Brasil. Leitura do meu *gôsto...*

*Prelúdio da Cachaça,* ensaio que inicia coleção sôbre assuntos ligados aos canaviais, abre capítulo sociológico brasileiro para grandes análises. É leitura séria e livro que não pode faltar às boas estantes. Trabalho de pesquisa, estudo primoroso e que até desperta saudade nos que relembram "O Baile da Aguardente", dos pastorís nordestinos, peça em que o "velho" e as "pastôras" enaltecem as qualidades da "água-que-passarinho-não-bebe..."

— (*Nestor de Holanda,* "Diário de Notícias", Rio, 17-7-68) —

* * *

"Luís da Câmara Cascudo esgota o assunto, como sempre. ao escrever "Prelúdio da Cachaça" — Etnografia, História e Sociologia da Aguardente no Brasil — Coleção Canavieira nº 1, editado pelo Instituto do Açúcar e do Álcool, com Prefácio de Claribalte Passos.

Não ficou mais nada a acrescentar ao tema. O livro, excelentemente bem impresso, é uma pesquisa incessante, como sabe fazê-la Cascudo, silenciosamente, sem sair de Natal, mas "vendo, tratando e pelejando" como poucos. O tema é sedutor: e estava faltando um ensaio dêsse porte."

(*Nilo Pereira,* in "Notas Avulsas. JORNAL DO COMMERCIO, Recife, Pe., 3-8-68).

## SENADO E ITAMARATI APLAUDEM LIVRO DE CASCUDO

O diretor de *Brasil Açucareiro,* recebeu entre outras expressivas manifestações de altas personalidades federais sôbre o livro "Prelúdio da Cachaça", do Prof. Luís da

Câmara Cascudo, Vol. 1, da Coleção Canavieira, do Serviço de Documentação, as seguintes:

"Eminente amigo,

Agradeço-lhe a amável remessa do precioso livro "Prelúdio da Cachaça" de autoria do escritor Luís da Câmara Cascudo, com seu prefácio, importante iniciativa cultural dêsse Instituto. Cordiais Saudações. a) *Gilberto Marinho* — presidente do Senado Federal".

* * *

"Acuso recebimento da publicação "Prelúdio da Cachaça" e agradeço a gentileza da remessa, que mereceu a minha melhor atenção. Com estima.

a) *José de Magalhães Pinto*
Ministro de Estado das Relações Exteriores."

## A ACADEMIA E O "PRELÚDIO" —

O Sr. Francisco Elias da Rosa Oiticica, Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, recebeu do Sr. *Rodrigo Octávio Filho*, da Academia Brasileira de Letras, a carta cujo texto a seguir transcrevemos:

"Recebi e li com encantamento, o livro do Mestre Luís da Câmara Cascudo, PRELÚDIO DA CACHAÇA, amàvelmente remetido pelo Serviço de Documentação dêsse Instituto.

Pleonasmo seria dizer que o livro é bom e cheio de ensinamentos, uma vez que se sabe quem é o autor.

Com os meus agradecimentos subscrevo-me com estima e consideração,

a) *Rodrigo Octavio Filho.*"

## MUSEU DÁ CURSO —

Reunindo autoridades no assunto cingido às nossas tradições regionais, o MUSEU DO AÇÚCAR, sob a direção do Sr. Luís da Rosa Oiticica, realiza êste mês um curso de conferências em tôrno do folclore. No próximo número de *Brasil Açucareiro* daremos maiores detalhes do acontecimento.

## FUNDAÇÃO —

A Fundação José Augusto Bezerra de Medeiros, de Natal, Rio Grande do Norte, vai lançar dentro em breves dias, o livro intitulado: "LUÍS DA CAMARA CASCUDO: 50 ANOS DE VIDA CULTURAL". A autora é a professôra Zilá Mamede, que aborda na sua obra tôda a vida do mestre do nosso folclore. Trata-se de iniciativa cultural da maior importância, considerando-se que, em dezembro dêste ano, será comemorado festivamente, em todo o Brasil, os 70 anos do escritor potiguar.

## ARTES POPULARES —

Em convênio com a Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal do Recife, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais está promovendo curso sôbre Artes Populares.

A aula inaugural foi dada pelo Professor Mauro Mota, sôbre os bichos nas Artes do Povo. As aulas estão focalizando aspectos os mais diversos da cultura popular nordestina, obedecendo ao seguinte programa:

Os bichos nas artes do povo (Mauro Mota), Cerimônia (Abelardo Rodrigues), Música Popular Religiosa (José Maria Andrade) Pastoril (Waldemar Valente), Artes Populares nas Festas de Natal. São João e Pascoa (Ângela Delouche). Teatro Popular (Ariano Suassuna), Literatura de Cordel (Renato Carneiro Campos), Artesanato (Sílvio Rabello-, Cultos Afro-Brasileiros (Renê Ribeiro), Bandas de Música (Evandro Rabello). A pesquisa nas Artes Populares (Katarina Royal), Mamulengo (Dóris Rodrigues), Gravura Popular (Gilvan Samico) Danças Populares (Maria José Campos Lima), Compositores Populares (Valter Costa), Crendices e Artes opulares (Getúlio César) As Artes Populares no Carnaval do Nordeste (Paulo Viana) Luminárias Populares do Nordeste (Graziela Peregrino) e encerrando o curso o sociólogo Gilberto Freyre falará sôbre Artes Populares e sua conceituação e Artes Populares e suas influências.

## CASA GRANDE —

O Museu do Açúcar acaba de editar em forma de plaquete o estudo do Professor José Antônio Gonsalves de Mello, *Casa Grande*, com fotografias, plantas e também a reprodução de um quadro de pin-

tor Frans Post retratando êste tipo de habitação no século XVI.

## DESPEDIDA

Em solenidade ocorrida no mês próximo de julho passado, o Sr. José Motta Maia passou a direção da Divisão de Assistência à Produção ao seu substituto imediato, Agrônomo Dalmyro de Almeida. O Sr. Motta Maia, que é colaborador permanente de BRASIL AÇUCAREIRO, recentemente havia se aposentado nas funções de Procurador.

## FOLCLORE EM DISCOS

A pesquisadora *Ely Camargo*, consagrada folclorista e intérprete goiana, ora radicada em São Paulo. lança êste mês o seu nôvo álbum intitulado "DANÇAS FOLCLÓRICAS BRASILEIRAS", reunindo temas recolhidos pelo professor Rossini Tavares de Lima, membro da Comissão de Folclore daquêle Estado. O disco apresenta-nos, além de folguêdos, frêvos, maracatus do Recife, reisado alagoano, pastoril, cateretê da Bahia, ciriri de Mato Grosso, danças de Minas Gerais, Moçambique, enfim, todo o Brasil aparece representado dignamente nas 14 faixas do referido Lp. Trata-se de uma homenabem especial da artista Ely Camargo ao "Mês do Folclore".

* * *

## A CRÔNICA E O "PRELÚDIO"

"Lá vem novamente mestre Cascudo com um estudo delicioso que é o primeiro da "Coleção Canavieira" lançado pelo Instituto do Açúcar e do Álcool, trazendo como subtítulo "Etnografia, História e Sociologia da Aguardente no Brasil". É uma jóia, como tudo que Luís da Câmara Cascudo escreve. Começa com o seu verbete do "Dicionário do Folclore Brasileiro", intitulado "Abrideira" e termina com a "Saideira" que é o remate final do que se está bebendo, neste caso, a cachaça. E sempre aqui e ali, é Cascudo na sua enorme capacidade de falar diretamente ao povo, contando que Gregório de Matos lambia os beiços tomando cachaça ou afirmando que o "brasileiro é devoto da cachaça sem ser cachaceiro."

(*Eneida*, "Encontro Matinal", DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio, 3-8-68).

## ACADEMIA/60 ANOS

A Academia Maranhense de Letras completou 60 anos de fundação no dia 10 de agôsto e realizou expressivo programa de comemorações constantes de certames literários, conferências, inauguração de uma galeria com os retratos de seus fundadores, presidente e patronos.

Entre os intelectuais maranhenses que integram a Academia estão o atual Governador do Estado, José Sarney; Erasmo Dias, Domingos Vieira Filho (colaborador desta Revista), Nascimento de Morais Filho, Mário Martins Meireles, Fernando Eugênio dos Reis Perdigão, Virgílio Domingos da Silva Filho, Assis Garrido, Lago Burnett, Fernando Viana, Odilo Costa, filho, Clodoaldo Cardoso, Rubem Almeida, Josué Montello (atual Presidente do Conselho Federal de Cultura), Bacelar Portela e Pedro Braga Filho.

A Academia Maranhense de Letras surgiu no fim do século XIX, no prédio da antiga Biblioteca Pública do Estado do Maranhão, na Rua da Paz, esquina da Travessa do Teatro, em São Luís, quando a 10 de agôsto de 1908, às 19. hs., realizou-se a primeira sessão, sob a presidência de Antônio Lôbo.

## MIC FELICITA I.A.A.

O diretor desta Revista recebeu carta firmada pelo Sr. *José Fernandes de Luna*, Chefe do Gabinete do Ministro da Indústria e do Comércio, cujos têrmos transcrevemos na sua íntegra:

"Senhor Diretor,

Tenho o prazer de acusar o recebimento de exemplares da edição de julho de 1968 da revista BRASIL AÇUCAREIRO, publicada sob sua competente direção, como órgão oficial dessa Autarquia.

Ao formular cordiais agradecimentos pela gentileza da remessa, reafirmo as felicitações dêste Ministério a Vossa Senhoria e tôda a magnifica equipe do Serviço de Documentação do I.A.A., pelo alto nível técnico e excelência gráfica daquela Revista.

Valho-me da oportunidade para manifestar a Vossa Senhoria protestos de elevada estima e distinto aprêço.

a) *José Fernandes de Luna*".

# BIBLIOGRAFIA

## FOLCLORE DA CANA-DE-AÇÚCAR

*Para facilitar o manuseio na referência bibliográfica as principais convenções são, 1(2): 34-56, junho-julho 1967 significa volume ou ano 1 (fascículo ou número 2): páginas 34-56, data do fascículo ou do volume 1967.*

*Também são mencionados todos os períodos em que o mesmo artigo tenha sido publicado. Os endereços das obras citadas assim como consultas às ditas obras podem ser adquiridas na Biblioteca do Instituto do Açúcar e do Álcool.*


ALMEIDA, Renato — Folclore dos vejetais. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro......... 68(3)17-8, set. 1966.

BASTIDE, Roger — Présence de l'Afrique: Recontre des races et des civilisations. In: —— *Brésil, terre des contrastes* |Paris| Hancheste |1957| Cap. 4, p. 84-107.

BELLO, Júlio — Festas e funções de engenho no meu tempo de menino. Bumba-meu-boi. Mamolengo. Fandango. Pastoril. São João. Início de safra. In: .... *Memórias de um senhor de engenho,* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1938. Cap. 7 p. 222-25 (Coleção Documentos brasileiros v. 11).

CALASANS, José — O folclore do açúcar em Sergipe. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 19 (5): 554-5, maio 1942.

CÂMARA CASCUDO, Luís da — Cana caiana. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. .. 70(2):18-20, agôst. 1967.

CÂMARA CASCUDO, Luís da — *Dicionário de folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, Institutos Nacional do Livro, 1954, 660 p. il. 27,5 cm. (Enciclopédia brasileira. Bibliotecas de Obras Subsidiárias. Série A. Assuntos brasileiros).

CÂMARA CASCUDO, Luís da — *Prelúdio da cachaça, etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Álcool, 1968. 99 p. 20,5 cm. (Brasil. Instituto do Açúcaı e do Álcool. Coleção canavieira n.º 1).

CÂMARA CASCUDO, Luís da — *Tradições populares da pecuária nordestina*. Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Álcool, 1956. 78 p. il 26 cm (Brasil. Serviço de Informação Agrícola. Documentário da vida rural n.º 9).

CAMPOS, Renato Carneiro — O jôgo de bichos nos engenhos do nordeste. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 70(2):21-3, agô. 1967.

CHIARINI, João — Folclore da aguardente. In: —— *III Semana de fermentação alcoólica, fermentação do caldo de cana*. Piracicaba, Instituto Zimotécnico, 1966. p. 439-68.

COSTA FILHO, Miguel — Poesias e romance do açúcar. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 47(2):197-203, fev. 1956.

DANTAS, Orlando Vieira — Salário e alimentação. In: —— *O problema açucareiro de Sergipe*. Aracajú, Livraria Regina, 1944. p. 49-55.

DEER, Noel — The sugar cane. In: —— *The history of sugar*. London, Chapman and Hill, 1949-50, 2. v. Cap. 3, p. 12-32.

DIAS DA COSTA, Oswaldo — Lembranças, engenhos, Cariri e outras coisas quase folclóricas. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 70(2):54-7, agô. 1967.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel — Aspectos linguísticos da economia açucareira. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 28(4):396-8, out. 1946.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel — *O banguê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional*. Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Álcool, 1949. 288 p. il. 24 cm.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel — *O engenho de açúcar no nordeste*. Rio de Janeiro. Serviço de Informação Agrícola, 1952, 68 p. il. 26 cm, (Brasil. Serviço de Informação Agrícola. Documentos da vida rural n. 1).

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel — Motivos de açúcar no folclore. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro 30(4):452-4, out. 1947; ...... 30(5):586-8, nov. 1947.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel — *População e açúcar do Brasil.* |Rio de Janeiro| Comissão Nacional de Alimentação |1954| 236 p. 19 cm.

DORNAS FILHO, João — *Aspectos da economia colonial.* Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1958. 278 p. il. 19 cm (Biblioteca do Exército v. 246).

ELY, Roland T. — La alta sociedad. In: —— *Cuando reinaba su majestad el azúcar.* Buenos Aires, Editôra Sulamericana, |c. 1963| Cap. 29, p. 743-66.

ELY, Roland T. — Ostentación y derroche. In: —— *Cuando reinaba su majestad el azúcar.* Buenos Aires, Editôra Sulamericana |c. 1963| Cap. 27 p. 696-717.

ELY, Roland T. — Otras características de la "época de oro" del hacendado. In: —— *Cuando reinaba su magestad el azúcar.* Buenos Aires, Editôra Sulamericana |c. 1963| Cap. 28, p. 715-41.

ESTRELA, Raimundo — Pequena contribuição ao folclore da cana. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 26(5): 532-3, nov. 1945.

FERNANDES, Aníbal — Catende, Município In: —— *Um senhor de engenho pernambucano.* Rio de Janeiro, Edições "O Cruzeiro", 1959. Cap. 13 p. 93-9.

FERNANDES, Aníbal — Horas trágicas. In: —— *Um senhor de engenho pernambucano.* Rio de Janeiro, Edições "O Cruzeiro", 1959, Cap. 19, p. 139-46.

FERNANDES, Aníbal — A palmatória. In: —— *Um senhor de engenho pernambuco.* Rio de Janeiro. Edições "O Cruzeiro, 1959. Cap. 2, p. 17-21.

FERNANDES, Aníbal — "Salvai, salvai". In: —— *Um senhor de engenho pernambucano.* Rio de Janeiro. Edições "O Cruzeiro", 1959, Cap. 7, p. 49-54.

FIGUEIREDO FILHO, J. do — Peculiaridades da zona canavieira Caririense. *Brasil acucareiro,* Rio de Janeiro. 71(4):24-6, abr. 1968.

FOLCLORE da cana-de-açúcar. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 70(2):103-5, agô. 1967.

FOLCLORE da cana-de-açúcar; bibliografia brasileira. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 58(2):46-52, agô. 1966.

FREYRE, Gilberto de Bello — *Assucar; algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do nordeste.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1939. 166 p. il., 18,5 cm.

FREYRE, Gilberto — *Casa-grande e senzala; formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal.* 7 ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1952, 2. v. il. (Coleção Documentos brasileiros. Dirigido por Octávio Tarquinho de Souza. Pub. n. 36 A.)

LINS DO RÊGO, José — A música brasileira no ciclo da cana de assucar. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 65(3):79-82, mar. 1965.

LINS DO RÊGO, José — Pintores da cana de açúcar. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 65(3):77 mar. 1965.

MELO NETO, João Carbal de — Caminho dos canaviais, nordeste. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 71(5):32, maio 1968.

MOTA, Mauro — História de uma cidade açucareira. *Brasil açucareira,* Rio de Janeiro. 71(2):36-8, fev. 1968.

PASSOS, Claribalte — A cana-de-açúcar no folclore. *Brasil acucareiro* Rio de Janeiro. 68(2):0-1, agô. 1966.

PINHEIRO, Tobias — Fixação da infância no engenho do Bandolim. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 70(2):38-43, agô. 1967.

PINHO, Wanderley. — O brasão de armas no teto do salão: In: —— *História de um engenho no Recôncavo.* Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1946. p. 291-305.

RABELLO, Mauricio — Devoção e superstição do nordeste. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 70(2):50-3, agô. 1967.

RABELLO, Sylvio — Doenças e meizinhas de povoado canavieiro. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 70(2):24-6, agô. 1967.

RIBEIRO, Joaquim — Folklore do açúcar: *Brasil acucareiro,* Rio de Janeiro. ... .... 22(5):382-6, nov 1943; 22(6):471-6, dez. 1943; 23(1):7-11, jan. 1944; 23(2):133-43, fev. 1944; 24(4):354-8, abril 944; 23(5): 434-8, maio 1944; 23(6):534-9, junh. 1944; 24(1):22-6, jul. 1944; 24(2):178-82, agô. 1944; 24(3):286-9, set. 1944; 24(4):392-4, out. 1944; 24(5):576-7, nov. 1944; 24(6): 736-9, dez. 1944; 25(1):87-90, jan. 1945; 25(2):148-51, fev. 1945; 25(3):265-7, mar. 1945; 25(4):359-61, abr. 1945; 25(5).416-20, maio 1945; 25(6):558-61, jun. 1945; 26(1): 129-32, jul. 1945; 26(2):228-30, agô. 1945; 26(3):335-7, set. 1945; 26(4):420-22, out. 1945; 26(5):528-31, nov. 1945; 26(6):634-6, dez. 1945; 27(1):74-7, jan. 1946; 27(4): 412-6, abr. 1946.

RIBEIRO, René — O negro em Pernambuco. In: —— *Cultos afrobrasileiros do Recife.* Recife, Gráfica Editôra, 1952. Cap. 1, p. 9-36.

RODRIGUES, José Honório — O açúcar na mística e na poesia do século XVIII. *Brasil acucareiro,* Rio de Janeiro 20(3):292-6, set. 1942.

SALES, Vicente — Bibliografia da cana-de-açúcar. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 62(2):46-8, agô. 1966.

SETE, Mário — Carregador de açúcar. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 34(3):322-3, set. 1949.

SETE, Mário — Cheiro do açúcar. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 28(4):394-5, out. 1946.

SETE, Mário — Mensageiros fiéis dos engenhos. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 30(2):208-9, agô. 1947.

SETE, Mário — A poesia e os poetas dos engenhos. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 31(1):87-8, jan. 1948.

SODRÉ VIANA — Aspectos folclóricos da cachaça. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 23(3):260, mar. 1944.

SODRÉ VIANA — Boi de engenho e boi de caatinga. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 22(2):149-50, agô. 1943.

SODRÉ VIANA — Breves desconsiderações sôbre um velho tema. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 13(6):37-8, jun 1944.

SODRÉ VIANA — Cantigas do eito — *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 22(5):395, nov. 1943.

SODRÉ VIANA — Festas de São José. *Brasil açucareiro*. Rio de Janeiro. 22(3):228-9, set 1943.

SODRÉ VIANA — Notas sôbre o velho Canuto. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. ........ 24(6):140-1, dez. 1944.

SODRÉ VIANA — Recordações de um "inocente do canavial" *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 24(1):30-1, jul. 1944.

SODRÉ VIANA — Recordações de um "inocente do canavial; Catarina, Catita ou Catú, minha mãe de leite. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 24(2):183-4, agô. 1944.

SODRÉ VIANA — Recordações de um "inocente do canavial"; III. Foi erva que acabou com Tobias? *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 24(3):289-90, set. 1944.

SOUTO MAIOR, Mário — A propósito de cachaça; o tira-gôsto e suas variações. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro 31(4):15-7, abr. 1968.

STRONG, L. *The history of sugar*. London, George Weidenfeld & Nicolson |1954| 159 p. il.

VALENTE, Waldemar — O carro-de-boi como fator de progresso econômico e evolução sócio-cultural. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 70(2):90-9, agô. 1967.

VÁRZEA, Afonso — Fronteiras rapadureiras de Diamantina. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 24(5):32-6, jul. 1944.

VÁRZEA, Afonso — Geografia canavieira no São Francisco. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 23(30):18-31, fev. 1944.

VÁRZEA, Afonso — Rapadureiros de Taubaté. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro ........ 25(3):69-70, set. 1944.

VASCONCELOS TORRES — Aguardentismo e folclore — *Brasil açucareiro*. Rio de Janeiro. 24(1):91, jan. 1945.

VIDAL, Ademar — Bôca de fornalha. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro 26(3):338, set. 1945.

VIDAL, Ademar — A cadeira que geme. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 23(1):12-3, jan. 1944.

VIDAL, Ademar — Cambiteiros. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 26(2):232,-3 agô. 1945.

VIDAL, Ademar — O carro encantado. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 24(2):66-9, agô. 1944.

VIDAL, Ademar — A noite no engenho. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 23(6):540-1, jun. 1944.

VIDAL, Ademar — Para onde vai a fumaça. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro ...... 23(4):360, abr. 1944.

VIDAL, Ademar — Os passeios do vulto branco. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. .... 23(1):141-2, jan. 144.

VIDAL, Ademar — A porteira. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 25(6):75-6, jun. 1945.

VIDAL, Ademar — O rato vermelho. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. 22(6):477, dez. 1943.

VIDAL, Ademar — A serpente do canavial. *Brasil açucareiro*, Rio de Janeiro. ........ 23(3):258, mar. 1944.

# DESTAQUE

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO BIBLIOTECA DO I.A.A.

LIVROS:

CÂMARA CASCUDO, Luis da — *Prelúdio da cachaça, etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil*. Rio de Janeiro, I.A.A., 1968. 99 p. 20,5 cm (Brasil. Instituto do Açúcar e do Álcool. Serviço de Documentação. Coleção Canavieira n. 1).

MASSA, Pedro — *De Tupan a Cristo, jubileu de ouro Missões salesianas do Amazonas, 1915-1965*. |Rio de Janeiro| Missões Salesianas, 1965. 481 p. il. 28,5 cm.

RIO DE JANEIRO, Fundação Getúlio Vargas — *Prestação de contas do exercício de 1967*. Rio de Janeiro, 1968. 168 p. 26 cm.

RIO DE JANEIRO, Fundação Getúlio Vargas — *Relatório anual do exercício de 1967*. Rio de Janeiro, 1968. 162 p. 29 cm.

FOLHETOS:

DÖBEREINER, Johanna — *Efeito da inoculação de sementeiras de sabiá (Mimosa caesalpinifolia) no estabelecimento e desenvolvimento das mudas no campo*. Rio de Janeiro, Instituto de pesquisas e experimentação agropecuárias do centro-sul, 1967. 6 p. 25 cm. (Brasil. Instituto de pesquisas e experimentação agropecuárias do centro-sul. Boletin Técnico n. 38).

FERRARI, Egídio et alii — *Efeito da temperatura do solo na nodulação e no desenvolvimento da soja perene (Glycine javanica L.)*. Rio de Janeiro, Instituto de pesquisas e experimentação agropecuárias do centro-sul, 1967. 6 p. 25 cm. (Brasil. Instituto de pesquisas e experimentação agropecuárias do centro-sul. Boletim n. 47).

NUNEZ, Nydia Y. S. & SONVICO, Violeta — *Ensayo de uniformidad aplicable a la fermentacion alcohólica de granos en escala de laboratório*. Buenos Aires I.N.T.A., 1966. 9 p. 22 cm. (Argentina. Instituto nacional de tecnologia agropecuária. Publicação técnica n. 79).

NUNEZ, Nydia Y. S. & SONVICO, Violeta — *Estudio estadístico del rendimiento alcoólico de leveduras seleccionadas determinado por densimetria y refractometria*. Buenos Aires, I.N.T.A., 1966. 15 p 22 cm. (Argentina. Instituto nacional de tecnologia agropecuaria. Publicação técnica n. 75).

PIRACICABA. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz — *Relatório do exercício de 1967*. Piracicaba, 1967. 21 p. 30,5 cm.

SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura — *Relatório das atividades da Secretaria da Agricultura no decorrer de 1967*. São Paulo, 1967, 27 p. 30 cm.

THE SOUTH AFRICAN. Experiment Station — *Pests of sugarcane in South Africa* Natal, 1966. 10 p. il. 27,5 cm. (The South African. Experiment Station. Bulletin n. 8).

THIBAU Jr., Ernesto — *A prática da imunização contra algumas doenças transmissíveis*. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1965. 22 p. il. 24,5 cm. |Separata do vol. Palestras Médicas 1963|.

WHITEHEAD, C. — *Sugarcane in South Africa its production and management*. Natal, The Experiment Station, 1965. 24 p. il. 27,5 cm. (The South African Experiment Station. Bulletin n. 1).

ARTIGOS ESPECIALIZADOS

CANA-DE-AÇÚCAR

BRIEGER, Franz O. — Início de safra como determinar a maturação. *Boletim informativo Copereste*, Ribeirão Prêto .7(4) s.n.p. 1968.

LAS ENFERMEDADES de la caña de azúcar. *Boletin azucarero mexicano*, México. .... (219):22-3, Mar. 1968.

FANGUY, H.P. & TIPPETT, R.L. — Utilizanse ensayos sobre rendimientos varielales para medir el ritmo diseminador del mosaico en la caña de azúcar. *Sugar y Azucar,* New York. 63(5):92-5, May 1968.

MÁQUINAS substituem homens no corte da cana. *Agricultura e pecuaria,* Rio de Janeiro (52):24, maio 1968.

A MEJOR caña mas azúcar; las variedades de caña en Mexico y su importância econômica. *Boletin azucarero mexicano,* Mexico (219):19-21, Mar 1968.

MELAÇO de cana-de-açúcar; a procura dêste produto. *Revista de Química Industrial,* Rio de Janeiro. 37(432):26. abr. 1968.

MIOCQUE, Jacques — Aumento de produtividade das usinas de açúcar. *Boletim informativo Coperste,* Ribeirão Prêto. 7(4): s.p. 1968.

MORRISON, E. — The 1967-68 sugar season. *The South African Sugar Journal,* Durban. 52(4): 295-301, Apr. 1968.

NEARLY 60% of 1967 crop cut by machines. *The South African Sugar Journal,* Durban. 52(4)::305, Apr. 1968.

STEIB, R.J. — The role of RSD in determination of sugarcane varieties. *Sugar Journal,* New Orleans. 30(12):10-12, May 1968.

WOOD, R.A. — Nitrogen fertilizer use for cane. *The South African Sugar Journal.* Durban. 52(4):331-39, Apr 1968.

## AÇÚCAR

ALEMAN, Guillermo — Facing the quality standard for raw sugar. *The Sugar Journal,* New Orleans. 30(12):16-9, May 1968.

ATTALLA, Jorge Wolney — O açúcar na despesa. *Boletim informativo Copereste,* Ribeirão Prêto. 7(4): s.p. abr. 1968.

BENNETT, M.C. & GARDNER. D. — Liquor carbonatation; part III. Laboratory procedures for comparing the quality of liquor or lime samples. The International *Sugar Journal,* London. 70(833):135-7, May 1968.

CIZ, Karel & CEJKOVÁ, Vera — Stanoveni velikosti cukerného Prachu |Detremination of magnitude of sugar dust particles|. *Listy cukrovarnické,* Praha. 84(5):104-7, May 1968.

DE LA energio solar a la actividad humana; el azúcar, base en la quimica de la vida. *Boletin azucarero mexicano,* México....... (210):25-9, Mar. 1968.

MADSEN, R.F. — Use of thickening filters for first carbonatation by the Danish Sugar Corporation. *The International Sugar Journal,* London. 70(833):137-40 May 1968.

S.A. and the world in 1967. *The South African Sugar Journal,* London. 52(4):306-19, Apr. 1968.

SCHLIEPHAKE, D. et elii — The influence of non-sugars on the kinetics of crystallization. *The International Sugar Journal.* London. 70(833):131-4, May 1968

SHIELDS designado "azucarero del año (1967) —*Sugar y Azucar,* New York. 63(5):98. May 1968.

SPOELSTRA, H.J. & HOKS, D. — The cooling massecuites in discontinuous water-cooled crystallizers. *The International Sugar Journal,* London. 70(822):103-7, Apr. 1968.

SUGAR and diabetes. *The South African Sugar Journal,* London. 52(4):327-9, Apr. 1968.

SUGAR man of the year for 1967. *The South African Sugar Journal,* Durban. 52(4):303, Apr. 1968.

SWENEY, Johs T.J. — La posición del Canadá en la industria azucarera mundial. *Sugar y Azúcar,* New York. 63(5):80-2, May 1968.

TESCHNER, Fritz — Las bases scientifiques de la rationalisation dans l'industrie sucrière. *La sucrerie Belge,* Bruxelles ...... 87(9):485-8, Mai 1968.

VALTER, Vladimir — Index lolu cukernych roztokú |refraction index of sugar solutions. *Listy cukrovarnické,* Praha. 84(5):103-4, May 1968.

VERDIN BANDA, José — Calculos en los sistemas de masas cocidas. *Boletin azucarero mexicano* (219):30-5, Mar. 1968.

VIGESIMOSÉPTIMO reunión anual de Tecnólogos de la indústria azucarera. *Sugar y Azucar,* London. 63(5):77-9 May 1968.

WAHL, P. — Valorisation du sucre dans l'alimentation du bétail. *La sucrerie Belge,* Bruxelles. 87(9):465-78, Mai 1969.

ZAORSKA, H. — Changes in sucrose crystallization rate as a function on the quality of colouring matter in the solution. *The International Sugar Journal.* London. 70(822):99-103, Apr. 1968.

## COMÉRCIO DO AÇÚCAR

ASCHER, Gerard — The sugar trader. *Sugar Journal,* New Orleans. 30(12):30, May 1968.

CONSELHO INTERNATIONAL DO AÇÚCAR — Statistical bulletin. *Statiscal Bulletin.* London. 27(5):135, May 1968.

ESTADOS UNIDOS. Department of Agricultural. Agricultural Stabilization and Conservation Service. Sugar report. *Sugar Report,* Washington, 1968 (193):32 p. 1968.

LAMBORN & COMPANY. — Lamborn sugar market report. *Lamborn sugar market report,* New Orleans, 46(28):111-4, July 1968.

SUGAR production limit of 1,8000,000 tons for 1968/69. *The South African Sugar Journal,* Durban. 52(4):292-3, Apr. 1968.

UNIÓN NACIONAL DE PRODUCTORES DE AZÚCAR, s.a. Mexico — Estado comparativo de la produccion de azúcar. *Boletin Azucarero,* Mexico, (219):38-9, Mar. 1968.

VITON, Albert — La producción en 1970; pronósticos realidad. *Sugar y Azúcar,* New York. 63(5):88-92, May 1959.

ARTIGOS DIVERSOS

ALEXANDER, K.E F. — The Cane Grower and his Fertilizer Advisory Service — *The South African sugar Journal,* Durban. .. 52(4):322-35, Apr. 1968.

DESMONT, R. — O problema do "refluxo térmico" no processo de desidratação do álcool pela glicerina. *Boletim informativo Copereste,* Ribeirão Prêto. 7(4): s.p. abr. 1968.

GUPTA, Suresh Chandra — Methods of estimation of aconitic acid. *The International sugar Journal,* London. 70(822):107-11, Apr. 1968.

INDIA'S struggle to feed her millions. *The South African Sugar Journal,* Durban. .. 52(4):341-3, Apr. 1968.

MALY, Antonín — Sojová bílkovina |Sojaproteinas| *Listy ckrovanické,* Praha. ...... 84(5):107-14, May 1968.

PIMENTEL, Cícero B. — O ácido adípico na indústria alimenticia. *Revista de Quimica Industrial* ,Rio de Janeiro. 27(432):14, abr. 1968.

QUANTO custa um trator por hora. *Boletim informativo Copereste,* Ribeirão Prêto. .... 7(4):s.p. abr. 1968.

SANTIAGO, Vicente — Máquina para nuetro campo. *Boletin azucarero mexicano,* México. (219):12-7, Mar. 1968.

SORGO dá mais forragem verde que o milho. *Agricultura e pecuária,* Rio de Janeiro. .. (527):6-7, maio 1968.

SEIP, John J. — Audubon sugar factory studies-67. *Sugar Journal,* New Orleans. .... 30(12):13-5, May 1968.

TRIVIZ, P.F. — Construyse nueva refinería en Bahamas. *Sugar y Azúcar,* New York. 63(5):86, May 1968.

TROY, Alan A. — Instruments need clean air. *Sugar Journal.* New Orleans. ...... 30(12):22-4, May 1968

VINDUSKA, Ladislav — Vyskyt Hádatka repného C repné oblasti stredoceskeho kraje |Abundance of beet eelworm (heterodera schachi) in the region of middle Bohemia.| *Listy Cukrovanické,* Praha. 84(5):97-102, May 1968.

CONGER

Composto e impresso pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. - Frei Caneca, 383 - Rio